

BRASILIANA

5.ª SERIE DA

BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

SOB A DIRECÇÃO DE FERNANDO DE AZEVEDO

VOLUMES PUBLICADOS:

- 1 — Baptista Pereira: Figuras do Imperio e outros ensaios — 2.ª edição.
- 2 — Pandiá Calogeras: O Marquez de Barbacena — 2.ª edição.
- 3 — Aclides Gentil: As Idéas do Alberto Torres (synthese com indice remissivo).
- 4 — Oliveira Vianna: Raça e Assimilação — 3.ª edição (augmentada).
- 5 — Augusto de Saint-Hilaire: Segunda Viagem do Rio da Janeiro a Minas Geraes e a S. Paulo (1822) — Trad. o prof. de Affonso de E. Taunay.
- 6 — Baptista Pereira: Vultos e episódios do Brasil.
- 7 — Baptista Pereira: Directrices de Ruy Barbosa — (Segunda re-ecothidos).
- 8 — Oliveira Vianna: Populações Meridionaes do Brasil — 4.ª edição.
- 9 — Nina Rodrigues: Os Africanos no Brasil — (Revisão e prefacio de Honora Piral). Profusamente illustrado — 2.ª edição.
- 10 — Oliveira Vianna: Evolução do Povo Brasileiro — 3.ª edição (Illustrada).
- 11 — Luiz de Camargo Cascaes: O Cande d'Eu — Vol. III illustrado.
- 12 — Wanderley Pinho: Cartas do Imperador Pedro II ao Barão de Cotegipe — Vol. illustrado.
- 13 — Vicente Licínio Cardoso: A' margem da Historia do Brasil.
- 14 — Pedro Calmon: Historia da Civilização Brasileira — 2.ª edição.
- 15 — Pandiá Calogeras: Da Regencia á queda do Barão — 3.º volume (da serie "Relações Exteriores do Brasil").
- 16 — Alberto Torres: A Organização Nacional.
- 17 — Alberto Torres: O Problema Nacional Brasileiro.
- 18 — Visconde de Taunay: Pedro II.
- 19 — Affonso de E. Taunay: Visitantes do Brasil Colonial (Sec. XVI-XVIII).
- 20 — Alberto de Faria: Mousé (com tres illustrações fóra do texto).
- 21 — Baptista Pereira: Pelo Brasil Mater.
- 22 — E. Roquette-Pinto: Ensaio de Anthropologia Brasileira.
- 23 — Evarista de Moraes: A escaavidão africana no Brasil.
- 24 — Pandiá Calogeras: Problemas de Administração.
- 25 — Mario Mattroquin: A lingua do Nordeste.
- 26 — Alberto Rangel: Rumos e Perspectivas.
- 27 — Alfredo Ellis Junior: Populações Insulanas.
- 28 — General Couto de Magalhães: Viagem ao Araguaya — 4.ª edição.
- 29 — José do Castro: O problema da alimentação no Brasil — Prefacio do prof. Pedro Escobedo.
- 30 — Cap. Frederico A. Rondon: Pelo Brasil Central — Ed. illustrada.
- 31 — Azevedo Amaral: O Brasil na crise actual.
- 32 — C. de Mello-Leitão: Visitantes do Primeiro Imperio — Ed. illustrada (com 19 gravuras).
- 33 — J. do Sampaio Ferraz: Meteorologia Brasileira.
- 34 — Angyone Costa: Introdução á Archeologia Brasileira — Ed. illustrada.
- 35 — A. J. Sampaio: Phytogeographia do Brasil — Ed. illustrada.
- 36 — Alfredo Ellis Junior: O Bandeirismo Paulista e o Recuo do Meridiano — 2.ª edição.
- 37 — J. F. de Almeida Prado: Primeiros Povoadores do Brasil — (Ed. illustrada).
- 38 — Ruy Barbosa: Mocidade e Exilio (Cartas Ineditas, Prefaciadas e annotadas por America Jacobina Laconia) — Ed. illustrada.
- 39 — E. Roquette-Pinto: Rondonia — 3.ª edição (augmentada e illustrada).
- 40 — Pedro Calmon: Historia Social do Brasil — 1.º Tomo — Espirito da Sociedade Colonial — 2.ª edição illustrada (com 13 gravuras).
- 41 — José-Macia Beilo: A intelligencia do Brasil.
- 42 — Pandiá Calogeras: Formação Historica do Brasil — 3.ª edição (com 3 mapas fora do texto).
- 43 — A. Saboya Lima: Alberto Torres o seu obra.
- 44 — Estevão Pinto: Os indigenas do Nordeste (com 16 gravuras e mapas) — 1.º volume.
- 45 — Basílio de Magalhães: Expanção Geographica do Brasil Colonial.

- 48 — Renato Mendonça: A influencia africana no português do Brasil — Ed. Illustrada.
- 47 — Manuel Bomfim: O Brasil — Com uma nota explicativa de Carlos Mauá.
- 48 — Urbino Vianna: Bandeiras e sertanistas lobisomos.
- 49 — Gustavo Jarroen: Historia Militar do Brasil — Ed. Illustrada (com 50 gravuras e mapas).
- 50 — Mario Travassos: Projecção Continental do Brasil — Prefacio de Pandiá Calogeras — 2.ª edição ampliada.
- 51 — Octavio de Figueira: Doenças africanas no Brasil.
- 52 — General Couto de Magalhães: O selvagem — 3.ª edição completa, com parte original Tupy-gurany.
- 53 — A. J. de Sampaio: Biogeographia dynamica.
- 54 — Antonio Goulão do Carvalho — Calogeras.
- 55 — Hildefrando Acelys: O Reconhecimento do Brasil pelos Estados Unidos da America.
- 56 — Charles Exilly: Mulheres e Costumes do Brasil — Traducção, prefacio e notas de Gastão Penha.
- 57 — Flausino Rodrigues Valle: Elementos do Folklore musical Brasileiro.
- 58 — Augusto de Saint-Hilaire: Viagem á Provincia de Santa Catharina (1820) — Traducção de Carlos da Costa Pereira.
- 59 — Alfredo Ellis Junior: Os Primeiros Trances Paulistas e o Cruzamento Euro-Americano.
- 60 — Emilio Rivassetti: A vida dos Indios Guaycurus — Edição Illustrada.
- 61 — Conde d'Eu: Viagem Militar ao Rio Grande do Sul (Prefacio e 19 cartas do Principe d'Orleans, commentadas por Max Fleiuss) — Edição Illustrada.
- 62 — Agostinho Augusto de Miranda: O Rio São Francisco — Edição Illustrada.
- 63 — Raymundo Moraes: Na Planície Amatorica — 4.ª edição.
- 64 — Gilberto Freyre: Sobrados e Mocambo — Decadencia patriarcal rural no Brasil — Edição Illustrada.
- 65 — João Dornas Filho: Silva Jardim.
- 66 — Primitivo Maacyr: A Instrucção e o Imperio (Subsidios para a historia de educação no Brasil) — 1823-1863 — 1.º volume.
- 67 — Pandiá Calogeras: Problemas de Governo — 2.ª edição.
- 68 — Augusto de Saint-Hilaire: Viagem ás Nascentes do R. São Francisco e pela Provincia de Goyaz — 1.º tomo — Traducção e notas de Cido Ribeiro Lessa.
- 69 — Prado Malo: Atravez da Historia Naval Brasileira.
- 70 — Affonso Arinos de Mello Franco: Concilio da Civilização Brasileira.
- 71 — F. C. Hochano — Botanica e Agricultura no Brasil no Seculo XVI — (Pesquisas e contribuicoes).
- 72 — Augusto de Saint-Hilaire — Segunda viagem ao interior do Brasil — "Lapicillo Santo" — Trad. de Carlos Madeira.
- 73 — L. da Miguel-Pereira — Mochado do Asia — (Estudo Critico-Biographico) — Edição Illustrada.
- 74 — Pandiá Calogeras — Estudos Historicos e Politicos — (Res Nostra...) — 2.ª edição.
- 75 — Affonso A. de Freitas: Vocabulario Nheengatu (vocalizado pelo portuguez falado em S. Paulo) — Língua Tupy-gurany. (com 3 Illustrações fora do texto).
- 76 — Gustavo Barroso: Historia secreta do Brasil — 1.ª parte: "Os descontentamentos á oblicção de Pedro I" — Edição Illustrada.
- 77 — C. de Mello-Lellão: Zoologia do Brasil — Edição Illustrada.
- 78 — Augusto de Saint-Hilaire: Viagem ás nascentes do Rio São Francisco e pela Provincia de Goyaz — 2.º tomo — Traducção e notas de Cido Ribeiro Lessa.
- 79 — Craveiro Costa: O Visco do de Simbú — Sua vida e sua actuação no politica nacional — 1840-1853.
- 80 — Osvaldo R. Cabral: Santa Catharina — Edição Illustrada.
- 81 — Lemos Brito: A Gloriosa Sotahna do Primeiro Imperio — Pref. Canca — Ed. Illustrada.
- 82 — C. de Mello-Lellão: O Brasil Visto Pelos Ingleses.
- 83 — Pedro Calmon: Historia Social do Brasil — 2.º Tomo — Espirito do Ciclado Imperial.
- 84 — Orlando M. Carvalho: Problemas Fundamentais do Municipio — Edição Illustrada.
- 85 — Wanderley Pinho: Catigipo e seu Tomo — Ed. Illustrada.
- 86 — Arcebio Pinheiro: Á Margem do Amazonas — Ed. Illustrada.
- 87 — Primitivo Maacyr: A Instrucção e o Imperio — (Subsidios para a Historia da Educação no Brasil) — 2.º volume — Reformas do ensino no 1864-1868.
- 88 — Helio Lobo: Um Varão da Urquellia: Fernando Lobo.

- 59 — Coronel A. Laurival de Moura: As Forças Armadas e o Destino Histórico do Brasil.
- 60 — Alfredo Ellis Junior: A Evolução da Economia Paulista e suas Causas — Edição Ilustrada.
- 61 — Orlando M. Carvalho: O Rio da Unidade Nacional: O São Francisco.
- 62 — Almirante Antonio Alves Carneiro: Ensaio Sobre as Construções Navas Indígenas do Brasil — 2.^a edição Ilustrada.
- 63 — Serafim Leite: Páginas de História do Brasil.
- 64 — Salomão de Vasconcellos: O Fico — Minas e os Mineiros da Independência — Edição Ilustrada.
- 65 — Luiz Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz: Viagem ao Brasil — 1866-1868 — Trad. de Edgar Suckling de Mendonça — Edição Ilustrada.
- 66 — Oros da Rocha Dantas: A Política que convém ao Brasil.
- 67 — Liara Figueiredo: Oeste Paranaense — Edição Ilustrada.
- 68 — Fernando de Azevedo: A Educação Pública em São Paulo — Problemas e discussões (Inquerito para "O Estado de S. Paulo" em 1926).
- 69 — C. de Mello-Leitão: A Biologia no Brasil.
- 70 — Roberto Simonsen: História Econômica do Brasil — Ed. Ilustrada em 2 tomos — 100 e 100-A.
- 71 — Herbert Salus: Ensaio de Etnologia Brasileira. — Edição Ilustrada.
- 72 — S. Frazee Abreu: A riqueza mineral do Brasil — Edição Ilustrada.
- 73 — Souza Carneiro: Mythos Africanos no Brasil — Edição Ilustrada.
- 74 — Araújo Lima — Amazonia — A Terra e o Homem — (Introdução à Anthropogeographia) — 2.^a edição.
- 75 — A. C. Tavares Bastos: A Província — 2.^a edição.
- 76 — A. C. Tavares Bastos: O Valio da Amazonia — 2.^a edição.
- 77 — Luiza de Camargo Casado: O Marquez de Olinda e seu tempo (1793-1870) — Edição Ilustrada.
- 78 — Padre Antonio Vieira: Por Brasil e Portugal — Sermões commentados por Pedro Calmon.
- 79 — Georges Rueders: D. Pedro II e o Conde de Gohineau (Correspondencia inédita).
- 80 — Nina Rodrigues: As raças humanas e a responsabilidade penal no

- Brasil — Com um estudo do Prof. Afrânio Peixoto.
- 81 — Washington Luiz: Capitania de São Paulo — Governo do Rodrigo Cesar de Menezes — 2.^a edição.
- 82 — Estevão Pinto: Os Indígenas do Nordeste — 2.^o Tomo (Organização e estrutura social dos indígenas do nordeste brasileiro).
- 83 — Gastão Cruls: A Amazonia que eu vi — Obidos-Tumuc-Umuc — Prefácio de Boquette-Pinto — Ilustrado. 2.^a edição.
- 84 — Carlos Suckling de Mendonça: Sylvio Romero — Sua Formação Intellectual — 1851-1880 — Com uma indicação bibliographica — edição Ilustrada.
- 85 — A. C. Tavares Bastos — Cartas do Solitário — 3.^a edição.
- 86 — Agenor Augusto de Miranda — Estudos Flauijyensis — Edição Ilustrada.
- 87 — Gabriel Soares de Souza: Tratado Descritivo do Brasil em 1567 — Commentarios de Francisco Adolpho Varnhagen — 3.^a Edição.
- 88 — Von Spix e Von Martius: Atravez da Bahia — Excerptos de "Reise in Brasilien" — Tradução e notas do Pirajá da Silva e Paulo Wolf.
- 89 — Sud Mennucci: O Precursor do Abolicionismo — Luiz Gama — Edição Ilustrada.
- 90 — Pedro Calmon: O Rei Philompho — Vida de D. Pedro II — Edição Ilustrada.
- 91 — Príncipe Menezes: A instrução e o Imperio (Subsidios para a Historia da Educação no Brasil) 3.^o volume — 1864-1889.
- 92 — Fernando Saboya de Mello: A Liberdade de Navegação da Amazonia — Relações entre o Imperio e os Estados Unidos da America.
- 93 — Hermann Wätjen: O Domínio Colonial Holandês no Brasil — Um Capitulo da Historia Colonial do Seculo XVII — Tradução de Pedro Celso Uchôa Cavalcanti.
- 94 — João Dorcas Filho: O Padroado e a Igreja Brasileira.
- 95 — e 100-A — Augusto de Saint-Hilaire — Viagem pelas Provincias de Rio de Janeiro e Minas Geraes — em 2 tomos — Edição Ilustrada. Tradução e Notas de Cláudio Ribeiro de Lencas.

VIAGEM PELAS PROVINCIAS
DE
RIO DE JANEIRO E MINAS GERAES
1.º TOMO

2084

DO MESMO AUTOR

Nesta Série:

SEGUNDA VIAGEM DO RIO DE JANEIRO
A MINAS GERAES E A SÃO PAULO
(1822) — Tradução de Affonso de E. Tau-
nay — Vol. 5.

VIAGEM À PROVINCIA DE SANTA CA-
THARINA (1820) — Tradução de Car-
los da Costa Pereira. — Vol. 58.

SEGUNDA VIAGEM AO INTERIOR DO BRA-
SIL - ESPÍRITO SANTO — Tradução de
Carlos Madeira — Vol. 72.

VIAGEM AS NASCENTES DO RIO SÃO
FRANCISCO e pela PROVINCIA DE GO-
YAZ — Em 2 tomos — Tradução de Cláudio
Ribeiro de Lessa — Vols. 68 e 78.

Edição da

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO

Serie 5.^o — BRASILIANA — Vol. 120
BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE

Viagem pelas Provincias de Rio de Janeiro e Minas Geraes

Em Dois Tomos

T O M O 1.^o

EDIÇÃO ILUSTRADA

Tradução e notas de

CLADO RIBEIRO DE LESSA.



1938

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

São Paulo — Rio de Janeiro — Recife — Porto-Alegre

TITULO DO ORIGINAL FRANCEZ:

Voyages/dans/l'intérieur du Brésil./Première partie.
Voyage/dans les provinces/de Rio de Janeiro/et/do
Minas Geraes;/par Auguste de Saint-Hilaire,/cheva-
lier de la Légion-d'Honneur, membre de l'Académie
royale des/Sciences de l'Institut de France, des So-
ciétés philomatique et d'Histoire Naturelle de Paris,
de la Société Linnéenne de Londres, de l'Académie/
de Lisbonne, de la Société des Sciences Physiques
de Genève, de l'Académie Léoponne, de la Société
des Sciences Physiques d'Orléans, etc./
Paris./Grainbert et Dorez, Libraires,/rue de Savoie,
n.º 14./1830./ (2 vols.).

ADVERTENCIA DO TRADUCTOR

São de sua autoria as notas indicadas por nu-
meros seguidos de minúsculas, que se intercalam
entre as annotações originaes do viajante e botânico
francez. Pertencem-lhe igualmente os trechos entre
aspas acomp.nhados da sigla *N. do T.*, que se en-
contram em seguimento a algumas das notas do
autor.

AO SENHOR DUQUE DE LUXEMBURGO

CAPITÃO DAS GUARDAS, PAR DE FRANÇA, ETC., ETC.

Exmo. Sr. Duque,

Quando partistes para o Rio de Janeiro, na qualidade de embaixador extraordinario, desejastes que a vossa viagem não fosse desprovida de utilidade para as sciencias, e Vos dignastes permitir-me que Vos acompanhasse. Sem essa tão envaidecedora e vantajosa oportunidade não poderia ter comprehendido a visita do interior do imperio brasileiro. Si, pois, cheguei a poder tornar melhor conhecida uma região tão favorecida pela natureza, si pude inspirar aos meus compatriotas o desejo de entreter mais intimas relações com os brasileiros, si os trabalhos que levei a effeito contribuíram de algum modo para o progresso da sciencia, ó a Vós, senhor Duque, que devo tal felicidade; e homenageando-o com a offerta desta relação nada mais fuço, por assim dizer, do que restituir-Vos o que Vos pertence. Não Vos limitastes a conceder-me Vossa protecção, quando fui á America; desde a meu regresso que não deixais de me prodigalizar as mais honrosas provas de interesse e benignidade. Possa a homenagem que aqui Vos presto representar a Vossos olhos um ligeiro testemunho do vivo reconhecimento e profundo respeito com que tenho a honra de ser,

Exmo. Senhor Duque

Vosso respeitoso e attento creado,

AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE.

PREFACIO

Poucos paizes offercem tantos recursos como o Brasil, e estão como elle destinados a representar na politica papel tão importante; as montanhas encerram em seu amago metaes preciosos; os rios cobrem com suas aguas diamantes e pedrarias; o assucar e o trigo, a vinha e o café, as arvores fructíferas da Europa e da India são cultivadas indifferentemente em seu fertil territorio; as immensas solidões, que contem, poderiam receber innumeros colonos, e seus portos garantem importantes mercados para os productos do nosso solo e industrias... No entanto tão magnifica região, não obstante os uteis trabalhos de alguns escriptores dignos de encomios, está ainda longe de ser bem conhecida.

Consagrei seis annos inteiros a percorrer uma vasta porção do imperio do Brasil; palmilhei cerca de duas mil e quinhentas leguas; visitei as provincias de Rio de Janeiro, Espirito Santo, Minas Geraes, Goyaz, São Paulo, Santa Catharina; passei varios mezes na republica Cisplatina; vi tudo o que ainda resta das antigas missões jesuiticas da margem esquerda do Uruguay, e ousou esperar que a relação da minha viagem accrescente numerosas noções novas ás que já se possuem relativamente á parte oriental da America do Sul.

O estudo dos productos vegetaes do Brasil constitua, sem duvida, o objectivo principal da viagem; não negligencieí, no entanto, de recolher luzes que possam, sob outros aspectos, dar uma ideia perfeita de região tão interessante. Não me limitei a seguir os caminhos frequentados, interneí-me pelos logares mais desertos, e estudei as tribus indigenas. Favorecido pelas auctoridades locais, acolhido por toda parte com a mais generosa hospitalidade, pude ver tudo o que ha de mais notavel e reunir

preciosas informações. Escrevia diariamente um jornal minucioso do que se me offerecia aos olhos, e ali consignava, na medida de meus fracos conhecimentos, o que pudesse contribuir a dar uma ideia exacta das zonas que percorria. E' desse jornal, escripto "in-loco", que extraiu a narrativa historica cuja publicação ora inicio.

Trez grandes obras foram consagradas a minhas observações puramente scientificas (1). Esta apresentará o painel duma natureza extranha á Europa; nella se encontrarão pormenores de estatistica e de geographia, informações sobre agricultura, artes e commercio, e innumeradas observações sobre a geographia das plantas: lançarei uma vista d'olhos geral sobre o estado da religião entre os Brasileiros; procurarei dar a conhecer a administração civil e judiciaria de sua patria; descreverei os costumes e usos das provincias que visitei, sem esquecer de transmittir uma ideia exacta das populações selvagens.

Não ha povo que não possua suas virtudes; nem que seja isento de defeitos. Não dissimularei o mal de que fui testemunha; porém nenhuma imputação personalisada maculará este livro. Julgarei as massas; jamais dirigirei accusações a individuos, menos ainda a quem me tenha recebido sob o seu tecto, e cuja hospitalidade me ajudasse a supportar as fadigas da peregrinação.

Não me excederei em reflexões; referirei o que tiver visto, procurando apresentar os factos sob o seu aspecto real, deixando, na maioria das vezes, ao leitor, tirar por si as consequencias.

Levei o escrupulo da exactidão ao maximo; e, devo confessal-o, preoccupei-me mais em pintar com fidelidade o que observei do que em limar o estylo. E' preciso con-

(1) I -- Plantas novas dos Brasileiros com fig.; II -- Historia das Plantas mais notaveis do Brasil e do Paraguay com fig.; III -- Flora Brasiliæ meridionalis com fig.

vir, porém, que o viajante não pode ver tudo com seus próprios olhos. Passa quando se está senhecando; quando se fizer a colheita já estará longe; é, portanto, obrigado a basear-se nas informações de outrem, e, conseguintemente, está sujeito a enganar-se. E' possível que mais de uma vez, talvez, me tenha isso succedido; mas será somente nesses casos que terei induzido em erro aos que me lerem.

Como a cidade de Rio de Janeiro era o lugar de deposito para minhas collecções de historia natural, ahí voltei por varias vezes, e, por conseguinte, a minha viagem geral se compõe de varias excursões particulares inteiramente distinctas. Foi a provincia de Minas Geraes que percorri em primeiro lugar com minuciosidade, e comecei por fazer conhecida esta provincia que tornam tão digna de interesse as riquezas que em outro tempo possuo, as que ainda hoje encerra, a immensa cadeia de montanhas que a percorre, a variedade de sua vegetação, a intelligencia notavel dos habitantes e as tribus indigenas que marginam suas fronteiras. Na segunda parte descreverei o norte da provincia do Rio de Janeiro e a do Espirito Santo; na terceira, finalmente, darei ao publico a relação da viagem de trez annos que fiz por Goyaz, São Paulo, Santa Catharina, Rio Grande, e pelas margens do Rio da Prata e do Uruguay. Espero que se encontrem novidades na parte que agora dou ao prélo; a terceira narrativa, porém, ainda encerrará maiores, visto que, por assim dizer, que eu saiba, nada se escreveu até agora a respeito dos desertos de Goyaz, desses deliciosos campos geraes, que tão bem conviriam a colonias europeas, dos arredores de Curitiba, de uma vasta porção da provincia do Rio Grande, etc., e que, desde a suppressão dos jesuitas, as missões tão cheias de interesse do Rio Uruguay cahiram, a bem dizer, em completo olvido.

Descrevendo os lugares que percorri transportar-me-ei sempre á época da viagem, e farei abstracção dos acontecimentos de que a America foi o theatro desde o meu regresso á França. Mas deve-se dizer, apesar da feliz revolução a cujos primórdios assisti, e que permite conceber para o futuro dos Brasileiros tão bellas esperanças, não deve ter havido grandes mudanças no interior do paiz. Faltam os elementos para reformas rapidas a regiões de população tão pouco densa e ignorancia ainda tão profunda. Aliás, o quadro que aqui exponho da situação do Brasil, no momento em que esse imperio proclamou sua independencia, mostrará aos habitantes o ponto de onde partiram para entrar no caminho das melhorias; e, si quando essas se começarem a manifestar de modo efficaz, alguns entre os Brasileiros da geração que agora se está educando lançarem um golpe de vista por este livro, verão o quanto devem agradecer a seus pais por terem começado a tirar o paiz de abjecção tão deploravel. Verão o quanto devem ser gratos principalmente ao principe generoso que identificou seus interesses com os de seu povo, e que, libertando um immenso imperio soube, ao mesmo tempo, preserval-o dessa cruel anarchia cujas devastações tão profundos traços deixaram nas bellas campinas do Rio da Prata, do Paraná e do Uruguay. (2).

Monpellier, 21 de Março de 1830.

(2) Naturalmente hão de se admirar de que eu tenha esperado tanto tempo para redigir o começo desta narrativa. Si as observações geographicas tivessem constituido o unico fim da excursão, o livro que ora publico já teria visto a luz muito antes. Percorrendo, porém, o Brasil, tinha-me proposto principalmente estudar a vegetação de esse paiz, e achei que deveri começar por dar ao publico o resultado das minhas observações botanicas.

Viagens tão penosas, emprehendidas com tão debéis recursos, e acompanhadas de tantas indigas e privações, não poderiam ser leva-

das a cabo sem sacrificio das forças do viajante. Algum tempo após o meu regresso, a saúde se não alterou; fui obrigado a suspender os trabalhos, e a procurar no sul da França um clima mais semelhante que o de Paris áquelle em que vivera por tanto tempo. Logo que, graças aos cuidados e á competencia de dois excellentes amigos, os srs. Drs. Dunal e Lallemand, pude retomar os trabalhos, occupei-me com esta Relação, e, si o publico se dignar de acollher favoravelmente a primeira parte, publicarei successivamente as restantes.

Devo confessal-o, todavia; si recobrei um pouco as energias, não foi senão gradativamente, e muitas paginas deste livro foram escriptas ainda em meio dos soffrimentos mais crueis. Tenho, portanto, o direito de solicitar alguma indulgencia para os defeitos do redacção, sem duvida numerosos.

A situação em que me encontrava, enquanto redigia esta obra, era, devo ainda acrescentar, pouco favoravel a esse genero de trabalho. Mastado de Paris, não pude consultar todos os livros de que tinha necessidade, e, si bem que o estudo da historia natural fossa o principal objecto da viagem, vi-me frequentemente forçado a deixar muita coisa do vago no que escrevi sobre essa sciencia, pois que não tinha sob as vistas nenhuma collecção de plantas e animaes da America, estava privando da vantagem de consultar as que formára durante as minhas excursões, e desprovido até das notas que remi sobre os vegetaes do Brasil.

Existo ainda uma circumstancia que me toru necessaria a indulgencia dos leitores. Todos sabem quanto é util que o autor superintenda elle proprio a impressão dos seus escriptos, e eu fiquei a duzentas leguas do local em que se imprimia esta obra. Desse modo, apesar dos cuidados do editor e da grande intelligencia do impressor, muitos erros escaparam no meu primeira volume. Tanto quanto possível, tive o cuidado de corrigil-os numa *errata* e espero que não me condemnem antes de passarem-lhe os olhos por cima. Parece, aliás, que sob esse aspecto, nua especie de fatalidade tem pesado sobre os melhores livros publicadas sobre o Brasil. Manoel Ayres do Casal, o pai da geographia brasileira, tem compridas *erratas*; a erudita Relação dos Srs. Spix e Martins, onde o senso das conveniencias foi tão respeitado, encerra numerosos erros typographicos; José Feliciano Fernandes Pinheiro não foi muito mais feliz com os seus interessantes Annuaes do Rio Grande do Sul; d'Eschwege, tão exaecto, e, muitas vezes, tão atrahente, foi forçado a juntar ao seu ultimo livro um capitulo inteiro em que corrige os erros do primeiro; enfim, o escriptor a quem se deve as melhores noções sobre a historia, geographia e estatistica do Brasil, José de Sousa e Azevedo Pizarro o Araujo, tem, para cada um dos seus volumes, varias paginas de *errata*.

INDICE

DOS CAPITULOS DO TOMO PRIMEIRO

I	— Chegada ao Rio de Janeiro. — Viagem a Ubá	21
II	— Estadia em Ubá. — Os Coroados do Rio Bonito	41
III	— Partida para a provincia de Minas Geraes. — Trajecto do Rio de Janeiro até a entrada, dessa provincia	58
IV	— Trajecto do Parahybuna á entrada do campo	77
V	— Percurso da entrada do Campo a Villa Rica. — Villas de Barbacena e Queluz	109
VI	— Villa Rica	129
VII	— Marianna	145
VIII	— Accres da religião e do clero na provincia das Minas	153
IX	— Percurso de Marianna a Catre Altas. — Causas principaes da decadencia da provincia das Minas	166
X	— Permanencia em Itajuru. — Costumes dos Mineiros e, em particular, dos que habitam o campo. — Excursão á ermita de Nossa Senhora Mãe dos Homens — Pormenores sobre a agricultura nas partes da provincia proximas á capital	184
XI	— Exploração das minas de ouro	209
XII	— Partida do Itajuru. — Itabira de Mato dentro	227
XIII	— Jornada de Itabira a Villa do Principe. — Minas de ferro. — Forjas do morto de Gaspar Soares	248
XIV	— Dentora em Villa do Principe. — Caçada. — Fundição e circulação do ouro. — Festejos da coroação	275
XV	— Da ordem judiciaria e administrativa no Brasil, em geral, e, em particular, na provincia de Minas Geraes. — Das milicias e do regimento das Minas	299
XVI	— Viagem de Villa do Principe a Passanha. — Cultura do trigo e do algodão	324
XVII	— Os Indios de Passanha	344
XVIII	— Viagem de Passanha ao termo de Minas Novas. — Povoação do Rio Vermelho. — Cultura do inhaco	360

CAPITULO I

CHEGADA AO RIO DE JANEIRO. - VIAGEM A UBÁ.

Partida de Brest com o Sr. Duque de Luxemburgo, embaixador de França no Brasil. — Chegada no *Rio de Janeiro*. — Partida para *Ubá*. — Vista d'olhos geral sobre a bahia do Rio de Janeiro. — Conchas amontoadas para o fabrico da cal. — Rio de *Mirity*; suas margens pantanosas. — Parochia de *Aguassú*. — Hospedaria de *Bemfica*. — Ideia geral da Cordilheira parallelá ao Oceano. — Descripção das mattas virgens. — Vegetação das margens do rio d'*Hyti*. — *Taquarassú*, especie de bambú. — Valle d'*As Pedras*. — *Serra da Viuva*. — Pétoes em arvores. — Rãs. — Cúscuta. — Engenho de assucar de *Pao Grande*. — Concordancia da distribuição interna das casas com os costumes dos moradores. — Defeitos na fabricação do assucar.

Desde a mais tenra infancia tive uma quêda irresistivel para a historia natural; varias circumstancias contrariavam-na durante muito tempo; não triumpharam, porém, e, logo que me foi possivel dispôr da minha pessoa, entreguei-me de corpo e alma ao estudo das plantas.

O gosto pela historia natural faz nascer o de viajar. Após ter estudado os objectos que o rodeam, o observador sente a necessidade de examinar outros, e d'ahi esse desejo insopitavel, que experimentaram quasi todos os naturalistas, de visitar regiões longinquas.

Quando o rei D. João VI mudou para o Rio de Janeiro a séde do seu imperio, o Brasil abriu-se, finalmente, para os estrangeiros. Essa terra, nova ainda, promettia aos naturalistas as mais ricas messes; foi ella que eu me dispuz a percorrer.

O Sr. Duque de Luxemburgo fôra nomeado embaixador de França junto á côrte de Portugal. Sollicitei-lhe a honra de acompanhal-o; accedeu a meu pedido com a benignidade que o caracteriza, e, a 1.º de Abril de 1816, parti de Brest, com o embaixador, na fragata *l'Hermione*.

As rapidas escalas que fizemos em Portugal, Madeira e Teneriffe não me permitiram entregar-me a muitas pesquisas sobre as suas produções, e julgo inutil descrever mais uma vez localidades que já o foram tantas.

Não descreverei, outrotanto, a cidade do Rio de Janeiro que, sob varios aspectos, é hoje em dia tão conhecida como as maiores capitães da Europa. Lá chegamos a 1.º de Junho, após a mais feliz das travessias, e o senhor embaixador ali ficou alguns mezes. Empreguei esse tempo em percorrer os arredores, e recolhi grande numero de plantas, assás frequentemente prejudicado na sua dessecção pela excessiva humidade do clima.

Após a partida do embaixador, um homem generoso a quem eu fôra recommendado, o sr. commendador J. Rodrigues de Almeida, me propoz acompanhal-o até a sua habitação, situada proximo ao rio *Parahyba*, e cerca de viute e cinco a trinta leguas do Rio de Janeiro: accitei o offercimento com soffreguidão e reconhecimento. Considerava essa pequena excursão não só como meio de me distrahir do isolamento em que me encontrava, como tambem uma oportunidade de me preparar para mais extensas viagens.

No dia destinado para a nossa partida dirigimo-nos desde muito cedo a um dos caes em que nos esperavam as barcas que nos deviam transportar atravez da bahia. A numerosa comitiva que devia acompanhar o commendador até sua habitação se dividiu, e eu entrei num dos barcos em sua companhia e no de alguns estrangeiros. Quatro negros nos conduziam; cada qual em seu banco apoiava um dos pés no assento que lhe ficava em frente,

e dava alternativamente uma remada levantando-se e outra mais fraca ficando sentado. Esses homens remam por este modo com uma disciplina de conjuncto perfeita, e, durante nossa pequena travessia, não fizeram uso do leme. Não existe um só viajante que não tenha tido occasião de observar que para todos os exercicios em que são necessarios medida e precisão, os Africanos se mostram geralmente superiores aos povos da Europa. Seus cantos e dansas são, sem duvida, barbaros; mas sabem executar os com uma perfeição geralmente desconhecida aos Franceses de classe inferior.

Os barcos em que embarcámos eram bem construidos e cobertos em parte do seu comprimento. Encontra-se sempre grande numero delles no porto do Rio de Janeiro, e se alugam por baixo preço para passeios pela bahia.

O ceu estava brilhante e sem nuvens; o mar perfeitamente calmo, e a frescura da manhã nos permittia gozar á nossa vontade da vista deliciosa do porto. Não eram mais essas perspectivas austeras e magestosas, tão communs em volta do Rio de Janeiro, que se nos offereciam ao olhar; tudo em torno de nós era sorridente. Barcas numerosas cruzavam-se em todos os sentidos, e as leves canoas, escudadas em um unico tronco de arvore, pareciam esvoaçar sobre as ondas. Varias ilhas, que pouco se elevam sobre o nível das aguas, passaram-nos rapidamente pela vista, e todas offereciam ao paysagista em que empregar os pinceis. Algumas não são mais do que uma agglomeração de rochedos empilhados e arredondados, entre os quaes nascem sarças; outras, em maior numero, exhibem o aspecto agradável da cultura. Em quasi todas vêem-se uma ou duas casas notaveis pela limpeza exterior e por uma especie de elegância que lhes é particular. Ordinariamente muito baixas, como todas as dos arredores do Rio de Janeiro, essas habitações têm todas um tecto quasi plano arrebicado nas extremidades á maneira dos

pavilhões chinezes e cobertos de telhas de canal. Moitas de bananciras rodeiam essas pequenas residencias, e, não raro, um coqueiro, elevando-se acima de seus tectos, contribue ainda para augmentar o pittoresco, pela sua elegancia e simplicidade de fórmias.

Proximo de algumas ilhas vimos negros que, mettidos nagua até á cintura, juntavam mariscos. Como não ha rochas calcareas nas proximidades do Rio de Janeiro, substituem-lhes a cal pela obtida das conchas. Para preparal-a elevam-se grandes cones collocando alternativamente, umas sobre as outras, camadas espessas de conchas e lenha, e põe-se fogo. O trabalho de colher mariscos na agua é dos mais desfavoraveis á saude dos negros, e frequentemente lhes causa perigosas molestias.

Passamos entre a terra firme e a *Ilha do Governador*, a maior de toda a bahia, e chegamos á foz do pequeno rio *Mirity*.

Enquanto submettido ao systema colonial o Brasil esteve fechado aos estrangeiros com tanto rigor que, em um livro impresso em França ha doze ou treze annos apenas, ainda se discutia sobre si a bahia do Rio de Janeiro era ou não a embocadura de um grande rio. Hoje em dia essa bahia é tão conhecida como os nossos portos mais frequentados; a emulação dos europeus é tal que poucos annos lhes foram sufficientes para adquirirem sobre o Brasil noções perfeitamente exactas, e dentro em pouco terão ultimado de descrever o menor insecto e a mais insignificante graminca desse paiz immenso, que ha bem pouco ainda se apresentava á sua imaginação envolto nesse maravilhoso que é sempre o apanagio dos objectos distantes e pouco conhecidos.

Uma immensidade de rios desaguam na bahia do Rio de Janeiro: tendo suas nascentes nas montanhas visinhas, seu curso é, geralmente, pouco extenso; mas facilitam o

transporte das mercadorias, e são da maior utilidade para o abastecimento da capital.

Na parte em que o subimos o Mirity tem correnteza quasi imperceptivel. Suas aguas são salobras e atravessam uma zona baixa, pantanosa, e inteiramente coberta por duas especies de arvores aquaticas. Terrenos da mesma natureza são bastante communs nos arredores da cidade; não se cogita, por enquanto, de aproveitá-los; como, porém, a população do Rio de Janeiro augmenta com surpreendente rapidez, tempo virá em breve, em que se tentará tirar partido das terras hoje em dia inúteis. Nesse tempo talvez se possa consolidar as margens alagadiças pelo plantio de bananciras como foi tentado com vantagem em outra parte da America Meridional; substituir-se-ão as bananciras pela canna de assucar, e, si ao inicio, um sabor pouco agradável não permitir que seja empregada sinão no fabrico da aguardente, dentro em pouco re-adquirirá sua doçura ordinaria (3).

Chegados ao local em que se costumam embarcar os productos enviados ao Rio de Janeiro pelo rio Mirity, desembarcamos e cavalgamos em burros que o Sr. Almeida tinha mandado vir da sua habitação. Percorremos por um caminho arenoso uma zona plana, entrecortada de bosques e alguns pastos, e, tendo deixado para traz alguns cunibos de assucar, chegamos a *Hyguassú*, ou, mais communmente *Aguassú* (4), cabeça da parochia do mesmo nome.

Não existe em *Aguassú* (5) povoação propriamente dita; vêem-se unicamente algumas casas esparsas, a maioria

(3) Foi, disseram-me, o que succedeu em Cayenna.

(4) *Hy e guassú*, agua grande.

(5) Ver-se-á dentro em pouco que eu tornei a passar pelo caminho de *Aguassú* a *Ubá*, começando cerca de dois mezes depois: minha viagem á provincia das Minas. Para não repetir em segunda

das quaes bastante afastadas umas das outras e varias dellas construidas em volta de uma grande praça coberta de belliesima relva. Essas habitações, que não constam de mais que o rez-do-chão, são occupadas por botequineiros, por negociantes de lojas bem sortidas, e que vendem ao mesmo tempo generos alimenticios e tecidos, e por ferradores, enfim, cujo officio é ahí mais necessario que qualquer outro, por causa da passagem continua dos tropeiros de *Minas Geraes* que descem a serra. E' em Aguassú que começa a ser navegavel o pequeno rio no qual o lugar deve sua origem e nome. O rio de Aguassú nasce a pequena distancia da grande Cordilheira, e, lançando-se como o de Mirity na bahia do Rio de Janeiro, fornece aos cultivadores da vizinhança um meio commodo de transporte de seus productos para a cidade.

Deixando Aguassú, entramos nessa estrada que chama-se o *caminho de terra*. Dá-se-lhe este nome porque, seguindo-o, chega-se ao Rio de Janeiro sem necessidade de atravessar a bahia, enquanto que a grande estrada de *Villa Rica* (6) não vai além da villa de *Porto da Estrella*, que está situada no fundo da bahia, e onde se é obrigado a recorrecer a embarcações para chegar á capital. Aquelles dentre os *Mineiros* que temem o mar, e não são poucos, desviam-se da estrada principal para o lado do rio Parahyba, e cabem no caminho de terra; as caravanas que vêm das partes occidentaes da provincia de Minas Geraes chegam tambem ao caminho de terra por outras estradas de que fallarei allures.

Deixando Aguassú não se tem que andar mais de meia legua para chegar ao sopé da serra. O terreno con-

uma á outra descripção dos mesmos lugares, achei que devia apresentar em um só quadro as differentes observações feitas em épocas tão proximas.

(6) A capital da provincia do Minas Geraes.

tinua a ser plano; mas a vizinhança da grande Cordilheira dá á paisagem um aspecto mais austero.

Fizemos alto em uma especie de hospedaria chamada *Bemfica* (7), onde fazem ponto, geralmente, as caravanas que devem galgar a Cordilheira e as que acabam de desce-la. Essa habitação está situada a cerca de nove leguas do Rio de Janeiro, na extremidade de uma entrada bastante rectilínea que a planície faz entre as montanhas. Em frente ao edificio, que está encostado a uma collina, se estende um bello grammado salpicado de alguns grupos de goyabeiras; mais além corre o arroio d'*Hytú* ou *Hutum* (8), cujo murmurio se ouve, mas não se vê, porque está escondido pelos arbustos que o marginam; mais longe, enfim, montes elevados se estendem em semi-circulo e offerecem nas encostas um amphiteatro de mattas virgens magestosas. Esta encantadora paisagem é univada pelos animaes de carga que pastam por aqui e alli, e por grupos de tropeiros, dos quaes uns descarregam as mercadorias, e outros se repousam já das fadigas da jornada estendidos indolentemente sobre a relva.

Os montes, em cujo sopé nos encontravamos então, fazem parte da immensa cadeia que, começando no norte do Brasil, se prolonga parallelamente ao mar, deixando pequeno intervallo entre ella e o litoral, atravessa as provincias do Espirito-Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Santa-Catharina, e, na entrada da do Rio Grande de São Pedro descreve, em direcção a oeste, uma larga curvatura para ir terminar nas Missões do Uruguay. Esta Cordilheira que muda continuamente de nome, em certos trechos apenas deixa pequeno intervallo entre ella e o Oceano, noutros afasta-se bastante para Oeste. É desnecessario

(7) Este nome é todavia menos conhecido do que o de *Pé da Serra*. (Hoje *Raiz da Serra*). (N. do T.)

(8) Palavra indigena que significa *cascata*.

encarecer o seu papel como barreira formidável contra os estrangeiros que se quizessem apoderar do Brasil. Poderiam, sem duvida, apoderar-se de alguns portos; mas ser-lhes-ia indispensável abastecer-se por mar, pois nada seria mais fácil do que defender o pequeno numero de desfiladeiros e caminhos difficéis que estabelecem comunicação entre o litoral e o interior. Os terrenos, que se estendem entre o mar e a grande Cordilheira, são em geral planos ou cortados por algumas colinas. Excepto na provincia de Rio Grande e as partes mais arenosas das outras provincias, esses terrenos são cobertos de florestas virgens ou o foram outróra, antes que a mão do homem as destruísse (9), e é da mesma natureza a vegetação que cobre a propria serra (10).

Quando um Europeu chega á America, e que, ao longe, avista as mattas virgens pela primeira vez, admira-se de não mais perceber certas formas curiosas que admirou nas nossas serras quentes, e que aqui estão confundidas nas massas de vegetação; admira-se de encontrar, nos contornos das florestas, tão pouca differença entre as do Novo-Mundo e as do seu paiz; e si alguma coisa o surprehende, é unicamente a grandeza das proporções e o verde carregado e austero. Para conhecer toda a belleza das florestas tropicaes é necessario penetrar nesses retiros tão antigos como o mundo. Lá nada fez lembrar a fatigante monotonia dos nossos bosques de carvalhos e pinheiros; cada arvore ostenta, por assim dizer, um porte que lhe é proprio; cada qual tem sua folhagem, que frequentemente differe do matiz da das arvores vizinhas. Vegetaes gigan-

(9) É possível que, na provincia de Rio Grande, existam algumas mattas virgens ao nordeste da grande Cordilheira. É possível tambem que a sudeste da provincia de Santa-Catharina se encontrem alguns campos entre a cadeia de montanhas e o Oceano.

(10) Vide a minha introdução á *Historia das plantas mais notaveis do Brasil e do Paraguay*.

tescos, que pertencem ás familias mais afastadas, misturam seus ramos e confundem as folhas. As *bignoneaceas* de cinco folhas crescem ao lado das *Coesalpinca*, e as flores douradas das *cassia* se espalham, ao cair, sobre os fétos arborecentes. Os ramos multidivididos dos *myrtos* e *eugenia* fazem resaltar a simplicidade elegante das *palmaceas*, e, entre as *mimosaceas* de foliolos pequenos, a *cecropia* estende suas largas folhas e ramos que se assemelham a immensos candelabros. A maior parte das arvores se eleva perfeitamente erecta a uma altura prodigiosa; dellas algumas têm a cortex perfeitamente lisa; outras são protegidas por espinhos, e os enormes troncos de uma especie de figueira selvagem se estendem em laminas obliquas que parecem sustel-os como botarcos. As flôres obscuras dos nossos carvalhos e faias são notadas apenas pelos naturalistas; mas, nas florestas da America Meridional, arvores gigantescas exhibem muitas vezes as mais brilhantes corollas. As *cassia* deixam pender grandes cachos dourados; as *tochysia* ostentam thyrsos de flôres bizarras; corollas, ora amarellas ora purpurinas, mais compridas que as das nossas *digitalis*, cobrem com profusão as *bignoneaceas* arborecentes, e *chorisius* se engalanam de flôres semelhantes aos nosos *lyrios* pela forma e tamanho, lembrando ao mesmo tempo a *alstroemeria* pela mistura das cores. Certas formas vegetaes que entre nós apenas se mostram em humildes proporções, lá se desenvolvem, estendem e exhibem com uma pompa desconhecida em nossos climas. Ha *borragineas* arbutiformes, varias *euphorbiaceas* são arvores magestosas, e pode-se encontrar sombra sufficiente sob a folhagem de uma *composta* (11). São, porém, principalmente as *gramineas* que mostram maior variedade na vegetação. Si grande

(11) Devo fazer notar que não foi numa mata virgem que observei a *composta* que aqui menciono.

numero dellas não ultrapassa o porte dos nossos bromios e fetucas, e, constituindo tambem a base dos relvados, não differem das especies europeas sinão pelas hastes mais frequentemente ramificadas e suas folhas mais largas, outras se erguem até a altura das arvores das nossas florestas e exhibem o mais gracioso dos portes. A principio rectas como lanças e terminadas em ponta aguda, não apresentam nos entre-nós mais que uma folha unica semelhante a uma larga escama; esta cae; da axilla nasce uma cordão de ramunculos guarnecida de folhas verdadeiras: a haste do bambú orna-se assim, com intervallos regulares, de encantadores vericillos; curva-se e forma entre as arvores elegantes abobadas.

São principalmente os cipós que dão ás florestas suas mais pittorescas bellezas; são elles que produzem os mais variados accidentes. Esses vegetaes, de que as nossas madsilvas e heras só dão uma pallida ideia, pertencem, como os grandes vegetaes, a uma multidão de familias differentes. São *bignoneaceas*, *bauhinias*, *cissus*, *hippocrateas*, etc., e, si todas têm necessidade de apoio, cada qual possui, entretanto, um porte que lhe é proprio. A altura prodigiosa uma *aroidea* parasita chamada *cipó imbé* cinge o tronco das mais grossas arvores; as marcas das folhas antigas que se desenhau sobre o seu caule em forma de losangos, fazem-na assemellar-se á pelle de uma serpente; esse caule dá implantação a folhas largas, de um verde luzidio, e da parte inferior do tronco nascem raizes finas que descem até a terra rectas como fios a prumo. A arvore que tem o nome de *cipó matador* apresenta o tronco tão direito como o dos nossos ulmeiros; muito pouco robusto, porém, para se suster por si, encontra arrimo numa arvore vizinha mais corpulenta; adhere ao seu caule com o auxilio de raizes aereas que,

de espaço a espaço, o abraçam como juncos flexíveis; mantem-se assim e pode supportar os furacões mais terríveis. Alguns cipós se assemelham a fitas onduladas; outros se torcem ou descrevem largas espiraes; cahem em festões, serpenteiam entre as arvores, entrelaçam-se uns aos outros e formam massas de ramificações, de folhas e de flôres, onde o observador tem difficuldade em attribuir a cada vegetal o que lhe pertence.

Mil arbustos diversos, *melastomaceas*, *borragineas*, *piperuceas*, *acanthaceas*, etc., nascem ao lado de grandes arvores gigantesças que erguem sobre sua copa os tufos impenetráveis á luz solar. Os troncos derrubados não se cobrem somente de obscuras *cryptogamas*; *tillandsias*, *orchideas* de flôres bizarras, etc., fornecem-lhes galas extranhas, e, por sua vez, estas plantas não raro servem de suporte a outras parasitas. Numerosos correços serpenteiam geralmente pelas mattas virgens; entretêm uma temperatura agradável; offercem ao viajante sedento uma agua deliciosa e limpida, e são bordados de tapetes de musgos, *lycopodineas* e *felicineas*, por entre os quaes brotam *begonias* de hastes deliçadas e succulentas, de folhas desiguas e flôres côr de carne.

Estimulada sem cessar pelos dois principaes agentes, a humidade e o calor, a vegetação das mattas virgens está em perpetua actividade; o inverno não se distingue do verão senão por uma delicada differença de matiz no verdor da folhagem, e, si algumas arvores perdem as folhas, é para retomar dentro de pouco tempo novas vestes. Mas, é necessario convir, essa vegetação que jamais repousa, não permite encontrar nas mattas tantas flôres como nas regiões descobertas. A floração põe, como se sabe, fim á vegetação; arvores que sem descanso produzem galhos e folhas não podem dar flôres continuamente; e, por exemplo, uma *Qualea gestasiana*, que se ornára de flôres elo-

gantes, ficou, em seguida, cinco annos sem produzir novas (12).

Não se julgue que as mattas virgens sejam por toda a parte absolutamente identicas; apresentam variações conforme a natureza do terreno, a elevação do sólo e a distancia do Equador. As mattas dos arredores do Rio de Janeiro têm mais magestade do que todas as que vi em outras partes do Brasil, talvez porque em parte alguma a humidade seja tão grande como lá; entretanto, as florestas das provincias do Espirito-Santo e Minas-Geraes, mesmo as das provincias mais meridionaes de São-Paulo e Santa-Catharina, têm tambem suas bellezas, e, á medida que fôr desenrolando a narrativa, darei a conhecer as differenças que mais me impressionaram.

Si as florestas virgens servem de asylo a alguns animaes perigosos, taes como as serpentes, são, por outro lado, o abrigo de um numero consideravel de espécies completamente inoffensivas: veados, antas, eutias, varias espécies de macacos, etc. Os rros dos *macacos barbados*, repetidos pelos echos, assemelham-se ao rugir de um vento impetuoso que se interrompesse por intervallos, espaçando-se pouco a pouco. Milhares de passaros, cuja plumagem differere tanto quanto os habitos, fazem ouvir um gorgedeo confuso; os batrachios misturam seus coaxados variados e bizarros, e as cigarras seus trinados agudos e monotonos. E' assim que se forma essa voz do deserto, que não é mais que a expressão do tenor, da dôr e do prazer partindo de sêres differentes. No meio de todos esses sons um ruído mais saliente vibra nos ares, faz retumbar a floresta, e espanta o viajante. Julga ouvir os golpes de um martello sonoro batendo na bigorna a que se seguisse o trabalho entontecedor da lima exercendo-se sobre o ferro. O viandante olha para todos os lados, e se admira quando desco-

(12) Devo esta especie ao meu excellente amigo o Sr. conde de Geste, consul geral da França, e fui a elle que a dediquei... Vido meu trabalho sobre as *Vochisiaceas* nas Memorias do Museu.

bre que os sons que vibram com tanta força são produzidos por um passaro do tamanho de um melro, que, quasi immovel no alto de uma arvore secca, canta, interrompe-se, e espera para recommençar que outro individuo da sua especie tenha respondido a sua voz. E' o *casmarynchos nudicollis*, Tem., que muda de plumagem com o correr da idade, e que, tendo sido de um verde acinzentado, acaba por se tornar tão branco como os nossos cynes: os Mineiros o chamam *ferrador*, por causa do canto, e nas provincias do Rio de Janeiro e do Espirito-Santo, dão-lhe o nome de *araponga*, evidentemente de origem indigena.

Myriades de insectos habitam as mattas virgens e excitam a admiração do naturalista, ora pela originalidade de suas formas, ora pela vivacidade das côres. Nuvens de borboletas repousam ás margens dos corregos; amontoam-se umas contra as outras e, de longe, pode-se tomal-as por flôres de que a terra esteja juncada. Uma soberba borboleta azul erra entre as grandes arvores com um vôo pesado e incerto; estende, por um momento, suas azas que são superiormente de um azul lindissimo e nacarado; logo depois, porém, une uma á outra, esconde a superficie brilhante para não mais mostrar sinão a face inferior que é de um cinzento escuro: desaparece assim na obscuridade da matta; mas tem-se o prazer de tornar a vê-la mais no longe, ainda ornada de suas côres brilhantes.

Tendo deixado a casa de Bemfica, atravessamos a várzea do pequeno rio Hytu' (13) que é pouco profundo e corre com rapidez. Entre os arbustos que o marginam é impossivel deixar de notar os *ingás* de longos estames; uma borraginea, cujas flôres alvas reunidas em cima assem-

(13) Para os nomes próprios seguí, tanto quanto foi possível, a orthographia e acentuação portuguezas. O accento tónico cõe ordinariamente sobre a penultima syllaba, o quando há excepção, é indicada pelo signal ', collocado sobre a vogal accentuada. Este signal, collocado sobre o e, não indica que esta letra deva ser pronunciada como o nosso e fechado, e sim como o aberto.

llam-se ás da nossa campainha; e enfim, uma myrtacea notavel pelo tamanho das flôres, pelo calice que se abre como um operculo, e pelo gosto das flôres que lembra o do cravo da India (*calyptranthes aromatica*, Aug. de S. Hil.). Não se pode deixar de admirar tambem um pequeno arbusto copado que cresce entre as pedras do proprio leito do regato, e que pertence á familia das rubiacceas. A folhagem é de um verde luzente, seus ramos expandidos se estendem por cima d'agua, e se terminam por uma especie de umbella composta de longas corollas de um vermelho tão bello como o das flôres da rome'ra.

Além do ribeirão do Mytú o caminho se eleva pouco a pouco sobre uma garganta estreita que separa duas altas montanhas cobertas de mattas. Até então poucas florestas virgens tinha visto de verde tão escuro e vegetação tão vigorosa. As arvores, comprimidas umas contra as outras, não deixam ás lianas bastante ar e espaço para que se desenvolvam, sua folhagem basta enfraquece a luz do dia, e os ramos entrelaçados escondem ao viajante a vista de uma torrente que corre rugindo pelo fundo do vallão. Depois de subir durante algum tempo olhei para traz: o caminho que havíamos seguido e a cavina por elle costada se me descobriam ao olhar. Por uma illusão de optica bastante curiosa, uma arvore gigantesca, de caule perfeitamente erecto, parecia collocada no meio do caminho, e, isolada em uma immensa massa de verdura, dir-se-ia um rei rodeado pelo seu povo. A' medida que subiamos, o ruido da torrente se enfraquecia, e o silencio dos bosques era apenas perturbado de longe em longe pelo canto de alguns passaros e os sons debéis que faziam ouvir pequenas especies de cigarras. Numa depressão humida e sombria percebi um *erinus*, cujas flôres, dispostas em umbella e de um violeta avermelhado, pareciam com as da primavera de grandes corollas (14). Plantas que se possam classifi-

(14) Descrevi este *erinus* nas *Plantas mais notaveis do Brasil e do Paraguay*.

car nos generos da flora franceza são, como se sabe, muito raras nos tropicos, e nunca as recolhi, no decurso das minhas viagens, sem experimentar uma certa emoção. Este *erinus* me fez lembrar o dos Alpes, as risonhas campinas onde vi este ultimo pela primeira vez, e as doces recordações da patria vieram misturar-se ao recolhimento em que me mergulhára o espectáculo das florestas sombrias e magostas que então atravessava.

Após subir e descer varias vezes, chegamos, ao cabo de uma hora, ao ponto mais elevado. Lá um panorama tão extenso como variado se desdobrou. Descortinamos toda a planície, as collinas que aqui e alli a cortam, e, mais ao longe, os morros pittorescos de *Tijuca* e do *Corcovado*. A' esquerda o horizonte era limitado pela bahia do Rio de Janeiro, e como a entrada desta estava escondida pela neblina, mostrava-se a meus olhos apparentando um immenso lago semeado de ilhas.

Descendo a montanha tive o prazer de encontrar em floração (no começo de dezembro) grande numero de *taquarussu's*, a maior especie de bambu' que cresce no Brasil. Estas gramineas gigantescas podem se elevar a cinquenta ou sessenta pés de altura; suas varas, de um verde escuro, têm a grossura de um braço; quasi desde a base curvam-se em arco, e frequentemente sua extremidade toca o chão. Nos nós, que são afastados uns dos outros de varios pés, nascem verticillos de ramos curtos e carregados de folhas lanceoladas. Passam-se varios annos desde o nascimento do *taquarussu'* até a época da floração, que põe termo á sua existencia. Immensos paniculos de quinze a vinte pés de comprimento se desenvolvem na extremidade do caule; mas a esse tempo a planta já perdeu toda a belleza; não lhe restam mais quasi folhas; o matiz pardacento das flôres parece annunciar-lhe a proxima destruição, e a rigidez dos ramos afastados do paniculo acaba por lhe tirar toda a elegancia. O *taquarussu'* é, aliás, uma planta utilissima. Fazem-se escadas leves e solidas com as

suas estípes adultas, e, como esses caules são ocos, utilizam-se communmente os seus entre-nós, que são fechados por septos transversaes, seja para apanhar agua, seja para pôr o óleo de ricino que se vende nas tabernas. Quando estas varas são ainda muito novas, empregam-nas no fabrico de chapéus; para esse fim são fendidas pelo meio; expõem-nas ao fogo para que percam a côr verde; segue-se a exposição ao sol, e, por fim, destaca-se uma casca delgada, flexivel, de um branco esverdeado e baço, de que se fazem os trançados.

Estacionamos alguns instantes em um valle profundo que tem o nome d'As Pedras, e tive ahí occasião de observar um effeito de vegetação assás notavel (no começo de dezembro). A' margem de um regato estava um rochedo isolado: tinha a forma de um parallelepipedo alongado; suas faces pareciam cortadas a pique, e tinha o cume arredondado e coberto de plantas. Entre ellas havia um grande numero de fetos de folhas lineares e estreitas semelhantes ás da nossa *osmunda spicant*, L. Estas folhas, do comprimento de sete a oito pés, inclinando-se desde a base, cahiam perpendicularmente ao longo das faces do rochedo e da parte superior; este se achava, pois, revestido de fitas de vegetação que, comprimidas umas contra as outras, não deixaram ver a pedra nua atravez dos recortes horizontaes.

Após atravessar o valle d'As Pedras encontramos a montanha que se chama "Serra da Viuva (15), e que é menos elevada que a que acabavamos de descer. Acima do caminho, na encosta da montanha, vi pela primeira vez uma reunião consideravel de fetos arborescentes, plantas que até então não observava sinão em pés isolados. Esses fétos attingiam trinta ou quarenta pés; seu caule recto, cylindrico, perfeitamente uniforme em todo o comprimento,

(15) E' provavel que não seja esta a unica montanha com este nome.

tinha as marcas de antigas folhas; podia medir de trez a cinco pollegadas de diametro, e se terminava por um tufo de folhas muito longas, que, ergucudo-se a principio numa direcção quasi recta, curvavam-se em seguida com elegancia. Palmeiras esbeltas misturavam-se aos fétos arborecentes, que tanto se lhes assemelham pelo conjuncto das formas, mas se distinguem, no entanto, por serem geralmente menores, e terem a folhagem recortada. Como essas vegetaes nascem nos flancos da montanha em alturas differentes, suas folhas se achavam geralmente confundidas, e tal mistura diminuia em cada especie o que a constancia dessas formas tão pronunciadas teria de excessivamente monotono.

Approximadamente no alto da montanha minha attenção foi attrahida por um coaxado grave e repetido com intervallos. Descavalguei, e, approximando-me de um alagadiço, vi sobre as hervas de que estava coberto uma multidão de pequenas rãs de um amarello dourado. Não somente o charco estava cheio dellas, como havia ainda grande quantidade sobre os bambu's vizinhos, e mesmo sobre o tronco das arvores. Podiam ter cerca de duas pollegadas de comprimento; a cabeça era alongada em forma de focinho, os olhos esbugalhavam-se de modo notavel; tinham o pescoço estreito, o dorso entumecido, e o corpo muito estreitado immediatamente acima das coxas. Saltavam com extrema agilidade, e se lançavam sobre os bambu's e os troncos das arvores em que subiam, em seguida, em posição vertical. Seu coaxado era absolutamente identico ao das rãs communs da Europa. Quanto ao coaxar grave que me attrahiu primeiro a attenção, era produzido por uma outra especie de rãs que não pude ver de tão perto como as primeiras, por que estavam numa parte mais afastada do charco: pareceram-me maiores; seu dorso era mais achatado, o corpo menos estreitado abaixo da cabeça e acima das coxas, e, o que é curioso, nenhuma estava misturada ás primeiras. Os batracios da America

Meridional não apresentam, provavelmente, menor differença nos habitos do que nas formas, e offereceriam, sem duvida, um vasto campo de observações curiosas ao naturalista que quizesse estudal-as com cuidado.

Desde a hospedaria de Bemfica a nossa caminhada se fez quasi sempre por uma estrada muito estreita, e mesmo, bastante perigosa; alarga-se e torna-se muito bonita quando se desce a Serra da Viuva; segue-se então um valle assás largo, e vêem-se, de distancia em distancia, habitações bastante bem conservadas, em volta ás quaes se cultiva o milho, o café e a canna de assucar. Em um sitio humido, proximo de uma dessas habitações, avistei de longe immensas massas de filamentos de um bellissimo amarello, que se poderiam tomar por novelos de fios de ouro deixados negligentemente sobre a relva: não eram mais que as hastes longas e muito delgadas de uma cuscuta á qual se attribue no Brasil, como a algumas outras especies do mesmo genero, propriedades miraculosas para a cura de moléstias do peito.

No terceiro dia de nossa partida do Rio de Janeiro chegamos a *Pao Grande*, o engenho de assucar mais importante que vi no Brasil, exceptuando talvez os do *Collegio*, perto de *S. Salvador de Campos*, construidos pelos jesuitas. Após ter percorrido uma região onde apenas de longe em longe se descobrem alguns vestigios da mão do homem, é admiravel avistar de repente um edificio immenso, rodeado de vastas usinas. Todavía *Pao Grande* lembra menos o aspecto dos nossos castellos que o de um mosteiro. A casa do proprietario tem um andar além do rez-do-chão; apresenta dezesseis janellas de frente ornadas de balcões de ferro, de fabrico europeu, e, no meio do edificio, ha uma grande capella ao mesmo nivel que elle, mas cujo tecto é totalmente distincto. O outro lado do edificio, que encosta em um morro, tem duas alas entre as quaes ha um patco estreito. Como em maioria das casas portuguezas e hespanholas, o andar terreo é habitado pe-

los senhores; uma escada de madeira, muito mal construída, conduz aos apartamentos: os da parte de traz são reservados para as senhoras; os da frente consistem numa série de grandes peças todas dependentes umas das outras e muito pouco mobiliadas; no fundo dessas peças estão pequenos cubículos obscuros fechados por portas, e é lá que se dorme. Tal distribuição não é peculiar a Pao Grande; encontram-a com bastante frequência nas casas antigas de certa importancia, e está de accordo com os costumes do paiz. As mulheres que pouco convivem com os extranhos; que geralmente, mesmo, nem apparecem, devem habitar um local completamente separado. Os homens, ignorando os encantos da leitura e do estudo, entregues a seus prazeres ou a occupações externas, mal têm necessidade de encontrar apartamentos em que se possam reunir; e, para se deitarem, não importa que os quartos sejam escuros ou bem illuminados: uma cellula privada de luz é mesmo preferivel para quem quer dormir durante o dia.

As usinas e senzalas são, em Pao Grande, alinhadas approximadamente em semi-circulo deante da habitação do senhor. A distillaria, as caldeiras e a moenda se seguem na ordem que indico, e estão collocadas em uma construcção immensa edificada de madeira e barro. A arvore que forneceu a madeira extremamente dura que se utilizou nas obras tem o nome de *baruina* e pertence á familia das leguminosas; para os tetos serviram-se dos caules da palmeira esguia que se chama *palmito*. Em torno da peça em que estão os tachos corre uma galeria rodeada por uma balaustrada donde o proprietario pode, sem ser incomodado, inspeccionar os trabalhadores. A moenda de canna, que gira movimentada pela agua, é devida a um mechanico que o marquez de Pombal enviou ao Brasil; a esse engenheiro estavam associados outros machinismos mais ou menos utteis, que, porém, não foram conservados. Em outra construcção ha, actualmente, um pi-

lão para quehrar o milho, um moinho para fazer *subá*, e um ralo para farinha de mandioca, fóra um engenho de serra; e é a agua que põe em movimento todas essas machinas.

Vê-se bem pelo que deixamos dito que a habitação de *Pao Grande* deve ter grande importancia; no entanto lá, do mesmo modo que noutros engenhos, uão se observa na arte de fabricar o assucar um só desses numerosos aperfeiçoamentos devidos ao tempo e ao progresso das sciencias. Não quero fallar dos processos recentemente inventados para clarificar e decorar o assucar, mas dos que são conhecidos ha muitos annos nas nossas colonias; e para se ter uma idcia do que é hoje em dia, entre os Brasileiros, esta importante industria, talvez bastasse ler *Piso e Margraff*, que escreviam em 1658. Muito poucas pessoas conhecem as modificações que *Dutrosne* introduzio na maneira de dispôr as caldeiras; os fornos são sempre construidos de accordo com os antigos princípios, e ninguem pensou em mandal-os construir de modo a poderem ser accesos para fóra, methodo que pareceu preferivel em outras colonias (16): finalmente, continua-se a perder o bagaço, e a lenha é sempre empregada como combustivel. Em lugar de fazer seccar o assucar em estufas, costuma-se expô-lo ao sol, sobre taboados geralmente suspensos sobre vigas; perde-se muito tempo para guardal-o quando a chuva ameaça; fica molliado quando ella calhe inopinadamente e o vento acarreta sempre a mistura de corpos extranhos que lhe inferiorizam a qualidade.

Seria, aliás, injusto accusar os Brasileiros do fraco adiantamento feito nas artes para elles mais necessarias. Todos sabem que o systema colonial tendia a retardar os progressos da instrueção, e depois que seus portos foram abertos aos estrangeiros, os que se metteram a ser seus mestres muitas vczes careciam de ser elles proprios instruidos.

(16) Encontrei este processo em uso na vizinhança de *Tijuco*.

CAPITULO II

ESTADIA EM UBA' — OS COROADOS DO RIO BONITO

Chegada a *Ubá*. — Historico desta habitação. — Os Indios que antigamente occupavam o districto. — O senhor José Rodrigues. — Começo das minhas collecções zoologicas. — Passaros dos arredores de *Ubá*. — Insectos; especies phosphorescentes; especies damminhas; bichos de pé; mosquitos; *borrachudos*. — Chegada dos Indios *Coroados* a *Ubá*; sua dança; maneira de comer; curiosa falla de um delles. — Dausa dos negros creoulos e moçambiques. — Historia dos *Coroados* do *Rio Bonito*; sua industria; costumes; retrato desses Indios; sua linguagem. — Abundancia de caça após a chuva. — Sariguê. — Volta ao Rio de Janeiro.

Tendo deixado para traz Pao Grande, atravessamos novas mattas, e dentro em pouco chegamos a *Ubá*. Essa habitação, situada bem proxima ao *Parahyba*, e na bacia desse rio, ergue-se apenas a seiscentos pés acima do nivel do mar (12); o calor é ahí quasi tão forte como no Rio de Janeiro, e as terras muito bons para o cultivo do assucar. O nome de *Ubá* é o de uma graminea bastante elevada, que cresce á beira d'agua e é commum nas margens de um rio vizinho á fazenda em que eu estava então. Durante a minha estadia no Brasil, não passei em parte alguma momentos mais felizes; diariamente fazia longas excursões pelas florestas ou margens do rio; trazia uma multidão de objectos que me eram desconhecidos, e entregava-me tranquillamente aos trabalhos, sem experimentar uma só dessas difficuldades e privações que tornaram tantas vezes penosas as minhas viagens.

(12) Observações do sr. d'Eschwege.

Não ha muitos annos que essa habitação d'ubá, hoje tão bella e florecente, não existia ainda. Foi o tio do Sr. Almeida que a mandou construir. Esse tio, o Sr. José Rodrigues, possuia originariamente uma legua de terras incultas em Pao Grande; associou-se a dois commerciantes do Rio de Janeiro que lhe forneceram capitães; levantou em suas terras o engenho que ainda existe ubi, e começou a administrá-lo. Ubá era então habitada por Indios selvagens, e apenas dois negros de Pao Grande se aventuravam a atravessar a floresta para ir pescar ás margens do Paralyba. Entretanto, o sr. José Rodrigues vivia em boas relações com os Indios: iam visitá-lo em Pao Grande; dava-lhes de comer, regalava-os com aguardente (18), e estes acabaram por convence-lo a se ir estabelecer entre elles. Entretanto, os associados do Sr. José Rodrigues falleceram; este desgostado pelos embaraços de uma tutoria que deveria ser muito prolongada, abandonou Pao Grande, e, aproveitando-se do offerecimento dos indios, foi abrir fazenda em Ubá. O sr. José Rodrigues contrahira para com os selvagens a amizade mais tocante; projectou civilizá-los e fazê-los abraçar o christianismo. Ia vê-los nas suas choupanas, recebia-os em sua casa, e despendia sommas consideraveis para ganhar-lhes a confiança.

Como, porém, terei occasião de demonstrá-lo no decurso desta obra, apenas com um systema continuado é que se poderá fazer aos indigenas *Brazeiros* beneficios duraveis; seria necessario que todos os brancos que se devotassem a viver entre elles estivessem animados do mesmo espirito e viessem os mesmos fins: isto não pode ser o objectivo de um homem isolado, por mais nobre que seja seu character, e de mais irrestrito devotamento. A vizinhança dos Portuguezes não tardou a ser funesta aos Indios dos arredores de Ubá. Uma doença de pelle, molestias venereas, e sobretudo da variola, começaram logo suas devastações entre

(18) *Cachaça.*

elles e victimaram grande numero. Entremettes, o conde de Linhares, ministro de Estado, tendo ouvido fallar do estabelecimento de Ubá, julgou que se poderia tirar grandes vantagens das terras férteis desse districto, e encarregou o sr. José Rodrigues de partilha-las. Os Indios, reduzidos a pequenissimo numero, e desaviados após a morte de um chefe que se soubera fazer respeitar por todos, retiraram-se para a outra margem do Paratyba; mesclaram-se com os restos de outras tribus, que os Portuguezes confundem sob o nome de *Coroados*, e vivem actualmente nas florestas vizinhas do *Rio Bonito*, a pequena distancia da habitação de Ubá. Desde esse tempo a habitação não deixou de progredir. O sr. José Rodrigues mandára construir um engenho de assucar, uma serraria e um moinho de fubá; mas faltava ainda uma casa confortavel. O sr. Almeida accrescentou essa melhoria á propriedade, e hoje em dia surprehendemo-nos encontrando no meio de matas virgens, e a varias jornadas da cidade, uma moradia elegante em que se encontram todas as commodidades da vida.

Deixando a França tivera por companheiro de viagem ao fallecido sr. Delalande, naturalista do Museu de Paris, cuja actividade e ardor para o trabalho devem fazer lastimavel sua perda a este estabelecimento (19). Fôra forçado a voltar á Europa com o duque de Luxemburgo, e não poudo levar suas investigações além dos arredores do Rio de Janeiro. Chegando a Ubá comeei a ver insectos e passaros que até então não encontrára; excitado pelo desejo de tornar a viagem mais util tentei substituir meu companheiro sem, no entanto, prejudicar minhas observações botanicas, e puz-me a formar colleções de animaes que continuei até a partida para a Europa, e que muito contribuiram para augmentar minhas fadigas.

(19) Vide a introdução á minha *Historia das plantas mais notaveis do Brasil e do Paraguay*.

Nos arredores do Rio de Janeiro os caçadores e, provavelmente, os colleccionadores diminuíram consideravelmente o numero de aves e quadrupedes: não se encontram mais ali macacos, muito poucos tucanos e papagaios e, em 1821, apenas conseguia encontrar algumas pequenas especies nos campos mais proximos. Não succedia o mesmo em Ubá; aves numerosas habitavam ainda as mattas virgens dos arredores e as margens do rio; viam-se tucanos, papagaios, martim-pescadores, jaçanans, cucos e beija-flôres. Gallinaccos bastante maiores que as nossas perdizes, e de sabor pelo menos tão delicado, eram extremamente communs nas florestas, e diariamente os caçadores do sr. Almeida lhe traziam *jacus*, *jacutingas* (20), e principalmente uma grande quantidade de individuos dessa bella especie que chamam no paiz *macuco*, e que põe ovos de côr azul celeste, quasi do tamanho dos das gallinhas. As especies de caça não são as mesmas em todas as partes do Brasil; mas pode-se dizer que quasi por toda a parte se encontra maior variedade de especies do que existe nas nossas regiões.

A collecção de insectos que fiz em Ubá não foi menos consideravel que a de aves. Durante os mezes em que o calor menos se faz sentir encontram-se ainda alguns coleopteros nas partes do Brasil situadas entre os tropicos; mas é em outubro que elles começam a se tornar communs, e continua-se a encontral-os em quantidade até os fins de março. E' necessaria certa destreza para apanhar esses pequenos animaes; o instincto da conservação mantém-n'os sempre alerta; ao menor ruido juntam as patas ao corpo, immobilizam-se, deixam-se rolar sobre a folha que estavam comendo, cahem no chão e escapam no meio das hervas. E', pois, conveniente que o caçador estenda com cuidado uma das mãos por debaixo da folha em que vê o insecto que quer capturar; o animal julga, pela sua

(20) *Pendlope*.

manobra habitual, poder escapar ao inimigo, e se precipita no laço que lhe foi armado.

Não é só durante o dia que o entomologista consegue augmentar suas collecções; pode ainda, quando a noite chega, entregar-se á caça de insectos phosphorescentes. Enquanto que na França o attributo da luminosidade só se observa em trez ou quatro especies de pyrilampos, que, desprovidos de azas, quedam-se mais ou menos no mesmo lugar no meio das hervas, aqui diversas especies, pertencentes a mais de um genero, percorrem os ares sulcando-os com sua brilhante luz. Alguns têm os ultimos anneis do ventre cheios de materia phosphorescente; outros, pelo contrario, trazem na parte superior do thorax duas proeminencias luminosas, arredondadas e bastante afastadas, que parecem confundir-se quando o insecto vôa, mas que, durante o dia, brilham como outras tantas esmeraldas encastoadas em um fundo pardo cobreado. Os coleopteros phosphorescentes irradiam ordinariamente uma luz brilhante e verde-amarellada; alguns, no entanto, apenas deixam escapar um clarão vermelho e fraco, e alguns existem que têm ao mesmo tempo alguns anneis abdominaes cheios de luz verde e outros cheios de substancia luminosa amarellada. Nada é tão divertido como ver esses diversos insectos voar por uma noite sombria nos lugares em que são abundantes. Os ares são atravessados por pontos luminosos mais ou menos consideraveis, mais ou menos intensos, que se cruzam em todos os sentidos, brilham por um momento, desapparecem e se mostram mais além. O vôo dos coleopteros phosphorescentes não é o mesmo em tôdas as especies: algumas se elevam a dez ou doze pés ou mesmo mais; outras, pelo contrario, mantêm-se sempre a pequena distancia do sólo; a maioria vôa horizontalmente; mas nos lugares pantanosos encontra-se uma pequena especie que, como um jacto luminoso, lança-se numa direcção obliqua ou vertical, scintilla por um momento, e desapparece. Sabe-se que os insectos luminosos têm a faculdade de enfraquecer ou esconder a substancia lumen-

te que contém; entretanto, mesmo depois de mortos a presença dessa substancia se trahe ainda pela côr amarella cerina da parte que a encerra, e, quando estão vivos, a claridade que desprendem é ás vezes bastante forte para se poder distinguir, na obscuridade, os objectos mais proximos. Passciando uma tarde pelos arredores do Rio de Janeiro avistei no sólo um disco luminoso de mais de um pé de diametro. A' medida que avançava, a luz fugia deante de mim; puz-me a correr, ella redobrou de velocidade; consegui, todavia, approximar-me o bastante para descobrir no centro do disco um ponto mais brilhante, e me convencer de que essa luz era devida a um pequenissimo insecto que, após ser perseguido por muito tempo, enfiou-se por debaixo da porta de um jardim e me escapou.

Os que fazem colleções já levaram para a Europa a maior parte dos insectos encontrados no litoral do Brasil; formaram-se com elles quadros arrançados com mais ou menos ordem; classificaram-n'os de accordo com a respectiva organização: mas ninguem até agora pensou em estudar seus habitos tão variados, seus ardis, amores, e a America espera ainda um Réamar ou um Degeer.

Todavia, entre esses insectos, ha uns que são para o homem larga fonte de incommodidades. Quando cheguei ao Rio de Janeiro fiquei com os pés escalavrados pelas pulgas penetrantes (bichos de pé), que, como todos os outros insectos maleficos, atacam de preferencia os Europeus recentemente desembarcados. São communs principalmente nos edificios recentemente construidos e nos andares terceos; e era justamente o de uma casa construida ha pouco tempo que eu então habitava. Frequentemente extrahiam-me dezeseite só de um pé. Têm os bichos de pé a mesma coloração da pulga commum, mas della differem por mais de um caracter importante; são, além do mais, menores, mais compicidos: correm, talvez, com maior rapidez e sal-

tam com menor vivacidade. A pulga penetrante perfura a pelle e esconde-se completamente, sem deixar perceber, além do orificio que abriu, sinão os dois ou tres ultimos anneis do abdome: a nutrição que absorve á vontade dilata-lhe o tubo intestinal de modo extraordinario; mal entrou na carne e já não pode sair pela abertura por ella propria feita, adquirindo rapidamente o tamanho de um grão de cauhamo ou mesmo de ervilha. Nesse estado o insecto apresenta um aspecto completamente differente, e seria incapaz de mudar de lugar; mostra-se então como um globo esbranquiçado, achatado, apresentando em cada uma das faces uma proeminencia pardacenta pequena: a da face superior é formada pelos ultimos anneis do abdomen, e a proeminencia da face inferior pela cabeça e thorax, que não soffrem a menor dilatação. Uma ligeira comichão revela a presença do insecto; a carne se inflamma um pouco ao redor do ponto em que o insecto penetrou; este poderia causar accídentes, si o deixassem ficar na pelle por muito tempo. Os negros e mulatos têm uma habilidade particular para retirar os *bichos de pé*, nome dado pelos Brasileiros a taes insectos; servem-se para isso de um alfinete, ou, mais communmente, da ponta de uma faca, e muitas vezes não causam a menor dôr.

Nas zonas mais humidas e recentemente construidas da cidade do Rio de Janeiro, os mosquitos pullulam em maior abundancia ainda que todos os outros insectos malfazejos. Durante o dia conservam-se escondidos atraz dos moveis e nos lugares obscuros; mas, quando vem a tarde, deixam seus retiros e começam as perseguições. O ouvido fica atordoado pelo seu zumbido agudo, e as picadas, sem produzir empolamentos, causam uma irritação inflammatoria que prejudica o somno.

Em Uhá não havia mosquitos, como, em geral, nos lugares que não são muito baixos e onde as aguas têm curso rapido; mas existiam outros insectos malfazejos de que me queixar: couteutar-me-ei em dizer aqui duas palavras a

respeito dos *borrachudos*, especie que creio não ter visto em outro lugar além do Rio de Janeiro. E' um moscardo pequenissimo, e de corpo muito reforçado. Este insecto pousa ligeiramente nas mãos ou no rosto; vai e vem, e hesita longamente antes de escolher o lugar em que deve estacionar. Pica sem que se perceba; attrahe o sangue sob a epiderme, e forma ahí uma pequena placa vermelha, que obscurece, secca e acaba por cabir. A comichão, que adverte da picada, é, a principio, ligeira; mas, por pouco que se coce augmenta, e a parte victimada se inflamma de modo bastante sensivel.

Voltava eu do passeio uma tarde, quando me vieram dizer que meu hospedador estava á minha espera no engenho; dirigi-me para lá immediatamente, e não fiquei pouco surprehendido vendo-o rodeado de homens que não pude deixar de reconhecer como indigenas. Pertenciam á tribu mais disforme da creação encontrada durante minha demora no Brasil (21). Aos traços da raça americana, tão differente da nossa, accresciam uma fealdade peculiar a sua nação: eram de estatura pequena; sua cabeça, achatada em cima e de um tamanho enorme, mergulhava em largas espaduas; uma nudez quasi completa deixava a descoberto sua repellente sujeira; longos cabellos negros cahiam em desordem sobre os hombros; a pelle de um escuro baço, estava salpicada aqui e alli pelo urucu'; percebia-se atravez de sua physionomia algo de ignobil, que não observei entre outros Indios, e enfim, uma especie de embaraço estúpido trahia a ideia que elles proprios tinham de sua inferioridade. Esse conjuncto verdadeiramente horrendo me impressionou muito mais do que esperava, e fez nascer em mim um sentimento de piedade e humilhação. Não tardei a saber que esses Indios pertenciam ao numero dos que os Portuguezes chamam *Coroados*, e habitam as florestas visinhas do Rio Bonito. Meu

(21) Vido a introdução á minha *Historia das plantas mais notaveis do Brasil e o Paraguay*.

hospedador tinha notado que eu desejava ardentemente ver selvagens, e com a esperança de uma recompensa, havia decidido alguns desses homens a vir á sua habitação.

Mal cheguei ao pé delles, já lhes rogavam que dansassem; mas estavam muito a consentir; e para levá-os a isso, foi necessario prometter-lhes aguardente, licor de que já lhes fôra distribuida ampla razão. Alinharam-se em duas filas, os homens na frente e as mulheres atraz: os primeiros seguravam o arco e as flechas em posição vertical, e aquellas dentre as mulheres que tinham creanças de peito, conservaram-nas nos braços. Assim dispostos, puzeram-se a cantar em tom lugubre e melancolico, e, ao mesmo tempo, começaram a dança. Avançavam uns em seguida nos outros caminhando com gravidade e medida, ora sobre um pé, ora sobre o outro; desse modo faziam em linha recta uma duzia de passos; toda a fila se voltava então; os que tinham estado adiante ficavam para traz, e recommençavam em sentido contrario. A esta primeira dança succedeu uma outra que tinha por objecto, disseram-nos os Indios, celebrar a derrota do jaguar, e que era acompanhada de um canto pouco menos lamentavel. Caminhavam do mesmo modo em duas filas em um muito pequeno espaço; mas, em lugar de conservar o corpo erecto, curvavam-no para diante, apoiavam um dos punhos na anca, e saltavam com um pouco mais de vivacidade. Quando acabaram de dansar trouxeram-lhes feijão e milho. As mulheres metteram as mãos na comida e tiravam aos punhados o que comiam. Os homens arranjaram pedaços de casca de arvore e utilizaram-n'os á maneira de colher, comendo juntos na gamella. Quando terminaram a refeição, o mais velho do grupo, que parecia o chefe, veio sentar-se aos pés do sr. Almeida; então o mais jovem, chamado Baré, avançou para este ultimo, e mantendo-se de pé dirigiu-lhe o discurso seguinte em mão portuguez: "Esta terra nos pertence, e são os brancos que a cobrem. Desde a morte do nosso grande capitão, somos

escurraçados de toda a parte, e não temos mais nem lugar sufficiente para poder repousar a cabeça. Dizei ao rei que os brancos nos tratam como cães, e rogai-lhe que nos dê terra para podermos construir uma aldeia". Essa pequena arenga, que não era mais que a expressão fiel da verdade, foi pronunciada com um tom bastante tímido, mas ao mesmo tempo com uma especie de solemnidade que a tornava mais impressionante ainda.

Excitados, quiçá, pelo exemplo dos selvagens, os negros da habitação pediram ao senhor permissão para dançar por sua vez; foi-lhes concedida, e nós não tardamos a ir vê-los entregaram-se a esse prazer. Os negros creoulos dansavam *batuques* (22), enquanto um delles tocava uma especie de tambor de basea, e outro, esfregando com rapidez um pequeno pedaço de pau arredondado sobre as rainuras transversaes de um grosso bastão. produzia ao mesmo tempo um ruído mais ou menos semelhante ao da matraca. Em outro angulo do terreiro, alguns negros de Moçambique formavam uma roda no meio da qual se assentavam dois ou trez musicos que batiam compassadamente em pequenos tambores (23) de pouca sonoridade. Os dansarinos acompanhavam-n'os com seus cantos; saltavam girando sempre no mesmo sentido, e a cada volta seus movimentos mais se animavam. Com os jarretes vergados, punhos fechados, o ante-braço em posição vertical, avançavam um após o outro, remexendo os pés, e dando a todos os membros uma especie de agitação convulsiva que devia ser extremamente fatigante para homens que tinham trabalhado durante o dia todo. Um tal estado violento, porém, contribuia para esse esquecimento de si mesmo, que faz toda a felicidade da raça africana, e foi

(22) Dança indecente muito usada entre os Brasileiros. Na Alemanha se escreveu erradamente *baducas*.

(23) Réco-réco. (N. do T.).

com grande pezar que viram chegar o instante marcado para seu repouso.

No dia seguinte pela manhã tratei de ir retribuir a visita aos nossos Coroados, e passei o dia entre elles. Tendo atravessado duas vezes sua região no decurso das minhas viagens, tive occasião de acrescentar outros esclarecimentos aos que me deu sua estadia em Ubá, e reunirci aqui o que aprendi ácerca desses selvagens.

Os Coroados do Rio Bonito se compoem de duas hordas misturadas, os *Tampruns* e os *Saruricons* (24). O nome de *Coroados* (25), que os Portuguezes dão a esses Indios, como a varias outras tribus (26), deve, ao que parece, sua origem ao costume que tinham antigamente muitos aborigenes, seja de cortar os cabellos no meio da cabeça, á maneira dos nossos sacerdotes (27), seja, antes, de não conservar mais que uma calotte de cabellos, como fazem ainda hoje os Botocudos. O sr. José Rodrigues foi o primeiro que se occupou com a civilização dos Coroados do Rio Bonito. Seu zelo não se limitava aos dos arredores de Ubá e Pao Grande: mandou abrir uma passagem que ia do Paralyba ao Rio Preto. Em uma época em que o paiz não era ainda habitado por gente de nossa raça, elle atravessava só ou quasi só as florestas mais densas; levava aos Indios viveres, instrumentos de ferro e remedios; entrava em suas choças e se aproveitava, para lhes communi-car o baptismo, da confiança que lhes havia inspirado. Levava tão longe o desejo de agradal-os, que uma vez co-meu em sua companhia milho que lhe offereceram para regalal-o, e que fôra antes mastigado por mulheres velhas.

(24) A final da primeira dessas palavras se pronuncia como a syllaba *un* dos Portuguezes, e a segunda como o seu *ão*.

(25) Os Portuguezes não pronunciam *coroados*, como se escreveu na Alloumba.

(26) Os Portuguezes applicam esse nome até a selvagens que habitam a extremidade meridional da provincia do São Paulo.

(27) Isso é a opinião do sr. barão d'Eschwege.

(27-a). Após a morte desse homem benemerito, o governo confiou a tutela dos Coroados a um director a quem se dava cem mil réis por anno (cerca de 625 fr.); mas não tardou muito que se causassem des'a despesa, e actualmente ninguem se occupa mais com os Coroados. Tinham sido a principio alojados em uma *aldeia* (28) a cerca de nove a dez leguas de Ubá, na outra margem do Parahyba. Actualmente erram em numero de quinhentos a seiscentos pelas mattas dos arredores, não conservando habitações fixas, e vivendo quasi sempre da caça. Para satisfazerem a paixão que têm pela aguardente, decidem-se, ás vezes, a trabalhar nas habitações portuguezas; porém, mal possuem com que embuchar-se, entregam-se á indolencia. Fazem, com muita arte, arcos e flechas; sabem tirar estopa dos ramos tenros da *ecropia* (*embaúba*), e com ella fabricam redes e um tecido cruzado bastante forte, porém grosseiro, de que fazem calções que apenas descem até os joelhos: a isso se limita toda a sua industria. As choças não são mais que uma especie de latada muito mal construida, alta de cerca de quatro pés, e coberta de folhas de palmeira. Entre elles poneos andara nós: a maior parte usa trapos que os Portuguezes lhes dão gratuitamente ou em troca de trabalho.

Alguns receberam o baptismo: são, quanto ao mais, absolutamente indifferentes á religião christã; e, a trinta ou quarenta leguas da capital, deixam-se errar algumas centenas de Indios pelo incio das florestas sem que ninguem se lembre em eleva-los ao baixo grau de civilização de que seriam susceptiveis.

Os Coroados reconhecem um chefe tirado dentre os seus; mas sua auctoridade sobre homens que vivem dispersos pelas mattas deve ser muito limitada.

(27a) Devia ser uma especie do celebre *carim*.

(28) Este termo, que significa propriamente *povoação* em portuguez, não se applica no Brasil sinão aos arranchamentos dos Indios.

Podem trocar de mulher quando bem lhes parece, e assegura-se que a polygamia está em uso entre elles. A mulher segue o marido á caça, e é ella que transporta a diminuta bagagem, como succede geralmente entre as populações selvagens.

Parece que antes de se misturarem com os Portuguezes, os Coroados tinham relações amorosas tão pouco discretas como os animaes: são actualmente mais reservados. Não se creia, todavia, que seus costumes se tenham realmente apurado desde que entraram em communicação com homens da nossa raça: as mulheres *Coroados* não se offendem com os gestos, ás vezes bastante indecentes, que os brancos têm em sua presença (29), e é raro que resistam á menor sollicitação. O pudor, é facto, era antigamente desconhecido a esse povo, e os individuos se juntavam para satisfazer uma necessidade do mesmo modo que bebiam quando tinham sede; dando, porém, a tal gente a idéa da decencia, os Portuguezes ensinaram-n'os a desprezala, e corromperam-n'os antes de os civilizarem.

Vi Buré, esse Coroado de que falei anteriormente, divertir seus camaradas com gestos obscenos, enquanto um jovem Indio, que até então vivera longe das habitações portuguezas, o olltava com a maior indifferença. A indecencia faz corar a virtude, e provoca o riso dos que, conhecendo o pudor, não temem escandalizal-o. No estado de pura natureza não se comprehende nem o riso de um nem o rubor do outro.

Debuxando a impressão que produziu em mim a vista dos Coroados, quando pela primeira vez observei alguns delles, já me expandi ácrea da inferioridade dessa tribu. Jamais encontrei uma unica mais desagradavel e estúpida. Tanto têm, por exemplo, os Botoeudos de vivos, alegres, francos e affectuosos, quanto os Coroados de indifferentes,

(29) E', pelo menos, o que eu vi em Ulá.

tristes e apathicos; mal olham, como o disse allures, para aquelle que os acaricia e presencja (30), e suas attitudes lembram as dos individuos da nossa raça que cahiram na imbecillidade. Ora mostram uma especie de timidez tola, e quando se lhes fala, baixam a cabeça como creanças; ora soltam grandes gargalhadas, sem que seja possível descobrir-lhes a razão.

Entre as bagatellas com que presenteei os que tinham vindo a Ubá nada pareceu agradar-lhes tanto como os alfinetes. Julgava dar-lhes grande prazer offerecendo-lhes um espelho; porém os homens mal olharam para elle, e as mulheres, ás quaes esse objecto, indubitavelmente, dava o sentimento de sua inferioridade, esconderam o rosto com as mãos logo que o viram. Una dellas, todavia, que tivera maiores contactos com os Portuguezes, acabou por accital-o, mas unicamente para delle se servir no momento á maneira de faca.

Querendo archivar alguns vocabulos da liugua dos Coroados dictados pelos que tinham vindo a Ubá, tirei do bolso uma penna e tinta; mas instantaneamente fugiram todos e foram passeiar pelo campo. Voltaram, todavia, á noitinha, e vim a saber que tinham tennido que eu os levasse á força para o Rio de Janeiro, porque, pouco tempo antes, tinham visto militares, que capturarain desertores entre elles, trazer tambem instrumentos de escripta.

Foi com extrema difficuldade que, na época em que passei pela região desses Indios, pude decidir os que eu ia visitar, a me ensinar alguns termos do seu idioma; para obter um vocabulo a mais eram necessarias longas supplicas, caricias e sempre algum presente.

Eis os termos que me communicaram; escrevo-os taes como se devem pronunciar segundo a orthographia portu-

(30) Vido a introdução á minha *Historia das plantas mais notaveis do Brasil e do Paraguay*.

guezza, que se afasta menos que a nossa da representação exacta dos sons: Deus, *Tupan*; agua, *nhuman*; fogo, *motê*; sol, *copé*; cabeça, *kê*; lua, *pergran*; homem, *cuaiman*; mulher, *boiman*; creança, *spona* (a fechado); pai, *seleua*; mãe, *ioua*; filho, *smeiua*; mão, *juparé*; braço, *nhat*; dedo, *tupié*; pé, *jupareuan*; olhos, *murim*; nariz, *nhim*; bocca, *chori*; lingua, *tão*; arvore, *bó*; passaro, *proono*.

Como em geral todos os Indios, os Coroados falam com a bocca quasi fechada e desprendem os sons com esforço do fundo da garganta. Por muito resumido que seja o vocabulario que acabo de citar, basta para fazer ver que a lingua dos Coroados, como muitas outras americanas, tem a vantagem de admitir termos compostos; assim *jupareuan* (pé) é um composto de *juparé* (mão); *cuaiman* e *boiman* são evidentemente palavras compostas, e o mesmo succede com *seleua*, *ioua*, *smeiua*.

O sr. Almeida não passou mais de quinze dias na habitação; mas permittiu-me que ficasse lá ainda depois de sua partida, e, despedindo-se de mim, providenciou sobre todos os meios de tornar minha estadia em sua casa tão agradável quanto o pudesse ser em sua ausencia.

As collecções que tinha começado acrescentei alguns mamíferos que enviei ao Museu de Paris immediatamente de regresso ao Rio de Janeiro.

Era principalmente quando havia chovido que os caçadores do sr. Almeida matavam maior quantidade de peças. Interroguei-os a respeito e me responderam que após a chuva seus passos se faziam ouvir muito menos que quando os pés faziam estalar a cada momento folhas ou galhos seccos; adiantaram ainda, ser voz corrente que, durante a secca, o jaguar lambia frequentemente as patas afim de fazer menos ruído, e não espantar a presa.

Trouxeram-me uma manhã uma sarigue femca (gambá) que tinham morto com um tiro de espingarda.

Seus oito filhos, que não tinham soffrido ferimento algum, continuaram durante todo o resto do dia presos às mammas da mãe; arranquei-os dellas no dia seguinte, mas tornaram immediatamente a pegal-as. No terceiro dia ainda estavam todos vivos, com excepção de um unico; os outros, separados da mãe pela segunda vez e arremessados pela janella, só morreram ao cabo de algumas horas; enfim, a vida é de tal modo tenaz nessa especie que uma das crias, a quem um dos empregados abriu a pelle do ventre em todo o comprimento, sobreviveu bastante tempo a essa cruel operação. Estamos habituados a ver na gambá um symbolo interessante de amor materno; mas não nos devemos admirar de que os Brasileiros tenham tão pouca piedade por esses animaes: não só a sarigue tem formas desagradaveis e desprende mão cheiro, como os criadores a consideram um flagello, porque, embora muito menor que a raposa, não faz, entretanto, inferiores estragos nos galinheiros.

Tendo passado um mez em Ubá tratei de voltar ao Rio de Janeiro, e o administrador me annunciou, por ordem do proprietario, que eu não partiria sem levar viveres. Um mulato que o sr. Almeida tivera a bondade de deixar no meu serviço, devia me servir de guia e conduzir o animal que levava as provisões. Não sabendo ainda o que são os escravos, e, principalmente, os de sangue mestiço, entreguei-me completamente ao bom Antonio. Fez-me almoçar em Pao Grande, em casa de amigos do sr. Almeida. À tarde fui-lhe das provisões; Antonio me respondeu que tinham sido esquecidas, e que o burro sómente carregava bagagens pertencentes a seu senhor; acreditei-lhe na palavra, e juntei mal no albergue de Bemfica. Parti no dia seguinte após uma refeição frugalissima, mas o mulato me assegurou que eu seria amplamente indemnizado por um

almoço que me levaria a fazer em casa de um coronel amigo do sr. Almeida. Entretanto approximavamo-nos cada vez mais da villa, a casa do coronel não apparecia, e a fome começava a se fazer sentir com intensidade; isso acabou por me inspirar alguma desconfiança, e, apesar da resistencia do honesto Antonio, fui examinar o burro e encontrei-o com um carregamento de provisões mais abundantes do que seriam necessarias para dez pessoas. Fiz voto de me aproveitar da experiencia que acabava de adquirir, mas não quiz denunciar o bom Antonio; os negros que conduziam minhas colleções, porém, e que tinham ficado para traz, não foram tão discretos quanto eu, e o fiel mulato foi castigado pelo seu furto.

CAPITULO III

PARTIDA PARA A PROVINCIA DE MINAS GERAES, TRAJECTO DO RIO DE JANEIRO ATÉ A ENTRADA DESSA PROVINCIA.

Partida do Rio de Janeiro em companhia dos srs. Langsdorff e Antonio Ildesonso Gomes. — Aspecto encantador dos arredores do Rio de Janeiro. — Parochia de *Inhaúma*; etymologia desse nome. — Comparação entre as parochias dos arredores da capital e as do interior. — *Irajá*. — Encontro dos Coroados. — Vegetação das sebes. — *Chacarara*. — *S. Antonio da Jacutinga*. — Retrato dos senhores de engenho. — Bemfica. — Pelles de animaes selvagens. — Visita a Ubá. — Caminho de Ubá ao Parahyba. — Rio *Parahyba*; reflexões sobre a escassa população dessa zona. — *Vassourá*, planta mucilaginoso. — *Ranchos*. — Quadro dos planaltos e bacias do Brasil meridional. — Das estradas em geral, e em particular, da de Rio de Janeiro a *Villa Rica*; causas principaes dos poucos recursos que offerceo essa via, si bem que seja muito frequentada. — *Farinha*. — *Cheça de Paiol*. — Aspecto de uma floresta de montanhas. — *Parahybuna*, rio que separa a provincia de Rio de Janeiro da do Minas Geraes.

Querendo acostumar-me aos poucos com o calor do paiz, tinha projectado começar minhas viagens pela provincia do Rio Grande; mas o sr. *Antonio Ildesonso Gomes*, jovem Brasileiro com quem me ligára, e que cultivava a botanica com aproveitamento, convidou-me a ir passar alguns mezes em casa de seu pai na provincia das Minas, e accedi ás suas instancias.

Este mancebo, o sr. *Langsdorff*, consul da Russia, e eu, partimos do Rio de Janeiro a 7 de dezembro de 1816, acompanhados do meu creado, um jovem Indio Botocudo, que servia ao sr. *Langsdorff*, e finalmente, de um negro, e um

mulato que pertenciam ao sr. Ildefonso, e aos quaes confiamos a conducção dos burros.

Deixando o Rio de Janeiro tomamos o *caminho de terra*, aquelle de que já falei. Pelo espaço de algumas leguas este caminho, embora pocirento, é bello, bastante plano, e pode ser transitado por viaturas. Dentro em pouco passavamos deante do palacio de São-Christovão. Á direita pequena distancia nos separava da bahia, da qual vislumbravamos ás vezes trechos deliciosos; á esquerda avistávamos um valle semcado de collinas e de casas de campo entre as quaes viam-se grammados e terrenos cultivados; mais além percebiamos as altas montanhas da Tijuca, cujas encostas são cobertas de mattas virgens. Talvez cousa alguma no mundo se compare em belleza nos arredores do Rio de Janeiro. No verão o céu é de um azul carregado, no inverno a coloração enfraquece e apresenta esse azul claro que entre nós se admira nos bellos dias de outomno. Lá jamais a vegetação repousa, e, em todos os mezes do anno, as mattas e campos estao ornados de flôres vistosas. Florestas virgens tão velhas como o mundo exhibem sua imponencia, quasi ás portas da cidade, e formam um contraste encantador com o trabalho dos homens. As casas de campo, que se avistam de todos os lados, não têm magnificencia; na construcção pouco se seguiram as regras da arte; mas a originalidade de seu aspecto contribue para tornar a paysagem mais pittoresca. Quem seria capaz de descrever as bellezas que apresenta a bahia do Rio de Janeiro, esse porto que, na opinião de um dos nossos almirantes mais instruidos, poderia conter todos os da Europa? Quem poderia retratar as ilhas tão diversas entre si de que está coalhada a bahia, essa multidão de encadas que lhe desenha os contornos, essas montanhas magestosas que a bordam, e tambem a vegetação tão rica e variada que orna seu littoral?

As estradas vizinhas da capital do Brasil são hoje em dia tão movimentadas como as que conduzem ás grandes cidades da Europa. Durante umas duas leguas não deixamos de encontrar homens a pé e a cavallo, e negros que conduziam descarregados os cargueiros que pela manhã haviam levado á cidade com provisões; rebanhos de bois, e varas de porcos, tocados por *Mineiros*, avançavam lentamente, fazendo voar turbilhões de pó, e a cada momento nossos ouvidos eram chocados pelo ruido confuso que faziam nas *ventas* os escravos confundidos aos homens livres de classe inferior (31).

Tendo caminhado durante duas leguas avistamos a igreja parochial de *Inhaúma* ou *S. Tiago d'Inhaúma*, pequeno edificio construído isoladamente sobre uma plataforma de onde se descortina um panorama muito agradável.

O nome *d'Inhaúma* não passa, provavelmente, duma corrupção do de *Inhúma* (32), que se dá, no Brasil, á ave curiosa que os naturalistas chamam *palamedea cornuta*. Como varias localidades têm o nome de *Inhuma* ou *As Inhumas*, é provavel que tal ave, hoje em dia extremamente rara, fosse outróra muito commum; mas foi com certeza dizimada com o fito de obtêr-se essa saliencia cornea que traz á cabeça e á qual se attribuem virtudes imaginarias (33).

No interior do Brasil caminhau-se, ás vezes, sessenta leguas e mais ainda, pelo territorio de parochias onde existe apenas um millhar ou dois de habitantes. Mas o que prova quanto os arredores do Rio de Janeiro são já bastante povoados, é que a parochia de *Inhaúma*, cujo raio não é

(31) Quadro traçado em 1822.

(32) Se devemos creditar em Maregraff, tinha em seu tempo o nome de *anhúma*. "Os paulistas ainda hoje dizem *anhúma*". N. do T.

(33) Talvez que se procure antes os esporões de que estão armadas as azas.

maior que meia legua, conta duzentos fôgos e mil e seiscentos habitantes adultos (34).

Essa parochia, como varias outras nas proximidades do Rio de Janeiro, não é formada por uma povoação propriamente dita, e se compõe de casas esparsas pelo campo. Nas localidades retiradas do interior, pelo contrario, não ha parochia sem povoação, e a razão deessa differença pode ser, parece-me, explicada facilmente. Em torno ao Rio de Janeiro as terras se dividiram mais que em qualquer outra parte; cada pedaço de terreno passou a ser habitado, e quando o districto attingia população sufficiente, passava a constituir uma parochia independente. Mas ninguem ficava assús afastado da igreja para que não pudesse lá ir em pouco tempo, e como as vendas onde se adquiriram os artigos mais necessarios estão dispersas á beira de todos os caminhos, qualquer proprietario tem sempre uma ao seu alcance; não ha, por consequente, razão para que se forme um grupo de casas ao redor da igreja de preferencia a em outra qualquer parte. Não se deu o mesmo nas provincias centraes, onde os habitantes moram sempre bastante afastados uns dos outros. Além da sua morada habitual, cada lavrador quer ter casa perto da igreja, onde a familia possa repousar da grande estrada que fez para assistir ao serviço divino; onde possa receber os amigos, e tratar, enfim, de negocios com seus vizinhos reunidos. Os artifices, mercadores, botequinciros, tratam naturalmente, tambem, de se approximar do local em que se reúnem os proprietarios, e é assim que se formam, na maioria, as povoações do interior que não devem a origem á presença do onro.

D'*Inhaúma* somos dormir em *Irajá*, outra parochia ainda mais importante, pois que em um raio de perto de

(34) Vide *Memorias historicas do Rio de Janeiro*, vol. VIII, p. II, p. 32.

duas leguas, comprehende uma população de cerca de quatro mil e seiscentos commungantes e trezentos e cinquenta fôgos (35).

Era já noite quando chegamos a Irajá, e chamou-me a attenção uma casa que estava illuminada por numerosas lanternas de papel enfileiradas em uma só linha. Disseram-me que o dono dessa casa possuia um pequeno oratorio consagrado á Virgem, pela qual professava devoção particular, e, como no dia seguinte era a festa da Conceição, queria festejar sua padroeira.

Quando sahi, nesse dia, do quarto em que dormira, fiquei muito surprehendido de encontrar á porta da casa um grupo de doze ou quinze Coroados, mulheres e homens, entre os quaes estava a maior parte dos que vira em Ubá. Si bem que tivesse passado um dia inteiro em sua companhia, ha um mez apenas, e os tivesse presenteado com bastantes bagatelas; que muitas vestes e perguntas amudadas devessem ter deixado alguns vestigios em sua lembrança, não pareceram reconhecer-me, e mal me fitaram. Iam, diziam, ao Rio de Janeiro para reclamar do rei uma legua quadrada de terras em que desejavam se estabelecer e da qual pretendiam expulsal-os. Não sei o que foi feito delles, mas é provavel que ninguem tenha ligado a menor consideração a suas queixas.

Depois de Irajá o caminho torna-se menos egual, e em alguns lugares corta terrenos pantanosos em que florescem varias *pontederia*, uma bella *sagittaria* e uma *rhexia* ornada de lindas flôres roseadas.

Nas *capoeiras* (36) um pouco humidas observei a especie de *bignoneacea* que chamam vulgarmente ipé.

(35) Vido *Memorias historicas do Rio de Janeiro*. E' esse Irajá que foi indicado na *Flora Brasiliac*, etc., como situado nos campos de Minas.

(36) Dá-se esse nome, como se verá em outro lugar, ás matias que brotam após a destruição das florestas virgens.

É uma grande arvore que perde as folhas annualmente e floresce antes que as novas brotem; estava então coberta de uma immensidade de bellas flores amarellas que a faziam notar de longe. Os galhos do ipé começam bastante baixo (37) e formam uma cabeça irregular e alongada. Seu lenho, de um branco amarellado e extrema dureza, é muito procurado pelos habitantes do paiz: empregam-no em carpintaria e carroçaria, e utilizam-no tambem no fabrico de bengalas e excellentes cabos de ferramentas.

Si proximo ao Rio de Janeiro podemo-nos julgar nos arredores de uma das maiores cidades da Europa, essa illusão em breve se dissipa. Á medida que nos afastamos de Inhaúma vê-se cada vez menos habitações, as vendas raras, encontram-se menos terrenos cultivados, os bosques tornam-se mais communs, e como cada vez mais nos aproximamos das montanhas, o aspecto da região toma character mais grave. Até Inhaúma, o caminho é ladeado de sebes artificiaes, formadas por essa mimosa encantadora que está hoje em dia tão espalhada em volta do Rio de Janeiro. A partir de Inhaúma, taes cercas são já constituidas por plantas indigenas: são as especies mais communs, as que escaparam, com certeza, á destruição das mattas virgens, principalmente diversas especies de bignoneas, *bauhinias*, uma *cordia* de odor fétido (*cordia hircina*, Aug. de Saint-Hill.), e a pitangueira, *myrtacea* que caracteriza os terrenos arenosos e visinhos do mar.

A cerca de duas leguas do Rio de Janeiro acabam as *chacaras* (38) ou casas de campo, e começam os engenhos de assucar. São apenas em numero de cinco na parochia de Inhaúma, e já em Irajá attingem a doze, e onze na de

(37) Serú constante esse character?

(38) Os Indios designavam sob este nome as pequenas extensões de terra que cultivavam: os Brasileiros applicaram o nome ás suas casas de campo.

S. Antonio da Jacutinga (39), parochia que vem ap6s Irajá, e cujas terras baixas e humidas convêm perfeitamente á cultura da canna de assucar. Dá ali tres cortes consecutivos, em seguida se deixam repousar as terras durante quatro annos, a menos que não a adubem, o que começam a fazer os lavradores que dispõem de pouco terreno.

A posse de um engenho confere aos lavradores dos arredores do Rio uma especie de nobreza. Só se fala com consideração de um *senhor de engenho*, e vir a sê-lo é a ambição de todos. Um senhor de engenho tem geralmente um aspecto que prova que se nutre bem e trabalha pouco. Quando está com inferiores, e mesmo com pessoas da mesma cathegoria, empertiga-se, mantém a cabeça erguida e fala com essa voz forte e tom imperioso que indica o homem acostumado a mandar em grande numero de escravos. Quando está em casa usa camisa de chita, chinelos, e calças ordinariamente mal sungadas; não põe gravata, e toda a sua roupagem indica que é inimigo de se constringer; si, porém, monta a cavallo, é necessario que as vestes annunciem sua cathegoria, e então a casaca, as botas envernizadas, as esporas de prata, uma sella bem limpa, e o pagem negro numa especie de libré são obrigatorios.

Paesci segunda vez por Agnassú, e dormi ainda no albergue de Benfica, cujo proprietario nos mostrou pelles de jaguars, gatos selvagens, *macacos vermelhos*, veados, coatis, etc., que compra aos caçadores da serra e revende para a cidade depois de curtir-os. As pelles de veados nos espantaram pela grossura; as dos coatis pareceram-nos tambem muito espessas relativamente ao tamanho do animal; são flexiveis, e podem-se fazer dellas optimas empenhas.

Galgamos a grande Cordilheira, entramos na bacia do Parahyba, e, chegados ao caninho que conduz á habita-

(39) *Memorias historicas*, etc.

ção de Ubá, o sr. Langsdorff e eu para lá nos dirigimos, deixando nossa caravana seguir a estrada commun.

Tendo passado um dia em Ubá, partimos bem cedo para alcançar nossos companheiros de viagem, que tinham combinado esperar-nos á margem do Parahyba. Seguimos a principio, pelo meio de mattas virgens, uma vereda transversal que apenas serve aos habitantes da vizinhança. Dentro em pouco esse caminho reduz-se a uma picada estreita, formada pelo leito de um córrego que desliza entre duas margens assás elevadas e cortadas a pique; arvores copadas estendem os ramos sobre o regato; barram os raios do sol e protegem begonias, aráceas, numerosos fétos e outras plantas que só se dão bem na sombra e humidade. Fomos obrigados a passar sob um velho tronco de arvore que, ao cahir, formára sobre o caminho uma especie de ponte: esse tronco perdera a folhagem, engalanára-se, porém, de uma verdura exotica; plantas parasitas, comprimidas umas contra as outras, cobriam sua superficie superior, e deixavam cahir á direita e á esquerda as raizes sobre nossas cabeças.

Ao longo de toda a estrada de Ubá ao Parahyba não se anda um quarto de legua sem encontrar alguma habitação, mas, em geral, não passam de choupanas. Uma fazenda raramente apresenta um edificio unico; ordinariamente se compõe de pequenas casas construidas sem ordem, mas cujo conjunto é quasi sempre pittoresco. Essa multiplicidade de pequenas construcções parece poder se explicar de modo plausivel pela natureza dos estabelecimentos ruraes. O homem que os começa é ordinariamente muito pobre; ergue uma humilde choça: mas si pouco a pouco sua lavoura augmenta, adquire um negro, depois outro, e, á medida que suas necessidades o exigem, levanta uma nova choupana ao lado das antigas.

No local chamado *Encruzilhada*, a estrada larga em que tinhamos entrado entronca-se na verdadeira estrada da

provincia das Minas. Tinhamos feito cerca de cinco leguas desde Ubá quando os sons argentinos de um sino, que echoavam no silencio dos bosques, nos avisaram da proximidade de uma igreja; e, effectivamente, ao cabo de alguns instantes, achamo-nos á margem do Parahyba, em frente ao *registro*, nome que se dá aos lugares em que se pagam os direitos devidos ao Estado e se pedem os passaportes.

O Parahyba é o unico rio consideravel que corre pela provincia do Rio de Janeiro. Tem suas nascentes a pequena distancia da villa de Paraty, e a cerca de vinte e oito leguas da capital. Corre entre a grande Cordilheira e a Cadeia occidental que lhe é parallela, e vai se lançar ao mar na outra extremidade da provincia, abaixo da cidade de S. Salvador de Campos de Goytacazes.

A vista que descortinamos chegando á margem do Parahyba é bastante alegre e de apparencia extranha á Europa. O rio corre com rapidez pelo meio de rochedos que se erguem acima de suas aguas. Sobre a margem opposta áquella em que estavamos adianta-se a casa do *registro*, edificada sobre estacas; alguns passos adiante está o *rancho* ou alpendre destinado a receber os viajantes, e que defronta o leito do rio; uma vintena de choupanas quasi quadradas estão espalhadas por perto; enfim, por traz do alpendre, se eleva uma pequena colina em cuja encosta descobrimos uma igreja atravez da folhagem de algumas arvores frondosas, enquanto que do lado opposto uma plantação de bananaeiras se deixava ver entre os esteios do alpendre.

Atravessa-se o rio sobre uma balsa que é muito bem construida, e pode receber de cada vez uma duzia de burros; esse modo de travessia apresenta, porém, graves inconvenientes. É-se frequentemente obrigado a descarregar os animaes antes de fazel-os entrar na prancha; ees animaes ás vezes se espantam, o que não é isento de pe-

rigos: a correnteza, enfim, não permite avançar sinão com extrema vagarosidade, e quando varias caravanas chegam mais ou menos ao mesmo tempo á margem do rio, a ultima é obrigada a esperar muito pela sua vez.

A estrada que conduz do Rio de Janeiro a Villa-Rica não é menos frequentada, talvez, que a de Paris a Tolosa, e seria para desejar que se construísse uma ponte sobre o Parahyba. Os Brasileiros são ainda, porém, quasi extranhos a esse genero de construcções (40). Aliás, a antiga administração tinha idéas muito curtas e demasiadas preoccupações fiscaes para pensar em semelhante empreza. Não mandaria erguer uma ponte a sua custa porque uma balsa ficava em muito menos, e jamais se poderia persuadir que uma ponte, facilitando as communicações, lhe trouxesse um dia grandes vantagens; por outro lado não haveria de deixar construir a ponte por uma companhia, si fosse possível organizar uma, porque teria sido necessario, pelo menos por algum tempo, deixal-a no gozo da renda do pedagio.

Chegados á outra margem do Parahyba apresentamos nossos papeis ao commandante do *registro*, que nos recebeu com cortezia. Confia-se, geralmente, esse posto a um tenente (41) que tem sob suas ordens um destacamento de quatro a dez homens pertencentes á provincia de Rio de Janeiro. O visto nos passaportes é a principal função do commandante do *registro*; mas não é em suas mãos que se deixa a importancia do pedagio, e sim mais além, no *registro* do Parahybuna. Tendo deixado o commandante fomos visitar a igreja que avistáramos quando ainda do

(40) Não vi no Brasil sinão pontes de pequena extensão.

(41) E' evidente que o commandante de um posto secundario jamais pode ter usado o titulo de *governador* que lhe dá um vi-junto inglez. Confesso tambem que não encontrei nada que concorde com os costumes brasileiros nas aventuras que o mesmo viajante diz ter passado no Parahyba e no Parahybuna.

outro lado do rio. Está edificada sobre uma pequena plataforma que domina o rio e é rodeada de arvores. A volta della toda ha uma galeria suspensa por esteios; não apresenta nada, aliás, digno de attenção.

Dessa igreja depende uma parochia de grande extensão, mas que apenas está começando a se povoar e confina com as terras férteis habitadas por Indios selvagens (42). Assim, enquanto que a setenta ou oitenta leguas do mar se encontram cidades assás consideravcis, grande numero de povoações, immensa extensão de terrenos despejados das mattas, não existe, pelo contrario, a pequena distancia da capital senão uma povoação nascente; as florestas virgens se mostram ali ainda em toda a pompa nativa, e os Indios erram em liberdade. A razão dessa differença é facil de perceber. Não foi para formar estabelecimentos ruraes que os Portuguezes se embrenharam pelo interior das terras; iam á procura de ouro e pouca gente queria estacionar em uma estrada que conduzia á riqueza. Depois que as minas de ouro começaram a se exgotar e a liberdade de commercio passou a dar maior valor aos productos coloniaes, os chefes de familia voltaram as vistas para a agricultura e pode-se esperar ver multiplicarem-se, dentro em breve, os habitantes nas vastas mattas que margeam a parte dos caminhos de Villa-Rica mais proxima do Rio de Janeiro.

Colhendo uma flôr á margem do Parahyba fui picado por uma vespa que me causou dôr vivissima. Um menino que me acompanhava mascar immediatamente algumas folhas da malvacea conhecida no paiz pelo nome de vassura (*sida carpinifolia*; L. F.); esfregou com ella a picada, e no mesmo instante a dôr desapareceu. Atribui essa pequena cura á mucilagem bastante abundante que contem a planta que o menino utilizára.

(42) A povoação consideravel que o padre Casal situa nessa parochia não existe realmente. Vide *Crog. Braz.*, II, p. 26.

Pela primeira vez desde o começo de minha estadia no Brasil, dormi em um *ranch*. Dá-se este nome a alpendres mais ou menos vastos destinados a abrigar os viajantes e suas bagagens. Encontramol-os, geralmente, no interior do Brasil, á margem das estradas chamadas *reaes*, e são numerosos na que eu então percorria. São os habitantes, cujas terras estão proximos á estrada, que os fazem construir. Não se paga hospedagem, mas ao pé do *ranch* ha uma *venda* em que o proprietario vende o milho que serve de alimento aos animaes dos itinerantes; indemnisa-se assim amplamente da despeza que fez para levantar o *ranch*, e citaram-me o nome de proprietarios que possuem até cinco *ranchos* á beira da estrada.

As *vendas* não são, como as nossas tabernas, consagradas unicamente ao commercio de bebidas alcoolicas; encontra-se nellas, além dessas, toda a especie de comestiveis. As mercadorias estão arrumadas sobre prateleiras alinhadas sobre as paredes, ou dependuradas dos vigamentos. Como em todas as lojas, o mercador se posta por traz de um balcão voltado para a porta, e é sobre elle que distribue aos bebedores a aguardente chamada *cachaça*, cujo sabor detestavel tem algo do cobre e da fumaça. Não se encontra nas *vendas* um só assento, e, por conseguinte, é-se obrigado a ficar em pé. É lá que os escravos passam uma parte dos momentos de liberdade que se llics concedem e dos em que podem furtar a seus senhores; é para lá que levam o producto de seus roubos, dos quaes os proprietarios das *vendas* não foram talvez os menores cúmplices; é ahí que elles acabam de se corromper, communicando-se reciprocamente seus vicios, e que esquecem, na embriaguez, a escravidão e suas misérias. Nada se pode comparar ao ruido confuso e discordante que reina nas *vendas* muito frequentadas: uns riem, outros discutem; todos falam com loquacidade: este aqui, sem ligar ao que se passa em redor, dá-se sapateando; aquell'outro, encostado indolentemente

á parede, canta com voz afinada uma canção barbara, acompanhando-se de um instrumento mais barbaro ainda. E' como donos de *vendias* que muitos Portuguezes europeus de classe baixa começaram sua fortuna. Esses homens, que geralmente se distinguem por uma extrema economia, aproveitam-se da especie de renuncia que caracteriza os Americanos, e enriquecem-se a sua custa, affectando desprezulos. Mas os bens desses parcimoniosos Europeus são muito frequentemente dissipados por seus descendentes que, nascidos na America, adquirem os habitos e o espirito de sua patria; e assim se verifica o proverbio repetido pelos Brasileiros: *O pai taberneiro; o filho cavalleiro; o neto mendicante.*

Só se empregam bestas de carga no transporte das mercadorias que sahem da provincia das Minas e das que os habitantes dessa provincia importam da capital. Dá-se o nome de *tropeiros* aos homens que conduzem as caravanas de burros destinadas a comprehender essas viagens e outras semelhantes. As tropas um pouco consideraveis são divididas em lotes de sete animaes, e cada um é confiado á guarda de um negro ou mulato que, caminhando na retaguarda dos cargueiros de que está encarregado, os incita e dirige por meio de gritos ou por um assobio bastante brando. Costuma-se carregar cada besta com oito arrobas (cerca de 240 libras), e, para não feril-os, eguala-se a carga com o maior cuidado. Cada caravana que chega a um *ranchio* ali toma o seu lugar; os animaes são logo descarregados; arrumam-se as mercadorias com ordem; cada animal recebe sua ração de milho; levam-nos ao pasto; arranjam-se-lhes as albardas, e se desentortam os cravos destinados a feral-os. Enquanto isso o mais jovem da tropa vai buscar agua e lenha, accende o fogo, arma em redor tres bastões que se unem superiormente, amarra-os, e suspende um caldeirão na tripeça, onde põe a cozinhar o feijão preto destinado ao jantar do dia e ao almoço do seguinte. Os tro-

peiros das diversas caravanas se approximam uns dos outros, poem-se a conversar, relatam suas viagens e aventuras amorosas, e, ás vezes, um delles eucanta o trabalho dos vizinhos tocando guitarra e cantando algumas dessas arias brasileiras que têm tanta graça e doçura. Tudo se passa com ordem; raramente discutem, e falam entre si com uma delicadeza desconhecida na Europa entre homens de classe inferior. No dia seguinte levantam-se bem cedo; dão aos burros nova ração de milho. Deixando o *rancho* saudam os tropeiros que ainda ali ficam; fazem nova caminhada de tres a quatro leguas, e chegam a outra estação pelas duas ou trez horas da tarde.

Depois de jantarmos no *rancho* do Parahyba, meus companheiros de viagem adormeceram. Á luz de uma vela que o vento agitava sem cessar, puz-me a escrever o diario, e esbocei o quadro que se me offerencia aos olhos: vou dal-o aqui novamente para fazer melhor conhecer o que é um *rancho*. Como desejavamos partir no dia seguinte muito cedo, tinhamos mandado amarrar nossos animais a uma das extremidades do *rancho*, e elles ali comiam tranquillamente a herva que se lhes tinha dado. Minha maca vinha em seguida, suspensa entre dois esteios; muito perto estavam empilhadas as sellas e a bagagem miuda; pouco mais além, o fogo que servira para preparar nosso jantar lançava ainda alguns clarões, e nossos homens dormiam ao redor sobre pelles de bois; enquanto isso meus dois companheiros de viagem repousavam do seu lado estendidos sobre as caixas, e envoltos em uma coberta de algodão. Mais além estava uma outra caravana. Suas bagagens tinham sido enfileiradas, sob o alpendre, em duas longas fileiras transversaes. Os negros acorados se aqueciam em volta de uma fogueira em que estava suspenso o caldeirão, e um delles fazia repetir o catecismo aos companheiros de escravidão recentemente comprados. Atraídos pela presença dos nossos burros, os morecos atravess-

savam o rancho com seu vôo rapido e incerto, enquanto os porcos vinham procurar os restos da refeição das caravanas.

Passci uma noite pessima; o frio se fez sentir de modo intenso, e estava quasi asfixiado pela fumaça do nosso fogo, que os negros reacenderam para se aquecer.

Puzemo-nos novamente a caminho no dia seguinte bem cedo; mas, antes de continuar a narrativa da viagem, parece-me necessario dar a conhecer em poucas palavras o conjunto da região que tinha a percorrer. Disse já que uma cadeia de montanhas se prolongava ao longo do mar por uma grande extensão do Brasil, e que ella era coberta de mattas virgens. Outra cadeia mais ou menos parallelá á primeira, porém mais elevada, adianta-se para o nordeste da provincia de São Paulo, não deixando mais que uma distancia de trinta a sessenta leguas entre ella e a Cordilheira maritima: separa toda a provincia das Minas em duas partes bastante desiguaes, divide as aguas do Rio Doce e do São Francisco, e vai perder-se no norte do Brasil (43). O espaço comprehendido entre as duas cadeias é cortado por outras montanhas que se estendem com certa regularidade de este a oeste, e deixam entre si profundos valles. Si exceptuarmos certas partes menos desiguaes, situadas na provincia de São-Paulo e no districto de Minas-Novas, a região que se vai de uma cadeia a outra é completamente coberta de mattas como a Cordilheira maritima, ou o foi outróra, antes que a mão do homem as destruisse. A oeste da cadeia occidental, o aspecto se modifica totalmente; ás montanhas succedem collinas, as florestas virgens desaparecem, e pastagens immensas se desdobram diante dos olhos dos viajantes. O terreno vai se abaixando pouco a pouco até o Rio S. Francisco; mas, a

(43) Vide a obra do barão d'Eschwege sobre as jazidas diamantíferas e minha Introdução á *História das plantas mais notaveis*.

oeste desse rio, o sólo torna a reerguer-se pela segunda vez, e chega-se a um planalto que separa as aguas do mesmo rio das do *Paraná*. Alguns pontos desse planalto apresentam verdadeiras montanhas, taes como a *Serra da Canastra* e a *Serra dos Pyreneus*; mas quanto ao mais é de altitude assás uniforme para se lhe poder dar o nome de cadeia. Como a estrada de Rio de Janeiro a Villa Rica descreve varias voltas, é necessario perfazer cerca de vinte e uma leguas para ir do Parahyba ao ponto da cadeia occidental em que começam os pastos naturaes, e, pelo que disse acima, já se sabe que esse espaço é montanhoso e coberto de mattas. Em subidas e descidas, a altitude se vai elevando gradualmente, e a vegetação torna-se pouco a pouco menos vigorosa e variada.

Entre nós um espaço de vinte e uma leguas se transpõe em algumas horas; mas no Brasil, onde se viaja acompanhado de burros carregados, que caminham a passo, não se pode, como já tive occasião de dizer, perfazer mais de trez, quatro, ou, no maximo, cinco leguas por dia, e, como a estrada de Minas Geraes é muitas vezes bastante difficil, a marcha ahí é, si possivel, mais lenta ainda que noutras partes. Depois de chuvas um pouco abundantes, encontram-se, nos lugares baixos, buracos profundos em que as bestas de carga se atolam até os joelhos em uma lama pegajosa, de que só se livram com grande esforço. São os particulares, que têm propriedades ás margens das estradas, que se obrigam a desembaraçal-as dos galhos de arvore que podem prejudicar o transitio, e fazer os concertos necessarios (44); para tornar menos impraticaveis os trechos lamacentos, não conhecem outro processo sinão o de atravessar ahí, uns ao lado dos outros, troncos arredondados sobre

(44) Os proprietarios das margens do caminho de Villa Rica ao Rio de Janeiro têm ainda uma obrigação a cumprir, a de manter um cavallo sempre prompto para os militares portadores de ordens do governo.

os quaes os burros têm a maior difficuldade em se equilibrar. Quanto ao mais a estrada de Rio de Janeiro a Villa Rica é geralmente assás larga, e á direita e esquerda se tem o cuidado de cortar as arvores que poderiam impedir a passagem dos raios solares que seccam a terra. Nesses espaços assim desprotegidos crescem as plantas baixas que costumam substituir immediatamente as mattas virgens, e a estrada se acha ladeada, em quasi toda sua extensão, por essa verbenacea que chamam *gervão* (*verbena jamaicensis* L.), da malvacea a que se dá o nome vulgar de *vassoura* (*sida carpinifolia*, L. F.), e, finalmente, de uma *spermacoea* (*spermacoea viarum*, N.) do porte de cerea de um pé e meio, cujas hastes são lenhosas, brancas as flôres e verticilladas, e que, pela reunião dos ramos, forma uma especie de bola. Não esquecerei, tampouco, a composta denominada *carqueja*, cujo caule e ramos, desprovidos de folhas, se dilatam formando trez azas e emprestam á relva um aspecto particular.

Entre o Parahyba e os começos das pastagens naturaes não se encontra uma só povoação propriamente dita; vêem-se, todavia, algumas igrejas, e atravessa-se mais de uma parochia.

Si os estabelecimentos de certa importancia são raros á margem da estrada, frequentemente, pelo menos, passa-se deante de alguma choupana; mas, é preciso que se saiba, os habitantes dessas mesquinhas choças estão bem longe de ter essa amavel polidez que distingue os do interior da provincia das Minas; não se observa entre elles mais que uma apathia estúpida ou curiosidade grosseira. O viajante, em geral, não encontra nessa estrada o menor recurso. As vendas são ali, é verdade, bastante numerosas; algumas garrafas de aguardente de canna, algumas peças de vasilhame de barro, um pouco de fumo, porém, constituem ordinariamente quasi todo o sortimento dessas casas de

negocio; é uma felicidade quando se pode encontrar uma dúzia de bananas ou uns queijos.

Não nos devemos admirar, aliás, que as margens de uma estrada tão frequentada só possuam população tão diminuta e pobre. Com prejuizo dos interesses geraes, enormes extensões de terra foram concedidas aos mesmos individuos, e alguns existem que possuem tres ou quatro leguas á margem da estrada. Para evitar os incommodos das passagens continuas, esses proprietarios se fixam a alguma distancia do caminho; fazem vender o millio por homens de pouco recursos, e embora não possam cultivar senão uma porção de terreno infinitamente pequeno, difficilmente toleram que outros ali se venham estabelecer. Já tem succedido que gente pobre e sem asylo levante choupanas sobre terras incultas e que pareciam desprezadas pelos proprietarios; esses, porém, destróem essas miseraveis moradas. As vezes, é verdade, elles permittem a um protegido, um compadre, fixar-se á margem da estrada, e não exigem nenhuma contribuição. Si, entretanto, o *agregado*, é o nome que se dá ao colono a quem é permittido estabelecer-se por esse modo, nas terras de outro; si o *agregado*, digo, não presta ao proprietario todas as homenagens que este exige, corre o risco de ser expulso, e proprietarios houve que mandaram atear fogo á casa de seus *agregados*.

Encontram-se nessa estrada muito poucos artezãos especializados; exceptuam-se, no entanto, os corceiros e ferradores, que, realmente mais necessarios que quacsquer outros artifices, se tornaram bastante numerosos. Uma *venda* e a tenda de um ferrador acompanham quasi todos os *ranchos*.

Do Parahyba até *Farinha*, que está afastada duas e meia leguas, atravessamos matlas virgens sem encontrar uma unica habitação, e sem lóbrigar o menor indício de cultura. Começava a lamentar-me da uniformidade da região, quando, pelas proximidades do villarajo de *Paio*,

composto de cinco a seis choças, as mattas se me apresentaram aos olhos com nova magestade. O caminho se estreita; varios planos de montanhas se elevam acima uns dos outros, e grandes arvores parecem disputar-se o terreno sobre o seu flanco talhado quasi a pique. Não é essa massa compacta de vegetação que ás vezes se descobre quando, do alto de um morro, lançamos os olhos sobre a matta que o rodeia; cada arvore comprime com sua copa o tronco da que cresce acima della; mas não pode esconder-lhe sinão a parte inferior. Grupos de palmeiras erigidas de espinhos negros crescem á beira da estrada, e pela simplicidade das formas e brancura das folhas, fazem salientar o verde sombrio e a folhagem copada das arvores que estão proximas. Bellezas tão austéras me tinham feito cabir em profundo recolhimento, quando, inopinadamente, me vi proximo de um grammado, que, á direita da estrada, forma um prolongamento para dentro da floresta; e, tal é o effeito dos contrastes, essa relva produziu sobre mim a impressão que se tem quando, no sahir de uma adega escura, se revê de repente a luz do dia.

Tendo caminhado cinco leguas chegamos á margem do *Parahybuna*, que me pareceu pouco menos largo que o Seua na altura de Pont-Neuf; corre com maior rapidez que o Parahyba, e, no lugar onde é atravessado, o leito não está impedido por rochedos. Nesse local o *Parahybuna* separa a provincia de Rio de Janeiro da de Minas Geraes, e, depois de varias voltas, termina por se lançar no Parahyba.

CAPITULO IV

TRAJECTO DO PARAHYBUNA Á ENTRADA DO CAMPO.

Historia da provincia de Minas Geraes; seus limites; população; divisões politicas. — Rio *Parahybuna*; paisagem que se descortina ao chegar ás margens do rio; hospitalidade. — Passagem do Parahybuna; *registro*; direitos; empregados do registro. A solhecasaca do sr. Langsdorff. Explicação da palavra *varyem*. *Rocinha do Simão Pereira*; visita a que ahí se procede para impedir o contrabando de ouro e diamantes. — Explicação dos nomes de localidades. — Parochia de *Simão Pereira*. — *Registro de Mathias Barboza*; direitos que ahí se pagam; reflexões sobre o systema colonial; observação sobre o local em que deveria ter sido levantado o *registro*. — *Morro da Boa Vista*; ideia superstitiosa. — *Marmelo*; differença entre os ranchos e as vendas. — *Juiz de Fóra*, linda paisagem. — *Alcaide nór*; florestas de bambus. — *Ribcirão*; conversação com um negro; considerações sobre a escravidão. — *Paysagens*. — Palmeira chamada *Andaú*. — Parochia de *Chapco d'Uvas*. — *Paysagens*. — Machina chamada *manjola*. — *Mantiquira*. — *Termiteis*.

A provincia de *Minas Geraes*, que forneceu á Europa tanto ouro, diamantes e pedrarias, foi uma das ultimas que os Portuguezes descobriram.

Por meados do seculo dezesete, um aventureiro chamado *Marcos de Azevedo* (41-a) subiu o *Rio Doce* e o

(41-a) Azevedo, s'áa. Sua expedição não teve lugar, porém, em meados, e sim, nos princípios do seculo XVII, isto é, em 1612. Houve anteriormente, em busca especialmente da *emeraldina*, a expedição do Martins Cão, ajudado pelo paulista Antonio da Proença, que fez com que acompanhasse a expedição seu filho Francisco, á frente de um contingente de escravos armados. Isto em 1596, segundo suppõe F. L. Leite Pereira (*Rev. do Arch. Pab. Min.*, II, 325).

A data da expedição de Marcos de Azevedo só foi conhecida com precisão ao publicar Baltazar de Silva Lisboa, nos *Anaes do Rio de Janeiro*, II, 197-200, um

Rio das Caravellas (44-b), e trouxe dessa viagem esmeraldas e amostras de prata; mas, tendo-se recusado declarar em

parecer da Comissão Ultramarina datado de 11 de novembro de 1691, em que se fez o de um *Acordo* que trinta annos antes entrára no país das esmeraldas.

Mais tarde, em 1616 ou 47, deu filhas do Marcus de Arerá, Antonio e Domingos, dispensa-se a renovar a empresa por terra, e, com 37 homens brancos e 150 indios em 25 canoas partiram de Victoria. Esta expedição também se malogrou.

Já desde os primeiros da colonização na primeira metade do século XVI (1537), as *Shetans* curralas pelo sertão em bases de minas, organizadas na Bahia o capitania próxima para o lado do sul, de que só tivemos notícias por documentos descobertos e publicados posteriormente 2.ª edição do livro do Saint-Hilaire. As ellas referir-me-êi na nota seguinte.

Seivino, para os informes contidos na annotação supra, da magnífica monographia do sr. Damião de Magalhães, *Exposição Geographica do Brasil Colonial*, 2.ª edição, Comp. Editora Nacional, S. Paulo, 1935, pgs. 40, 62-65, livro a que não de uma vez tendo recorrido com grande proveito.

(44-b) A primeira expedição que entrou pelo rio das Caravellas foi, certamente, a confiada a Francisco Rivas do Espinosa, castelhano (provavelmente de origem judaica), grande língua cego do Perú, por Thomé de Souza, primeiro governador geral, mas que se teve lugar no governo de D. Duarte da Costa, seu successor, indo por capitão de seus navios o jesuíta João da Aspilleros Navarro.

Para Capitão de Abreu (Cinzeiros antigos o povoamento do Brasil, Híquet, 1930, pgs. 131-155), o viço do peregrinação foi o Jequitinhonha; para Calógeras, porém, cujo opinião é periclino por Vasco de Magalhães. (*op. cit.*, pgs. 41 e seq.), o sertão foi a proximidade do seguinte: Sul do Rio Caravellas, em 1553, surgendo além o Jequitinhonha, e, das vertentes de Diamantina, que atingida, chegou provavelmente ao S. Francisco, seguindo um de seus afluentes da margem direita, talvez o Jequitahy alcançando uma aldeia indigena junto ao Manguá, e voltou, quiza, pelo Rio Lardo, explorado desde estes rioscentes que esse explorou, no anno de 1755. Devese o conhecimento dessa e toda a zona certa do padre Antonio Blasquez, data da 10 de junho de 1557, estampa por emissão do padre N. Brega, e publicada pela primeira vez no tomo V, pg. 214, da *Rev. do Inst. Hist. e Geog. Bras.*, e posteriormente, nos *Cartas Avulsas do Jesuíta*, 1087, pgs. 82-89 (2.ª edição, 1931, pgs. 160-178).

A estas seguiram-se nesse século muitas outras penetrações em busca de minas. Eis as principaes:

A do Vazx Rodrigues Caldas, em 1561 (governo de Mem de Sa), que seguiu, segundo Capistrano, pelo valle do Patogaçu até umas 70 ou 80 leguas do Rio do. Dessa entrada temos conhecimento por uma carta do padre Leonardo Valle, que o acompanhara. Data da Bahia, 26 de junho de 1562 (*Cartas avulsas* ed. da Acad., 1931, pgs. 245-270).

A do Martim Cavalho, a que se refere o primeiro historiador do Brasil (Candau, *Tentado da Terra do Brasil*, cop. IX, pg. 59 da ed. de Acari), o que, segundo Calógeras (*As Minas do Brasil e sua reginação*, 1, 319), teve lugar em 1567 ou 68, com 50 ou 60 companheiros e 100 indios auxiliares, durante a exploração oito meses, percorrendo 220 leguas. Sem successo. Já melhor orientado "na zona do Inca" sendo as pedras verdes foram mais tarde exploradas, iniciou-se por o Jequitinhonha, seguindo esse rio até as raras das serras de cristal muito bono, talvez dos indios da terra do Tocantins; e acabaram as terras auríferas de Minas Novas; vagaramos pela região serrana, onde se ligam as lagoas dos afluentes do Jequitinhonha e dos rios Ince, Mucury e S. Matheus, e, finalmente, após sul indigo, veio em o gentio e praxões do lado a guerra, desceira por este último, mas de e por raras originaes tem a. Logo nome de Cricará. Esta longa viagem seria uns 1.100 ou 1.200 kms.,

pois o mais ou menos as 200 leguas de que falia o roteiro (Calógeras, *op. cit.*, I, pgs. 379-80)".

A de Sebastião Fernandes Tourinho, parente de Pero do Campo, doutor de Porto Seguro, da qual faz menção Gabriel Soares do Sousa (*Tratado Descritivo do Brasil em 1587*, capítulos XXXIII e XL da 1.^a parte). Do que escreveu Basílio de Magalhães, buscando-se nos estudos de Capricornio de Abreu, *Orville Derby e Família Calógeras, Tourinho*, saindo de Porto Seguro, "entrao pelo S. Matheus e, seguindo um effluvio meridional deste, varen depois por terra até a lagoa de Juparacatã; marchando a rio Doce, inclinam-se então para nordeste, para as lhas de Itambá ou da Diamantina, voltando em seguida para leste, até encontrar de novo o Saginhy, e, seguindo rumo do norte, chegam talvez até o Itomazandiba, onde, buscando o Jequitinhonha, por este descem em ziguezags até o Oceano. Dêra a expedição com as pedras caradas, existentes nas terras interiores, e o seu éxito já não prometter por esse aspecto, determinou o governador Luiz de Brito e Almeida a promover a retirada definitiva seguinte, confiada a Antonio Dias Adorno (Das. do Mar., *op. cit.*, pg. 43)".

Esta expedição, cujo chefe era filho de Paulo Adorno e Isabel da Dias, neto do Cacamarú, portanto, compunha-se, segundo Gabriel Soares (caps. XXXVIII e XL do *Tratado*, 1.^a parte), de 500 pessoas (150 portuguezes e 400 índios) e della partirem juntos, e a viagem foi iniciada em fevereiro de 1574. Segundo Calógeras, sahio pelo rio da Caravelhas, ganhou a valle do Mucury, foi buscar as vertentes do Arassuahy, onde encontrou as siguras deixadas por Tourinho, e emittiu de mineras preciosas. Nas colleccoes da ultima rio a expedição scholuiu-se. Parte della voltou pela Jequitinhonha, descendo-a em canoas; Adorno, com a restia do baulm transformou a exploração exploradora em caçadora de Indias, tomou a rumo do norte, donde regressou para o litoral com 1.000 indigenas captivos, fazendo com esse schulo um percurso de 200 leguas (*op. cit.*, I, 389-390).

Das expedições, a de Sebastião Alvarez e a de João Coelho de Sousa: a primeira em se referir o autor do *Tratado Descritivo*, cap. XX; da primeira faz igualmente menção Fr. Vitor do Salvador (*Historia do Brasil*, liv. III, cap. XX); estas entre las impetraram a do senhor do erguia de Jequiêzã, o proprio cronista Gabriel Soares, irmão de João Coelho de Sousa, o qual, conseguindo aquellas régias, pôz-as á sua disposição por D. Francisco de Sousa, 7.^o governador geral, subiu o S. Francisco com numerosa comitiva, tendo levantado um forte na serra do Carú, em obediencia á provisào real. Nova fortaleza foi erguida 50 leguas allante, já nas colleccoes da Paraguaguá, nas proximidades do ponto onde poucos annos antes chegaram os Indios. Alí morreu Soares. Em vista do fallecimento do chefe e da recesso de referer por parte de D. Francisco de Sousa, a expedição retrocedeu até o commando da Jolla do Ceito, apoderando-se dos roteiros e governador, que depois requzreu, e obteve, os mesmos privilegios e concessões outorgadas a Soares, além de exploral-os como particular "apenas largassa" o governo. A expedição de Soares verificou-se em maio de 1592. A respeito de se fundeitaro, cujos ossos foram indubiosados em S. Bento, na Bahia, extendese bastante fr. Vicente do Salvador (*op. cit.*, 2.^a ed., pgs. 350-353). Varnhagen, em 1858 offereceu ao Instituto Historico uma memoria intitulada *Gabriel Soares de Sousa*, acompanhada de documentos inéditos, a que se dá impresso no tom. XXI da *Revista*, pgs. 455-60.

Estas foram as principais expedições do século XVI tendo por origem a Bahia. Ficou por erguê, deizanda de lado a nefandosa expedição de Brichlor Dias Marcyro, descendente do Cacamarú, em busca de prata. Segui nesta underação para posse o estreito trabalho do sr. Basílio de Magalhães, ao qual jomeia se poderão fazer necasias enomias.

que lugares fizera essas descobertas, foi atirado a uma prisão, e nella terminou seus dias (45).

Alguns annos se passaram quando *Fernão Dias Paes* solieitou e obteve a permissão de fazer entradas á sua custa, para encontrar as minas descobertas por Azevedo. Era preciso penetrar em uma região erizada de montanhas, coberta de florestas gigantescas, habitada por tribus barbaras. Uma empresa de tal porte parecia exigir todo o vigor da mocidade, e foi um ancião de oitenta annos (45-a) que ousou concebê-la e soube executá-la; pois essa era a idade de *Fernão Dias*. Esse homem extraordinario explorou grande parte da immensa região que forma actualmente a provincia das Minas Geraes; abriu caminhos, formou numerosos estabelecimentos; mas não descobriu minas, e, após tantas fadigas e trabalhos, morreu abandonado pelos seus (45-b) no meio de um deserto.

(45) Segundo Casal (*Corog. Bras.*, I, pag. 526), SEBASTIÃO TOURINHO, do Porto Seguro, já tinha, no anno de 1573, subido o Rio Doce, e voltára pelo *Jequitinhonha*. No re-umo historico que aqui deu, dá-me por *Somhey* e *Pizarro*, escriptores que me pareceram merecer muita confiança.

"A morte de Azevedo na prisão é uma lenda que não encontra fundamentos que a abonem; não é nada verisimil, visto que os reis de Portugal não crão sãbe africanos nem despachos violentos para proceder tão tyrannicamente e com tanto desprezo pela dignidade humana de seus súbditos. Terrei occasião, no decurso de minhas annotações, de referir-me ao processo despotico da época colonial, adduzindo numerosas exemplos da limitação da auctoridade dos governos."

Quanto á expedição de Tourinho, vide a nota (44-b), N. do T."

(45-a) Quando *Fernão Dias Paes* se dispoz para a jornada, levando seu filho legitimo *Carlo Rodrigues Paes*, o bastardo nomeado *José Dias Paes*, seu successor no commando *Mathias Cardoso* d'Almeida, e muitos mais parentes, amigos, e amigos, e numerosos indios Guayana, já esthellidos, contava mais de sessenta annos de idade, mas era oitenta, como exaggerando se disse, pois que nasceu em 1520. A carta em que se lhe determinava que partisse quanto antes á de 20 de outubro da 1673 (*Documentos Historicos da Bibl. Nacional*, VI, pag. 201-204), escripta pelo governador geral *Afonso Furtado de Castro* do Rio de Mendonça. Deu inicio á entrada em 1674. Vide *Tournoy, Hist. Geral das Bandeias Paulistas*, VI, 65-68, e *Indust. Ocul. Paulista*, pag. 49.

(45-b) *Fernão Dias Paes* morreu no lugar denominado *S. midouro*, perto do Rio dos Velhos, depois de uma longa peregrinação, em que e soffera numerosas rugas e ardores, e ao voltar trazendo, finalmente, amostras das sublimissimas pedras verdes que supponha existencia, no anno de 1681, abandonado por parte de seus companheiros, á verdade, mas não pelo filho *Jedinho Garcia Rodrigues Paes*, e o genro *Manoel do Porto Coio*, que de S. Paulo dirigára chegando nova bandeira. Seus despojos

Foi *Rodrigues Arzão*, natural de *Taubaté*, o que primeiro descobriu ouro na província de Minas Geraes (45-c). Tinha subido o Rio Doce; penetrára nos desertos de *Cuyaté*, e, quando voltou, no anno de 1695, apresentou tres oitavas de ouro á municipalidade (*camara*) da villa capital da provincia do Espirito-Santo.

Em breve bandos de Paulistas deixaram sua patria para irem em procura de ouro; e como se encontrava esse metal, por assim dizer, por todos os lados, deu-se á região o nome de *Minas Geraes*, que significa uma longa sequencia de minas. Foi fundada então *Villa Rica*, ainda ha pouco tão florecente; viram-se elevar, quasi ao mesmo tempo, as villas de *Marianna*, *Sabarã* (45-d), *Caeté* (45-e), *S. João del Rey* (45-f), *S. José* (45-g); e, pela mesma época se descobriram as minas do *Serro do Frio*...

fornecido de accordo com a vontade expressa ao Filho pouco a tea de morrer, trabalhando tranquilamente para S. Paulo, numo viagem que durou muitos dias, sendo o corpo certa vez cahido num rio, em virtude de se ter emboscado a caçom em que ia, e abandonado sob a altar-mór da Igreja de S. Bruto, da qual fizo grande beinfectur. A 30 de Dezembro de 1601 já se achava, segundo o claro depoimento do abade Fr. Francisco da Conceição (V. Taunoy, *Historia Geral das Bandeiras Paulistas*, VI, 118).

(45-c) Essa descoberta fez-se no anno de 1695. Das amostras que levou cunharam-se medallhas para o governador e para a bandeirante, que com a sua regressão a Taubaté, sua patria, onde pouco depois falleceu. (J. Hilbeiro, *Historia do Brasil*, 1928, 207). Quem apresentou, porém, officialmente o ouro de Minas Geraes ao Governador do Rio de Janeiro Antonio Pires de Saude, foi seu esbado Bartholomeu Bueno de Goyuzias, o velho, que para esse missão serviu-se de Carlos Pedroso da Silveira. Esse meta', em quantidade exigua (12 oitavas), foi colhido nas proximidades de Villa Rica (*Idem*, 221-223).

(45-d) Sabarã constituiu-se pelas primeiras levas de exploradores de ouro em 1699; a 1.^o de julho de 1711 foi elevada a villa pelo Governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, e confirmada a elevação por ordem régia firmada a 31 de outubro de 1712. Vide *Geographia Historica da Capitania do Minas Gerais*, de José Joaquim Roello, vol. IX das *Publicações do Arquivo Nacional*, pg. 25.

(45-e) O territorio da Caeté, cujo nome herdou a Villa Nova da Rainha, foi descoberto pelo sargento-mór Lourenço Nardes, paulista, e suas filhas Guacera, natural de Santos. Elevou-a a Villa, em 29 de janeiro de 1714, o governador D. Brás Balthazar da Silveira. (Vide *Fundamento Historico do poema Villa Rica de Claudio Manoel da Costa*, in *Obras Poeticas* deste, ed. Garcia, tomo II, pg. 161).

(45-f) Descolheu seu territorio por João de Siqueira Affonso, natural da Taubaté, foi esta villa elevada a villa por D. Pedro de Almeida, conde de Assumar, em 12 de janeiro de 1718 (*op. e loc. cit.*).

(45-g) Esta villa, situada ao nascente da anterior, eldeve o nome do *Tiradentes*, cujo nome tem originamente, foi elevada a aquella categoria, tambem por D. Pedro de Albuquerque, em igual data (19 de janeiro de 1718).

Entrementes chegavam bandos de aventureiros de todas as partes. A desordem se introduziu com a sua chegada; todas as paixões pareciam desencadeadas, e dois partidos se formaram: o dos Paulistas que se julgavam os legítimos senhores das minas, e o partido dos estrangeiros ou *Forasteiros*, que os primeiros, por injúria, chamavam *Embuabas* (46). Teve lugar um combate perto do *Rio das Mortes* (46-a); os Paulistas foram ali vencidos e

(46) Esse nome é o de uma certa ave que tem as pernas cobertas de penas, e fôra dado nos Europeus porque elles traziam botas ou calções. O nome de *embuaba* se conservou até hoje na provincia do São Paulo.

"A significação da palavra *Embuaba* é assumpto muito controvertido; parece, porém, que embora tendo raizes na lingua geral, a palavra não era empregada pelos aborígenes do Brasil, e sim, pelos paulistas unicamente, entre os quaes o *tupy* era lingua corrente; assignava simplesmente o *inimigo*, ou antes, o *forasteiro*, varão do outras terras, como opina Baptista Coetane do Almeida Nogueira. A quem o assumpto interessar aconselho a leitura da excellente monographia de J. Soares de Mello, *Embuabas, chronica de uma reacção paulista*, S. Paulo, 1929, em que a matéria é ampliamen te estendida de paginas 173 a 205, trecho que comprehende toda o cap.º 111. N. do T."

(46-a) O combate deu-se num lugar que conservou por muito tempo o nome do *Capão do Tranção*, em vista do procedimento infame que teve para com seus adversarios paulistas Bento do Amaral Coutinho, um typo de tirado, fregado nos Minas por causa de seus crimes, commandando da um trecho de *embuabas* no combate, se assim podemos chamar, do *Rio das Mortes*. Cercados os paulistas, que estavam dentro do *Capão*, occupado em caçar, foram intimados a render-se, o que fizeram, após ligeiras escaramuzas, com ganancia de vida por parte de Bento do Amaral. Confiados na palavra deste, foram sahindo da seu reducto a entregando as armas. Quando já se tinham disposto viram-se acometidos por ordem do Coutinho, e, na impossibilidade de se defenderem, foram passados pelas armas. O proprio Rocha Pitta, pouco sympathico aos paulistas, verbete o procedimento infame do Amaral Coutinho (*Historia da America Portuguesa*, liv. IX, §§ 29 a 31). Alguns historisdores, mesmo recentes, entre os quaes Janalhua Serrano (*Historia do Brasil*, Herguier, editor, 1933, pag. 234-235) fallam de um Bento do Amaral, o que ora acrescentam o appellido do *do Gorge*, era o de Coutinho, como tendo tomado parte sahente a reacção contra o corsario francez Duclere (que atacou o *Rio de Janeiro* em 1710), o frente de um grupo de estudantes; mas nem Rocha Pitta, escriptor contemporaneo, o qual, embora escripto, deveria ter seu inferno a respeito do nome e persona, nem o folheto impresso anonymamente em 1711 com o titulo de *Relação da victoria que os portuguezes obtiveram no Rio de Janeiro contra os francezes em 19 do Setembro do 1710*, (reimpresso na *Rev. do Inst. Hist.*, XXIII, 412-422) mencionam individuo algum com tal nome tomando parte nessa lucta. Mousenhor Pizarro, todavia, refere-se a Bento do Amaral Gorge Coutinho nas *Memorias Historicas*, (I, 4-58), como tendo combalido bravamente contra o gente de Duclere, com seu corpo de estudantes postado na Lagoa da Sentinella, o contra a do Dugray-Trouin, morrendo na lucta, mas não apresenta provas quanto á parte tomada na primeira acção. Quanto a segunda, porém, existe documentação nova autentica, attestando os feitos de Bento do Amaral, publicados por este historisdores: a *atenuia perpetua* na *Livro dos Mortos do Freguesia*

os Forasteiros deram a seu chefe Manoel Nunes Vianna o título de governador de sua provincia.

D. Fernando Martins Mascarenhas, capitão general, do Rio de Janeiro, se apresentou para fazer entrar os revoltados no caminho do dever; mas, em lugar de se submeterem, forçaram-no a se retirar. Mais habil ou mais feliz do que elle, Antonio de Albuquerque pacificou o paiz; os rebeldes obtiveram seu perdão, mas Vianna foi lançado ás prisões da Bahia e ali terminou os dias (46-b).

Até então a provincia de São Paulo e a das Minas tinham feito parte da capitania do Rio de Janeiro. Sentiu-se enfim que um só homem não podia administrar tão vastas regiões, e, por um decreto de 9 de Novembro de 1709, São Paulo e o districto das Minas tornaram-se conjunctamente uma capitania independente (46-c). Onze

de Sô, ns. 85, (*Mem.*, I, 52-53) e a *Conta que deu o Senão do Rio de Janeiro a El-Rei em 28 de Novembro de 1711* (*idem*, pgs. 75-95). Neste ultimo documento, porém, não consta que Continho Janna's commandante estudantes, e sim, "cento e cincoenta homens que sustentava á sua custa (*op. cit.*, pg. 80)".

Porém, não, pois, cetera privado, que Bento do Amaral Coutinho, ou do Amaral Gurgel Coutinho, ao lá que nome tenho, só entou em lucta com os senões do Duquay-Franco, uncerendo em combate, e que janais emmenhou estudantes, não só porque não a respeito cousto entre os documentis contemporaneos, como porque os estudantes a esse tempo existentes no Rio de Janeiro eram creanças tucando *lites* no collegia dos Jesuitas. Talvez a confusão tenha vindo da facto de que frei Francisco de Meneses, frade trinitario muito ligado a Bento do Amaral, emmenhou um grupo de estudantes contra Duclerc, estudantes parca, que, com cetera, seriam socios de ordens religiosas.

(46-b) Para tribulo, Vianna submetteu-se a Antonio de Albuquerque Coelho do Carvalho, com quem se mistou em Cohetô. Sentindo-se repellido pelos seus, retirou-se para uma de suas fazendas, a do Jequitibá, ás margens do S. Francisco (Santos de Mello, *Embalsão, S. Paulo, 1929*, pg. 131). Viveu aliás bastante tempo, pois que, em 1729, escreveu a primeira edição do *Peregrino do America do Nump* Marquês Pereira, que lhe utilisara esse livro em 23 de Junho de 1725. Deusa supplica, impressa no livro, parece deduzir-se que Manuel Nunes Vianna era muito emolter e generoso para com os reinos necessitados.

(46-c) Foram governadores durante esse periodo:

1.º) Antonio de Albuquerque Coelho do Carvalho, nomeado por carta régia do 9 de Novembro de 1599; tomou posse a 18 de Junho de 1710; governou até 7 de Junho de 1713.

2.º) D. Braz Balthazar de Silveira tomou posse a 31 de Agosto de 1713; governou até 4 de setembro de 1717.

3.º) D. Pedro do Alencão, Conde de Assucar, nomeado a 26 de Fevereiro de 1717; tomou posse a 4 de setembro desse anno, e governou até 18 de agosto de 1721 (Vida Yarnhogen, *História Geral do Brasil*, 1.ª edição, V, 356).

anos mais tarde o governo julgou, em seguida a algumas revoltas, que nova divisão era necessaria, e, desde essa época a região das Minas, erigida em capitania, teve sempre governo separado. Seu primeiro capitão general, *D. Lourenço de Almeida*, tomou posse do cargo em 1721, e quatorze governadores se succederam (46-d) até a revolução que separou o Brasil de Portugal.

(46-d) Minas Geraes foi constituida capitania independente da S. Paulo por alvará de 2 de Dezembro de 1720.

Foram os seguintes, os quatorze governadores durante o periodo colonial:

1.º) *D. Lourenço de Almeida*, de 18 de agosto de 1721 a 1.º de setembro de 1732;

2.º) *André de Mello e Castro*, conde das Calveas, 1.º de setembro de 1732 a 26 de Março de 1735;

3.º) *Gomes Freira de Andrade*, posteriormente conde de Bobadella, 26 de março de 1735 a 1.º de janeiro de 1763, quando falleceu, com interinidades de *Martinho de Mendonça da Pina e Pruença*, 15 de maio de 1736 a 26 de dezembro de 1737, *José Antonio Freira de Andrade*, seu irmão, de 17 de fevereiro de 1752 a 23 de abril de 1753; e depois da morte de Bobadella, o mesmo triumphante qua regou interinamente o Rio de Janeiro, 1.º de janeiro de 1763 a 16 de outubro de 1763; e o vice-rei *Cande da Cunha*, de 16 outubro de 1763 a 29 de dezembro deste mesmo anno;

4.º) *Luiz Lobo da Silva*, de 23 de dezembro de 1763 a 16 de julho de 1768;

5.º) *D. José Luiz de Menezes Abrantes de Castello Branco*, conde de Valladeres, de 16 de julho de 1768 a 22 de maio de 1773;

6.º) *Antonio Cortes Furtado de Mendonça*, de 22 de maio de 1773 a 13 de janeiro de 1775; com interinidade do coronel *Pedro Antonio da Gama Freitas* (24 de dezembro de 1774 a 29 de maio de 1775);

7.º) *D. Antonio de Naranha*, de 29 de maio de 1775 a 29 de fevereiro de 1780;

8.º) *D. Rodrigo José de Menezes e Castro*, depois conde de Cavalleres, de 29 de fevereiro de 1780 a 16 de outubro de 1781;

9.º) *Luiz da Cunha e Menezes*, de 16 de outubro de 1781 a 11 de julho de 1789;

10.º) *Luiz Antonio Furtado de Mendonça*, visconde de Beirão, de 11 de julho de 1789 a 9 de agosto de 1791;

11.º) *Bernardo José de Lencina*, de 9 de agosto de 1791 a 21 de julho de 1803;

12.º) *Pedro Maria Xavier de Mello* tomou posse a 21 de julho de 1803, mas *D. Fr. Cyriano da S. Iná*, bispo de Maranhão, ficou governando interinamente a capitania até 5 de fevereiro de 1810, quando deu posse a

13.º) *D. Francisco da Assis Mascarenhas*, conde de Palma, que governou de 5 de fevereiro de 1810 a 11 de abril de 1814;

14.º) *D. Manuel Francisco Zacharias de Portugal e Castro*, de 11 de abril de 1814 a 21 de setembro de 1821, com interinidade do escriptor *Antonio José de Araújo Gondim* e brigadeiro *Juão Carlos Xavier da Silva Ferrão*, 23 de janeiro de 1817 a 22 de abril de 1817; a este governador, o ultimo dos tempos da realty absoluta, succedeu a junta do governo provisoria elicta a 20 de setembro de 1821, a quo

A provincia de Minas Geraes está situada entre os 13° e 23° 27' lat. S., e entre os 328° e 336° longitude. É limitada ao norte pelas provincias de Pernambuco e Bahia; ao levante pela do Espirito-Santo; ao sul pelas de Rio de Janeiro e São-Paulo, e, enfim, ao occidente, pela de Goyaz. O *Rio Carinhonha*, que se lança no S. Francisco, separa-a da provincia de Pernambuco, e o *Rio Verde* da de Bahia. É a *Ilha da Esperança*, situada no *Rio Doce*, que forma o limite das provincias do Espirito Santo e Minas. Esta ultima, enfim, é separada da do Rio de Janeiro pelo *Parahyba*, o *Rio Preto* e o *Parahybuna*, da provincia de São Paulo pela *Serra de Mogiguassú* e da Mantiqueira, e da provincia de Goyaz pelas montanhas chamadas *Serras da Parida, dos Cristaes e da Tabatinga* (47).

A provincia das Minas apresenta approximadamente a forma de um quadrilatero. Como já tive occasião de dizel-o, é ella dividida em porções muito desiguaes por uma longa cadeia de montanhas que se estende do sul ao norte, e são mattas que cobrem o lado oriental, enquanto que a parte occidental não apresenta, geralmente, senão pastagens. Esta ultima é ella propria dividida, em quasi todo o comprimento, pelo Rio S. Francisco, rio magestoso, navegavel em immensa extensão. Outros rios, o *Rio Doce*, o *Jequitinhonha* e o *Rio Grande*, offerecerão um dia os mais uteis meios de transporte á provincia das Minas, que ó ainda regada por uma multidão inerivel de rios e regatos. Não só essa provincia é rica por seus diamantes e pedras preciosas, minas de ouro, ferro, chumbo, etc., como tam-

tomou parte no dia immediato, composta da propria ex-governaluz, como presidente, Dr. José Teixeira da Fonseca Vasconcellos, depois vice-rei do Cabellé, vice-presidente; Dr. João José Lopes Mendes Ribeiro, secretario; militares coronel Antonio Thomas da Figueiredo Neves, Dr. José Theotônio Alencar de Oliveira Maciel, tenente-coronel Venuciano Lopes de Alencar, coronel José Ferreira Pedreira, Joaquim José Lopes Mendes Ribeiro, capitão-mór José Bento Soares, Dr. Manoel Ignacio de Mello e Souza, depois barão do Fozal, e o padre José Bento F. de Perceles de Mello. O presidente logo depois da empusada, retirou-se para o Rio de Janeiro. Embora muito estinado pela Minicuz, que governára com justiça e acerto, não adheriu á Independencia, preferindo conservar-se em talão portuguez.

bem pelas suas gordas pastagens, bellas florestas e fertil territorio, que, segundo os lugares e altitudes, pode produzir a vinha, o assucar e o café; o canhamo e o algodão; a mandioca, o trigo e o centeio; mangas, pceegos, figos e bananas. Si existe alguma região que possa dispensar o resto do mundo, será certamente a provincia das Minas, quando seus innumerados recursos forem explorados por uma população mais densa.

A que hoje em dia (1817 a 1818) se dissemina por este vasto territorio, não se eleva a mais de 500.000 individuos (48), o que dá a media de 10 para cada legua quadrada; e, assim, a população da provincia das Minas é, por legua quadrada, cerca de 110 vezes menor que a da França. A metade dessa população se compõe de escravos; os mulatos livres ou privados de liberdade constituem quasi um terço; os negros livres ou escravos cerca de dois quintos, e os brancos pouco menos da quarta parte (49).

A provincia das Minas foi dividida em cinco *comarcas*, ao sul as de *Rio das Mortes* e de *Villa Rica*, e leste a do

(48) Segundo Pizarro, a população de Minas Geraes se elevava, em 1776, a 319,769 individuos. Em 1808, montava, segundo d'Eschwege, a 433,049. Em 1813 o numero dos communicantes da diocèse da Marianna subia, segundo o *Patriota* citado por Southey, a 425,281, e esta diocèse contem, diz a historiciador inglez, dois terços da população da provincia. O *Correio Brasiliense*, provavelmente mais exacto, não elevava este numero a mais de 390,685 para o anno de 1816 (Southey). Pizarro diz que, exceptuando a população de Minas Novas, orçada por elle em 27,000 individuos, a de Minas Geraes attingia, em 1817, a 397,685. Martius e Spix, finalmente, indicam os algarismos de 621,885 almas como o da população no anno do 1820, e se encontram os mesmos algarismos na obra de Pizarro. Si, pois, esta ultima avaliação e a do anno de 1776 são exactas, resulta que em um lapso de quarenta e quatro annos, a população da provincia das Minas dohrrou quarei.

(49) Sigo aqui as proporções indicadas pelo sr. d'Eschwege; mas si ellas apresentau alguma inexactidão, deverá ser no numero do mulatos e negros escravos, numero que os proprietarios são, indubitavelmente, mais levados a diminuir do que a augmentar.

Serro do Frio, ao meio a de *Sabará*, e, a oeste, a de *Paracatú*. Essas cinco divisões têm entre si limites, geralmente, bem naturaes; mas com algumas ligeiras mudanças ter-se-ia tornado as circumscripções mais naturaes ainda. Para tal teria sido sufficiente acrescentar á *comarca* de *Villa Rica*, menor que todas as outras, as porções das de *Sabará* e *Rio das Mortes* que se acham a leste da grande cadeia; e de destacar para annexa-a á de *Sabará*, a parte da *comarca* do *Serro Frio* situada ao occidente das montanhas. Deste modo, teriamos geralmente, na *comarca* do *Rio das Mortes*, pastagens descobertas, e uma população agricola e pastoril; na *comarca* de *Villa Rica*, uma região florestal e aurifera; na do *Serro do Frio*, florestas ainda e uma população menos composta de mineiros do que de homens dedicados á cultura das terras. A *comarca* de *Sabará* offereceria, geralmente, pastagens semeadas de arvores pouco desenvolvidas, uma população occupada com o pastoreio, mas que não sabe ter com o gado cuidados tão racionalizados como os lavradores do *Rio das Mortes*. A *comarca* do *Paracatú*, continuando tal qual é actualmente, acha-se comprehendida em limites perfeitamente naturaes; constitue uma zona cuja população é bastante analoga áquella com que limita pelo lado do oriente; os homens que a habitam, porém, menos numerosos e mais isolados que os restantes habitantes da provincia, estão mais afastados ainda dos progressos da civilisação.

Passando da provincia de *Rio de Janeiro* para a de *Minas Geraes*, encontramos-nos no territorio da *comarca* do *Rio das Mortes* que se comprehende entre os 19°, 30' e 23°, 35' lat. S., e os 328° e 334°, 5' de long.; tem por sede *S. João del Rey*, e se subdivide em oito termos, os de *S. João del Rey*, de *Jaculy*, de *Baependy*, de *Villa da Campanha*, de *Barbacena*, de *Queluz*, de *S. José* e de *Tamanduá*.

A paisagem que se apresenta aos olhos do viajante quando este entra na *comarca* do *Rio das Mortes* ás mar-

gens do Parahybua, tem algo que impressiona por um mixto de desordem e regularidade selvagem. Por toda a parte o rio é dominado por montanhas elevadas; como elle descreve uma volta antes de chegar ao *registro*, não se vislumbra por esse lado mais que uma pequena parte do seu curso, e dá a impressão de que todo elle começa na base de uma montanha mais alta que as outras, e cujo cume absolutamente nú contrasta com a vegetação vigorosa dos morros vizinhos. À direita do rio encontram-se algumas casas cobertas de sapé; uma pequena capella foi construída á beira do rio, e bem proximo se vê uma casa de um só andar e que annuncia a abundancia do proprietario. Do outro lado do rio, e em frente a essa casa, está situada a do *registro*, que é muito baixa, approximadamente quadrada, e cujo tecto, muito pouco inclinado, e coberto de telhas, se prolonga sobre uma galeria (*varanda*). Dois morros mais ou menos semelhantes se elevam por traz do *registro*, e, encontrando-se na base, afastam-se progressivamente um do outro até o apice. Um terceiro morro, situado atraz dos primeiros, dissimula o intervallo que existe entre elles e, descrevendo uma curva, forma uma especie de semi-circulo de que os outros dois morros seriam os degraus de accesso. O cume dessas montanhas é coroado de mattas virgens, e em suas encostas se estendem bosques vigorosos (*capoeiras*); trez ou quatro choças levantadas aqui e alli pelo meio dos macissos de arvoredo dão vida ao conjunto, e uma dellas, erguida ao meio do monte que apresenta a forma de semi-circulo, contribue para a regularidade do panorama.

O sr. Hdefonso nos apresentou a um proprietario que elle conhecia; mas recbeu-nos com tanta frieza, que manifestei a meu companheiro de viagem o desejo de me retirar para o rancho. O sr. Hdefonso disse-me que se ia explicar francamente com o nosso hospedeiro; voltou dentro de pouco tempo assegurando-nos que podiamos agora

contar com melhor acolhida, e effectivamente fomos tratados, durante todo o resto do dia, da maneira mais atenciosa. Alguns annos antes, um habitante desse districto recebera em sua casa um estrangeiro, que, de volta á Europa, o tinha ridicularisado na relação de sua viagem; nosso hospedador temera que, sendo nós tambem estrangeiros, nos conduzissemos da mesma maneira a seu respeito, e não pudera esconder a desconfiança que lhe inspiráramos. É' assim que mais de uma vez o viajante cortez paga pelas culpas dos que o precederam, e talvez por isso hoje em dia se evitem os estrangeiros, mesmo nos lugares ainda ha pouco gabados por sua hospitalidade (50).

Atravessamos o Parahybuna sobre uma balsa semelhante á existente no Parahyba, e, chegados á margem esquerda do *registro*, apresentamos nossos passaportes ao commandante do *registro*, que nos recebeu com polidez.

Examinam-se os passaportes no *registro* do Parahybuna com mais severidade do que nas margens do Parahyba, e para se certifiarem de que os que vêm da provincia de Minas Geraes não trazem consigo ouro em pó ou diamantes, revistam-se as bagagens e malas, que já o tinham sido mais além, no lugar denominado *Rocinha de Simão Pereira*. Paga-se 640 réis (4 fr.) pelo visto de cada passaporte; paga-se, além disso, pela passagem dos dois rios, 460 réis (pouco menos de 3 fr.) por burro, e 250 réis (2 fr., 60 c. approx.) por individuo livre ou escravo; finalmente, os que conduzem para as Minas escravos recentemente adquiridos, são obrigados a pagar um imposto de 5\$400 réis (33 fr., 75 c.), por cabeça. As pessoas que vão da provincia de Minas ao Rio de Janeiro com barras de ouro tambem são obrigadas a fazer a declaração no

(50) Vide, por exemplo, o que relata *Macartney* acerca da recepção que teve no Rio de Janeiro, antes dos Portuguezes da Europa, hi se terem refugiado.

registro do Parahybuna. Dá-se-lhes um certificado do valor dos lingotes que exportam, e, como não podem vendel-os a nenhum particular, e têm que permutal-as na casa da moeda do Rio de Janeiro, é necessario, na volta, apresentar um recibo desta repartição perfeitamente de accordo com o primeiro certificado.

São funcionarios civis os que recebem os direitos: a retribuição paga pelos vistos nos passaportes lhes pertencem; o pedagio, porém, faz parte da receita da provincia do Rio de Janeiro, e, por esse motivo, o destacamento militar acantonado no *registro* foi constituido por veteranos tirados dos diversos regimentos da provincia (51). Assim, embora a margem esquerda do Parahybuna pertença á provincia de Minas Geraes e á parochia de *Simão Pereira*, que já depende do bispado de Marianna, o *registro* faz ainda parte da parochia do Parahyba.

Como tanto o sr. Langsdorff como eu fossemos portadores de passaportes regios, assignados pelo ministro de Estado, os empregados do *registro* nada exigiram de nós, e o sr. Ildfonso foi comprehendido no mesmo favor.

Mal tinhamos deixado o Parahybuna, quando dois homens correndo a bom correr me perguntaram pelo sr. Langsdorff que tomára a dianteira. Em breve o alcançaram, e vimo-lo de longe entre esses dois homens que tinham tirado a sobrecasaca e a viravam em todos os sentidos. O sr. Ildfonso e eu julgamos que os empregados do *registro* se tivessem arrependido de nos deixarem passar tão facilmente, e estiveessem tomando o sr. Langsdorff por um homem suspeito. Tudo, todavia, se explicou em breve: os dois homens eram alfaiates, que, querendo cortar um traje á franceza, tomavam por modelo uma sobre-

(51) O commandante d'este destacamento não tem, tampouco, o titulo de *superintendente* que lhe foi dado por um viajante, assim como o do Parahyba não tem o de *governador*.

casaca sahida das mãos de um máu official do Rio de Janeiro, e a mais mal feita, que eu já vi.

O primeiro lugar habitado que se encontra depois do *Parahybuna* é *Rocinha da Negra*, onde se vê um *ranchão* e uma *renda* construidas em um valle á margem de um regato (52). Pouco mais ao longe passa-se deante de uma choça deaominada *Trez Irmãos*, e em breve se chega á povoação de *Vargem*, localizada em um amplo valle rodeado de morros. O nome de *vargem*, synonimo da palavra portugueza *varzea*, se applica geralmente a essas especies de planicies humidas e rodeadas de elevações que são bastante communs nas partes montanhosas do Brasil, e differem um pouco do resto do paiz pela vegetação (53).

A cerca de duas leguas e meia do *Parahybuna* se encontra *Rocinha de Sinão Pereira*, o primeiro lugar em que se revistam os viajantes que vêm das Minas. Fazem-se abrir as malas; enfiam-se sondas de ferro nos saccoes de milho e nos rolos de tecido de algodão, que constituem um ramo de commercio tão importante para a provincia das Minas; mas, em geral, as revistas não são extremamente rigorosas, a menos que o viajante não tenha sido secretamente denunciado como contrabandista. Não existe, aliás, uma unica pessoa que não sinta que esta dupla investigação a respeito de diamantes e ouro é apenas uma formalidade vexatoria; pois que esses objectos occupam tão pequeno volume que com alguma intelligencia sempre se poderá subtrahil-os á mais activa vigilancia. Até mesmo *tropeiros* não temiam offerecer-me ouro em pó na pro-

(52) Não existe ali povoação, como escrevem um viajante que troca o nome dessa localidade pelo de *Rocinhas do Negro*.

(53) Fomos recebidos, na habitação de *Vargem*, da maneira mais cordial. Um outro viajante tambem louvou bastante a hospitalidade com que foi recebido nesse lugar; porque procura, em seguida, villipendiar o character do seu hospedador? Pode-se continuar hospitaleiro depois de ter sido assim votado ao odio e ao ridiculo por um desconhecido a quem se procurou ser util?

pria occasião em que me examinavam as bagagens, e ninguém ignora que todos os annos os contrahandistas levam ao Rio de Janeiro ouro e diamantes em quantidade consideravel.

Os soldados acantonados em *Rocinha de Simão Pereira* pertencem ao regimento das Minas; fazem parte do destacamento do *registro de Mathias Barbosa*, situado um pouco mais longe, e são encarregados não só de revistar, como já tive occasião de dizer, os viajantes e suas bagagens, como ainda de patrulhar a estrada e suas immedições, sempre para impedir o contrahando (54).

No dia em que deixamos o Parahybuna, fomos pernoitar no *rancho de Simão Pereira*. Este nome é o do primeiro cultivador que se estabeleceu nesse local, e se dá actualmente a toda a parochia de que o Parahybuna forma os limites. Em geral as maiorias dos nomes de lugar que não são tirados da lingua dos Indios são os dos mais antigos proprietarios. Ia-se ás casas de *Simão Pereira*, *João Gomes*, *Antonio Moreira*, *Pedro Alves*, etc. Os individuos que assim se chamavam morreram; mas ficou o costume de ligar-se seus nomes ás respectivas habitações, e, embora mudando de dono, o nome do primeiro possuidor foi conservado (55).

Não ha maior povoação em *Simão Pereira* do que ás margens do Parahyba (56). A igreja, mais ou menos isolada, foi construida a pequena distancia do caminho, no meio de uma pequena plataforma, e por traz della se eleva um morro cujo cume está coroado de mattas virgens e a encosta, outrora cultivada, não apresenta mais que

(54) Parece que o posto do que aqui se trata não esteve sempre collocado na *Rocinha de Simão Pereira*. (Vide *ESCHW. Journ. von Bras.*, I, 94).

(55) A maioria dos nomes de quintas na *Beauce* e na *Normandie* não têm outra origem.

(56) É' eradamente, pois, que um viajante inglez situa nesse local uma povoação que é denominada *Simon Pre*.

arbustos. A parochia que depende dessa igreja se dilata por uma extensão de dez leguas portuguezas, desde o Parahybuna até a localidade chamada *Juiz de Fóra*. Antigamente apenas comprehendia o pequeno numero de casas situadas á margem do caminho; mas, desde a chegada do rei D. João VI ao Rio de Janeiro, recebeu um consideravel acrescimo de população. Mais de quatrocentos homens livres com outros tantos escravos ali vieram se estabelecer de diferentes partes da provincia das Minas, atraahidos pela fertilidade das terras, pelas vantagens que offereceo a vizinhança da capital, e a de não pagar nenhuma taxa, morando além do *registro* de Mathias Barbosa (57).

Este *registro* a que em pouco tempo chegamos, está situado a pequena distancia de Simão Pereira. Pesam-se ali sempre as mercadorias seccas que entram na provincia das Minas, e fazem-se pagar 1\$125 réis (9 fr. 55 c.) por arroba de 32 libras, qualquer que seja a natureza dos objectos e seu valor. Quanto aos direitos sobre os liquidos, percebem-se em razão do volume, e se existiu 1\$050 réis pelo barril de 8 *canudas*. Enfim, além desses direitos, faz-se pagar ainda, no *registro* de Mathias Barbosa, uma nova somma, a de 7\$800 réis por negro recentemente importado. A renda deste *registro* constitue parte con-

(57) Segundo Pizarro, a parochia de Simão Pereira faz parte do *termo* do *Barbucena*; comprehende mais de 2160 individuos, e é designada geralmente pelo nome de *Nossa Senhora da Gloria do Caminho Novo* ou do *N. S. da Conceição*. Simão Pereira, diz o mesmo autor, está situada por cerca de 21° 52' lat., a 45 leguas e meia do Marianna, e 35 e meia do Rio de Janeiro (*Mem. hist.*, vol. VIII, p. II, pag. 203). Pizarro acrescenta, além disso (pag. 235), que o *registro* de Mathias Barbosa faz parte da jurisdicção (*judgado*) de *Sa-tucny*. Temos que convir, si isso é verdade, que se trata de um en-crave bem singular; pois que, de um lado, a parochia de Simão Pe-reira não está comprehendida no numero das cinco que constituem essa jurisdicção; por outro, ella se estende até Juiz de Fóra, que esta situ-da a 6 leguas ao norte da séde da parochia, enquanto que o *registro* de Mathias Barbosa não dista mais que 1 legua e 1/4.

sideravel da receita da provincia das Minas, e se eleva annualmente a cerca de 90 ou 120 contos de réis (de 562,375 francos a 749,833).

Fazem o serviço do *registro* empregados civis e um destacamento militar. Os edificios occupados por essa repartição formam um quadrilatero alongado, e são construidos ao redor de um pateo bastante grande que corta a estrada. Não pertencem ao governo, mas a um proprietario que os aluga e reserva para si uma parte. Compreendem o alojamento do commandante (58), e dos funcionarios civis e dos soldados, uma grande peça completamente aberta para o lado do pateo, onde se pesam as mercadorias, e, finalmente, uma outra peça visinha da primeira, e tambem aberta, onde se faz a vistoria.

Nenhuma outra provincia está sujeita a impostos tão elevados como os que se pagam em Mathias Barbosa. Essa parte do Brasil passava pela mais rica; e era sobre ella que o jugo do regimen colonial deveria pesar mais. Desse modo não se contentaram em sujeitar seus productos a impostos, o que seria justo; exigiram-se de seus habitantes contribuições a que outras provincias não estavam obrigadas. Ha mais ainda: os mineradores faziam grande consumo de ferro; mas, embora caminhassem sobre montanhas que são quasi que completamente constituídas d'elle, foram condemnados a não empregar sinão ferramentas de procedencia portugueza, e, pela maneira por que se estabeleceram os direitos de Mathias Barbosa, o ferro foi, por motivo do seu peso e pequeno valor, uma das mercadorias que mais pagaram. Tudo isso era uma consequencia natural do systema administrativo adoptado para o Brasil antes da chegada do rei D. João VI, e, por consequente, não é de falta de senso commum que se deve

(58) O commandante de Mathias Barbosa não usa o titulo de *superintendente* que lhe foi dado por um viajante.

censurar aos que, anteriormente a esta época, exigiam impostos infinitamente mais elevados sobre o sal e o ferro do que sobre as joias, fitas e rendas. O que deve mais espantar, porém, é que após a emancipação do Brasil, quando se abriram seus portos aos estrangeiros, e quando não se devia pensar sinão em reparar os males engendrados pelo tal systema colonial, nada se tenha mudado quanto ao modo de perceber as taxas aduaneiras em Mathias Barbosa, e o peso das mercadorias continue a ser a unica regra dessas taxas. Como então foi permittido aos mineiros explorar o ferro de suas montanhas, podia-se, devia-se mesmo, conservar direitos elevados sobre o ferro estrangeiro, para forçar os consumidores a renunciar a seu uso. Ao mesmo tempo, desde que numerosos chefes de familia tinham renunciado á extração do ouro para se occuparem com a agricultura, devia-se encorajar a criação de gado, tão importante e rendosa; e visto que, em uma grande parte da provincia das Minas, o gado bovino não pode viver sem que se lhe dê sal, seria necessario supprimir qualquer imposto sobre um genero tão necessario e que a difficuldade dos transportes já contribue tanto para encarecer. Si, porém, a entrada dos Francezes em Lisboa, e o estabelecimento da côrte de Portugal no Rio de Janeiro exigiram que se emancipasse o Brasil e se deixasse de enviar seus habitantes para serem julgados ás margens do Tejo, não se foi mais longe. Ao systema monarchico que substituiu um despotismo cujo resultado era de exgotar e desunir, não se soube applicar instituições uniformes e monarchicas (59). O Brasil estava emancipado; como,

(59) D. Rodrigo, conde de Linhares, ministro do rei D. João VI, por occasião da chegada deste ao Brasil, tinha grandes idéias, e uma imaginação activa, mas não se occupou bastante do conjuncto; seus planos de minucias foram excessivamente largos relativamente aos meios de execução que estavam em seu poder; julgava, enfim, facilmente, que bastava conceber um plano para poder realizá-lo. Um homem de espirito caracterizava o typo do instrução desse ministro

porém, todas as minucias do regimen colonial subsistiram, não houve harmonia no conjuncto da administração, e dahi, como se verá allures, os terriveis perigos que ameaçaram por um instante o Brasil, e mesmo a maior parte dos embarços que encontrará por muito tempo o governo actual.

Sejam quaes forem, aliás, os direitos que se exigem sobre as mercadorias que entram na provincia das Minas, é bem evidente que, no interesse do fisco, não seria em Mathias Barbosa o local mais adequado para a aduana: a principio ella fôra collocada cerca de vinte e cinco leguas mais longe, para além das mattas virgens, no lugar que, por esse motivo, se chama actualmente *Registro Velho*. Não se tardou a notar que, sendo a região descoberta por todos os lados, offerceia aos contrabandistas meios facéis de se subtrahirem á vigilancia dos funcionarios fiscaes, e já ha cerca de setenta annos se deslocou o *Registro* para Mathias Barbosa. Havia então, é claro, poucos habitantes entre este local e o Parahybuna, e as mattas virgens que marginam a estrada não deviam estar ainda cortadas de atalhos. Mas desde essa época uma numerosa população se fixou áquem do *registro*, e, si bem que pertença á provincia das Minas, não paga nenhum direito. Por outro lado não se pode impedir que existam atalhos transversaes para pôr em communicação a estrada real com as habitações, e estas entre si, e, por conseguinte, os contrabandistas espertos podem evitar passar por Mathias Barbosa. E' pois, bem claro que os interesses da administração exigem que a aduana seja estabelecida na propria margem do Parahybuna. Por esse meio, nenhuma parte da população seria mais favorecida que o resto dos habitantes da provincia, e como o Parahybuna, embarçado em varios pontos por rochedos, não é um rio nave-

dizendo que sua cabeça continha as primeiras linhas de todos os artigos de uma Encyclopedia.

gavel, poder-se-ia impedir facilmente o contrabando, fazendo observar regulamentos que prohibissem aos proprietarios ribeirinhos possuir canoas.

Deixando Mathias Barbosa, costeia-se de vez em quando o Parahybuna; o terreno vai se tornando mais arenoso; a vegetação perde algo do vigor nativo; as arvores das florestas são menos approximadas, e sua folhagem não apresenta mais tão obscuros matizes, differença que, no paiz, basta para fazer distinguir as terras boas das más.

Depois de passar a habitação que tem o nome de *Roga da Viuva de João Valle*, os morros se tornam mais elevados, e chega-se a uma montanha chamada *Morro da Boa Vista* ou *dos Arrepellidos* (60), de onde se descobre uma vista de grande extensão. Domina-se uma longa serie de colinas cheias de mattas que se perdem ao longe; mas, sem uma habitação que se encontra no meio dos morros, essa vista fatigaria pela monotonia. No cume da mesma montanha vêem-se á beira da estrada numerosas cruzinhas feitas com lasea de madeira de comprimento de um pé ou pé e meio. Essas cruces são plantadas pelos que transitam por este caminho pela primeira vez, e temem não voltar se deixarem de cumprir tão importante dever. O que prova, entretanto, que essas ideias supersticiosas estão longe de ser geraes hoje em dia, é que o dono na venda do rancho de *Marmelo* em que pernhoitamos, nos disse que apenas os doidos se conformavam ainda com os velhos usos.

Marmelo está situada em uma depressão entre montanhas bastante approximadas. Um corrego atravessa esse estreito valle e entretém-lhe a temperatura morna.

(60) Um viajante lhe deu o nome de *Morro de Medeiros*. Ha nas proximidades um lugar denominado *Medeira*, cujo nome é possível que lhe dêem ás vezes; com todo o caso scia então *Morro de Medeiro* (aliás *Medeiros*).

Achamos o rancho de Marmelo bastante grande e bem conservado, enquanto que a *venda* vizinha era muito pequena e muito mal provida. Esse contraste, que é muito commum, origina-se de que os tropeiros, que costumam transportar consigo as provisões, e são de uma sobriedade extrema, ligam muito menos á *venda* que ao *rancho*. O proprietario, que, por seu lado, quer se desembaraçar do milho, procura attrahir freguezes tratando bem do *rancho*, e o abastecimento da *venda*, de que pouco ha a esperar, fica geralmente por conta do homem pobre encarregado de vender o milho.

A 1 legua e $\frac{3}{4}$ de Marmelo se encontra a habitação de Juiz de Fóra, nome que sem duvida procede do emprego que occupava o primeiro proprietario. Da *venda* de Juiz de Fóra têm-se sob os olhos uma paysagem encantadora. Essa *venda* foi construida na extremidade de uma vasta campina, rodeada por toda a parte de morros. O Parahybuna corre ao lado do caminho; sobre um pequeno regato que nelle se lança, depois de atravessar a estrada, foi construida uma ponte de madeira de effeito muito pittoresco; perto ha um cruzeiro: mais longe se vê uma capella abandonada e as ruinas de umengenho. Ao lado da *venda* existe um vasto *rancho*, e bem proximo, um paiol de milho.

Até então não encontrára bambus sinão em meio de florestas virgens, misturados a grandes arvores; mas encontrei os morros vizinhos ao local chamado *Alcaide mór*, cobertos quasi unicamente dessaservas gigantescas. Antes mesmo de ter podido reconhecê-las, já de longe me fêrira a vista o aspecto aereo da vegetação que perrechia sobre as collinas; experimentei um verdadeiro encanto, quando vi de perto essas florestas de gramineas com a altura, talvez, de quarenta a sessenta pés, que, curvadas em arcadas elegantes, se cruzavam em todos os sentidos, entremecavam seus immanensos paniculos, e deixavam entrever

o azul do céu atravez das folhas estendidas como uma tapeçaria no ar livre e sustentadas por semi-verticilos de folhas delicadas. A especie que eu tinha sob as vistas se denomina no paiz *taboca* ou *tabioca*. Suas estipes são ocas como as do *taquarussú*, que já de-crevi; quasi tão grossas como ellas, e têm a mesma utilidade; o conjunto da planta é, porém, infinitamente mais elegante; seus ramos, muito mais miúdos, têm menos rizeza, e as folhas são menores. Como o *taquarussú*, a *taboca* não floresce seuão ao cabo de certo numero de annos, e a floração põe termo á sua existencia. Quando passei pela primeira vez por Alcaide-mór, a planta estava em flôr, e varias estipes já tinham perdido as folhas; ao cabo de quinze mezes não encontrei mais nenhum vestigio desses bosques que eu tanto admirára.

Após Alcaide-mór passamos pela habitação de *Ribeirão*, e em seguida, pela de *Entre os Morros*. A pequena distancia desta ultima, um correjo atravessa o caminho; depois, espalhando-se sobre rochedos inclinados, forma uma toalha de agua espumante que desce em cascata até o fundo de um valle. Quando regressci da provincia das Minas, fiz alto em *Ribeirão*, e como ainda tinha á disposição alguns minutos antes da quêda do dia, aproveitei-os para ir herborisar nas mattas. Seguindo sempre o curso de um regato cheguei a uma plantação de milho. A fumaça que se elevava no meio do campo annunciava uma choça qualquer de negro; dirigi-me para esse lado, e encontrei uma dessas barracas que os pretos da provincia das Minas têm costume de levantar quando são obrigados a dormir no campo. São feitas de varas que, enterradas obliquamente na terra, se juntam na parte superior como caibros de um tecto, e cobrem de folhas de palmeira na maioria das vezes dispostas sem ordem. Algumas vasilhas de barro, e recipientes feitos de cabaças cortudas pelo meio no scutido do comprimento, compoem todo o mobi-

liario desses mesquinhos abrigos. Deante daquelle de que eu me approximára encontrei um negro sentado ao chão, comendo pedaços de tatú assado sobre carvões; nesse momento mesmo poz alguns pedaços numa meia cabaça, accrescentou *angú* (61), e offerceceu-me a comida da maneira mais graciosa. Agradecei-lhe o convite, e a conversação se entabouhou entre nós. “Você naturalmente se aborrece vivendo muito só no meio do matto?” — Nossa casa não é muito afastada daqui; além disso eu trabalho. — Você é da costa d’Africa; não sente algumas vezes saudade de sua terra? — Não: isso aqui é melhor; não tinha ainda barba quando vim para cá; habituei-me com a vida que passo aqui. — Mas aqui você é escravo; não pode jamais fazer o que quer. — Isso é desagradavel, é verdade; mas o meu senhor é bom, me dá bastante de comer: ainda não me bateu seis vezes desde que me comprou, e me deixa tratar da minha roça. Trabalho para mim aos domingos; planto milho e *mandubis* (*arachis*), e com isso arranjo algum dinheiro. — E’ casado? — Não: mas vou me casar dentro de pouco tempo; quando se fica assim, sempre só, o coração não vive satisfeito. Meu senhor me offerceceu primeiro uma creoula (62), mas não a quero mais: as creoulas desprezam os negros da costa. Vou me casar com outra mulher que a minha senhora acaba de comprar; essa é da minha terra e falla minha lingua”. Saquei de uma moeda e dei-a ao negro, e elle fez questão de me offercecer alguns pequenos peixes e um pepino que foi buscar ao seu campo de *mandubis*.

A conversação que acabei de relatar, e da qual não modifiquei uma unica palavra, prova que os negros não são sempre tão infelizes como se diz. A escravidão não é para elles o que seria para nós, porque se preoccupam

(61) Especie de *polenta* de que tratarei em outro lugar.

(62) Os *creoulos* são no Brasil os negros e negras nascidos no paiz.

pouco com o futuro, e, quando o presente é supportavel, não precisam de mais. Além do mais a maioria delles foi feita prisioneira em guerras cujo unico objectivo é o de capturar homens para vendel-os, e o vencido acha bastante natural ser a victima de um azar que fez correr ao vencedor. O estado de guerra continua que o trafico introduziu entre os Africanos é de tal modo horrivel que, mesmo na escravidão, impede-os de sentir saudades da patria; e entre os negros aos quizes perguntei se não desajavam voltar para a Africa, bem poucos não me responderam que a terra dos brancos era melhor por que ali não se combatia continuamente (63). Fiz um dia esta pergunta a um velho negro que, encarregado por seu amo de vender milho numa *venda* aos viajantes, passava os dias na tranquillidade, livre de qualquer vigilancia. “É’ possível esquecer completamente o paiz em que nascemos? — Você está doido! gritou incontinentemente sua mulher, si nós voltassemos para nossa terra, não tornariam a nos vender?”. Diz-se que se os Africanos cessassem de poder vender os prisioneiros aos homens brancos, elles os massacrariam (64); não tenham mais o mesmo interesse em se guerrearem, e viverão em paz.

Seja como fôr, o que disse acima mostra que, no estado actual das coisas, devemos, para ser justos, fazer concessões aos partidarios da escravidão. O negro que caher nas mãos de um senhor bom e sinceramente christão é, devemos confessal-o, mais feliz do que a maioria dos camponozes de certas provincias da França; trabalha muito menos;

(63) Talvez que este de que vou tratar tenha sido o unico que não discorreu dessa maneira.

(64) Foi uma das razões allegadas na camera dos deputados de 1825 em favor do trafico dos negros!

“Em 1825 não houve legislatura no Brasil, vale que o primeira assemblia ordinaria talçoz para sessões a 3 de maio de anno seguinte; o que os que se referem certamente a assemblia constituinte de 1823, que foi dissolvida, e na qual o presidente do trabalho serviu foi sustituido, tendo José Benedito apresentado e recebido um projecto geralmteu abolicionista. N do T.”.

não tem as mesmas inquietações; a fome e a miséria não o ameaçam constantemente; vivendo num clima quente, tem poucas necessidades, e aquillo de que carece seu senhor lhe dá; se lançar um olhar para o passado reconhecerá que o presente é melhor, e o dia seguinte, se pensar nelle, lhe trará as mesmas commodidades de que já goza. Mas não é menos verdade que o escravo corre maiores ehanças de miséria do que de felicidade, porque os senhores des-humanos são mais numerosos que os bons, e é horrivel pensar que uma creatura que sente e pensa se acha durante todos os momentos da sua vida á inteira disposição de um perverso, sem esperanças de jamais se subtrahir á sua tyrannia e caprichos. O interesse do senhor, já se repetiu muitas vezes, é garantia sufficiente em favor do escravo (65): como si as paixões conhecessem outro interesse além do de satisfazel-as!

No dia em que deixamos Marmelo, passamos a noite em Antonio Moreira (66), que está a cerca de cinco leguas de Marmelo. No dia seguinte vencemos quatro leguas e meia, e, depois de deixar para traz grande numero de

(65) Não é mais, aliás, sob esse aspecto que se deve tratar actualmente da questão servil. Demonstarei em outra occasião que a escravidão é, talvez, menos prejudicial aos negros que a seus senhores.

(66) Um escriptor inglez relata que encontrou em Antonio Moreira muitos viajantes dirigindo-se para o Rio; que, como era dia de festa (*dia santo*), esses homens só com muita difficuldade consentiram que um d'elles lhe vendesse uma gallinha, e que o vendedor, tendo-se deixado tentar por um preço pelo menos duplo do seu verdadeiro valor, foi severamente censurado por um dos assistentes. O mesmo viajante acrescenta que concluiu do que lhe disse seu guia, que não teriam permittido que o gallinaceo apparecesse nesse dia á mesa. Não me recordo de ter visto nada que indicasse serem os Brasileiros observantes tão judiciosos como o pretendem, dos dias santos; e, nem no Brasil, nem em qualquer paiz catholico, existem regras que prohibam comer gallinha em taes dias. — Segundo d'Eschwege, Antonio Moreira eleva-se a 2,135 pés acima do nivel do mar.

ranchos e habitações, taes como *Queiroz*, *Rocinha de Queiroz*, *Ponte da Estiva*, *Luiz Antonio*, *Sobradinho*, *Rocinha do Engenho de Chapéu d'Uvas*, *Chapeo d'Uvas*, *Tabão*, *França e Bernardo Luiz Ferreira*, fizemos alto no rancho de *Retiro*. Desde Antonio Moreira, o caminho vai, sem cessar, ora subindo, ora descendo, e as rampas são frequentemente assás rudes e muito fatigantes para os animaes de carga. Aliás, embóra se atravesse continuamente florestas, o trajecto não é, em absoluto, monotono. A variedade, o verdor extremamente fresco de todas as plantas, a diversidade dos matizes, e as grandes arvores que se elevam em amphitheatro sobre a encosta dos morros, a calma, e, por assim dizer, a immobildade dos bosques, os accidentes de luz que resultam da desigualdade do terreno, em uma palavra, tudo o que rodeia o viajante se associa para produzir em seu espirito uma impressão deliciosa. Quasi por toda a parte a estrada domina valles bastante largo que serpenteiam entre os morros e que, regados por correjos, offercem uma especie de prados em que se erguem por aqui e alli arbustos delicados, vegetação que contrasta com as densas mattas que cobrem os morros vizinhos. A distancia pouco consideraveis vêem-se, como já o disse, ora algumas choupanas dispostas sem ordem, ora um *rancho* ou uma habitação, e esses edificios, que sempre apresentam entre si alguma differença, seja pela posição, seja pelo modo por que são construidos, formam, no meio dos bosques, as mais agradaveis paysegens.

A localidade denominada *Luiz Antonio*, que eitei atraz, tem tambem o nome de *Coqueiros*, cujo nome se deve a uma especie dessa familia muito abundante nas mattas do districto, e que se faz notar pela elegancia das formas. Esse coqueiro, que tem o nome de *andaiá*, produz um fructo de sabor agradavel e é empregado principalmente em doces, Do alto da arvore parte um enorme tufo de folhas aladas

muito compridas que, em vez de se estenderem em arco horizontal, como succede geralmente com as palmeiras, erguem-se em direcção quasi vertical e, bem na extremidade, curvam-se graciosamente á maneira das pennas de avestruz. Na maior parte essas folhas não viram para o solo o lado largo; apresentam o bordo, e, como a mais leve viração basta para agital-as ora para a direita ora para a esquerda, resultam dessa continua differença de posição effeitos de sombra e luz que produzem uma agradável diversidade de matizes. A parte superior das folhas seccas breve se destroe, mas sua bainha, conservando-se adherente á estipite, forma largas escamas que se curvam á maneira das telhas sobre um tecto. Todavia, á medida que a planta se eleva, as escamas mais antigas cahem, e, por conseguinte, mais multiplicadas para o cume da arvore, formam, desde o ponto em que começam, um cone invertido que, alargando-se sempre, se continua pelas folhas actualmente vivas.

Entre os vegetaes que recolhi no dia em que fiz alto no *rancho* de Retiro, devo citar um *solanum* que, longe de ser um simples arbusto, como a maioria das especies deste genero, se eleva a uma altura que estimei, por alto, em quarenta pés, e cujas flores, de côr branca, exhalam um cheiro agradável (*solanum excelsum*, N.).

A localidade mais notavel que se encontra entre Antonio Moreira e Retiro é *Chapeu d'Uvas*, onde existe uma igreja parochial. Lá um regato corre por um grande espaço descoberto que os morros deixam entre si e que apresenta uma especie de prado. Dos dois lados do córrego o terreno se estende por uma rampa pouco accentuada até a base dos morros. Na parte mais elevada foi construida a igreja, perto da qual se dispersam sem ordem algumas casas de diversos tamanhos; e em frente á igreja, do outro lado do regato, vê-se um amplo *rancho*. O flanco de alguns morros foi revolvido e cultivado; mas seu cume con-

tinua coberto por grandes arvores, e, por todos os lados, a especie de casis que acabo de descrever se acha rodeada por immensas florestas. Essa localidade respira uma calma encantadora.

A parochia de Chapéo d'Uvas, tambem denominada *Nossa Senhora da Assumpção do Engenho do Mato*, confina ao norte com a de *Barbacena*; e, começando ao sul na habitação de Juiz de Fóra, é limitada por este lado com a parochia de Simão Pereira (67).

E' por essa altura do caminho que se cessa de contar por vintens de 20 réis, e se começa a fazer contas de 37,5 réis, como se pratica em uma vasta porção da provincia das Minas (68). Foi tambem pelas proximidades de Chapéo d'Uvas que começamos a notar uma diminuição bastante sensivel no preço dos generos, que até então tinhamos pago quasi pelo mesmo preço que no Rio de Janeiro.

De Retiro fomos pernoitar em Mantiqueira. Os valles continuam a ter largura notavel; os *ranchos* persistem sempre numerosos, e alguns delles formam lindas paysagens. Posso citar entre outros o de *Pedro Alves*, onde fiz alto na volta. Entre varios morros ha uma pequena planicie que se despojou do arvoredo, por onde deslizam alguns córregos. Construiram-se n'hi duas habitações ontrora flores-

(67) Encontra-se em Pizarro a parochia de *N. S. da Assumpção*, etc., indicada como fazendo parte do termo do Barbacena, e situada á margem da estrada do Rio de Janeiro, a 56 leguas desta ultima cidade, e 35,5 de Marianna (*Mem. Hist.*, vol. VIII, p. II, pag. 203). Julguei que esta parochia só podia ser a de Chapéo d'Uvas. — Segundo d'Eschwege, Chapéo d'Uvas está a 2,210 pés de altitude. — Um moderno viajante pretendo que, em um lugar que não nomeia, entre Chapéo d'Uvas e *Curral Novo*, e em muitas outras partes do Brasil ricas de florestas, crê-se na existencia de uma raça de pygmeus, que, ao que se diz, têm a altura de trez pés, são bem conformados, sem pellos no corpo, e da côr dos Europeus. Ninguem me fallou a respeito do lenda tão absurda, e, no entanto, percorri no Brasil bastantes regiões cobertas de florestas.

(68) Terei occasião de voltar a tratar dessa materia.

centes, mas que hoje em dia apenas annunciam um estado de decadencia. Uma pequena capella se ergue sobre uma plataforma. Casinholas de negros, varios *ranchos*, *ventas*, algumas casinhas habitadas por *agregados*, acham-se espalhadas sem nenhuma ordem pela planicie e encosta dos morros. A especie de machina denominada *manjola* faz ouvir seu monotono ruido á margem de um regato, e grupos de laranjeiras e *araucarias* espalham variedade pela paysagem, coroada por todos os lados por brattas virgens.

E' quasi sempre no fundo dos valles que se constroem os *ranchos* e as habitações, porque ali se acham regatos e se podem reprezar as quedas d'agua necessarias ao movimento da machina de que fallei ha pouco, e que é indispensavel á fabricação da farinha de milho.

A *manjola* ou *monjolo*, que tambem chamam *preguiça*, foi já descripta por alguns viajantes (69): todavia não acho inutil dar aqui, em poucas palavras, uma ideia dessa engenhoca notavel pela simplicidade. Sobre uma peça de madeira vertical e immovel, é collocada, á maneira duma gangorra, outra peça de madeira, movel e horizontal; esta ultima é escavada numa das extremidades como uma larga colher, e na outra, é armada de um soquete bem resistente. A machina está sempre collocada, como já disse, debaixo de uma pequena quéda d'agua. O liquido, cahindo na especie de colher que, de um lado termina a viga oscilante, faz inclinar-se esta para o mesmo lado, enquanto a extremidade opposta, armada na parte inferior com o soquete que descrevi, se ergue descrevendo um arco de circumferencia; mas enquanto a extremidade escavada se inclina, a agua escorre, o peso do pilão sobrepuja o da colher, a machina range, e o pilão cahé pesadamente num cocho destinado a receber o grão.

(69) Foi descripta por Mawes e Luccock. Qual a forma que se deverá preferir: *manjola* ou *monjolo*?

Nas proximidades do lugar denominado *Pinho Velho*, que está a alguma distancia de *Pedro Alves*, observei um effeito de vegetação bastante curioso. Diversas choupanas tinham por esteios, nos quatro cantos, os troncos brutos da arvore de madeira vermelha e cheirosa que tem no paiz o nome de *cedro* (*cedrela*). Esses troncos tinham criado raizes, e no alto tinham brotado grandes folhas aladas, do comprimento de varios pés que, curvando-se sob o tecto, se assemelhavam ás folhas de acantho de um capitel corinthio.

A habitação de *Mantiqueira*, em que passamos a noite, está actualmente quasi abandonada; mas ficou célebre na região, porque seus arredores foram antigamente o theatro das façanhas de uma quadrilha de bandidos que pilhavam e massacravam os viajantes.

Pelos arredores do Parakyba tínhamos visto, á beira da estrada, habitações de termitees ou formigas brancas (70); ficamos muito tempo depois sem vê-las; mas pelas proximidades de *Pinho Velho*, e, principalmente, depois de *Mantiqueira*, encontramos grande numero dellas. Este genero de insectos comprehende muitas especies, e estas, ainda bem pouco conhecidas, parecem differir bastante entre si pelos habitos de vida e maneira por que constroem suas moradas. As habitações da especie que é tão commum nos arredores de *Mantiqueira* são construidas com uma terra argilosa fortemente amassada; são approximadamente cylindricas, arredondadas no cume, e parecem marcos de demarcação. A maior parte têm cerca de dois a trez pés de altura; algumas elevam-se, entretanto, até cinco ou seis pés, e vi uma que podia medir vinte pés, e approximadamente o mesmo de circunferencia ao meio da altura onde se dilatava. A parte externa é formada por uma crosta cuja espessura attinge ás vezes o comprimento

(70) Os Brasileiros dão-lhes o nome de *cupim*.

de um dedo, e onde não se observa nenhuma abertura. No interior, algumas dessas habitações que foram desmontadas me deixaram ver uma serie de andares superpostos, muito proximos uns dos outros, negros e cheios de perfurações orbiculares. Não é de uma vez só que os termitas constroem suas cidades. Á medida que a população do nucleo cresce, seus habitantes a vão augmentado, e as partes novas se distinguem facilmente pela cor do barro recentemente trazido. Como o cortiço se compõe exteriormente de uma crosta dura e compacta, é evidente que os insectos não podem ampliar sua habitação sem destruir essa casa no lugar em que o accrescimento deve ser feito. Era, provavelmente, nessa destruição que estavam occupados os termitas que vimos trabalhar. A parte da habitação onde se tinham collocado os operarios já estava cheia de uma multidão de pequenos orificios; os insectos se apresentavam cada um por sua vez na entrada desses orificios, e lançavam fóra grãos de areia que rolavam até em baixo.

CAPITULO V

PERCURSO DA ENTRADA DO CAMPO ATE' VILLA RICA. — VILLAS DE BARBACENA E QUELUZ

Serra da Mantiqueira. — Chegada aos campos; mudança de vegetação; outras aves; outros insectos; aspecto geral; capões. — *Borda do Campo*, localidade elevada; arvores fructiferas da Europa; precaução tomada na construcção dos ranchos. — O sr. *MANOEL RODRIGUES DA COSTA*; sua capella; oração da tarde. — Cultura do linho; plantas brasileiras apropriadas á fabricaçãõ de tecidos e cordas. — Villa de *Barbacena*; sua fundação; situação; ruas, casas, jardins, muros de cerca, igrejas; pelourinho. — Ideia geral das igrejas do Brasil, fachada interior; lugar dos homens e das mulheres. — Maneira de ir á igreja. — Vestimentas. — Mulatas de *Barbacena*. — Espectaculo denominado *presepio*. — Descripção do districto situado entre *Barbacena* e *Padre Anastacio*. — Habituação de *Padre Anastacio*; bolos de inhame; engenhos de assucar; *rapiaduras*; *jacuba*. — Villa de *Queluz*. — *Povoador de Alto*; *casa de Escoteiro*. Modo do viajar. — O sr. *Langsdorff*; sua surprehendente actividade. — Primeiros terrenos lavados. — Povoação de *Ouro Branco*; indumentaria; boeios. — *Serra de Dois Irmãos*; *Vellozia*. — *Capão*. — *Bou Vista*. — Aspecto dos arredores de *Villa Rica*.

E' no chegar a *Mantiqueira* que se attinge a base dessa elevada cadeia occidental de que já fallei; chamam-na nesse lugar *Serra da Mantiqueira* (71), e conserva este nome durante consideravel extensão.

(71) E não *Mantiqueira* ou *Mont-quera*, como se escreveu. — Na *Flora Brasiliæ meridionalis*, *Mantiqueira* foi duas vezes indicada como sendo uma villa; mas uma *errata* logo restabeleceu a verdade. — Segundo o sr. d'Eschwege o ponto mais alto da estrada na *Serra da Mantiqueira* está a uma elevação de 3,160 pés acima do nivel do mar.

Um hypericão muito abundante á beira da estrada parece o precursor de uma nova vegetação. Já proximo a *Vallinha*, as arvores que se vêem á direita têm um pouco menos de vigor, e não se apresentam mais em agrupamentos condensados, mas a differença não é de tal forma sensivel que não possa escapar a quem esteja desprevenido. E' nas proximidades de *Batalha* que o viajante, fatigado de atravessar florestas, avista subitamente vastas pastagens. Que não se pense, todavia, que a transição das mattas para os *campos* se faz bruscamente e sem aspectos intermeditarios; durante algumas leguas se vêem ainda muitas de arvoredo de espaço a espaço; mas pouco a pouco vão se tornando mais raras, e acabam por desaparecer. A vegetação que se tem sob os olhos é absolutamente differente da que apresentam as mattas virgens; as arvores gigantesas succedem gramincas frequentemente mal desenvolvidas, entreincadas de outras hervas, e os vegetaes que mais se fazem notar no meio dessas pastagens não passam de arbustos. As plantas dos *campos* não sendo as mesmas dos bosques, não podem nutrir os animaes que se costumam ver no meio da mattas: existe, aliás, muita fixidez nos habitos e costumes dos animaes para que as mesmas especies possam viver igualmente em regiões que, embora contiguas, apresentam tantas differenças; e quando a vegetação muda, vêem-se apparecer outras aves e insectos differentes.

Pelo que tinha ouvido dizer aos Mineiros, imaginei que o *campo* fosse uma vasta planicie; mas não é realmente assim. Quando se deixa *Batalha* para traz a região já não apresenta mais inclinações rudes e valles profundos; mas é ainda bastante desigual, e apresenta o aspecto que têm as pastagens em varias das nossas mais elevadas montanhas da Europa, as, por exemplo, dos *Mont-d'Or* no *Auvergne*, entre o pico de *Saney* e a povoação de *Vassivière*.

Não necessito dizer que os *campos* não são sempre os mesmos em todos os pontos entre a cadeia occidental e o *Rio S. Francisco*; é bastante evidente que se devem

mostrar differentes conforme a latitude e a altura. Mas os que acabo de descrever se encontram geralmente entre as regiões elevadas da provincia das Minas, e formam uma porção consideravel da *comarca do Rio das Mortes*. Si, no entanto, como disse allures, no meio de um terreno descoberto se encontrar um valle humido e profundo, si houver alguma depressão na encosta de um morro, pode-se ficar quasi certo de ali encontrar uma dessas moitas de arvoredo que os habitantes chamam *capões* (72), e onde fazem suas lavouras (73).

O ponto mais elevado da especie de planalto, a que se chega immediatamente após ter galgado a Serra da Mantiqueira, é *Borda do Campo*. A atmospheria é ali tão secca e ardente, que me fez rachar os labios e os de meus companheiros; meu empregado experimentou o mesmo incommodo, quando, quinze mezes depois, passamos pelo mesmo lugar. Desde o mez de abril que o frio se faz sentir nesse districto; quasi todos os annos o thermometro ali desce abaixo do zero, e não se podem colher nem café nem bananas. Em compensação, a pequena distancia de *Borda do Campo*, na habitação de *Registro Velho*, tive o prazer de ver um campo de trigo que promettia abundante colheita, e cujo proprietario plantára, com o maior exito, macieiras, vinhedos, marmoleiros, ginjeiras, oliveiras e até mesmo pereiras, arvores que tão raramente produzem em outras partes elevadas do Brazil.

A differença de clima não influe menos nesse districto sobre os individuos da nossa especie do que sobre as produções vegetaes; pois que, entre Pedro Alves e Barbacena, vimos uma multidão de creanças tão louras como Escoccezes, e cuja tez era animada pelas mais lindas côres.

(72) A etymologia da palavra *capão* é bastante linda. Deriva de *caipóam*, que, na lingua geral significa ilha.

(73) Vido a Introducção á *Historia das plantas mais notaveis do Brazil e do Paraguay*.

Como uma temperatura mais baixa exige que se tomem algumas precauções a mais, já se começa, a partir de Borda do Campo, a cercar os *ranchos* com um muro de protecção, e pratica-se a mesma coisa em todas as zonas elevadas da provincia das Minas. Esses pequenos muros têm ainda outra vantagem, a de libertar os viajantes da perseguição dos gallinaccos, e, principalmente, dos porcos que os lavradores criam em grande quantidade.

Aprecia-se de *Registro Velho* um panorama agradabilissimo. Sobre uma elevação está a casa de moradia; bem perto vê-se uma capella, e, ao pé da collina, corre o Rio das Mortes, em cuja margem se construiu uma *venda*. Por todos os lados vêem-se campos de milho entrencados de pastos e moitas de arvoredo; por aqui e alli dispersam-se choupanas e algumas casas melhores, e esse painel continuamente se anima pela passagem de caravanas.

Tinham-me fallado do proprietario de *Registro Velho*, o padre *Manoel Rodrigues da Costa*, como de um agricultor notavel; e, de volta da minha viagem, fui visitá-lo. Estava então no seu oratorio, occupado em rezar as preces da tarde em meio a uma trintena de pessoas, na maioria negros e negras, e tomei lugar entre os assistentes. Justamente nesse momento todos se prosternaram, e o sacerdote se poz a recitar, em honra de Jesus-Christo, ladainhas que indicavam o numero exacto das bofetadas e chicotadas que recebeu, das gotas de sangue que correram de suas chagas, e até das lagrimas que derramou pelos nossos peccados. A cada artigo das litánias, a capella vibrava com o ruido das bofetadas que se applicavam os presentes, e todos respondiam *Louvado seja Deus*. Quando as ladainhas terminaram, cantaram-se em honra á Virgem algumas orações, ao som do violão, e eu seguida todos se retiraram. Saudei o sr. Manoel Rodrigues á porta da capella; fez-me entrar em sua casa, e respondeu a minhas perguntas com bastante complacencia. Disse-me que, tendo passado algum tempo em Portugal, de lá trouxêra machinas proprias para

tecer o linho e fazer diversos outros tecidos; que convidára todos a virem ver essas machinas e a construir outras semelhantes, mas que ninguem se aproveitou desse offercimento; que tinha inutilmente dado parte ao governo dos seus projectos de incrementar, na provincia das Minas, as artes uteis; não recebera nem resposta nem estimulo. Todavia o sr. Manoel Rodrigues continuou fazendo uso dos seus misteres para elle proprio e os moradores de sua casa. Estava vestido de um estofado de trama, fabricado em sua casa com a lã de suas ovelhas, e me mostrou uma peça de tela fina e bastante regular, feita com linho recolhido em suas terras. Já sabia que se começára a cultivar com exito o linho na comarca do Rio das Mortes: O sr. Manoel Rodrigues confirmou-me a informação, e disse-me que essa cultura tivera sempre optimos resultados, e que todas as épocas do anno se prestavam igualmente a ella; mas acrescentou que a tinham quasi que completamente abandonado, porque é muito mais trabalhosa que a do algodoeiro. Os que plantam o linho escavam a terra, adubam-na, semeiam os grãos, e fazem, ao cabo de trez mezes, uma excellente colheita. Admirar-se-ão, sem duvida, de que o governo não procure encorajar uma cultura tão vantajosa; mas como poderia preoccupar-se em tornar mais commum um vegetal exotico, se se despreza inteiramente uma multidão de plantas indigenas cujas fibras flexiveis e resistentes podem ser tão utilmente empregadas no fabrico de cordoalhas e tecidos (73-a), taes como as *embauba* (*cecro-*

(73-a) Vide a respeito a excellente serie de monographias publicada em 1907 pelo Centro Industrial, intitulada *O Brasil, suas riquezas naturaes e suas industrias*, em que vem um artigo sobre as fibras vegetaes da auctoria de meu saudoso pai, Dr. Carlos Oscar de Lessa, escripto a pedido do Dr. Wenceslau de Oliveira Netto, organizador da publicação, sob cuja responsabilidade auctora foi impresso. Esclareço-me aqui unintentionalmente as d'essas *guzulmas*, (*Urena lobata*, L., *antunesca*, e *Triumfetta semilobata*, Lamk., *tilacea*); a *guzulma* côr de rosa ou *Uruçuana* (*Urena sinuata*, L.); a da mangue (*Hibiscus tiliaceus*, L.); outra de igual nome do Pernambuco (H'ic. e Pernambuco), Arr. Capanga), a *raçousta* (*Sida r-epitofolia* L.), a *casualinha* (*Sida fida*, St. Hil., *S. hilariana*, Walp; *S. multistria*, Cav., *S. micrantha*, St. Hil.); a *Wandolita caudata* da B., *periptocifolia*); o *cauhim* o *brasilleta* (*conchonus brasiliensis*, Primi); etc., etc.

pia), os *tucum* e *macaúbas* (*palmeiras*), a *pitta* (*agave vivipara*), varias *malvaceas*, diversas *anonaceas*, etc., plantas de que os selvagens sabem tirar maior partido que os proprios portuguezes? Deve-se fazer notar que, para os usos correntes da vida, os Brasileiros do interior têm pouca necessidade de cordas; suppremanas por tiras de couro bruto que lhes custam pouco dinheiro, ou, mais facilmente, por cipós que, si se destroem facilmente, podem, pelo menos, ser substituidos a todo o momento. Mas não é menos verdade que para as grandes cordagens, os barbantes de que os tropeiros fazem uso tão frequente, os tecidos de canhamo e linho, o Brasil é obrigado a recorrer aos estrangeiros, e seria esse um tributo de que facilmente se poderiam libertar.

Tendo passado o Registro Velho avistamos, do alto de uma crista, a villa de *Barbacena* (74), e lá chegamos, depois de caminhar cerca de seis leguas a partir de Mantiqueira.

Julgava que Barbacena, situada na extremidade das immensas florestas que acabavam de atravessar, não apresentasse mais que uma reunião de miseraveis choupanas, e fiquei agradavelmente surprehendido de encontrar uma pequena cidade que pode rivalizar com todas as da França de igual população.

Essa localidade, que depende da *comarca* do Rio das Mortes, não era antigamente mais que uma povoação, e tinha o nome de *Arraial da Igreja Nova* (75). O visconde de Barbacena, governador da provincia das Minas, ficou impressionado com a posição vantajosa dessa povoação; concedeu-lhe privilegios, fez erigil-a em villa por um decreto do anno de 1791 (76), deu-lhe seu nome, e para lá attrahiu habitantes. Contam-se ahi, actualmente, cerca de

(74) É não Barbazinas, Babazena, ou Darbacene.

(75) ESCHW. *Journ. von Bras.*, I, pag. 123.

(76) *Loc. cit.*

duzentas casas (77) com uma população de 2.000 almas, e avalia-se a de toda a parochia (78) em 9 ou 10.000 almas em um raio de dez leguas approximadamente (79).

Embora agradavelmente cortados por campinas e algumas moitas de arvoredo, os arredores de Barbacena são, geralmente, bastante áridos; encerram actualmente muito pouco ouro, e é, por assim dizer, unicamente devido á passagem das caravanas que esta villa vive. Depois de dez, doze, ou mesmo, quinze dias atravez de matias, os tropeiros compram sempre alguma coisa na primeira cidade que encontram, e os que vêm de diversas partes da provincia das Minas para se dirigirem ao Rio de Janeiro, procuram prover-se em Barbacena dos artigos que lhes faltam, porque sabem que mais longe não acharão o menor recurso.

O ar que se respira em Barbacena é extremamente puro, mas a agua é pouco abundante.

Essa villa foi edificada sobre a crista de duas collinas alongadas, uma das quaes termina perpendicularmente no meio da outra. Sua forma é approximadamente a de um T, e ali se contam duas ruas principaes que são bem traçadas e bastante largas; uma dellas é calçada em toda a largura, e as outras o são unicamente em frente ás casas. Estas são, em geral, pequenas e baixas, e a maioria não consta de mais que o rez-do-chão; mas são todas caiadas, seus tectos pouco elevados são cobertos de telhas, e apresentam, exteriormente, um aspecto de limpeza que agrada

(77) E não trezentos e cincoenta a quatrocentos, como se imprimiu em 1818.

(78) Explicarei noutro lugar a significação dessa palavra, tal como é entendida na provincia das Minas.

(79) Segundo Pizarro (*Mém. hist.*, vol. VIII, p. II, pag. 200), Barbacena está situada aos 21° 21' 30" de lat. mer., e 33° 39' 26" de long., a 10 leguas de S. João del Rey, 22 de Villa Rica e 58 do Rio de Janeiro. Pelas observações do sr. d'Eschwege, essa cidade tem a altitude de 3,539 pés acima do nivel do mar.

â vista. As portas e janellas são menos multiplicadas que no Rio de Janeiro, e suas esquadrias pintadas de cinza ou amarello contrastam agradavelmente com a brancura das paredes. Algumas janellas têm caixilhos, porém a maioria é feita de uma gradeado cruzado obliquamente.

A maioria das casas possui um pequeno jardim; encontramos no de um commerciante conhecido do sr. Hdefonso, e ali vimos latadas carregadas de bellos cachos de uva, pecessueiros cobertos de fructos, algumas das flôres cultivadas nos jardins da Europa, taes como cravos, escabiosas, amôres-perfeitos (*dianthus barbatus*); enfim, bellissimos legumes, e entre outros, batatas. Os jardins que vimos, de um dos lados da grande rua, se estendem pela encosta da collina, e, a maior parte, sustentados por muralhas, formam pequenos terraços. Quasi todos os muros de cerea são construidos de parallelepipedos de argila seccos ao sôl, e que podem medir cerca de um pé e meio de comprimento por quatro pollegadas de espessura (*adobes*): são cobertos com telhas ocas, ou com sapé.

Contam-se em Barbacena quatro igrejas que não offerecem nada de notavel, e das quaes uma não está ainda acabada. A parochial, dedicada a Nossa Senhora da Piedade, está edificada isoladamente ao meio de uma praça formada pelo encontro das duas ruas principaes. Em frente a essa igreja está a columna que designa sempre as sédes de judicatura (79-a). A cada uma dessas columnas, geralmente construidas de pedra, está preso um argolão, e são encimadas por um gladio horizontal, ou melhor, uma especie de cimitarra e uma esphera armillar.

Como terei frequentemente de fallar das igrejas do Brasil, creio que será necessario dar dellas uma ideia ge-

(79-a) Essa columna tem o nome de *pelourinho*, e nella officiam-se os primeiros municipios (*lindes*), as principaes resoluções e pasturas da comarca, etc. A argola a que o autor se refere em seguida chama-se a *prelha* os cartões e peças conferadas a aquelles, sentença que era executada publicamente. O pelourinho era sempre levantado no largo para o qual, estava voltado o barbeiro da casa do concelho (*largo do Noçes*).

ral. Construidas mais ou menos pelo modelo das de Portugal, são muito menores que as nossas. O campanario não se ergue do meio do tecto; é substituído por duas torres quadrangulares que, fazendo parte da fachada do edificio, prolongam seus dois lados, e o intervallo que deixam entre si as torres é occupado por um frontão que diminue de largura desde a base até o alto, approximadamente á maneira de um triangulo, e se termina por uma cruz. Algumas igrejas do campo não apresentam mais que uma fachada lisa; outras apenas possuem uma torre ou até mesmo nenhuma, e então o sino está em geral collocado ao lado da igreja sob uma viga sustentada por dois estios. Nenhuma igreja tem lados rebaixados. O santuario não é, como entre nós, continuo com o resto da nave; é, como o indica a denominação portugueza *capella mór*, uma verdadeira capella, distincta da nave, menos elevada, e, principalmente, menos larga que ella. Para mascarar os angulos que, de cada lado, resultam naturalmente da differença de largura da nave e da *capella-mór*, constroe-se á direita e á esquerda um altar obliquo. Sobre o altar-mór, que occupa o fundo da capella principal, se eleva em um nicho uma grande pyramide de degraus carregada de candelabros e jarras de flôres; o cume da pyramide sustenta a imagem do padroeiro, e os lados do nicho são muito frequentemente acompanhados de columnas, o que forma um conjuncto de agradável effeito e de bom gosto.

Não se deve esperar encontrar, nas igrejas do interior do Brasil, obras primas de pintura ou de esculptura; não se vê um unico quadro, mas as imagens de santos, as pinturas dos tectos e das paredes não são muito peiores que as da maioria de nossas igrejas de provincia. Entre nós sentio-se que os edificios religiosos ganhavam em impo-nencia, recebendo iluminação fraca; mas muitas vezes exaggeraram-se esses effeitos, mais de um dos nossos templos se

tornavam tristes e lugubres: não succede o mesmo com as igrejas brasileiras: são melhor iluminadas que as nossas; as janellas não são muito grandes; são, porém, mais numerosas e não têm vitraes de pequenas peças. A magestade dos nossos templos não se encontra, é verdade, nas igrejas do Brasil, mas lá se tem mais cuidado em manter a limpeza. São todas assoalhadas, e, dos dois lados da nave, em uma largura de cinco a seis pés, o soallio é mais elevado cerca de nove pollegadas que o resto da igreja. Este espaço assim alteado é separado do meio da nave por uma balaustrada de *jacarandá* negro como ebano, e a mesma balaustrada, prolongada parallelamente ao altar-mór, separa ainda o santuario da nave.

As mulheres sem distincção de classe, collocam-se ao meio da igreja agachadas ou de joelhos; os homens mais conhecidos e melhor vestidos se collocam nos dois lados, nesse espaço que acabei de descrever e que é separado do resto da nave por uma balaustrada; os negros, finalmente, e a gente da classe baixa ficam á porta.

Passamos um dia de festa em Barbacena, e tive occasião de observar os trajcs que as mulheres usam na igreja. A maior parte trazia sobre os hombros grandes capas de um tecido pesado e espesso, geralmente côr de rosa ou escarlate, de mangas ppendentes e gola larga. As mais velhas, as menos ricas, e grande parte das negras tinham a cabeça coberta por um toucado que excedia a fronte á maneira de uma coifa, e, passando sob o queixo dessas damas, o cobria ás vezes com uma parte da boeca; outras senhoras mais elegantes tinham o chale arranjado como turbante, e as melhor vestidas, enfim, não usavam coisa alguma á cabeça. Essa maneira de trajar se encontra, quasi sem nenhuma differença, nas diversas partes da provincia das Minas.

Quando nessa provincia, como mais ou menos em todo o resto do Brasil, uma familia se dirige á igreja, as mulheres caminham em seguida umas ás outras o mais len-

tamente possível, e formam assim uma especie de procissão. Não dizem nada, não voltam a cabeça nem á direita nem á esquerda, olham para os que passam de soslaio, e respondem apenas por um ligeiro movimento de cabeça á saudação que lhes fazem.

Ha em Barbacena varias lojas muito bem sortidas, muitas *vendas* e algumas hospedarias.

Em parte alguma da provincia a mão de obra é tão cara como nessa villa, o que decorre de que sendo esta continuamente atravessada por viajantes pressurosos de chegar a seu destino, se vêem estes forçados a aceitar as imposições dos artifices.

Barbacena é celebre, entre os tropeiros, pela grande quantidade de mulatas prostituídas que a habitam, e entre cujas mãos esses homens deixam o fructo do trabalho. Sem a menor cerimonia vêm offerecer-se essas mulheres pelos albergues; muitas vezes os viajantes as convidam para jantar e com ellas dançam *batuques*, essas danças lubricas que, não o podemos dizer sem vergonha, se tornaram nacionaes na provincia das Minas. Pela facilidade com que o dono do nosso albergue parecia permittir que se fizesse de sua casa um lugar de deboche, concebe-se que eu o tenha julgado com alguma severidade; mas, depois de ter conversado muito tempo comoseo, reconheci nelle um homem bastante digno, que não fazia mais que conformar-se com os costumes geraes.

No dia em que chegamos a Barbacena fallaram-nos de um desses espectaculos ridiculos denominados *presepio*, em que se fazem representar por titeres scenas tiradas da Sagrada Escriptura. Resolvemos a principio ir ver o *presepio*; mas renunciámos logo ao projecto quando soubemos por um officioso que era a nós que queriam fazer pagar o custo do espectaculo. Em Barbacena, e provavelmente alhures, ninguém paga nada á porta do *presepio*; mas os actores proclamam honrosamente o nome dos que

querem que custciem a funcção, e, ao mesmo tempo, apresentam-lhes um prato em que depositam seu dinheiro. Freqüentemente se nomea um comparsa antes do estrangeiro escolhido para victima; aquelle colloca generosamente no prato uma somma que se lhe restitue depois, e o acanhamento impede a pessoa que não está no segredo de dar menos que os que o precederam. Estavam tão resolvidos a proceder connosco dessa maneira, que o espectáculo deixou de se realizar quando se soube que nós não pretendiamos assistil-o. Aliás, o espectáculo de Barbacena, frequentado principalmente por mulheres da má vida, não era mais, ao que parece, que um logar de tolerancia.

A região que percorremos por espaço de algumas leguas entre Barbacena e a habitação chamada *Padre Anastacio*, nome do seu actual proprietario, é semelhante á que havíamos palmilhado desde nossa entrada nos *campos*. São ainda morros arredondados e pouco elevados cobertos de pastagens, e as moitas de arvoredo continuam sempre a se mostrar por aqui e alli nos valles. As gramineas formam a massa da vegetação; mas no meio dellas se encontram muitos sub-arbustos de pé a pé e meio, entre elles apocynaceas, encantadoras melastomaceas de pequenas folhas, algumas malvaceas, uma *cuphea* que, pela folhagem, haste delgada e flôres purpurinas lembra certas urzes; finalmente, uma especie de *psidium*, ao qual se dá o nome de *guabioba*, e cujo fructo amarelado e pouco menor que uma cereja, é comestivel. Essas pastagens estão longe de ser tão rogadas quanto as mattas. As habitações ahí são mais raras, e o pequeno numero de casas que se encontram apresentam, na maioria das vezes, um aspecto de miseria e de decadencia mais afflictiva ainda, pois que a decadencia suppõe quasi sempre um melhor possivel.

Do alto dos morros se descobre uma immensa extensão de terras sem população e sem cultura, e as vastas pas-

tagens que se atravessa e poderiam nutrir tantas rezes, estão desertas e parecem inúteis. Os passaros que eu via nesses lugares descobertos, menos numerosos que os das matas, não tinham, em geral, côres tão bellas. Quando atravessava as florestas encontrava sempre novos insectos; frequentemente, quando á tarde escrevia meu jornal, á luz de uma vella, era bastante incommodado pelos mosquitos que cahiam em quantidade sobre o papel; e, em Antonio Moreira, especies maiores, grilos, louva-deus, spectros, maripozas, vinham como que disputando curriquecer minhas collecções: desde que entrei nos campos só com extrema lentidão se foram augmentando; pois, difficulosamente pereciamos, nos lugares aquaticos, algumas pequenas especies de borboletas.

Dois dias após deixar Barbacena fizemos uma parada na habitação de Padre Anastacio (80), e ali saboreamos pequenos pães bastante gostosos, feitos com raizes de inhame (*arum esculentum*) raladas e depois amassadas. Essas raizes constituem um legume que, sem possuir um sabor delicado, é tão sadio quanto nutritivo; são excellentes sobretudo para engordar porcos, e sua cultura não pode deixar de ser recommendada aos habitantes do Brasil.

O engenho de Padre Anastacio estava então em plena actividade, enquanto que pela mesma época os do Rio de Janeiro já tinham cessado os trabalhos; o que prova quanto, nessa região elevada, a vegetação é sensivelmente mais lenta que no litoral.

Os cylindros das moendas de assucar, que até então tiveramos occasião de ver, eram revestidos de laminas de ferro fundido presas por pregos. Nos de Padre Anastacio e da maior parte dos engenhos da provincia das Minas,

(80) Entre Barbacena e Padre Anastacio se encontra a Fazenda de Camu, elevada, segundo d'Eschwege, de 3,500 pés acima do nível do mar.

os cylindros são completamente descobertos, porém. feitos de uma madeira bastante dura que chamam *peroba*.

O Padre Anastacio, como muitos outros proprietarios da provincia, não fabricava assucar mascavo, e se contentava de fazer o que chamam no paiz *râpaduras*. São tijolos que podem ter de cinco a seis pollegadas de comprimento e são bastante grossos; sua côr, gosto e cheiro são mais ou menos os do assucar queimado das nossas refinações, mas o gosto do xarope se faz sentir mais fortemente. Para fabricar *rapaduras* não se põe agua alcalina no caldo; faz-se este ferver o bastante para que não escorra nenhum melação, e vertem-no em moldes dos quaes se pode facilmente retirar as *rapaduras* resfriadas. As creanças, negros e tropeiros adoram essa especie de assucar e consumem-na em quantidade prodigiosa. Frequentemente, quando os tropeiros chegam ao rancho e não têm a paciencia de esperar que o feijão fique cozido, apaziguam a fome comendo uma *jacuba*, mistura que se faz a frio com agua, farinha de milho e *rapaduras*.

Continuando sempre a atravessar uma região descoberta chegamos a *Queluz*, que está situada a 15 leguas a leste de S. João del Rey e 8 leguas S. S. E. de Villa Rica. *Queluz* se chamava outróra *Sítio* ou talvez *Aldea dos Carijós*, do nome de uma tribu indigena que ali teve outróra sua povoação. Por sollicitação do visconde de Barbacena, governador da provincia das Minas, a povoação de Carijós foi erigida em villa por um decreto de 1791; seu nome foi mudado (81), e nella se estabeleceram juizes ordinarios. Essa pequena villa, que faz parte da comarca do Rio das Mortes (Eschw., Piz.), construida sobre uma crista elevada, seria bastante agradavel si não fosse tão deserta; a rua que atravessa a estrada é larga e bem traçada, mas o matto ali cresce por todos os lados; casas bastante lin-

(81) Esses pernucos são fornecidos por Pizarro.

das nos pareciam estar abandonadas, e quasi todas estavam mal conservadas e a ponto de cahir em ruínas (82).

Para além de Queluz tivemos o prazer de encontrar mattas. Em uma região onde as arvores não vivem em sociedade, as florestas offerecem menos monotonia que as immensas pastagens, e disfarçam a falta de cultura e população que a vista de uma região descoberta trahie num momento.

Foi no povoado chamado *Alto* que, pela terceira vez desde o Rio de Janeiro, dormimos em uma casa. Além do *rancho*, alguns proprietarios têm ainda, para os viajantes de cathegoria superior nos tropeiros, quartos que chamam *casa de escoteiro*; mas, quasi sempre, o *rancho* é ainda preferivel.

Deixamos nossa caravana em Alto, e, tomando a dianteira, dirigimo-nos, no mesmo dia, a Villa Rica.

E' já tempo de fallar da maneira como viviamos desde o Rio de Janeiro. Na companhia do sr. Langsdorff, o homem mais activo e infatigavel que encontrei em minha vida, aprendi a viajar sem perder um só momento, a me

(82) Um viajante inglez diz que, nos arredores de Queluz, o tabaco floresce em estado selvagem com a maior magnificencia. Não me recordo de ter encontrado no Brasil o verdadeiro tabaco em estado selvagem: talvez que o viajante a quem me refiro tenha tomado por essa planta a *Nicotiana Langsdorffii* ou alguma apocynacea. — Jamais ouvi, tampouco, fallar de um passaro que o mesmo viajante denomina *ariba cabu* e do qual diz algumas palavras logo depois de dar informações sobre Queluz. — Existe, na verdade, no Brasil, um cuco denominado *anã branco*, que tem a plumagem mixta de rinzento parda-cento e branco; como, porém, o escriptor que acabo de citar attribue ao seu anã branco um dorso azul, é evidente que applicou mal o nome dos Brasileiros. E' tambem erradamente que dá a uma especie o nome de *merlu*, ó *merlo* que se deve escrever (*melro*, aliás). Essas inexactidões estampadas em seguida a um artigo sobre Queluz em quo a autor prodigaliza as mais grosseiras injurias nos habitantes dessa villa, bem paderiam, ao que me parece, fornecer a estes bons argumentos para se defenderem.

condemnar a todas as privações, e a soffrer com alegria qualquer especie de incommodidades. Erguimo-nos de madrugada; acanhava de escrever o diário ou de fazer a analyse das plantas recolhidas na vespera, e meu empregado mudava de papel as que estavam sob compressão. Nessé meo tempo se preparava o nosso almoço, que se compunha de feijão preto cozido com toucinho, arroz e algumas chicoras de chá. No começo da viagem tinhamos biscuitos; mas em breve foi necessario contentar-mo-nos com farinha de milho ou, ás vezes, de mandioca. Não estando ainda acostumado a essa alimentação, lançava, por respeito humano, um pouco de farinha sobre o feijão; mas experimentava uma sensação desagradavel quando os grãos de farinha, imperfeitamente mastigados, passavam-se pela lingua e pharynge. Depois de comer ás pressas, segurando o prato na mão, e quasi sempre occupando-me simultaneamente de qualquer outra coisa, refazia as malas que tinha desfeito na vespera. A partida era o momento critico. Meu companheiro de viagem ia, vinha, agitava-se, chamava este, reprehendia aquelle, comia, escrevia o seu diário, arrumava as bozboletas e tratava de tudo ao mesmo tempo. Todo seu corpo estava em movimento; a cabeça e os braços, que arremessava para a frente, pareciam censurar a lentidão do resto dos membros; suas palavras se precipitavam; a respiração era entrecortada; ficava offegante como depois de uma longa corrida. Por minha parte tratava de apressar-me quanto possivel, tendo fazer-me esperar, e muitas vezes estava mais fatigado no momento da partida do que quando chegavamos á tarde. Apesar de todos os esforços quasi nunca nos podiamos pôr a caminho antes de sete ou oito horas. De cima do meu burro eu arranca-va os ramos de arvores e arbustos que podia alcançar e descia logo que percebia alguma planta menos elevada que despertasse interesse. Tendo o animal do meu creado fi-

eado imprestavel desde os primeiros dias da viagem, parti-lhava minha cavalgadura com o fiel Prégent, e a botânica ganhava com essa circumstancia. Tinha adoptado o costume dos habitantes do paiz, e trazia sempre um chapéo de sol; continuei fazendo o mesmo durante o resto de minhas viagens, e creio dever em grande parte a essa precaução a conservação da saúde. Estavamos então na época das chuvas: quando a agua cahia desde a manhã, não nos punhamos a caminho; mais frequentemente, porém, não chovia sinão pelas trez ou quatro horas, e era então que costumavamos fazer alto; algumas vezes, entretanto, succedia ficarmos ensoçados; mas, nesses climas felizes, a chuva não tem os mesmos inconvenientes que na Europa; é muito menos fria, e basta um raiosinho de sol para que a humidade promptamente se evapore. Para poder esperar com menos impaciencia nosso jantar frugal, não me punha a caminho sem levar commigo um pouco de chocolate e uma pequena garrafa d'agua misturada com aguardente e assucar. Apenas chegados ao *ranchio* abria minhas malas, seccava as plantas que recolhera, analysava-as, e arrumava os insectos que encontrára; comíamos com precipitação o feijão preto e o arroz; escrevia o diario; raramente me deitava antes das onze horas, e, muitas vezes a friagem que circulava sob o *ranchio* me privava do somno.

Poucos instantes depois de deixar Alto, vi, pela primeira vez, terrenos que tinham sido lavados para extracção de ouro. A superficie da terra fôra eliminada, e montes de cascalho substituíam a verdura dos relevados.

Desde Alto o horizonte é limitado por uma alta montanha chamada *Deos Livre* ou *Ouro Branco*, que já tinhamos avistado no dia precedente. Ao longe, seu cume parece truncado e mais ou menos plano; os flancos têm a apparencia de muito escarpados e são cobertos de hervas.

Dentro em pouco chegamos á povoação de *Ouro Branco* (83), a única que encontráramos entre Rio de Janeiro e Villa Rica, e que pode se compor de umas cincoenta casas. Essa povoação se termina por uma praça em cuja extremidade foi construída a igreja, e que domina um amplo valle. Como este não pode ser percebido, a igreja parece apoiada contra a montanha que apresenta por triz *della uma cortina de verdura*. De um lado da praça estão as casas mais consideráveis da povoação; do outro não ha construcções; mas o que torna finalmente esse conjunto extremamente pittoresco, é um grupo de palmeiras de estipe esbelta e folhas leves, que rodeiam uma grande cruz plantada sem symetria do lado da praça opposto á igreja (84).

Tendo descido dessa pequena plataforma entramos no valle. Era dia de festa, e os habitantes da vizinhança se dirigiam em grande numero para a igreja. Todos estavam vestidos com limpeza: as mulheres traziam vestidos brancos, uma especie de jaquetão de panno e um chapéo de feltro, mas as pernas e pés estavam nus. Quasi todos os que encontravamos, homens e mulheres, brancos e gente de côr, tinham um grande hocio (84-a), e, nesse districto

(83) *Ouro Branco* ou *S. Antonio d'Ouro Branco* está situada nos 26° 31' de lat., e 332° 42' de long., a 6 leguas E.S.E. de Villa Rica, 8 da Marianna, 73 do Rio de Janeiro. Essa povoação é a sede do uma parochia que faz parte do *termo de Villa Rica*, e cuja população se eleva a mais de 1600 individuos (1172 habitantes em 1813, Eschw.), *Mém. hist.*, vol. VIII, p. II, pag. 75.

(84) Um viajante inglez erigiu em igreja metropolitana a da humilde povoação de *Ouro Branco*. Esse viajante, o mesmo que imaginou que não queriam que elle comesse gallinha em dia santo, fallou expressivamente da religião dos Brasileiros: vê-se que terin feito melhor começo do por se informar com exactidão das coisas que lhe dizem respeito.

(84-a) Devido naturalmente á impureza da americana, ou infecta de Chagas, a *mosca* é o agente etiológico e o *trypanozoma cruzi*, vehiculado pela picada (*Chagas*) ou excrementos (*Drumpt*) do *conceição* ou *triatoma megala*, especie do *perceveo* do *grupo Drumptera*, vulgarmente conhecida pelo nome de *barbeira*.

assim como nos valles da Europa em que essa enfermidade é commun, se attribue á frialdade das aguas.

Seguindo o valle vimos uma serie de datos de terreno de onde se extrahiu ouro, e onde o solo esburacado, a ausencia de vegetação, e montes de cascalho esparsos dão á paysagem um ar de tristeza.

Chegamos á base da montanha de Deos Livre, no proprio ponto em que deviamos galgal-a, ficamos impressionados com o aspecto singular de uma planta *monocotyledonea* que se eleva no meio da relva. Seus caules vivazes têm de cinco a seis pés de altura; são da grossura de um braço, tortuosos, e se dividem em pequeno numero de ramos igualmente retorcidos, afastados e tão grossos quanto elles. Si se exceptuam os ápices, toda a planta é despojada de folhas e coberta unicamente de escamas seccas que se recobrem á maneira das telhas de uma cobertura, e que são a base das folhas antigas. As folhas novas formam um tufo na extremidade dos ramos, têm approximadamente o comprimento de meio pé, e são tão rijas, lineares e pontcagudas. Do meio dellas nasce uma bella flôr azul de cerea de trez a quatro pollegadas de diametro, e que, pelo conjuncto de suas formas, assemelha-se aos nossos lyrios; os estames são numerosos, e o ovario inferior se termina por um longo stylo que corôa um stygma amarello, expandido, e de trez lóbos. Essa planta curiosa pertence ao genero *vellozia* (85), cujas especies bastante numerosas caracterizam geralmente os cumes descobertos e pedregosos da cadeia occidental; por causa de seus caules seccos e cobertos de escamas, as grandes especies desse genero foram chama-

(85) Já dei breves informações acerca das *vellozia* na minha Introdução á *Historia das plantas mais notaveis do Brasil e do Paraguay*. Si se reunirem as especies de estames definidos ás de estames numerosos, o genero deverá ter o nome de *xerophyta*, dado outróra ás primeiras por Amouio Lourenço de Jussieu; julgo, porém, melhor conservar os dois generos.

das pelos habitantes do paiz *cañella d'ema*; esses caules são geralmente resinosos (86), e podem servir como archotes do mesino modo que em alguns lugares se utilizam ramos de pinheiro.

A montanha de Deos Livre faz parte da cadeia occidental: como todas as elevações visinhas, estava coberta, por essa época, de uma vegetação tão fresca como a que exhibem nossos campos de trigo no começo da primavera. Sobre-se esse morro por um declive bastante facil, e chegando-se ao cume, descortina-se um panorama bastante extenso.

Depois de descer da serra de Deos Livre fomos abnoçar no lugar chamado *Capão*, em cujas proximidades se encontram topazios, e, em seguida, passamos pelo povoado de *Boa Vista* que domina uma região immensa.

Entre *Capão* e *Villa Rica* os caminhos são horribes, e affirmam que em certos lugares em que a estrada passa comprimida entre morros, corre-se o risco de ser atacado, ás vezes, por negros fugitivos (86-a).

Apenas se deixa para traz *Capão* a paysagem toma um ar de tristeza que conserva quasi sempre até *Villa Rica*. Não se descobrem de todos os lados sinão campos desertos, sem cultura e sem rebanhos. Si se avistam algumas casas, ordinariamente estão em ruinas; os contornos das montanhas são na maior parte asperos e irregulares; continuamente se avistam excavações para lavagens de ouro; a terra vegetal foi eliminada, com ella desapareceu a vegetação, e nada mais ficou que montes de cascalho.

(86) A analogia parece indicar que todas as especies contêm resina.

(86-a) O romancista mineiro Fernando Guitarrões escreveu um bellissima novella intitulada *Uma historia do Quilombóes*, que tem justamente por scenario essa região, a passava durante o período do governo de D. Manoel de Portugal e Castro.

CAPITULO VI

VILLA RICA

Chegada a Villa Rica. — O sr. barão d'Eschwege. — Posição de Villa Rica; população; aspecto curioso dessa villa; igrejas; palacio do governador; camara municipal; caserna; hospital civil e militar; theatro, actores; fontes; casas, jardins; maneira de vender os generos; manufactura de faiança; fabrica de pólvora. — Occupações dos habitantes de Villa Rica. — Um baile. — As mulheres nao se mostram. — Excursão á povoação de *Antonio Pereira*; seu local; habitantes; ruínas.

Desce-se, mais ou menos, desde Boa Vista até Villa Rica, e, á medida que nos approximamos dessa villa, a paisagem toma aspecto ainda mais severo. Caminhávamos ha bastante tempo e começavamos a nos lamentar de não avistar a cidade, quando, subitamente, ella se mostrou a pequena distancia. O tempo estava sombrio quando chegamos, e contribuia para augmentar o semblante melancolico da região. Montanhas que, por todos os lados, dominam a cidade, casas antigas e em máu estado, ruas que decaem e sobem, eis o que se nos apresentou aos olhos, quando entramos na capital da provincia das Minas. Descendo sempre acabamos por chegar á parte baixa da cidade, e nos vimos em um valle assás apertado rodeado por morros elevados. Uma parte das casas se estende sobre os que tinhamos á nossa direita; os á esquerda são áridos, quasi a pique e sem habitações. Pelo valle a que descramos corre o *Rio de Ouro Preto*, pequeno curso, cujas aguas, pouco abundantes, são sem cessar divididas e subdivididas pelos faisadores, e cujo leito, de um vermelho escuro, não apresenta mais que filetes d'agua que correm entre montes de seixos ennegrecidos, residuo das lavagens.

Tendo atravessado o pequeno valle chegamos á casa do sr. barão d'Eschwege, situada isolada ao pé de um dos morros que fazem face á villa (26 de dezembro de 1816).

O sr. d'Eschwege, bastante conhecido pelos seus trabalhos e então tenente-coronel ao serviço de Portugal, fôra o companheiro de estudos do sr. Langsdorff; fez-nos excellente recepção, cumulou-nos de gentilezas, e, durante os dezoito dias que passamos em sua casa, foi sempre ao encontro dos nossos desejos.

A grande quantidade de ouro que se encontrou em Villa Rica foi a unica causa de sua fundação (87). Seria, aliás, impossivel escolher posição menos favoravel, pois que essa villa está afastada dos portos de mar e mais afastada ainda de qualquer rio navegavel; as mercadorias só podem chegar ali em animacs de carga, e seus arredores são completamente estercia.

Contam-se em Villa Rica cerca de duas mil casas. Essa villa floresceu enquanto os terrenos que a rodeiam forneciam ouro em abundancia; á medida, porém, que o metal se foi tornando raro ou de extracção mais difficil, os habitantes foram pouco a pouco tentar fortuna em outros lugares, e, em algumas ruas, as casas estão quasi abandonadas. A população de Villa Rica que chegou a ser de

(87) As minas de Ouro Preto foram descobertas em 1699. 1700 o 1701 por ANTONIO DIAS de Taubaté, e pelos Paulistas THOMAZ LOPES DE CAMARGO o FRANCISCO BUENO DA SILVA. Novos colonos em breve se reuniram a esses homens emprehededores, e a povoação que se acabava de fundar foi achada sufficientemente importante, em 1711, para poder ser elevada a villa. — A capital das Minas está situada a 00 leguas do Rio de Janeiro, nos 29° 25' 30" de lat., e 334° 2' 12" de long. (*Mem. hist.*, vol. VIII, p. II, page. 87-93).

"O *crânio do Ouro-Preto*, colonizado por Antonio Dias, de Taubaté, que ergueu a igreja ainda hoje existente, conservando seu nome, o padre João de Faria Filho (padre Faria), capellão da expedição taubatana, a quem se deve outra capella, Thomaz Lopes do Camargo o Francisco Bueno da Silva, de 1699 a 1701; foi a 8 de julho de 1711 elevada a villa com o nome de Villa-Rica, por Antonio de Albuquerque, que julgou a primitiva povoada com bastante desenvolvimento para merecer essa promoção (Claudio Manoel da Costa, *Obras Poéticas*, II, 160). N. do T."

20 mil almas, está actualmente reduzida a 8 mil, e essa villa estaria mais deserta ainda si não fosse a capital da provincia, a séde da administração, e a residencia de um regimento (88).

Villa Rica tem tão pouca regularidade que é extremamente difficil dar della uma idéa sufficientemente exacta. E' construida sobre uma longa serie de morros que marginaam o Rio d'Ouro Preto e lhe desenham as sinuosidades. Uns avançam mais; outros, mais recolhidos, formam gargantas bastante profundas; alguns, demasiado escarpados para receber habitações, não apresentam, em meio dos que os rodeiam, sinão uma vegetação bastante enfezada, e grandes excavações. As casas se encontram assim dispostas por grupos desiguaes, e cada uma é, por assim dizer, construida em plano differente do das outras. A maioria tem um pequeno jardim longo e estreito, muito mal cuidado. Esses jardins são sustentados por uma muralha pouco elevada, quasi sempre coberta por immensa quantidade de fétos, gramineas, musgos, e na mais das vezes formam uns por cima dos outros uma serie de terraços cujo conjunto apresenta uma vez ou outra uma massa de verdura, tal como jamais se vê nos nossos climas temperados. Dessas casas, assim entremeadas de cumes áridos e tufos condensados de vegetaes, resultam pontos de vista tão variados como pittorescos; a côr ennegrecida do sólo, a dos tectos, que não é meos escura, o verde carregado das laranjeiras e cafeeiros muito multiplicados nos jardins, um céu quasi sempre nevoento, a esterilidade dos morros não edificados, dão, porém, ao paorama um aspecto sombrio e melancholico.

(88) Villa Rica é não só a capital da provincia como a séde de uma *comarca* que se divide em dois *termos*, o da propria villa e o do Marianno. Essa *comarca*, a menor das cinco que formam a provincia, comprehendia em 1813, segundo d'Eschwege, 6,517 fégos e 72,200 individuos, quer dizer, cerca da septima parte da população total das Minas; pelo menos, si admittimos o numero de 433,019 habitantes, indicado por d'Tschwege para 1808.

Para dar a conhecer essas *paysagens* curiosas, vou tentar esboçar a que tínhamos deante de nós quando, da casa do barão d'Eschwege, lançavamos os olhos sobre a villa. Essa casa, como já o disse, estava della separada pelo Rio d'Ouro Preto. Um relvado de bellissimo verdor atapeta os espaços desiguaes que se acham comprehendidos entre o rio e a base dos morros sobre os quaes se construiu a cidade. Aquelles que defrontam directamente a casa do sr. Eschwege, não apresentando encosta sufficientemente branda para receber construcções, foram deixados cobertos por uma gramma rara e pardacenta; uma unica casa foi construida bem na base, e seus muros, recentemente caidos, contrastavam então com o verde carregado das laranjeiras, bananeiras e cafeeiros que a rodeavam, bastante comprimidos uns contra os outros. E' defronte do lado esquerdo da casa do sr. d'Eschwege que estão situados dois dos grupos de casas mais consideraveis. Reunidos pela base, elevam-se, divergindo, pela encosta de dois morros que avançam pelo vallão do Rio d'Ouro Preto, e deixam entre elles, em um plano pouco menos saliente, um espaço triangular sem cultura e habitação, onde o terreno revolvido e despojado de vegetação deixa por toda a parte lobrigar vestigios afflictivos dos trabalhos dos mineiros. Nenhum dos dois grupos alcança o cume dos morros; esse ficou nú, e apenas mostra um sólo avermelhado e quasi desprovido de vegetação. Como a disposição do terreno não permite que duas casas possam ficar no mesmo plano, podem ser vistas, a maioria dellas, total ou parcialmente. O maior numero, construidas de barro e mal conservadas, attesta os poucos recursos dos habitantes. A côr parda dos tectos cujas abas avançam bastante além das paredes pardacentas das casas, e as gelosias de um vermelho carregado, contribuem para a maior melancholia da *paysagem*; e algumas construcções, caiadas de fresco, fazem resaltar mais ainda as côres sombrias das casas proximas. O grupo

que está á esquerda, mais largo que o outro, apresenta um conjuncto mais irregular, e se eleva acima da igreja parochial d'Ouro Preto que apresenta um dos seus lados ao curso do rio. As casas que formam o grupo da direita, approximadas umas das outras, não deixam entre si quasi espaço nenhum; cada qual tem um jardim que forma no mesmo plano que a habitação um terraço estreito, e contêi até vinte e dois desses terraços que se elevavam em amphitentro uns por cima dos outros. Os fétos que cobrem as muralhas dos terraços mascaram a côr das pedras, e, misturando seu verdor ás tintas mais carregadas das plantas cultivadas nos jardins, produzem um effeito muito decorativo; si, porém, essas parasitas (89) demonstram a força da vegetação nesses felizes climas, attestam ao mesmo tempo a negligencia do homem, e augmentam o aspecto de abandono que têm as habitações. Ao lado do grupo que acabo de descrever vê-se a igreja militar edificada sobre uma plataforma, abaixo de uma encosta que só exhibe sarças entremeadas de alguns rochedos enegrecidos. Um pouco mais longe que o grupo da esquerda existe um outro que cerca uma igreja, e acima do qual se elevam, em outro plano, altitudes áridas que foram revolvidas por mineiros. Vêem-se mais além algumas terras cultivadas e moitas de *araucarias*; enfim, montanhas elevadas, descrevendo um semi-circulo, limitam esse horizonte bastante approximado, e parecem separar a Lucia estreita que encerram, do resto do universo.

Contam-se em Villa Rica quinze ou dezesseis capellas (90) e duas igrejas parochiaes, uma dedicada a Nossa

(89) Não tenho necessidade de dizer que essa palavra não é aqui tomada no sentido que lhe dão os naturalistas.

(90) Pela palavra *capella* entendem-se todos os templos que não são igrejas parochiaes. Pizarro dá a lista de deztoito *capellas*; mas pode-se, no que me parece, suspectar que tenha desdobrado algumas; pois, depois do nomear, entre outras, a *capella de Nossa Senhora do*

Senhora do Pilar, e conhecida pelo nome de Antonio Dias, seu fundador; a outra, construída sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição, e chamada geralmente a igreja do *Rio d'Ouro Preto*, por causa da corrente perto da qual foi levantada.

A igreja d'Ouro Preto tem o comprimento de cerca de cincoenta e cinco passos, desde a porta de entrada até o altar-mór; é muito antiga e pareceu-me não ser de grande solidez. Menos illuminada do que, em geral, as igrejas mais modernas, ella é, quanto ao mais, bastante bonita. A forma da nave é elliptica; e a ambos os lados estão adossados trez altares bastante ornados e cheios de donrados. Esses altares são separados por pilastras de ordem corinthia e cobertos, quando se não está officiando, por reposteiros de damasco vermelho. A pequena distancia delles, uma balaustrada de *jacarandá* contorna, segundo o costume, a nave. Sobre a porta de entrada e altares lateraes corre uma tribuna que termina, de ambos os lados, no começo do santuario, ou capella principal. As pinturas do tecto e das outras partes da igreja são passaveis e infinitamente superiores ás dos outros templos que se vêem na provincia. Na época em que foi construída a igreja de Ouro Preto, os mineradores, no auge da abastança, mandaram vir, naturalmente, operarios e artistas de Portugal; diminuindo sua riqueza passaram a se contentar com os pintores do paiz que, embora dotados de talento natural, continuam miseraveis borradores porque não têm mestres e jamais vêem bons modelos. Aos lados do santuario da igreja de Ouro Preto vêem-se, a certa altura, quadros supportaveis que representam os quatro Evangelistas: os que estavam mais baixo tinham sido destruidos, provavelmente; alguém modernamente se lembrou de

Rosario do Taquaral, termina sua lista da maneira seguinte: *A de S. Sebastião e as tres do titulo de Nossa Senhora do Rosario no Ouro Preto; no Alto da Cruz e no sítio denominado do Padre Faria.*

substituiu-os pelas quatro estações, feitas, como todas as pinturas actuaes, com grandes pinceladas e côres grosseiras.

A igreja parochial de *Antonio Dias*, construida na parte mais alta da cidade, tem approximadamente o mesmo comprimento que a de Ouro Preto: é melhor illuminada, mas seus dourados são menos frescos, as pinturas mais grosseiras, e a forma menos agradavel. De cada lado da nave estão quatro altares; e, segundo o costume, os dois mais proximos da capella-mór são collocados obliquamente. Pilastras douradas separam esses altares que, fóra das horas de officio, permanecem escondidos por cortinas de damasco vermelho. Por cima da porta de entrada ha uma tribuna, e a um dos lados dessa galeria se vê um pequenino teclado de orgão.

O edificio mais consideravel que encerra Villa Rica é a residencia do governador, á qual se dá o nome pomposo de *palacio* (90-a), e que está situado sobre uma praça irregular em um dos locais mais elevados da cidade. Esse pretenco palacio apresenta uma massa de construcções bastante pesadas e de mau gosto, em forma de quadrila-

(20-a) Do livro do prof. Anibal Mattos intitulado *Monumentos Historicos, Artisticos e Religiosos de Minas Gerais* collectamos os dados que se seguem, relativos a este edificio:

Foi Gomes Freire de Andrade quem solliciou, em 1735, permissão para construir casa para os governadores, até então alojados na lobeira casa do Antonio Dias ou no palacio da Villa da Ribeirão do Carmo. Foi-lhe concedida a permissão por carta régia de 20 de agosto de 1736. Originou a construcção, que foi de pedra e cal, cercada de muros abaluartados, o sargento-mór engenheiro José Fernandez Pinto do Alpoim, o multi naturaldo dos m.ªs de seu tempo; foi arrematada em hasta pública a empreitada por 40 mil cruzados (16:000\$000), menos a parte correspondente aos cunhos, pedras e janelas, despesa que o governador suppuz não exceder de 2:400\$000, ou sejam 46.000 cruzados para toda a obra. Foi o que Gomes Freire emmuloou no tel em 29 de agosto de 1738.

Foi arrematante das obras Manoel Francisco Lisboa, mestre carpinteiro, pal de Aleijadinho. Nem todas as obras, porém, ficaram a seu cargo. A parte referente á cantaria foi arrematada ao preço de unidade por Manoel Ferreira Paes, e o pórtico de entrada por Caetano da Silva Rêve, mestre cantelero, por 150.000 réis. O primeiro governador a occupar o palacio recém-construido foi José Antonio Freire de Andrade, que ficou interino no governo das Minas enquanto Gomes Freire assistia no Rio de Janeiro, em 1738.

Serviu esse casarão a presidentes da provincia, e, depois da mudança da capital mineira para Bello Horizonte, tornou-se a sede da Escola de Minas. Está actualmente muito alterada a architectura primitiva.

tero alongado, e á qual se quiz dar alguma semelhança com um castello fortificado. A fachada principal, aquella por onde se entra, é formada por uma das grandes faces do edificio, e apresenta um corpo central e duas alas muito pouco salientes. Essa fachada dá para um terraço muito estreito que domina o quartel; um dos lados menores do casarão defronta a praça: apresenta tambem um corpo mediano e duas alas muito curtas, e se eleva igualmente sobre um terraço muito estreito que avança sobre o largo á maneira de bastião. Algumas pequenas peças de artilharia que se fizeram vir com bastante difficuldade atravez das montanhas, foram collocadas sobre este ultimo terraço. O interior do palacio apresenta uma serie de apartamentos elevados e muito espaçosos, mas tão escassamente mobiliados como o são em geral as antigas casas portuguezas. As paredes são ali inteiramente despidas; só as cornijas e lambrins foram pintados e, ainda assim, grosseiramente (91). O local destinado á fundição do ouro em pó faz parte do palacio.

A praça de que já falei forma um quadrilatero alongado, pouco regular, de que o palacio occupa um dos lados menores. Defronte desse edificio está a camara municipal (*casa da camara*), construcção de bom gosto, para o qual se sobe por uma escada com patamar, e que é coroada por uma balaustrada á italiana. E' lamentavel que esse edificio não esteja acabado e não defronte exactamente o palacio. Como é costume no paiz, uma parte da casa da camara serve de cadeia.

Em frente á entrada principal do palacio se encontra, como já o disse, a caserna, que nada apresenta de notavel;

(91) Pizarro diz desse palacio que elle é magnifico. Percebe-se qua falla assim, porque, sem duvida, não tinha termos de comparação. Não são, aliás, julgamentos sobre objectos de arte que se devem buscar nas *Memórias historicas*, etc., livro quanto ao mais muito valioso.

consiste simplesmente em casas de um só andar, dispostas em torno de um pateo cuja forma é a de um parallelogrammo alongado. A pouca distancia do quartel vê-se a igreja militar, erguida sobre uma plataforma da qual se descortina um panorama bellissimo.

A repartição do thezouro (*casa da fazenda*) é um edificio bastante pesado, que, entretanto, se destaca pelas dimensões. E' lá que se reúne a junta da fazenda, que estão os cofres publicos, e se conservam os documentos e registros relativos ás finanças da provincia.

Existe em Villa Rica um hospital civil mantido pela irmandade da Misericordia; mas este estabelecimento apenas attesta a mais deploravel das negligencias. Não é para lamentar que na capital de uma região que se diz christã, e onde tantas sommas se despendem para construir igrejas inúteis, não se tenha ainda pensado em offerrecer um asylo conveniente á pobreza soffredora? E si os particulares são tão indifferentes ao cumprimento desse dever, não é para espantar que os governantes não tenham tomado a menor disposição para supprir o seu parco zelo?

O hospital militar, mantido pelo governo, occupa o pavimento superior do edificio, cujo rez-do-chão é reservado ao hospicio civil, e que pertence todo elle á irmandade da Misericordia (92). Tão bem administrado quanto é relaxado o hospital civil, as enfermarias militares podem receber sessenta doentes. Os leitos, enfileirados em duas salas bastante altas e passavelmente arejadas, são, segundo o costume tradicional, separados por biombos que formam outros tantos compartimentos; mas, apesar dessa distribuição mal comprehendida, zela-se bastante pela limpeza, e não se sente lá nenhum cheiro desagradavel. Os doentes são ali cercados de cuidados, e quando a enfermidade que os acommette não os impede de se alimentar,

(92) Creio que, depois de 1818, o hospital militar foi transferido para outro local.

dá-se-lhes diariamente um pequeno pão, uma pequena ração de farinha e duas libras de carne. Um ajudante, que reside na casa, faz cumprir as prescripções do cirurgião-mór, e o serviço é feito por escravos de particulares que os alugam á administração, sob a direcção de um enfermeiro branco. Não estacionam em Villa Rica mais que cento e vinte a cento e cincoenta soldados, e, o que é mais digno de nota, em numero tão reduzido de individuos uns dez approximadamente occupam o hospital e outros tantos ficam tratando-se á propria custa em casas particulares. Disso não se pode, todavia, concluir nada contra a salubridade da região; as molestias venereas, tão communs no interior do Brasil, são o unico motivo de tão alta percentagem de doentes.

Si os habitantes de Villa Rica não possuem em sua cidade mais que um unico estabelecimento de beneficencia, e fazem tão poucos sacrificios para sustental-o, pelo menos não se lhes pode censurar de fazerem grandes gastos com seus proprios prazeres, no minimo com os que é permittido confessar. Não ha em sua cidade um unico passeio publico, nenhum café passavel, nenhuma bibliotheca, nenhum gabinete litterario, nenhum centro de reunião, e os estrangeiros nem sequer têm o recurso de ali encontrar uma hospedaria supportavel.

Existe, na verdade, uma casa de espectaculos em Villa Rica; como, porém, vamos ver, bem pouco compensa a falta de tantas outras commodidades. Após subir-se uma rua excessivamente ingreme, chega-se a uma casa de apparencia mesquinha; é lá que se fazem as representações. A sala é bastante bonita, porém pequena, e muito estreita. Tem quatro ordens de camarotes, cuja frente é fechada por balaustradas rendadas que não produzem máu effeito. Só os homens ficam na plateia, e ali se sentam em bancos. Até agora não se tentou illuminar a sala de outra maneira que não a de collocar velas entre os camarotes. A cortina representa as quatro partes do mundo pintadas do modo

mais grosseiro; entre, porém, as decorações, que são variadas, ha algumas supportaveis. Os actores têm o cuidado de cobrir o rosto com uma camada de branco e vermelho; mas as mãos trahem a côr que a natureza lhes deu, e provam que a maioria delles é de mulatos (92-a). Não têm a menor idéa de indumentaria; e, por exemplo, em peças tiradas da historia grega vi personagens vestidos á turca e heroínas á franceza. Quando esses actores gesticulam, o que raramente succede, poder-se-ia pensar que são movidos por molas, e o ponto, que lê as peças enquanto elles a declamam, fala tão alto, que frequentemente sua voz mascara completamente a dos interpretes.

Villa Rica goza de uma vantagem inapreciavel. Por todos os lados uma agua excellente brota dos morros em que foi construida essa villa. Aproveitaram-se dessa circumstancia para construir grande numero de chafarizes; estes, porém, nada apresentam de notavel.

Quasi todas as casas estão mal conservadas, e têm um ar tristonho que devem á côr escura de suas gelosias, e ao matiz ennegrecido que adquirem rapidamente as telhas de barro quando expostas ao ar. De perneio, no entanto, a uma multidão de casas pessimas, vêem-se algumas bastante boas, sobretudo na rua principal que tem o nome de *Rua direita* (92-b), muito embora seja irregular.

Como alguns dos morros sobre os quaes se construiu têm inclinação muito ingreme, succede ás vezes que as longas chuvas de janeiro e fevereiro deslocam a terra e fazem alluir as casas.

(92-a) Diz *Criollo nas Cortes Chilenas* (carta 5.^a, pg. 96, edição de 1863):

"Ordem-se tambem, que nos theatros

Os tres mais belos dramas se estropeem,

Repetidos por bozas de mulatos."

(92-b) *Rua direita* não significava antigamente, como suppunha Saint-Hilaire, *rua rectilinea, regular, e sim, rua directa, rua principal, rua que levava ao centro da cidade*. No Rio de Janeiro tambem a antiga *Rua Directa* (actualmente 1.^a de Março) é bastante irregular. Deu-se na alteração de *directa* para *direita* um phenomeno de vocalização do que a lingua portugueza apresenta numerosos exemplos: *baptismo*, por *baptismo*; *douto* por *douto*, *noite* por *noite*, *oito* por *oito*, *consciência* por *concepção*, *Conia* por *Cepia*, etc. etc.

Os pequenos jardins que, como já o disse, acompanham as casas, são geralmente muito pouco cuidados. Laranjeiras, cafeeiros e bananeiras ahí se vêem, planta los quasi sempre sem ordem. A couve é o legume que mais se cultivar; e, entre as flôres, as preferidas são os cravos e a rosa de Bengala, que conserva sua côr primitiva (93).

A presença do governador e das principaes repartições publicas da provincia entretêm em Villa Rica um commercio de importação consideravel, e lá se vêem lojas bastante sortidas.

Na terça e na quarta-feira de todas as semanas conductores de bestas carregadas de generos chegam a Villa Rica, e passiam pelas ruas, até terem vendido tudo o que trouxeram. Um pequeno gallo de arvore, trazido pelo animal, indica que seu carregamento está á venda. Quiz-se estabelecer nessa cidade um mercado regular, mas foi escolhida occasião pouco favoravel, uma época de carestia. O pequeno numero de vendedores, vendo de relance a grande quantidade de compradores que se apresentavam, augmentou suas pretensões. Fez-se uma representação ao governador e as coisas foram restabelecidas no antigo systema.

Si exceptuarmos a manufactura de pólvora, que pertence ao governo, e uma fabrica de louça que se estabeleceu ha poucos annos a pequena distancia de Villa Rica, não existe nessa villa e suas proximidades nenhuma especie de manufactura. Os vasos que sahem da fabrica de Villa Rica apresentam, em geral, lindas formas; mas são revestidos por uma camada muito espessa de verniz, e quebram-se, dizem, com muita facilidade. E' evidente, aliás, que se conseguirá facilmente evitar esses defeitos, e a manufactura de Villa Rica talvez fique rivalizando com as de Europa, sobretudo se os habitantes da região, sabendo

(93) Foram esses jardins que um viajante julgou poder denominar pomposamente o reino de Flora.

zelar sua honra e interesses, quizerem fazer alguns sacrificios para sustentar o primeiro estabelecimento de productos industriacs que se fundou entre ellas. Mas, deve-se confessal-o, si bem que os *Mineiros* pareçam muito orgulhosos de sua patria, ha realmente entre elles tão pouco espirito publico, que quasi nunca ouvi os habitantes de Villa Rica referirem-se senão com desprezo á unica industria que possuem; exageram os defeitos de seus productos, e, si comparam sua louça com a da Inglaterra, é para fazer sentir quanto é superior a que compram aos estrangeiros.

A fabrica de pólvora está localizada fóra da villa e isolada no meio de morros. Os processos ali seguidos são approximadamente os mesmos em uso na Europa; mas parece-me que relaxam muito as precauções a tomar em um estabelecimento desse genero, e, varias vezes, por um triz não houve serios accidentes.

Como as mulheres em Villa Rica são tão pouco sociaveis como em quasi todo o resto da provincia, não se podem realizar nessa villa reuniões mundanas. O jogo, os prazeres grosseiros e pequenas intrigas constituem as unicas distrações dos habitantes.

D. MANOEL DE CASTRO E PORTUGAL, governador da provincia, procurára, todavia, usar de sua influencia para reunir em sua casa uma sociedade honesta composta de homens e senhoras; mas essas reuniões apenas tinham lugar em circumstancias extraordinarias. No dia seguinte ao da nossa chegada houve um baile em palacio e fomos convidados. A maneira de vestir e de apresentar-se das senhoras podia offerecer materia á critica de um Francez recentemente chegado de Pariz; ficamos, todavia, admirados por não vermos, a tão grande distancia do littoral, differença mais sensivel ainda entre as maneiras dessas senhoras e as das Europeas. Dançaram-se varias contradanças bastante prolongadas. Entre duas contra-

dansas fazia-se musica; algumas das senhoras cantaram bastante agradavelmente, e um soldado veio recitar um pequeno discurso de sua auctoria. Para pagar, sem duvida, um tributo aos costumes do paiz, fez-se com que uma mulata dansasse uma especie de fandango, e essas mesmas damas, ás quaes mal nos era permittido a palavra, mantiveram-se calmas espectadoras dessa dansa extremamente livre, sem que ninguem pensasse em se admirar disso.

Não conhecendo ainda então os habitos da região, imaginava que, durante nossa estadia em Villa Rica, teriamos occasião de tornar a ver as senhoras com que passáramos o saráu em casa do governador. Fizemos frequentemente visita a seus maridos, que eram os principaes personagens da cidade; mas não avistamos uma unica mulher.

Durante o tempo que permanecemos em Villa Rica fizemos quasi que diariamente passeios, aos quaes a conversação instructiva do nosso guia, o sr. barão d'Eschwege, communicava grande interesse (94). A mais longa dessas excursões foi a que teve por objectivo a povoação de *Antonio Pereira*, uma das localidades da provincia mais ricas em ouro. Após sahirmos da villa, galgamos as elevaçõs que a rodeiam. Por todos os lados tinhamos sob os olhos os vestigios afflictivos das lavagens, vastas

(94) Um viajante inglez falla, por informações que lhe deram, de Indios que habitam, diz elle, os arredores de Villa Rica. E' de crer que lhe quizessem fallar dos *Coroudos*, *París* e *Coropós*, que occupam as margens do Rio Xipotó, a cinco ou seis dias de marcha da capital da provincia. O mesmo viajante acrescenta que a certa distancia do Villa Rica, para o noroeste, ha tribus indigenas que assimilaram os primeiros elementos da civilização; que se reúnem, dizem, em bandos para entregar-se ao banditismo; que possuem, dizem ainda, armas de fogo e procuram os meios de adquirir pólvora; que, enfim, guerreiam-se continuamente e acabam por se exterminar, enquanto os brancos, agindo de combinação, ficam na impossibilidade, assistindo essa infelizes se destruirão uns aos outros. Os que conhecem os arredores de Villa Rica ficarão bastante espantados de saber que lá se passaram coisas tão extraordinarias.

extensões de terra revolvida, e montes de cascalho; mas, ao mesmo tempo, dominavamos uma parte da cidade, e mais além percebíamos o valle em que corre o rio de Ouro Preto. Quando chegamos á outra vertente da montanha a villa desapareceu-nos da vista, e então apenas percebíamos morros de aspecto selvagem, dos quacs alguns coroados por rochedos nús; entre estes alguns ha que abundam tanto em ferro, que em cem libras de minério se retiram oitenta de metal purificado. Continuando nossa derrota, subimos e descemos varias vezes, seguindo pelos caminhos mais horriveis, e chegamos finalmente a um valle de tal modo sombrio que, comparado a elle, a região que acabavamos de atravessar poderia passar por sorridente. Os morros que a rodeiam são cobertos de uma relva pardacenta, e exhibem a imagem da esterilidade; em todos os lugares em que o trabalho dos mineiros despojou a terra da vegetação, ella apresenta uma coloração vermelha escura; e as aguas pouco abundantes do regato de *Gualacha* (95), que corre pelo valle, deixam ver seu leito de côr denegrida. E'ahi que está situada a povoação de *Antonio Pereira*, séde de uma parochia muito extensa cuja população se eleva a cerca de 5.000 almas. Essa povoação, afastada duas leguas da cidade de Mariana, se compõe de umas cincoenta casas que foram bem construidas, mas que, na maioria, estão actualmente no peor estado. Cada casa é acompanhada de um pequeno jardim pouco cuidado, onde se vêem plantados alguns pés de café, couves e lananciras. Além disso não se percebe no campo o menor signal de cultura; não se enxerga um unico rebanho em incio ás vastas pastagens que cobrem os morros, e é necessario que os tropeiros tragam de Marianna aos habitantes de Antonio Pereira o necessario á sua subsistencia. A maior parte destes ultimos é gente de côr; vivem apenas da lavagem do ouro, e, quasi todos muito

(95) Ou, talvez, *Gualacho*.

pobres para podereza dispor de escravos, são obrigados a trabalhar pelas próprias mãos; descansam porém, desde que conseguem, por uma busca de algumas horas, o ouro sufficiente para satisfazer as necessidades do dia, e não voltam ao trabalho sinão quando a fome a isso os força novamente. Entretanto, um pouco mais de intelligencia e actividade seria infallivelmente recompensada por exito compensador, pois as terras desse districto contêm ainda grande quantidade de ouro. Assim, antes de chegar á povoação passamos deante de uma habitação onde, poucos mezes antes, se obteve, em uma hora de trabalho, ouro em pó no valor de cerca de 20.000 réis (125 fr.). O proprietario da habitação já se entregava ás mais bellas esperanças, mas não soube tomar as precauções que exigia a natureza do terreno; vieram as enchentes, a terra desmoronou, e soterrou o gerente da habitação com varios escravos.

CAPITULO VII

MARIANNA

Partida de Villa Rica. — Passaporte. — Caminho de Villa Rica a *Marianna*; vegetação; *gemelleiras*. — Povoação de *Passagem*; aqueductos rusticos. — *Marianna*; sua situação; ruas; praças; palacio episcopal; seminario; chafarizes; casas; vegetação dos arredores de *Marianna*; productos; minas; commercio.

Ao cabo de uns quinze dias preparáram-nos para deixar Villa Rica, e fomos apresentar as despedidas ao governador que nos cumulára de atenções e gentilezas. Offereceu pôr á minha disposição um soldado para me acompanhar pelo resto da provincia, e mostrar aos habitantes que eu viajava sob a especial protecção do governo. Eu, porém, ia percorrer uma região pacifica e hospitaleira; achei que a delicadeza não me permitia aceitar esse offerecimento, que, aliás, me penhorou completamente. O governador não se limitou a essa manifestação de bondade; no momento da partida recebi d'elle um passaporte que me concedia as mais amplas prerogativas. Esse passaporte dispensou-me das revistas nos registros, e me isentou dos direitos que se pagam na passagem dos rios. Excepto, aliás, em duas occasiões extraordinarias, não o exhibi, durante quinze mezes, a nenhum particular; e si durante o decurso de minhas viagens fui tratado com tanta huaneza e hospitalidade, pelos habitantes do paiz, não o devo sinão a elles proprios.

No dia seguinte ao da chegada a Villa Rica, nosso companheiro de viagem, sr. Antonio Ildelfonso Gomes, se separou para ir ter com sua familia em *S. Miguel do Mato dentro*. Deixamos Villa Rica com a intenção de ir ao seu encontro, e até a povoação de *Catas Altas*, seguimos

a grande estrada que conduz de Villa Rica a Villa do Principe e ao Districto Diamantifero.

Até *Marianna*, que está situada a duas leguas de Villa Rica, essa estrada vai descendo sempre; é bastante bella, pelo menos, para a região, e o que me parece ser mencionado, houve o cuidado de lageal-a nas proximidades de *Marianna*. Segue-se a principio a meia encosta os morros que dominam do lado de oeste o valle em que corre o rio d'Ouro Preto, e enquanto se descortina um trecho da cidade, goza-se sempre desses pontos de vista pittorescos que apresenta por qualquer lado que seja observada. O terreno não desce por um declive brando até a margem do Rio de Ouro Preto; mas, em quasi todo o percurso, esse córrego é encaixado entre rochedos ennegrecidos e escarpados. Algumas casinhas, erguidas no fundo do valle e ro-leadas de bananues compactos, dão um pouco de vida á paisagem; mas não lhe tiram, absolutamente, o aspecto austero e selvagem. Quando Villa Rica desaparece aos olhos do viajante, o que em breve acontece, elle não vê por todos os lados sinão morros estercis. Os que atravessávamos estavam em grande parte cobertos da composta chamada *carqueja* e das hastas viscosas do *mata pasto*, outra composta cujo cheiro activo afugenta o gado, e que, apoderando-se, como nossa genciana amarella, de extensões de terra consideraveis, torna-as inteiramente inuteis. Nas proximidades de *Marianna*, é outra planta que domina a vegetação dos morros: uma *ericacea*, cujo fructo é succulento, e que, pelas folhas, brancas inferiormente e verde carregado na face superior, dá ás pastagens um matiz particular.

De distancia em distancia plantaram-se á margem da estrada algumas dessas figueiras selvagens conhecidas no paiz pelo nome de *gamelleiras*. Essas arvores pégam de estaca; um simples galho, espetado na terra sem nenhum cuidado, vegeta rapidamente e dá em breve uma sombra acolhedora. Realmente não é possível aproveitar nas ar-

tes o lenho muito brando dessas arvores; todavia, a rapidez de seu crescimento, o pouco trabalho que exige o plantio, a utilidade da sombra em um paiz tão quente, além da necessidade de lenha, que em alguns logares já se faz sentir, são sufficientes motivos para que a administração não deya desdenhar de mandar plantar gamelleiras á margem dos caminhos nas zonas descobertas da provincia.

Pouco tempo depois de ter deixado Villa Rica, vê-se, proximo á estrada, uma fonte de agua mineral ligeiramente ferruginosa. Os morros sobre os quaes se traçou o caminho, foram, em mais de um lugar, escavados na superficie pelos mineradores, e, nas proximidades de Villa Rica, vê-se, de espaço a espaço, a entrada das galerias que antigamente abriram pelas entranhas da terra. Algumas dessas galerias mal foram começadas, e formam grotas revestidas de musgos e feliceinas, onde a agua, que corre por todos os lados, entretem a frescura.

A cerca de meia legua de Marianna atravessa-se *Passagem*, povoado de pouca importancia situado sobre a encosta dos morros, e que tem uma capella dependente da parochia de Marianna. Em Passagem, o Rio de Ouro Preto, que, como já disse, durante muito tempo correu a leste do caminho, corta-o de subito; esconde-se em seguida por traz dos morros que ficam a oeste da estrada, e não apparece novamente senão nos confins da cidade de Mariana.

Para além de Passagem observei um desses aqueductos rusticos que os mineradores constróem para conduzir a agua, ás vezes de muito longe, até suas lavagens. Esses aqueductos, que consistem simplesmente em conductos de madeira descobertos e supportados por longos esteios, formam, ás vezes, como o de Passagem, curvaturas bastante largas, e produzem na paysagem um effeito altamente decorativo.

Bastaram-nos duas horas de trajecto para chegar a Marianna, e os primeiros habitantes gastavam cinco dias para fazer essa viagem, quando a região ainda estava coberta de mattas virgens, e se era obrigado a seguir, através de rochedos e sarças espessas, todas as sinuosidades que o Rio de Ouro Preto descreve em seu curso (96).

Immediatamente antes de se chegar a Marianna passa-se por perto de uma igreja construída isolada no alto de um morro que domina quasi toda a cidade, e que, por sua vez, é dominada por outros morros mais elevados. Essa igreja não está acabada; mas, exactamente por isso, produz na paisagem um effeito mais pittoresco. Desse ponto Marianna parece, por uma illusão de optica, estender-se á margem de um regato em uma pequena planície rodeada de montanhas; mas realmente não se dá isso. A cidade quasi-inteira é edificada sobre o cume e a vertente oriental de uma collina bastante baixa, estreita e alongada, que se estende do sul para o norte e diminue sensivelmente de altura até a extremidade. Dois corregos que estão longe de encher todo seu leite, deslizam parallelamente

(96) Foram descobertas jazidas, em 1700, no *Ribeirão do Carmo* pelo paulista JOÃO LOPES DE LIMA, e, já em 1711, o governador ALBUQUERQUE encontrou, á margem desse regato, uma população assás consideravel para erigir em villa a reunião de casas que ella construiu. A villa foi a principio denominada *Villa Real de Nossa Senhora do Carmo*; mas, em 1745, fizeram-na sede de um bispado, elevaram-na á categoria de *cidade* e mudaram seu nome para o de *Marianna*, que era o da rainha então reinante MARIANNA D'AUSTRIA, esposa de D. JOÃO V. A população actual de Marianna eleva-se a 5,130 individuos. *Memo. hist.*, vol. VIII, p. II, pag. 76. — *Corog. Bras.*, I, pag. 371.

"Miguel Garcia, de Taubaté, foi o primeiro a revelar conhecimentos do córrego que desagua no Ribeirão do Carmo e passou por Marianna. Este ultimo ribeirão foi descoberto realmente por João Lopes de Lima em 1700, ao mesmo tempo que Miguel Garcia explorava a região. O assentamento primitivo foi elevado a villa com o titulo de *Villa do Ribeirão do Carmo*, pelo governador Albuquerque em 1711. N. de T."

nos flancos da collina sobre uma areia ferruginosa e negra. Um banha o lado oriental, e tem o nome de *Ribeirão do Seminario*, porque tem os alieceres á sua margem; o outro corre do lado do occidente, e se chama *Ribeirão do Catete*. Um terceiro regato, o de Ouro Preto, que vem de Villa Rica e toma aqui o nome de *Ribeirão do Carmo* (97), passa, como já o disse, do lado de oeste, por traz de um morro bastante elevado, parallello á cidade; formando um cotovelo, corre por um momento perpendicularmente á extremidade septentrional desta ultima, e depois de receber as aguas avermelhadas dos córregos de Catete e do Seminario, retoma seu curso na direcção de sul norte. Deste modo Marianna está realmente construida em uma península. Todavia, fóra dessa península, existem ainda dois grupos de casas das quaes o principal está situado sobre o morro que se encontra entre o Ribeirão do Carmo e o de Catete, e, para estabelecer communicação entre esse morro e a cidade, construiu-se sobre o ultimo dos dois regatos uma ponte de pedra de um só arco. Morros bastante elevados, outrora cobertos de mattas e hoje em dia reduzidos a magras pastagens, dominam a cidade por todos os lados, e apresentam em varios lugares os vestigios de trabalhos de mineração.

A cidade de Marianna é rasgada por ruas longitudinaes, que cortam outras ruas, obliquas relativamente ás primeiras, e, approximadamente, parallelas entre si. As ruas longitudinaes, que seguem a crista da collina, vão descendo de modo insensivel; as transversaes se estendem sobre o flanco da collina por uma rampa um tanto íngreme. Todas são regularmente calçadas; e, em geral, direitas e bastante largas, principalmente as duas ruas longitudinaes chamadas *rua Direita* e *rua das Côrtes*. A

(97) E' esse regato que um viajante inglez denomina *Rio del Carmen*.

primeira leva á praça chamada da *Cadeia*, a outra termina na chamada das *Cavalhadas*.

E' ao meio da praça da *Cadeia* que está a columna encimada pela esphera dourada que indica ser a cidade a séde de uma jurisdicção. Essa praça é pequena e quadrada. Um dos seus lados é formado pela *casa da camara*, edificio pouco imponente, porém regular e bem conservado, que comprehende a prisão; dois dos outros lados são occupados por outras tantas igrejas. A praça chamada das *Cavalhadas* é um quadrilatero alongado e coberto de grama; é lá que nos festejos publicos se fazem as corridas a cavallo e os torneios.

A cidade de Marianna constitue uma unica parochia; mas nella se contam nove igrejas, incluindo a cathedral.

O palacio episcopal está situado fóra da cidade. E' um edificio bastante longo que nada apresenta de notavel, e que mostra, do lado de dentro, um corpo de habitação principal, e duas alas. Tinham-me gabado muito seu jardim, e, effectivamente, das elevações proximas, pareceu-me desenhado com regularidade, e ser maior e melhor tratado que todos os outros que vira no resto da provincia. Passando, de volta da viagem, deante do bispado de Marianna, vi dois sacerdotes a uma janella; adiantei-me e pedi a um delles permissão para entrar no jardim. Enviou-me ao outro padre, e este me respondeu, com pouca amabilidade, que a permissão solicitada só me poderia ser concedida pelo vigario geral, que, desde a morte do ultimo bispo, governava a diocése. Como já tinha visto o jardim dos lugares elevados que o dominava, achei que não valia a pena fazer essa diligencia, e retirei-me, manifestando minha surpresa de que se fizesse tanta difficuldade por tão pouca coisa, e lamentando, confesso-o, não ter no momento commigo meu passaporte para oppor a auctoridade do governador á inopolidéz desses senhores. Foi, aliás, a unica recusa desse genero que experienciei durante as viagens de vinte e dois mezes que fiz pela

provincia das Minas, e ali fui recebido, pelos ecclesiasticos, em particular, da maneira mais acolhedora.

Proximo ao palacio episcopal e á margem direita do Ribeirão do Carmo vêem-se os edificios do antigo seminario. Formam um quadrilatero alongado bastante irregular, e são imensos; mas, como estão abandonados ha varios annos, ameaçam ruina por todos os lados. O seminario de Marianna foi fundado por alguns mineiros ricos que desejavam educar bem seus fillos, sem precisar envia-los á Europa. Tinham-se annexado ao patrimonio desse estabelecimento terras e escravos, e nada fôra esquecido para fazel-o digno do fim a que se destinava. Si entre os proprietarios de certa idade que habitam os campos das comarcas de Sabará e Villa Rica, se encontram outros tantos homens educados e com certa instrucção, deve-se isso em grande parte á instrucção recebida no seminario de Marianna. Entretanto, as terras que o estabelecimento possuia exgotaram-se (98), e os escravos morreram; os mineiros, cuja riqueza diminuira, não estavam mais em condições de fazer novos sacrificios, e acanharam-se os meios de pagar professores competentes. Era o momento das auctoridades ecclesiasticas e civis se reunirem para vir em soccorro de um estabelecimento tão util á provincia, e que, já fundado, só necessitava de ser mantido; mas, para tanto, seria necessario não só estar animado de zelo pelo bem publico, porém, ainda, desenvolver alguma actividade, saber formar um plano, segui-lo com perseverança, e vencer as pequenas intrigas que, no Brasil mais que em qualquer outra parte, se oppoem ás iniciativas uteis. Achou-se mais commodo fechar o seminario e deixal-o cahir (99).

(98) Vido o que digo no capitulo IX sobre o systema de agricultura adoptado pelos Brasileiros.

(99) E', pois, erradamente, que alguns viajantes e um historiadore escreveram que esse estabelecimento ainda preenchia seus fins em 1817 e 1822.

Marianna possui varios chafarizes, que nada digno de nota apresentam.

As casas dessa cidade, cujo numero se eleva a cerca de 500, parecem em geral melhor conservadas que as de Villa Rica; são muito menos tristes, e os tectos não têm as abas tão salientes.

Desde Mantiqueira viajáramos sempre pela grande cadeia occidental ou ao seu poente (100); em Marianna, porém, achavamo-nos a leste dessa cadeia. Apesar da pequena distancia que ha da capital da provincia a Marianna, esta ultima cidade é, todavia, muito menos elevada sobre o nivel do mar (101); assim, varios fructos taes como o ananaz, que se dão mal em Villa Rica, desenvolvem-se bem em Marianna. Tornamos a ver perto dessa cidade as *Cecropia* (vulgarmente *imbaúba*), que não avistávamos desde Juiz de Fóra, e o *gervão* (*verbena jamaicensis*, L.) que não me lembro de ter encontrado nos arredores de Villa Rica.

Os morros dos arredores de Marianna são estercia e incultos, e os generos que se consomem na cidade vêm de grande distancia. Como as florestas que outrora cercavam a cidade foram destruidas, os negros vão buscar bastante longe a lenha de que os habitantes têm necessidade, e, trazidas aos hombros de homens, deve naturalmente vender-se cara.

Hoje em dia não existem em torno de Marianna mais que quatro lavras em exploração; mas a gente pobre vai procurar no leito dos córregos as parcelas de ouro que as enxurradas acarretam.

O commercio dessa cidade limita-se ao consumo interno; existem poucas lojas, e apenas dois ou trez commerciantes ricos.

(100) *Serra do Espinhaço*, Eschw.

(101) Segundo d'Eschwege o palacio de Villa Rica está a uma altitude de 630 toesas em relação ao Oceano, e Marianna a 398,5 toesas.

CAPITULO VIII

ACERCA DA RELIGIÃO E DO CLÉRO NA PROVINCIA DE MINAS.

Bispado e cabido de Marianna. — Proibição feita ás ordens religiosas de se estabelecerem nas regiões auríferas. — Dizimo. — Constituição da Bahia. — Rendimentos dos parochos. — Provisões. — Maneira de nomear os parochos; concurso. — Vigários encommendados; convenções simoniacas. — Reparações das igrejas parochias; igrejas das irmandades; privilegios destas; suas rivalidades. — *Vigário da vara*; seus attribuições; processo curioso entre pessoas que se querem casar. Origem dos abusos que se introduziram no cléo. — A que foram reduzidos os deveres dos sacerdotes e dos leigos. — Remedios aos abusos.

A proposito do que tenho a dizer sobre o bispado de Marianna, vou esboçar aqui um quadro do estado da religião na provincia das Minas. Os que tiverem percorrido essa provincia talvez me accusem de reticencias; mas duvido que me possam imputar exaggeros. O christão terá que se affligir com os abusos que vou assinalar, mas existe uma idéa superior que lhe deve servir de consolo. Como não admittir que seja realmente sustentado por uma potencia superior o navio, que, singrando um oceano tempestuoso, sob a direcção de pilotos negligentes ou inhabéis, resiste, comtudo, ás maiores tormentas? Os ctros dos ministros da religião não são a ella inherentes, e é util fazer conhecer a verdade, porque a publicidade obriga o culpado a envergonhar-se e incita o homem de bem a procurar um remedio para os abusos.

Marianna é, como já disse, não só a séde de uma circumscripção judiciaria, como ainda de uma diocese, e é isso, unicamente, que impede a cidade de cair em completa decadencia. Seu cabido se compõe de doze conegos

e quatro dignitários (102). O primeiro destes ultimos, que é o arceidiago, recebe do Estado 500,000 rs. (3,125 fr.), os outros dignitários 400,000 rs. (2,500 fr.), e os simples conegos 300,000 rs. (1,875 fr.). Quanto ao bispo, avaliam suas rendas em 18 ou 20,000 cruzados. Emquanto que as cidades do Brasil, que são simplesmente capitães de provincia ou sédes de judicaturas, não usam scñão o titulo de *villa*, Marianna e todas as sédes episcopaes gozam do privilegio de ter a denominação de *cidade* (102-a).

O termo de *Minas Novas* depende do archiepado da Bahia, e o territorio de Paracatú do bispado de Pernambuco; todavia, a diocèse de Marianna comprehende ainda a metade da provincia de Minas Geraes, e vê-se bem que uma vigilancia exercida sobre região tão vasta deve necessariamente ser pouco efficaaz.

Não existe um só convento em toda a provincia das Minas (103). O governo prohibira ás ordens religiosas estabelecerem-se nessa provincia. e nesse particular suas ordens foram sempre rigorosamente respeitadas.

(102) Casal e Pizarro dizem que o capitulo de Marianna se compõe unicamente de dez conegos. A estes e aos quatro dignitários, Pizarro acrescenta dozo capellães, dos quaes um mestre de ceremonias, quatro coristas, um mestre de capella, um sacristão, um bedel o um organista.

(102-a) Essa circumstancia não consistia em critério constante para a elevação de uma *villa* a *cidade*. Olinda, por exemplo, tñe episcopal desde 16 de Novembro de 1676, ainda era *villa* em 1817, quando Ayres de Casal publicou sua *Corographia Brasiliica*. São Paulo, *cidade* desde 3 de abril de 1712, em virtude da carta régia de 24 de Julho de 1711, passou a Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, só chegou a ser séde do bispado a partir de 6 de Dezembro de 1715, tendo o primeiro bispo tomado posse em 8 de Dezembro de 1746: Cabo Frio nunca teve cathedral, e já era *cidade* desde sua fundação em 1615 por D. Constantino de Mendonça, conservando esse titulo, apesar da escassa população e pequena importancia politica e commercial. Não sei si existem outros exemplos, mas estes bastam para demonstrar que não era a cathedral que traia para a *villa*, nos tempos coloniaes, as honras de *cidade*.

(103) Alguns viajantes, após attestarem a mesma coisa que eu, dizem que se vêem em Marianna dois mosteiros, um de Carmelitas e outro de Franciscanos. E' claro que se querem referir ás igrejas das irmandades do Monte Carmelo e de S. Francisco; e é coisa subida, nos paizes catholicos, que essas confrarias são de simples leigos pertencentes a todos os estados,

Na provincia das Minas, do mesmo modo que em todas as outras, o cléro secular não possui bens territoriaes, e os proprios vigarios são obrigados a alugar ou comprar as casas que occupam. Recebiam antigamente o dizimo de todos os productos da terra; mas, como então existiam poucas cultivadas, acharam seus rendimentos exiguos; cederam por isso, o direito dos dizimos ao governo, e este se comprometteu a pagar annualmente aos parochos a somma de 200,000 réis (cerca de 1,250 fr.) que ainda recebem actualmente. Os ecclesiasticos que fizeram esse arranjo lucraram com elle, naturalmente, mas é facil comprehender que estavam sacrificando os interesses de seus successores a uma vantagem pessoal e transitoria. Effectivamente, a quantidade de terras cultivadas não tardou a se tornar consideravel; os dizimos que a administração publica percebe hoje em dia em cada parochia se eleva muito acima do que paga aos curas, e devendo a lavoura necessariamente progredir, o luero do governo só tende a augmentar com o tempo.

Entretanto, como as congruas dos vigarios não eram sufficientes na provincia para permittir-lhes proverem ao serviço das succursaes tornadas necessarias pelo acrescimo da população, os proprietarios offereceram-se voluntariamente para pagar a seus pastores 40 réis (25 centimos) por elles e suas esposas, e 20 réis (12 e 1/2 centimos) por cada filho e por cabeça de escravo. Este arranjo, que recebeu a saneção superior da auctoridade, é conhecido sob o nome de *Constituição da Bahia* (103-a), e não fôra feito, a principio, sinão para a provincia desse nome. No entanto, os ecclesiasticos de varias partes do Brasil della se prevaleceram, e não se contentaram com a somma fixada pela Constituição; pretenderam que se lhes pagasse 2 e 300 réis (1 fr. 25 a 1 fr. 95) por cabeça de pessoa livre ou escrava, e dahi nasceram interminaveis disputas

entre os vigarios e seus parochianos. Para pôr um fim a tacs desaguidados o rei estendeu a constituição da Bahia a varias partes do Brasil, e, entre outras, á provincia das Minas; mas, sob o pretexto de remuneração pelo trabalho da confissão paschal, pretexto que os catholicos europeus terão, felizmente, alguma difficuldade em conceber, os parochos conseguiram introduzir o costume de se fazerem pagar 300 réis (1 fr. 95) por cada commungante. Um clérigo caridoso não exigirá nada, certamente, dos indigentes; mas viram-se padres (mal se pode dizel-o), que, no momento de administrar a hostia no tempo da Paschoa, suspendiam esse acto solenne para pedir a homens pobres a remuneração habitual. Disso resultaram, como se comprehende, processos e escandalos, e tenho entre as mãos a sentença de um *ouvidor* que, na qualidade de juiz entre um cura e seu parochiano disputando pela retribuição de 300 réis, decidiu, de accordo com a lei, em favor do parochiano; o ecclesiastico, porém, não se deu por vencido, embargou para a instancia superior no Rio de Janeiro; lá foi-se protelando o processo, poz-se uma pedra em cima, e a questão cahiu no esquecimento. A causa desse silencio é facil de conceber. Desde a chegada do rei ao Brasil, o governo exigia, para manutenção da capella real, uma certa parte da receita do primeiro anno dos rendimentos dos parochos; ora, calculavam-se esses rendimentos na base de 300 réis por commungante, e, por conseguinte, não se podia permittir que fosse dada sentença definitiva contraria a essa avaliação (104).

Pelo que se acaba de ver, não é para espantar si disser que é commum ver-se, no bispado de Marianna, curas que arrecadam de oito a nove mil cruzados, com-

(104) Essa explicação talvez, seja fundada, apenas, sobre uma suspeita, mas me foi dada por um homem muito respeitavel; o povo, aliás, procurará sempre o motivo de uma denegação de justiça nos interesses dos que a permitteu.

preendendo-se nessa somma os emolumentos e a congrua paga pelo governo. O curato de *Villa do Principe*, que foi dividido depois de eu ter passado por essa localidade, produzia antes dessa divisão entre 8 e 12,000 cruzados (Piz.) (105).

Convenhamos, porém que, mostrando-se exigentes para com as suas ovelhas, os ecclesiasticos de segunda ordem não fazem mais que tratal-os do mesmo modo por que o são elles proprios por seu superior. Com effeito, á excepção dos curas, os ecclesiasticos que querem exercer o ministerio sacerdotal, recebem annualmente tres ou quatro provisões do bispo, e cada uma lles custa 1,800 réis (cerca de 11 fr.). É necessaria uma provisão para poder dizer missa, outra para confessar, uma terceira pra prégar, e a ultima, enfim, para exercer as funções parochiaes, quando o sacerdote está collocado em alguma parochia como coadjutor ou capellão. Até os sacristães das igrejas têm de pagar todos os annos uma provisão de 1,800 réis ao bispo.

Até poucos annos atrás os curatos se preenchiam por concurso. Quando vagava um, os concurrentes se apresentavam perante quatro examinadores, escolhidos entre o cléro pelo bispo. O exame se fazia em publico; os examinadores proclamavam tres candidatos, e o bispo apresentava-os ao rei, que nomeava um delles. Talvez se possa encontrar nessa praxe algo de contrario á humildade christã e á dignidade do sacerdozio; mas pelo menos tinha a vantagem de garantir aos fieis pastores instruidos. Subsiste o regulamento que estabeleceu o concurso; mas, já desde alguns annos, o governo foi pouco a pouco deixando de nomear para os curatos os candidatos approvados; dahi ninguem mais se apresentar a concurso e hoje em dia os lugares de parochos são na maioria das vezes

(105) Ver-se-á em outro lugar que o resto do clero brasileiro está longe de ser tratado tão favoravelmente como o do Minas.

preenchidos graças á intriga, e frequentemente, mesmo, comprados a preço de diuheiro.

Os parochos podem ter coadjutores a quem remunerar, e que resident em sua companhia na séde das parochias. Como, entretanto, essas têm, na provincia das Minas, uma extensão immensa (106), é impossivel que os curas ou seus auxiliares se transportem a toda a parte para administrar sacramentos. Os regulamentos os obrigam pois a manter á sua custa, de legua em legua, vigarios encommendados ou capellães; mas em parte alguma, ou quasi, taes regulamentos são cumpridos com rigor. Muito fœquentemente, na verdade, o numero de capellas ou succursaes é insufficiente para os capellães que seria necessario estabelecer; não são poucas as vezes, porém, em que existem succursaes que os curas deixam fechadas. São elles que nomeiam seus capellães, e podem substituil-os á vontade. Os emolumentos destes são objecto de uma convenção particular entre elles e os curas; mas, quando o rendimento de uma succursal é um pouco maior, succede, ás vezes, que o parocho, em lugar de pagar ao capellão, recebe d'elle um pagamento, e então a succursal torna-se para o parocho uma especie de herdade arrendada.

Vê-se, por tudo o que acabei de expôr que, si no Brasil a venalidade caracteriza os serventuarios da justiça, a simonia não é meuos frequente entre os ecclesiasticos da provincia das Minas. Recordo-me que durante minha viagem fiquei retido, certa vez, sob um *ranch*o, por uma chuva torrencial que durou varios dias, e fui duas ou trez vezes visitar um padre da vizinhança, que me pareceu esclarecido e compenetrado de seus deveres. Durante a minha primeira visita disse-me que, sendo idoso, e tendo necessidade de repouso, desejava deixar a parochia e obter

(106) A parochia de *Salgado*, por exemplo, tem 40 leguas de comprimento, a de *Itacambira* 80 (Piz.), a de *Morrinhos* 100, etc.

um canonicato que acabava de vagar. Quando o vi pela segunda vez, versando a conversação sobre a cidade do Rio de Janeiro, mencionei, por acaso, um homem a quem se podia então attribuir uma extraordinaria influencia. "Como! exclamou o cura, o sr. conhece F...! ficar-lhe-ia muito grato si me fizesse o obsequio de fallar-lhe a respeito do canonicato que pretendo, e, si fôr necessario entrar com dinheiro, estou disposto a fazel-o. — Mas, senhor cura, é uma simonia o que está propondo!, exclamei, um tanto surprehendido de que um homem que me parecera respeitavel ousasse fazer semelhante proposta a um estrangeiro que não lhe tinha dado ensancha de pôr em duvida seus escrúpulos. — Eai sei bem, respondeu o cura, que é uma simonia; mas, infelizmente, neste paiz a simonia está consagrada pelo uso, e sem ella, não poderíamos fazer nada".

Pelo contracto feito entre o cléro e a corôa para a desistencia dos dizimos, esta ultima é que deveria encarregar-se da reparação das igrejas parochiaes; entretanto, jamais contribue com a menor importancia para tal fim, e os fieis são obrigados a arcar com esse onus por meio de esmolas. Mas não é pelas igrejas parochiaes que esses mais se interessam. Além dessas igrejas e suas succursaes, existem outras pertencentes a irmandades, e, enquanto estes ultimos templos se ornani com prataria e alfaias preciosas, muitas vezes a igreja matriz é completamente abandonada. A mais infima povoação possui ás vezes cinco ou seis templos; mal uma confraria dispõe de alguns recursos logo inicia a construcção de uma igreja, sem pensar em como a terminará; si, porém, o zelo arrefece, o edificio não se termina, ou orna-se o interior e as paredes ficam cahindo em ruina. Constroem-se templos sem necessidade, fazem-se despezas loucas para celebrar os padroeiros com festividades quasi pagãs, e, como já o fiz notar allures, não se pensa em fundar estabelecimentos de caridade, hospitaes, escolas gratuitas, etc., etc. Nem mesmo se pode

dizer que para isso concorra uma piedade mal entendida; na maioria das vezes a causa é a vaidade. As irmandades rivalizam entre si e procuram distinguir-se por esbanjamentos inúteis. Tão grandes privilegios foram concedidos ás ordens terceiras do Carmo e de Santo Antonio, que frequentemente, são vistas a lutar com successo contra uma das auctoridades mais respeitaveis para os christãos, a auctoridade de seus pastores.

O cléro brasileiro não possui unicamente auctoridade ecclesiastica; tem, tambem, em certos casos, jurisdicção civil. Quando ha uma divergencia entre clérigo e leigo, e o primeiro é o autor, faz citar o leigo perante seu magistrado natural, que é o *juiz ordinario* ou o *juiz de fóra*. Quando, porém, o leigo inicia a demanda, então a causa se pleiteia perante o juiz ecclesiastico, em primeira instancia, o que chamam *vigario da vara*, e deste se appela para o *vigario geral* da diocése.

O *vigario da vara* possui, além disso, outra especie de jurisdicção. E' juiz dos casamentos, e não se pode contrahir nenhum sem o seu consentimento. Ainda que as partes estejam perfeitamente de accôrdo é necessario que tenha lugar um processo perante o *vigario da vara*, e o resultado dessa acção bizarra, é uma provisào que se paga por 10 ou 12\$000 réis (cerca de 65 a 75 fr.) ou mais, e que auctoriza o cura a casar os nubentes. Si existe a sombra de um impedimento, então a despeza sobe a 30, 40, 50\$000 réis ou mais. E' verdade que não ha nada a acrescentar a essas despezas para a cerimonia do casamento propriamente dito, mas é necessario dispendir ainda 1\$200 réis com os proclamas. Assim, em um paiz onde já existe tanta repugnancia pelas uniões legítimas, e onde seria tão essencial para o Estado e a moralidade publica que ellas fossem encorajadas, os indigentes são, por assim dizer, arrastados pela falta de recursos a viver de modo irregular. Ouvi um sacerdote lamentar-se amargamente de que o respeitavel e generoso bispo do Rio de Janeiro

houvesse casado, ou mandado casar, no decurso de suas penosas visitas pastoraes, pessoas que não podiam pagar as custas habituaes.

Além das attribuições que acabo de mencionar, o *vigario da vara* tem ainda varias outras. Assim, tendo tido necessidade de uma licença para enterro, dirigi-me ao cura da parochia em que o obito tivera lugar (106-a); este respondeu-me que não me poderia conceder a auctorisação que eu solicitava sem o consentimento do *vigario da vara*. Apresentei, pois, uma petição a este ultimo, que me concedeu a auctorisação, e fui obrigado a pagal-a.

Em 1796 o senado da camara da Villa de Caeté representou á rainha D. Maria I contra as provisões que os bispos de Marianna faziam pagar aos sacerdotes de suas diocèses, e sobre os processos ridiculos, que duas pessoas, que se entendiam admiravelmente, eram obrigadas a fazer para contrahir matrimonio. O governo mandou, a principio, tomar algumas informações, mas a representação não teve consequencias.

Tudo o que acabo de dizer demonstra já sufficientemente quaes são as deploraveis condições da religião na diocèse de Marianna. Procurarei atenuar, tanto quanto me fôr possível, o que ainda tenho a acrescentar a quadro tão triste. O principal dever, porém, de quem escreve, é dizer a verdade, e, dando-se a conhecer os abusos, pode-se ter a esperanza, repito-o, de que se façam esforços para desenraizal-os.

Pelos males que acabo de referir não devem, todavia, ser julgados com muita severidade os actuaes membros do cléro de Marianna. Seus erros são a consequencia das circumstancias em que se foi achando successivamente o povo brasileiro; o costume acabou familiarizando a população com os abusos, e talvez que a maioria dos ecclesias-

(106a) Trans-se, provavelmente, do enterro do Yves Préjent, creado do autor. Fellectido em S. João d'El Rey, por occasião da Viagem ás nascentes do Rio S. Francisco a pela Província de Goyaz.

ticos mal desconfie do mal que praticam ou de que são cúmplices.

Sabe-se que Portugal é um dos paizes da Europa em que a ignorancia e a superstição mais alteraram a pureza do christianismo. Os homens que povoavam o Brasil não traziam, pois, de sua patria, sinão uma ideia obscura e incompleta da religião christú; e, quando chegavam á America, os desregramentos da maioria delles já lhes deveriam ter varrido do coração os fracos principios de moral recebidos durante a primeira juventude. Deixavam a patria para enriquecer, muitas vezes mesmo, talvez, para fugir aos rigores da justiça, e é facil de conceber que uma vida consagrada á avariza e crueldade, em uma região ainda barbara, era pouco propria para inspirar-lhes ideias religiosas. Os obstaculos que a cada passo encontravam, as guerras que eram obrigados a sustentar contra os indigenas, as difficuldades sem conta para satisfazer as mais prementes necessidades, absorviam-lhes todos os pensamentos; que tempo lhes sobraria para fazer um exame de consciencia, e reflectir sobre seus deveres? Embóra odiando aos indigenas, mesclavam-se com elles; a vida animal desses povos só podia augmentar o gosto de seus oppressores para a libertinagem, e esse gosto fortificou-se depois, ainda mais, pela introdução da escravatura. Vieram padres seculares de mistura com os primeiros habitantes do Brasil; mas eram arrastados para o vicio pelos homens de espirito aventureiro que os rodeavam, e seus máus exemplos, reagindo em seguida sobre os leigos, deviam contribuir para encorajal-os em seus desregramentos (106b). Desse modo o desprezo pela moral tornou-se universal. Couo o tempo as condições foram se modificando, sem duvida; mas então

(106b) A respeito dos vicios dos primeiros clérigos chegados ao Brasil encontram-se te tenunhos eloquentes na *Primeira Visitação do Santo Officio ás partes do Brasil — Confissões da Bahia* — São Paulo, 1922.

já o relaxamento fazia parte dos costumes, e, devemos dizel-o, os exemplos que dava a côrte de Portugal durante sua permanencia no Rio de Janeiro, e a venalidade que introduziu em tudo, contribuíram ainda mais para a corrupção geral.

Passou-se a olhar com indifferença os deveres mais essenciaes; as faltas contra os bons costumes mal se consideram faltas, hoje em dia; a religião continuou sem moral, e della apenas se conservaram as praticas exteriores. Chegou-se, mesino, ao ponto de observar estas ultimas com bastante desleixo, mais por habito que por convicção, e muitas vezes dellas só perdura um ligeiro verniz. Assim, usa-se á missa bater no peito, e ao mesmo tempo conversar-se com os visinhos. Quasi todos os Mineiros usam um rosario ao pescoço, mas muito poucos existem a quem tenha visto rezar.

Os deveres dos leigos se limitam a ouvir missa aos domingos e dias santificados, e a se confessar por occasião da Paschoa. Apparecer na igreja com um livro é expôr-se ao ridiculo, e si existem na província das Minas varios exemplares da Escriptura santa, é certo, pelo menos, que, em todo o decurso de minha viagem, apenas vi dois. Os parochos não têm obrigações muito mais amplas que as dos simples fideis. Dizem apenas uma missa simples aos domingos. Não são obrigados, nem mesmo, a dizel-a sempre na igreja parochial; podem escolher á vontade ora uma igreja, ora outra (107). Jamais se faz a leitura do Evangelho na missa parochial; não se rezam as orações da practica; não se faz doutrinação, e não se sabe o que são vesperas e completas. Os curas apenas visitam os doentes para a administração dos sacramentos; nunca ca-

(107) Foi, pelo menos, o que eu vi em uma villa em que passei cerca de um mez.

thechisam as creanças, e, o que parece ainda mais incrível, não se dão sequer ao trabalho de examinal-as para saber si estão sufficientemente doutrinadas para fazer a primeira communhão. A confissão é de todas as funcções sacerdotaes a que toma maior tempo aos padres, e vi cinco negros despachados em um quarto de hora. Si os ecclesiasticos têm o breviario, deve ser muito scerretamente, pois apenas me succedeu uma vez surprehender um no cumprimento desse dever. Ser padre é uma especie de meio de vida, e os proprios clérigos acham natural considerar assim o sacerdocio de que estão investidos. Agradecci, certa vez, a um vigario que assistira, em seus ultimos momentos, um homem por quem me interessava. — “O senhor não tem de que me agradecer, respondeu-me elle, sou pago para isso”.

Como as funcções sacerdotaes deixam aos padres bastantes lazeres, não é para se admirar, que, ao mesmo tempo em que as exerçam, se occupem, frequentemente, de outras coisas. Não faltam exemplos de padres entregar-se ao commercio, e mesmo, terem loja aberta; alguns são advogados; e conheci um cura, muito digno, aliás, que, todos os domingos, depois da missa, ia caçar veados com os amigos.

Quanto ao mais, si os sacerdotes estão longe de serem isentos de defeitos, devemos reconhecer com prazer que não têm o da hypocrisia: mostram-se taes quaes são, e não procuram passar pelo que não são, usando de solennes discursos e attitudes austéras. Fóra das cidades sua maneira de vestir não se distingue, em absoluto, da dos leigos, e ninguem se espanta de ver um cura de botas, calças de nankim, camisa desahotoada e vestia de chita verde ou côr de rosa.

Do que acabo de dizer não se deve concluir, entretanto, que o cléro da diocése de Marianna seja inteiramente composto de ignorantes. O ultimo bispo dessa cidade

difficultava bastante a investidura de ordens sacras (108), e, si seus designios não fossem muitas vezes contrariados, encontrar-se-ia na provincia das Minas numero muito menor de sacerdotes indignos de sel-o. Os elementos para uma util reforma não estão ainda completamente annullados; mas será necessario, para leval-a por diante, muito tempo e prudencia extrema: ferindo de frente os habitos inveterados só se podem colher máus resultados. Será necessario, para começar, que só se concedam ordens a individuos competentes; se restabeleçam os concursos, cuja lembrança não está ainda apagada; e a primeira coisa a fazer, em seguida, seria exigir pouco a pouco dos curas que doutrinassem as creanças, e fizessem, aos domingos, ligeiras prédicas moraes (109).

Povo nenhum tem tanta inclinação como o de Minas para se tornar religioso, e mesmo, para sel-o sem fanatismo. Ao mesmo tempo espiritalistas e cheios de reflexão, inclinam-se naturalmente, para as coisas sérias; sua vida, pouco occupada, favorece ainda mais essa propensão, e seu genio affectuoso predispõe a uma doce piedade. Em geral, os Mineiros são muito venturosamente dotados pela Providencia: dê-se-lhes boas instituições e poder-se-á esperar tudo dessa gente.

(108) Quero referir me aqui ao reverendo padre D. CYPRIANO DE S. JOSE', que falleceu a 14 de agosto de 1817. A administração de seu successor, o P. JOSE' DA SANTISSIMA TRINDADE me é completamente desconhecida.

(109) Do que se disse acima não devemos concluir, todavia, que o clero do Brasil não tenha prestado alguns serviços a seu paiz. Houvo religiosos que se sacrificaram generosamente para civilisar os Indios e para subtrahil-os á tyrannia de seus oppressores. Quanto ao clero secular, eis como a seu respeito se exprime um escriptor protestante que ninguém poderá suspeitar de parcialidade: "*There was no class of men... who possessed... the same desire of doing good.*" (Southey, *Hist. of Braz.*, III, pag. 877). O autor escreve essa phrase traçando um esboço geral do estado do Brazil antes da chegada do D. João VI ao Rio de Janeiro.

CAPITULO IX

PERCURSO DE MARIANNA A CATAS ALTAS. CAUSAS PRINCIPAES DA DECADENCIA DA PROVINCIA DAS MINAS

Povoação de *Camargos*. — Molestia denominada *morphéa*. — Povoação de *Santo Rodrigues*. — Povoação de *Infuncionado*; vegetação. — Povoado de *Morro d'Água Quente*. Povoado de *Catas Altas*. — As quatro causas da decadencia da provincia das Minas. — Primeira causa: maneira erronea por que os mineradores consideram o fructo de seu trabalho. — Segundo causa: o systema agricola; origem desse systema. Falta de adubos e de charrúa. Queima das florestas; plantações de cereas feitas nas einzas das arvores. *Capoeiras*. *Capim gordura*. Terras abandonadas depois da sete a oito colheitas. Destruição funesta das mattas. Decreto absurdo promulgado sob o ministerio do conde de Linhares. Emigração. Remedio no actual estado de coisas. Processos de cultura empregados por um habitante dos Açores. — Terceira causa: a pretensa conspiração conhecida sob o nome de *Inconfidencia das Minas*. — Quarta causa: os longos prazos para pagamento concedidos aos adquirentes de bens confiscados. — Maneira por que os pobres constroem suas casas; facilidade com que se destroem; ruínas chamadas *tupras*.

A região que atravessamos entre Marianna e a povoação de *Camargos*, em que fizemos alto, não apresenta nenhum vestigio de cultura. *Camargos*, séde de uma parochia, está situada á margem de um regato em posição bastante triste, rodeada de morros desolados, esburacados por pesquisadores de ouro (110). Seus actuaes habitan-

(110) A povoação de *Camargos*, ou *Nossa Senhora da Conceição de Camargos* situada a 2 leguas de Marianna e 84 do Rio de Janeiro, é a séde de uma das treze parochias que constituem o termo de Marianna. (V. *Mem. hist.*, vol. VIII, parte II, pag. 84). A população dessa parochia se eleva, segundo Pizarro, a 1,000 individuos, e, segundo d'Eschwege, não attingia, em 1813, a mais de 826.

tes são muito pobres; possuem parquíssimos escravos para poderem manter lavagens de certa importancia, e suas casas estão mal conservadas.

Vimos, perto de Camargos, uma mulher atacada pela molestia que os Mineiros denominam *morphea*, molestia contagiosa (111), bastante commum, é verdade; muito menos, porém, do que se tem pretendido. O facies das pessoas doentes é de um vermelho pardacento; enormes verrugas deformam-no inteiramente, e muitas vezes os olhos mal se distinguem de permeio a essas horrendas protuberancias.

Tendo deixado Camargos seguimos, durante algum tempo, o córrego que corre proximo a essa povoação, e ficamos impressionados com a semellhança entre as plantas desse districto e as dos arredores do Rio de Janeiro, semellhança pouco extranhavel, aliás, pois que nos achavamos então a leste da grande cadeia que, como se disse, forma o limite entre a vegetação das matas virgens e a das regiões descobertas.

A distancia pouco consideravel de Camargos passamos por *Bento Rodrigues*, outra povoação situada á margem de um córrego, entre morros pouco elevados, e que recbe um aspecto bastante pittoresco da presença de numerosas bananeiras plantadas pelos habitantes em torno de suas casas.

Para além de Bento Rodrigues avistamos repentinamente a *Serra do Caraça*, um dos pontos mais elevados da cadeia occidental, e em breve chegamos a *Inficionado*. Essa povoação, situada a quatro leguas ao norte de Mariana, é consideravel e bem edificada. E' a séde de uma parochia, e na localidade se contam trez igrejas (112). Foi

(111) Asseguraram-me, todavia, que os que tratam as pessoas atacadas por esse mal no hospital de longa data fundado em São Christovão, perto do Rio de Janeiro, se conservam perfeitamente sadios.

(112) A parochia de Inficionado, ou *Nossa Senhora de Nazareth do Inficionado* (e não *Infectinado*, como já se escreveu), comprehen-

em Inficionado que nasceu o P. José de S. Rita Durão (112-a), autor do poema intitulado *Caramuru* (113).

Depois de passar por Inficionado atravessamos um terreno inteiramente ferruginoso, coberto de mattas, e ali recolhemos grande numero de bellas plantas, principalmente de apocynaceas. Observamos que em geral os terrenos dessa natureza são os que apresentam a flora mais variada. As plantas são em geral menos vigorosas que em outros lugares, mas estão longe de conter tantas partes aquosas.

do duas succursacs o pertence no termo de Marianna. (V. Mem. hist., vol. VIII, parte II, pag. 85). Em 1813 a população dessa parochia so elevava, segundo d'Eschwege, a 4,102; rios Pizarro diz somente, em sua obra impressa em 1822, que ella sobe a mais de 3,445 individuos. Inficionado está situado nos 20º 11' de lat. e 333º de long. O nome de *Inficionado* significa *deteriorado*, e foi dado, segundo Casal, á povoação que o usa porque o ouro que lá se extrahia não era de tão bom quilato como o que fôra o principio descoberto.

(112-a) Nasceu entre os annos de 1718 a 1720, em filho do sargento-mór Paulo Rodrigues Durão e Dona Anna Catera de Moraes. Passou os primeiros annos na Ilha de Janeiro, estudando no Collegio dos Jesuitas. Foi depois para Portugal, onde estudou, doutorando-se em Coimbra, e encando para a Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho. Foi depois, por seus talentos, escolhido pelo bispo de Leiria, D. João Cosme da Cunha, para redactor de uma pastoral que esse prelado publicou contra os juyallistas, afim de recomendar-se ao marquez de Pombal, visto como, sendo parente dos Tavaras, revelava ser compromettido no processo movido contra estey. Não sendo, porém, obtido as recompensas que esperava do prelado, e, desuise a moeda, atormentado, segundo elle o jesuita Pedro Antunes Vieira (Arthur Viegas), por temores, retirou-se Durão depois, dos columnas que entre os filhos de Santo Ignacio propalára oralmente a por escripto. Incurrendo, assim, na cólera do bispo e de Pombal, para escaparem estrou de expatriar-se, com tanta infelicidade, porém, qua rebenhou a guerra entre Portugal e Hespanha ao tempo em que o nosso poeta se achava em Ciudad Rodrigo, onde foi preso. Entregou, por essa occasião, ao Marquez de Sarría sua retiração por escripto, e a narrativa circumstanciada de suas relações com o bispo de Leiria. Quando recuperou a liberdade dirigiu-se o Roma, onde seus talentos lhe renderam a protecção do Pontifice, sendo nomeado conservador da Bibliotheca Vaticana. Voltou a Portugal em 1774, segundo Theophilo Braga (*Piloto Elyseo e os dissidentes da Avredal*) conseguindo um lugar de lente na Universidade da Coimbra, cuja *Oração de Soplencia* em 1773 foi por elle pronunciada. Escreveu muitas puectas, que na grande maioria se perderam, além de *Caramuru*, cuja primeira edição é de 1791, e falleceu no convento dos Caracanos de Lisboa em 24 de janeiro de 1784.

(113) O sr. Denis transcreve um excerpto interessante do *Caramuru* no seu *Resumo da Historia litteraria de Portugal*, e depois o sr. de Monglave publicou a traducção completa ou uma imitação desse poema.

Certos vegetaes indicam quasi com segurança absoluta a presença do ferro, e, entre elles, devem-se citar principalmente trez especies de quinquina de caule muito delgado, que, sendo muito proximas, são confundidas pelos habitantes da região sob o nome de *quina da Serra* ou do *Remijo*, e empregadas com exito como febrifugas (*cinchona ferruginea*, *Vellozii*, *Remijiana*, Aug. de Saint-Hil.) (114).

Não longe de Inficionado encontra-se o povoado de *Morro d'Agua Quente*, cujo nome é devido a fontes thermaes que existiam outrora em suas proximidades. Foram destruidas pelas excavações ali feitas, na esperança de encontrar ouro em maior abundancia que allurca.

Desde muito tempo já tínhamos á esquerda as altas montanhas chamadas *Serra de Catas Altas*, que parecem cortadas no cume, e apresentam rochedos nus de côr de negrida separados por escassa vegetação. Essas montanhas tomam o nome de uma povoação a que em breve chegamos, e onde passamos a noite. Todo o dia se passára sem que lobrigassemos a menor lavoura; atravessáramos algumas boas pastagens, mas sem a presença de uma ovelha ou uma caleça de gado, sequer; e o que mais frequentemente chamava nossa attenção eram os morros úridos, sulcados em todos os sentidos pela mão dos mineiradores. Os homems que ás vezes avistavamos no campo eram negros e mulatos, occupados na procura do ouro.

Catas Altas (115) de *Mato dentro* é séde de uma parochia assás consideravel. Os habitantes actuaes dessa povoação, como os de Antonio Pereira, não se entregam á agricultura; e quando um trabalho de algumas horas

(114) Vide a Introdueção á *Historia das plantas mais notaveis*, etc., e o livro das *Plantas usuaes dos Brasileiros*. Talvez que estas trez especies não sejam sião variedades de uma só.

(115) Denominam-se assim as excavações feitas pelos mineiradores. Desso modo, *Catas Altas* significa excavações profundas.

lhes rendeu trez ou quatro *vintens de ouro*, vão descansar (116).

Por toda a parte em que estacionávamos excitávamos curiosidade geral. Já no Parahyba, as pessoas da região que, pela apparencia, eram gente de importancia, nos tinham rodeado, e enchiam-nos de perguntas. Em Catas Altas foram mais longe: havia uma multidão deante da janella em que eu analysava plantas, a qual me privavam da luz que me era necessaria.

Foi em uma hospedaria que passamos a noite, e, como em todas em que nos hospedáramos até então, fomos servidos em baixella de prata. Depois do jantar a dona do albergue tocou guitarra e cantou com suas irmãs de maneira muito agradável. As canções que essas senhoras nos fizeram ouvir tinham sido compostas no proprio paiz; eram versos anacreonticos acompanhadas de melodias ternas e muito adequadas ao violão.

Catas Altas, Inficionado e grande numero de outras povoações dos districtos auriferos da provincia das Minas, foram edificadas com muito mais esmero que a maioria das que se vêem em França, e mesmo na Allemannha; foram outróra ricas e prósperas, mas actualmente não apresentam, como toda a zona circunjacente, sinão o espectáculo do abandono e da decadencia. Podem-se attribuir diversas causas a essa mudança: darei a conhecer as quatro principaes, a saber, o modo erroneo por que os mineradores sempre consideraram os fructos do seu trabalho, o de-

(116) Uma parte da parochia de Catas Altas, ou *Nossa Senhora da Conceição de Catas Altas de Mato dentro*, pertence ao termo de Marianna, outra ao de Villa Rica, outra ao de Caeté, uma quarta enfim ao do Sabará. Segundo d'Eschwege, a população dessa parochia orçava, em 1813, por 2,444 individuos; pela obra de Pizarro, impressa em 1822, ascende a 2,899. A povoação de Catas Altas está localizada a 6 leguas do Marianna, e 88 do Rio de Janeiro, pelo 26° 7' do lat. S. E' incluído a parochia de Catas Altas que se contém treze no termo de Marianna (*Mem. hist.*, vol. VIII, parte II, pag. 85).

feituroso systema de agricultura adoptado, os creditos a longo prazo concedidos aos arrematantes de bens confiscados, e as perseguições que attrahia sobre os habitantes mais illustres da provincia a pretensa conspiração conhecida sob o nome de *Inconfidencia das Minas*.

Houve um tempo em que o ouro se encontrava em tanta abundancia nos arredores de Villa Rica, Sabará, Villa do Principe, etc., que, para descrever a riqueza dessas zonas, ainda hoje se repete com saudade que, quando se arrancava uma touceira de capim, e se sacudiam as raizes, cahia ouro em pó de mistura com a terra. Os mineradores deslumbrados acreditavam que essas mirificas jazidas eram inexgotaveis; despendiam imprevidentemente todo o ouro que extrahiam, e rivalizavam em luxo e prodigalidade. O metal precioso, porém, que constituia o objecto de suas pesquisas não se reproduz como os fructos e os cereaes; e, revolvendo immensas extensões de terra, despojando-as do seu humus pela operação das lavagens, esterilizaram-nas para sempre. O ouro que se retira da terra não deve, por consequencia, ser considerado como um rendimento, e sim como capital. Este ouro, pois, era necessario fazelo valer, sob pena de ter a sorte do proprietario que vende sua herdade por parcelas, e foi isso o que aconteceu aos mineradores. Não conheciam mais que uma maneira de capitalizar: comprar, como meios de exploração, negros e burros, e esse emprego era precario. Á medida que o ouro era retirado da terra sahia da provincia para nunca mais voltar, e ia enriquecer os commerciantes de Londres e de Lisboa: os pais viveram na opulencia; os filhos são pobres. O ouro da provincia ainda está longe de ser exgotado; os primeiros habitantes legaram a seus successores a parte de mais difficil extracção, e precisamente assim que se tornaram necessarios mais escravos em grande quantidade, não se possuem os meios de adquiril-os. Não se creia, porém, que a triste experiencia do passado tenha

tornado mais prudentes os actuaes mincradores; si, ás vezes, a fortuna ainda os favorece, mostram-se tão imprevidentes como seus pais, e não se preocupam igualmente com o que lhes deve succeder.

Em seguida ao erro que acabo de assignalar, o systema de agricultura adoptado pelos Brasileiros em geral, e, em particular pelos Mineiros, foi, certamente, a causa que mais contribuia para a ruina das zonas da provincia das Minas que primeiro foram habitadas por brancos. Para dar a conhecer esse defeituoso systema sou obrigado a entrar em alguns pormenores.

A agricultura, talvez, nunca tenha sido tão florecente em Portugal como em varias outras partes da Europa, e os homens que habitaram o Brasil não tiravam proveito, sequer, dos francos conhecimentos que possuiam. O interesse que o lavrador tem em conservar sua terra é a melhor garantia dos esforços que fará para bem cultival-a: esse interesse não o possuiam os primeiros habitantes do Brasil, e mal o sentem seus actuaes descendentes. Uma região immensa se lhes offerecia aos olhos; ás vezes um homem subia a uma elevação e exclamava: "Tudo o que avisto me pertence"; e em tempos recentes ainda se viu recompensar por uma doção de vinte e quatro leguas de terras, sobre ambas as margens de um rio navegavel, algumas obscuras victorias alcançadas sobre Indios tímidos. Homens que podiam dispor á vontade de um territorio immenso, não tinham nenhuma necessidade de tomar precauções para poupar o pedaço de terra em que acabavam de colher alguns grãos. De mais a mais, era bem raro que, vindo á America, tivessem o designio de ali se fixar definitivamente; queriam amontoar riquezas para ostental-as em seguida aos olhos dos seus compatriotas, e mal computavam, em sua existencia, o tempo que passavam longe da patria. Durante esse intervallo, era necessario viver, certamente; os processos adoptados foram os mais expedi-

tos, os que melhor convinham á vida nomade que levavam, as das tribus mais barbaras. A morte, as enfermidades, uma serie de circumstancias frustraram, frequentemente, os calculos desses homens aventureiros: seus filhos não podiam sentir saudades nem das margens do Tejo nem dos fructos saborosos do Douro; estavam fatigados de ouvir gabar continuamente um paiz que não conheciam; ficaram naquella em que nasceram, e o Brasil se povouou; mas estavam acostumados ás praticas imperfeitas dos primeiros habitantes, e essas se perpetuaram até nossos dias.

Com excepção da provincia do Rio Grande do Sul, da de Missões e da provincia Cisplatina, não se fez uso, no Brasil meridional, nem da charrua, nem de fertilizantes: todo o systema de agricultura brasileira é baseado na destruição das florestas, e onde não ha mattas não existe lavoura.

A experiencia ensinou aos Brasileiros quacs as especies de arvores communs nas mattas que, preparadas para o cultivo, dão mais herativas colheitas. Quando se faz a escolha de um terreno, não é elle resolvido; contenta-se em cortar, em altura conveniente, as arvores que o cobrem: operação geralmente confiada a escravos, e que a excessiva dureza das madeiras torna muitas vezes extremamente fatigante. É quando passa a estação das chuvas que se abatem as porções de mattas que se desejam cultivar; dá-se aos galhos tempo para secar, e atea-se o fogo antes que as chuvas recommecem.

Não somente entre nós se contempla com doce satisfação as menses que começam a amarellecer, como um campo recentemente lavrado tambem agrada os olhos por esse aspecto de regularidade que, despertando as esperanças, attesta o trabalho do homem industrioso e civilizado. No Brasil, pelo contrario, o terreno que se acaba de semear só apresenta a imagem da destruição e do chaos; a terra está coberta de cinzas e carpões, de enormes galhos

esparços semi-carbonizados pelas chammaas, e no meio delles se elevam troncos ennegrecidos e despojados da cortex: espectáculo tanto mais pavoroso, quanto contrasta com as magestosas bellezas das florestas proximas.

Quando já se fizeram duas colheitas em um sólo outróra coberto de mattas virgens, deixa-se o mesmo repousar um pouco; brotam ahí arvores muito mais delgadas que as primeiras, e de natureza completamente differente; deixam-se estas crescer durante cinco, seis ou sete annos, segundo as regiões; cortam-se, novamente, queimam-se em seguida, e faz-se a plantação nas cinzas. Depois de uma unica colheita deixa-se a terra repousar novamente; novas arvores ahí tornam a crescer, e se continua da mesma maneira até que o sólo fique inteiramente exgotado. As especies de sarças que se succedem ás mattas virgens denominam-se *capociras*.

Essa porção da provincia de Minas Geraes situada ao oriente da Serra da Mantiqueira e da cadeia que a continúa para o norte, é cortada de montanhas mais ou menos elevadas, e foi outróra literalmente coberta de florestas (117). Quando, nessa parte do Brasil, um terreno já foi cultivado umas poucas de vezes, vê-se nascer um feto immenso do genero *pteris*. Uma graminca viscosa, pardacenta e fétida, chamada *capim gordura* (118), succede em breve a essa cryptogama, ou se desenvolve ao mesmo tempo que ella. Então, quasi todas as outras plantas desaparecem com rapidez. Si algum arbusto nasce de permicio ao

(117) Talvez exista uma excepção em Minas Novas.

(118) *Tristegis glutinosa*, Nêes. No Rio de Janeiro essa planta tem o nome de *capim-enculado*. A palavra guarany *capim*, ou, para ser mais exacto, *capyi* (*Thes. da ling. guar.*), significa herva, feno. Essa expressão se introduziu entre os Brasileiros, embora não fosse necessaria á sua lingua, pois existe em portuguez o termo *feno*. O habito do viver entre Indios foi o unico motivo para que os Portuguezes adoptassem a palavra *capyi*.

capim gordura, é logo comido pelo gado e a ambiciosa graminea fica senhora do terreno; não se recommenda, sequer, como forragem; porque, si por um lado engorda os animaes cargueiros e o gado, diminue-lhes sensivelmente as forças. O agricultor, não mais podendo esperar ver nascer arvores sobre o seu terreno, diz que este está definitivamente perdido (*terra acabada*); após fazer sete ou oito colheitas em um campo, e ás vezes menos, elle o abandona, e queima outras mattas, que em breve têm a mesma sorte das precedentes. Onde pouco antes se elevavam arvores gigantescas, entrelaçadas de lianas elegantes, o viajante não enxerga mais que campos immensos de *capim gordura*, e, no entanto, parece incontestavel que essa graminea só se introduziu na provincia de uns cincoenta annos para cá (119); suas sementes adherem ás vestimentas do homem e aos pellos dos animaes; espalha-se por toda a parte, e algumas montanhas visinhas ao Rio de Janeiro, em que não existia um unico pé por occasião de minha chegada ao Brasil, estão hoje em dia completamente cobertas delles.

Desse modo os agricultores terminam na provincia das Minas o que começaram os homens que iam á cata do ouro, a funesta destruição das mattas. A falta de lenha já se faz sentir em algumas villas que foram provavelmente construidas no seio de florestas, e as minas de ferro,

(119) Alguns dizem que foi um religioso que, no intento de prestar um serviço ao paiz, para lá levou essa graminea como forragem, e necrescentam que foi, por muito tempo, denominada *capim de Frei Luiz*, do nome desse religioso. Outros affirmam que o *capim gordura* foi introduzido na provincia de Minas por um tropeiro que vinha de muito longe, e se servira dessa herba para encher suas albardas. Chegado ás proximidades de Villa Rica renovou o equipamento; o *capim gordura* foi espalhado, e suas sementes se multiplicaram. Seja como fór, foi-me impossivel descobrir de que paiz essa planta é originaria. Alguns mineiradores pretendem que ella vem do Rio Grande do Sul, mas lá nunca a encontrei.

de riquíssimo teor em metal, não podem ser exploradas por falta de combustível (120). Diariamente arvores preciosas caem sem utilidade sob o machado do lavrador imprevidente. É possível que, no meio de tantos e tão repetidos incendios, não tenha desaparecido uma série de espécies úteis ás artes e á medicina, e, dentro de alguns annos, a *Flora* que nesse momento acabo de publicar (121),

(120) Tentamos fazer ver ao *guarda-nóy* INNOCENCIO de Catas Altas que deveria deixar a exploração das minas de ouro pelas de ferro. Mostrou-nos a região circunjacente, e nos fez ver que era desprovida de mattas. No entanto é provavel que esse districto tivesse sido coberto outóóra do florestas, pois está situado ao oriente da grande cadeia. — O mal que devia inevitavelmente resultar da destruição das mattas, diz Southey, segundo Vieira Couto, fôra previsto ha bastante tempo, e, por cerca de 1736 o governador Gomes Freire já se esforçára por conjural-o. Ordenára que uma extensão de duzentos palmos de largura fosse sempre conservada entre duas plantações; essas mattas não se deveriam cortar sem uma permissão especial, e se deviam poupar sempre as arvores de muito grandes dimensões. Não seria tambem permitido queimar nenhum tronco proprio para a confecção de bateias de mineradores ou que medisse mais do dez palmos de circunferencia; e os troncos capazes de serem excavados para canoas não se deveriam empregar em outro uso, si se encontrassem em uma faixa do terreno comprehendida a um tiro de espingarda das margens dos rios. Os proprietarios de mattas virgens deveriam conservar intacta uma decima parte dellas, e a metade dessa porção, caso o terreno o admittisse, ás margens das córregos ou dos rios (South., *Hist. of Braz.*, III, pags. 325 a 326). Não se devem regatear elogios ás benéficas intenções de Gomes Freyre; mas deve-se comprehender que taes regulamentos seriam inexecutaveis em uma região em que a população é tão fraca e onde o colono pôde com tanta facilidade escapar á vigilancia de seus superiores. Aliás, como muito bem observa Southey, hoje arrependem-se de que tão previdentes disposições não fossem cumpridas; e, no entanto, os actuaes habitantes de Minas Geraes, tão imprevidentes como seus antepassados e mais culpaveis ainda, pois que já sentem os effeitos do mal, os habitantes actuaes de Minas Geraes, digo, continuam a destruir insensatamente suas mattas, e deixarão a seus descendentes uma situação mais lastimavel ainda que aquella cujos effeitos já experimo nóm.

(121) *Flora Brasiliæ meridionalis*, com o stampas.

não será mais, para certos districtos, que um monumento historico.

Por uma ignorancia facil de comprehender quando se conhecem as relações do governo portuguez com suas colonias, o proprio ministerio, que se devia oppôr com todas as forças á destruição das mattas, tambem contribuiu para accelera-la. Existiam ainda intactas as mais lindas florestas nos confins da provincia habitadas por Indios selvagens. Por occasião da chegada do soberano ao Rio de Janeiro, o conde de Linhares fez promulgar um decreto que isentava de impostos, durante dez annos, os colonos que se fossem estabelecer no meio dessas mattas. Uma lei de tal alcance poderia, indubitavelmente, ser util si fosse promulgada em favor de colonos estrangeiros, que augmentassem a população, e ensinassem um processo de cultivo mais racional; mas não deveria ter sido feita para convidar os proprios Brasileiros, que já destruíram tantas florestas, a ir dar cabo das que ainda restam.

As oportunidades aventurosas da procura de ouro e pedrarias exaltaram entre os Mineiros esse espirito de inquietação natural a todos os homens; como os jogadores, deixam-se arrastar pelo menor lume de esperanza, e estão sempre promptos a sacrificar o que ha de mais real ás chimeras de sua imaginação.

Muitos Mineiros, abandonando os lugares em que nasceram, varias vezes têm já transportado de um lado para outro familia, escravos e bens; e, só pela narragão, que fiz a um proprietario dos arredores de Villa Rica, da fertilidade das margens do Jequitinhonha, vi-o disposto a deixar a habitagão em que nascera, a atravessar uma região immensa, e a se internar por florestas habitadas por Botocudos. Concebe-se com que soffreguidão homens animados de taes propensões tenham accedido a isca que o proprio governo lhes offereceu. Tendem os habitantes a se afastar do centro da provincia; povoações outróra florescentes são abandonadas, e inicia-se a migração em massa

para as fronteiras. A destruição das mattas não é a única consequencia lamentavel desse systema. Uma população fraca, disseminando-se por uma extensão immensa, torna-se mais difficil de governar: vivendo a grandes distancias uns dos outros os lavradores perdem pouco a pouco as ideias que inspiram a civilização; o criminoso escapa com mais facilidade ao rigor das leis; o Estado experimenta maiores difficuldades em collectar os impostos; e, em caso de necessidade, o paiz não pode, sinão após muito tempo, reunir seus defensores.

Uma reforma do systema da agricultura empregado até agora remediaría todos esses males. Adoptem os Mineiros o uso do arado e dos fertilizantes, e não mais terão necessidade de destruir suas mattas, e essas terras, que elles dizem perdidas sem remedio, dar-lhes-ão todos os annos abundantes collicitas; os filhos morrerão perto dos lugares em que repousam as cinzas de seus progenitores, e a população não mais se estenderá senão á medida que fôr augmentando.

Sei muito bem que existem rampas muito ingremes para serem lavradas; mas quantos valles fertis podem ser cultivados com a charrúa! As raizes das arvores seriau certamente um obstaculo nos districtos em que as mattas tivessem sido recentemente incendiadas, mas, em muitos lugares, ellas já estão destruidas; e, em geral, antes que o sejam, não se passam, certamente, tantos annos como pretendem os Mineiros, quando querem defender o processo de cultura a que estão infelizmente acostumados.

Tive frequentes vezes occasião de citar aos cultivadores dos arredores de Villa Rica um exemplo de que tinham sido testemunhas como eu, e que lhes prova como as terras cobertas de *capim gordura* estão longe de se julgarem definitivamente perdidas. Um habitante das ilhas dos Açores viera estabelecer-se a pequena distancia da capital de Minas Geraes, proximo á povoação de *Santa Barbara*, e possuía uma rebanho de setecentas cabeças de gado bo-

vino. Em vez de abater e queimar as mattas, reunia todas as tardes o rebanho em um curral; fazia rodear por uma cerca rustica um campo de *capim gordura*, e ateava fogo. Sem esgravatar o sólo, sem lavrai-o, mandava abrir furos nelle; os negros depositavam em cada um desses buracos um pouco de estrume recolhido nos parques em que as rezes dormiam, e, em seguida, plantavam-se ali grãos de milho. Vi esses campos pela época da floração do milho; os pés eram, pelo menos, tão bellos como os que nascem no meio das cinzas das mattas virgens, e o verde alegre de suas folhas contrastava de modo agradavel com a côr pardacenta do *capim gordura* que brotara ao mesmo tempo que elles. Si processos tão primitivos puderam produzir tão bons resultados, o que não se pode esperar de um cultivo regular?

E' heu verdade que quando se tem o cuidado de afastar o gado de um terreno em que cresce o *capim gordura*, e que esse terreno é por si mesmo de composição excellente, a ambiciosa graminea acaba por se extinguir espontaneamente; os pés velhos formam uma espessa camada que não permite ás sementes germinar; brotos de arvores e arbustos em breve começam a apparecer, e quando principiam a dar sombra matam completamente o *capim gordura*. Mas não são necessarios menos de dez annos para que tal mudança se opere nos melhores terrenos; e como não é difficil, aliás, de impedir o gado de se approximar de um pasto quando não tem pastor!

Não é unicamente, aliás, nas zonas do Brasil em que cresce o *capim gordura* que o systema de agricultura usado pelos Brasileiros tem os maiores inconvenientes. Existem immensas regiões em que essa graminea ainda não penetrou, e outras em que provavelmente jamais penetrará, porque não se dá bem sinão em terrenos argilosos; mas mesmo nessas regiões, as culturas repetidas que se seguem ás queimadas exgotam igualmente o sólo. Assim, as terras de *Piedade*, no termo de *Minas Novas*, onde não se vê

capim gordura, começam a se fatigar, e, no entanto, esse districto só está povoado ha oitenta annos. Não ha mais de trinta e cinco annos que se cultivam os arredores de *S. Domingos*, e já os colonos se queixam da escassez de suas colheitas. Talvez existam alguns districtos particularmente favorecidos, taes como os arredores de *Salgado*, ás margens do Rio S. Francisco, onde mal se deixa repousar a terra, ella produz novamente com grande fecundidade; mas esses districtos pertencem ao numero das rarissimas excepções, e é preferivel não citar nenhuma em um esboço que só deve apresentar alguns aspectos principaes.

Si fôr necessario indicar aos Mineiros um meio de renunciar a suas practicas agricolas erroneas, essa tarefa não será difficil. O governo isenta por dez annos de impostos aos que se transportarem para as fronteiras da provincia de Minas: não accrescente nada a esse sacrificio, mude-lhe apenas a direcção. Em vez de recompensar a homẽns que destroem florestas, que se conceda o mesmo premio aos que lavrarem as terras cobertas de *capim gordura*, e ver-se-á, ousa dizel-o, uma feliz revolução dentro em pouco na provincia de Minas Geraes.

Uma das causas da ruina dessa provincia foi, como já disse, a pretensa conspiração conhecida sob o nome de *Inconfidencia das Minas*. Eis em que consistiu: Pelos principios da revolução franceza parece que um individuo, que viajára pela Europa, costumava externar em conversas ideias muito imprudentes e perigosas (121-a). Em um grande almoço para o qual fôra convidado, deixou-se levar mais longe do que até então o fizêra; outros convivas seguiram-lhe o exemplo, as cabeças se exaltaram, e bebeu-se á libertação da America. O acontecimento foi communicado ao governador, o visconde de Barbacena, debaixo

(121-a) O doutor José Alves Maciel, cujo irmão, D. Caroline Alves Maciel era esposa do tenente-coronel Francisco de Paula Freire de Andrada, outro conjurado, filho natural de José Antonio Freire de Andrada.

das circumstancias mais compromettedoras; era este um homem timido e de vistas curtas; ficou aterrorizado com a noticia que lhe foi transmittida, e deu parte ao vice-rei no Rio de Janeiro. Este escreveu a côrte, e pintou o que succedera em Villa Rica como o acto de rebellião mais criminoso e temivel.

O governo portuguez escolheu uma junta de homens severos e formou uma alçada que mandou para o Brasil. Fez-se o processo dos pretendidos conjurados, e a perseguição foi geral. Todos os homens de certa cultura foram tidos por suspeitos; não foi descoberta uma unica prova da conspiração; não se encontraram armas nem correspondencia; porém as mais innocentes palavras foram consideradas como crimes. O supposto chefe da conspiração, o de nome JOAQUIM JOSÉ DA SILVA XAVIER, mais conhecido pela alcunha de Tiradentes, foi condemnado á morte; sua casa foi arrazada; ergueu-se uma columna truncada no local que ella occupava (122); e no pedestal dessa columna se gravou uma inscripção destinada a recordar o pretenso crime e o castigo recebido. As execuções limitaram-se felizmente a um unico individuo; porém grande numero de pessoas foi condemnado ao exilio, e confiscaram-se os bens dos banidos. Muita gente, temendo a mesma sorte, fugiu, e a provincia perdeu seus mais distinctos habitantes. Uma victima célebre dessa supposta conjuração foi o poeta THOMAZ ANTONIO GONZAGA DA COSTA, (122.a) *ouvidor* de S. João del Rey (123).

(122) Vi a columna em Villa Rica na rua do S. José.

(122.a) *Thomas Antonio Gonzaga*, apenas, foi como declarou chamar-se no auto da pergunta de 17 de Novembro de 1789, e subsequentes, e á tambem como appellido seu nome em todos os documentos officiaes e particulares conhecidos. O appellido *Costa* é absolutamente inegatorio.

(123) E', pelo menos, o titulo que lhe dão Spix e Martius.

²Gonzaga foi *ouvidor* de Villa Rica e estava nomeado *desembargador* da Relação da Bahia, esperando apenas a indispensavel licença régia para casar-se com D. Maria Joaquina Doralicia da Siqueira (o *Morillo*), o *delegado* á sede de seu novo cargo, quando foi preso em Villa Rica e remettido para o Rio de Janeiro, onde seria interrogado e condemnado a degredo. N. do T."

Em vão grandes talentos depunham em seu favor, foi exilado para a costa d'África: seus versos, porém, tornaram-se populares, e por muito tempo ainda encantarão o viajante até sob os humildes ranchos e nos lugares mais solitários (124).

Disse já que a administração (*fazenda real*), pelo systema que adoptara para a venda dos bens apprehendidos, ainda mais contribuiu para a decadencia da provincia das Minas. A impossibilidade em que frequentemente se acharam os dizimeiros de cumprir as clausulas de seus contractos, acarretou successivamente a apprehensão pelo fisco de grande numero de propriedades ruracs. Eram vendidas em hasta publica, e concediam-se aos arrematantes prazos bastantes longos para effectuar os pagamentos. Muita gente adquiria bens sem dinheiro e sem esperanza de jamais possuil-o; gozavam dos rendimentos durante o prazo de credito que lhes era concedido; mas não tomavam o menor cuidado com uma propriedade de que estavam certos de ser despejados, e as mais bellas habitações, assim vendidas e revendidas varias vezes, acabaram por se deteriorar completamente.

O ar de decadencia que têm, em geral, no interior da provincia das Minas, os villarejos e habitações isoladas, decorre tambem, em grande parte, deve-se dizel-o, de que essas construcções, sempre feitas de barro, se estragam facilmente, principalmente por fóra. As casas dos pobres são tão facéis de construir, que qualquer um é seu proprio architecto; e, como se verá, essas casas tambem se destroem com facilidade extrema. Para levantar as paredes fincam-se na terra, a pequena distancia uns dos outros,

(124) Southey descreve a *inconfidencia* de modo bastante differente; mas pelas suas citações, parece não ter tido sob os olhos senão a propria sentença dos condemnados. A citação do manuscripto intitulado *Noticias*, que se acha no principio da narrativa do historiador inglez, parece referente ás causas da conspiração, e não á conjuração propriamente dita.

esteios de madeira toscos, da grossura approximada de um braço. Com o auxilio de alguns cipós, amarram-se a estes ripas transversaes muito approximadas, e, quando se completa assim uma especie de gaiola, enchem-se os intervallos com barro. Quanto aos tectos, cobrem-se com estipes e folhas de uma graminea pertencente ao genero *saccharum*, e que tem no paiz o nome de *sapé*. Internamente essas miseraveis habitações são quasi sempre divididas por septos delgados, e apresentam uma serie de pequenos reductos obscuros que communicam uns com os outros, sem portas de separação. Concebe-se facilmente que não se pode ligar grande apreço a semelhantes habitações, e abandonam-se sem pezar quando ha certeza de poder encontrar em outro lugar os materiais necessarios á construcção de outras do mesmo typo. Encontraru-se continuamente no interior do Brasil habitações semelhantes completamente abandonadas e semi-destruidas, e existe mesmo um termo especial para designar as casas que cahem em ruínas, o de *tapera*.

CAPITULO X

PERMANENCIA EM ITAJURÚ. — COSTUMES DOS MINERADORES E PARTICULARMENTE DOS QUE HABITAM O CAMPO. — EXCURSÃO Á ERMIDA DE NOSSA SENHORA MÃE DOS HOMENS. — PORMENORES SOBRE A AGRICULTURA NAS REGIÕES DA PROVINCIA PROXIMAS Á CAPITAL.

Partida de Catas Altas. — Chegada a Itajurú. — Diferença entre as fazendas e os sítios. — *Fazendeiros*; interior de suas casas; moveis. Sala. *Varanda*. *Cosinhas* e jardins privados das mulheres. — Alimentos; feijão; sercalha; farinha de milho; *quiabos*; doces; *cangica*; agua. — Maneira de comer e de terminar as refeições. — Benção dos pais. — Lavagem dos pés. — Descrição da *fazenda d'Itajurú*; prova de confiança; jardim. — Excursão á *Serra do Coraça*. — Povoação de *Santa Barbara*. — *Fazenda de Santa Quiteria*; prataria; fructos. — Povoação de *Brumado*. — Ermida de Nossa Senhora Mãe dos Homens; mosteiro; igreja. Historia do irmão *Lourenço*. — Vegetação de um dos picos da *Serra do Coraça*. — Volta a Itajurú; partida dos srs. Langsdorff e Ildefonso. — Rasgo de generosidade. — Retrato do sr. ANTONIO GOMES DE ABREU. — Ceremonias da missa; procissão. — Povoação de *S. Miguel de Mato dentro*; sua posição; população. — Cultura do feijão. — Cultura do milho; *batedor*; *subú farinha*. — Cultivo do arroz. — Plantio da canna de assucar.

Nosso amigo, o sr. Antonio Ildefonso Gomes, veio ao nosso encontro na povoação de Catas Altas. Lá deixamos a estrada grande que leva de Villa Rica ao Districto Diamantifero, e tomamos por caminhos transversaes. Afastando-nos da cadeia occidental percorremos uma região menos elevada que aquella por onde viajáramos na véspera, e cuja vegetação vigorosa lembra hastante a do Rio

de Janeiro. De longe em longe descobriamos habitações e alguns campos cultivados; mas, nos lugares em que as florestas tinham sido cortadas já ha alguns annos, não lobrigavamos senão *pteris* e *capim gordura*.

À tarde chegamos a *Itajuru*, onde morava o pae do sr. Ildelfonso, que nos recebeu com a maior amabilidade.

A habitação do sr. capitão *Antonio Gomes de Abreu* é das que se chamam *fazendas*, nome reservado ás propriedades ruraes de certa importancia, e em que trabalham numerosos escravos. Quanto ás habitações de gente de poucos recursos, chamam-se geralmente *sítios*.

Entre os Mineiros, os homens de maior consideração são, seguramente, os que habitam o campo, e sobretudo, os *fazendeiros* dos districtos auríferos do centro da provincia. Esses proprietarios, e, particularmente, os que exploram minas (125), são geralmente superiores pelo trato e pureza de linguagem, não só aos nossos simples camponios, como ainda aos nossos mais ricos lavradores; e, como já tive occasião de dizel-o, existem mesmo varios delles que fizeram alguns estudos. Quasi todos são homens brancos; não trabalham pessoalmente, e contentam-se em dirigir os escravos.

Suas casas offerecem, em regra, poucas commodidades e não possuem, em geral, nenhum ornato sobre a brancura das paredes (126). Como custaria muito dislicheiro mandar vir vidraças em lombo de burro desde o litoral até o interior, deixam-se as janellas completamente abertas durante o dia e á noite fecham-se com aldrabas. Não se collocem nas casas de *fazendeiros* nenhum desses moveis que accumulamos em nossos aposentos, guardam-se as roupas nas malas, ou, antes, dependuram-se em cordas, afim

(125) E' a elles que se dá propriamente o nome de *mineiros*, e chamam-se *rozeiros*, da palavra *roça*, os camponios que se limitam a cultivar.

(126) E' necessario aqui admittir excepções como se verá adiante.

de preserval-as da humidade e dos insectos. As cadeiras são raras, e as pessoas se sentam em bancos, tamborettes de madeira e escabellos. Nas casas dos ricos os leitos são os moveis que merecem maiores cuidados; as cortinas e as colchias são muitas vezes de damasco, e os lençoes, de um tecido de algodão muito fino, têm guarnições de renda. Quanto ao colchão compõe-se simplesmente de um fardo de palha de milho desfiada; mas, em paiz tão quente, dormir-se-ia peor sobre lã ou pennas.

Nas casas dos pobres, assim como nas dos ricos, existe sempre uma peça denominada *sala*, que dá para o exterior. É ali que se recebem os extranhos, e se fazem as refeições, sentado em bancos de madeira em torno de uma mesa comprida. A gente abastada tem o cuidado de reservar na frente de sua casa uma galeria ou *varanda*, formada pelo tecto que se prolonga além das paredes, e é sustentado por columnas de madeira. Fica-se geralmente nessas galerias e, em todas as estações ali se respira um ar fresco, igualmente ao abrigo da chuva e do ardor solar. O interior das casas, reservado ás mulheres, é um santuario em que o extranho nunca penetra, e pessoas que me demonstravam a maior confiança jamais permittiram que meu creado entrasse na cozinha para secar o papel necessario á conservação de minhas plantas; era obrigado a accender o fogo fóra, nas senzalas ou em algum alpendre. Os jardins, sempre situados por traz das casas, são para as mulheres uma fraca compensação de seu captiveiro, e, como as cozinhas, são escrupulosamente interdictadas aos estrangeiros.

Os habitantes do Brasil, que fazem geralmente trez refeições por dia, têm o costume de almoçar ao meio dia. Gallinha e porco são as carnes que se servem mais communmente em casa dos *fazendeiros* da provincia das Minas. O feijão preto forma prato indispensavel na mesa do rico, e esse legume constitue quasi que a unica iguaria do po-

bre. Si a esse grosseiro manjar este ultimo acrescenta mais alguma coisa, é arroz, ou couve, ou outras hervas picadas, e a planta geralmente preferida é a nossa serralha (*sonchus oleraceus*, L.), que se naturalizou no Brasil, e que, por uma singularidade inexplicavel se encontra frequentemente em abundancia nos terrenos em que recentemente se fizeram queimadas de matta virgem. Como não se conhece o fabrico da manteiga, substitue-se-lhe a gordura que escorre do toucinho que se frita. O pão é um objecto de luxo; usa-se em seu lugar a farinha de milho, e serve-se esta ultima ora em pequenas cestinhas ou pratos, ora sobre a propria toalha, disposta em montes symmetricos. Cada conviva salpica com farinha o feijão ou outros alimentos, aos quaes se addiciona salsa, e faz-se assim uma especie de pasta: mas, quando se come carne assada, cada vez que se leva um pedaço á bocca, junta-se uma colher de farinha, e, com uma destreza inimitavel, arremessa-se a colherada sem deixar cahir um só grão. Um dos pratos favoritos dos Mineiros é gallinha cozida com os fructos do quiabo (*hibiscus esculentus*) (127), de que se desprende uma mucilagem espessa semelhante á colla; mas os quiabos não se comem com prazer sinão acompanhados de *angá*, especie de polenta sem sabor de que tratei adiante. Em parte alguma, talvez, se consumma tanto doce como na provincia das Minas; fazem-se doces de uma multidão de coisas differentes; mas, na maioria das vezes, não se distingue o gosto de nenhuma, com tanto assucar são feitos. Não é esse, entretanto, o genero de sobremesa preferido; o que delicia os Mineiros é o prato de *cangica*, nome que dão ao milho descascado e cozido em agua. Nada eguala a insipidez de semelhante iguaria, e, no entanto, extranha-se que o estrangeiro tenha o máo gosto de addicionar-lhe assucar. E' muito raro

(127) Chamam-no *quimombô* no Rio de Janeiro e *gombô* nas colonias francezas.

encontrar vinho em casa de *fazendeiros*; a agua é a sua bebida ordinaria, e, tanto durante as refeições como no resto do dia, é ella servida em um copo immenso levado em uma salva de prata, e que é sempre o mesmo para todos. Em casa de gente pouco abastada encontra-se, a um canto da peça denominada *sala*, uma enorme talleia com um copo preso a um cabo, e cada qual bebe por sua vez. Não existe, talvez, em parte alguma do mundo, agua tão deliciosa como a das partes montanhosas da provincia das Minas; o calor excita a bebel-a em grande quantidade, e nunca ouvi dizer que alguem soffresse por isso.

Os individuos de mais baixa cathegoria, tues como os conductores de boi e de burros, são os unicos que amassam e comem com os dedos a farinha e o feijão preto. É necessario, aliás, que um homem com casa propria seja muito pobre para não possuir alguns talheres de prata; mas esses talheres são, geralmente, de extrema pequenez. Usa-se por toda a parte toalha, mas não se offercem guardanapos aos convivas. O escravo que serve á mesa está sempre de pés no chão, por melhor vestido que se apresente, e leva no hombro uma toalha de algodão arre-matada por uma bainha larga. Os Mineiros não costumam conversar quando comem. Devoram os alimentos com uma rapidez que, confesso, muitas vezes me desesperou, e quem se contentasse em assistil-os comer, tomal-os-ia pelo povo da terra mais avaro do seu tempo.

Depois da refeição os commensaes se levantam, juntam as mãos, inclinam-se, rendem graças, fazem o signal da cruz, e, em seguida, saudam-se reciprocamente. Esse costume é, sem duvida, respeitavel; mas fica-se surprezo de ver o escravo que serviu a mesa juntar-se aos convivas, e agradecer a Deus um repasto em que não tomou parte.

Á tarde, após as orações de graças, as crianças têm o costume de se approximar do pai; pedem-lhe a benção e recebem-na,

Todo o mundo, antes de se deitar lava os pés com agua quente. Nas casas ricas um negro, com sua toalha no hombro, leva a agua ao estrangeiro em uma grande bacia de cobre; os pobres, porém, se contentam com uma gainella de madeira. Muitas vezes, em casa de gente de côr, o proprio dono da casa vem, como nos tempos antigos, lavar os pés do viajante que acolheu com a mais franca hospitalidade.

Já tive occasião de dizer que geralmente se construíam as habitações nos valles. A do sr. Gomes está situada em um vallão que, por todos os lados, é cercado por elevações cobertas de mattas virgens, *capoeiras* e pastagens. A cerca de vinte ou trinta passos da habitação corre o *Percicaba* (128), rio bastante largo que, após receber os córregos de *Catas Altas*, *Inficionado*, etc., vai se reunir ao *Rio Doce*, e cujas aguas, sujas pelos trabalhos de mineração, correm com rapidez. As montanhas que se elevam além do rio, e que defrontam a entrada da casa, estão cobertas de florestas; mas as que se estendem ao lado das primeiras, não exhibem senão sarças. No meio dessas vê-se um grande rochedo pardacento e é a esse rochedo que toda a região deve o nome de *Itajurú*, que, no idioma dos Indios, significa bocca de pedra (129).

Dar a conhecer a *fazenda* de Itajurú é fornecer uma ideia geral de grande numero de habitações. As casas estão dispostas á volta de um grande terreiro que tem a forma de um quadrilatero alongado. Um dos lados é formado pelas senzalas, em seguida ás quaes vem um engenho

(128) O Percicaba ou Piracicaba tem sua nascente na *Serra da Lapa* (Casal), parte da cadeia occidental situada ao Sul de Tijuca. *Pirú cy cabá* parece-me significar, na lingua guarany, peixe lustroso e negro.

(129) *Itá*, pedra; *jurú*, bocca (*ling. ger.*). Como existe um outro *Itajurú* na parochia de Santa Barbara, deve-se distinguir aquello a que aqui me refiro pelo nome de *Itajurú do S. Miguel do Mato dentro*, do nome da parochia em que está situado.

de assutar cujo tecto é sustentado por espeques muito altos. Do lado opposto é o alojamento do senhor, que só tem um andar e é tambem sustido por espeques de madeira. Em seguida a esse edificio ha um muro que separa o terceiro do jardim. Celeiros e armazens formam um dos lados do terreiro, e, em frente, está uma parede contra a qual se apoia, do lado de fóra, um alpendre em que se fazem os queijos.

O sr. Gomes deu-nos uma prova de confiança e de amizade extremamente encantadora levando-nos ao seu jardim, que poderá medir cerca de uma geira. Esse jardim é cortado por um regato limpido, que não somente é de grande utilidade para a rega, mas cujas aguas, desviadas por muitos pequenos regos, servem para garantir dos estragos das grandes formigas uma parte dos canteiros em que se plantam as flôres e legumes. Encontramos no jardim do sr. Gomes laranjeiras, alguns peccueiros, uma parteira, e figueiras carregadas de fructos muito melhores que todos os dessa especie que comi em França. As flôres eram as que ornam os nossos tableiros, cravos, esporas, escabiosas, mal-me-queres, *dianthus barbatus*, *silene armerias*, alecrins e basiliscos. Quanto aos legumes não vimos senão couves e aboboras.

Aproveitamos nossa demora em Itajuru para irmos, o sr. Langsdorff e eu, visitar uma ermida célebre, a de *Nossa Senhora Mãe dos Homens*, que está situada na *Serra da Caraga* a cerca de nove leguas da habitação do sr. Gomes.

Após caminharmos cerca de cinco leguas por uma região inculta e deserta, chegamos á povoação de *Santa Barbara* (130), situada sobre o córrego do mesmo nome. Essa povoação depende da justiça de Caeté e da comarca do Rio das Velhas, e é a séde de uma parochia que compre-

(130) *Santa Barbara*, ou *S. Antonio do Ribeirão de Santa Barbara*, está situada a 9 leguas de Marianna e 89 do Rio de Janeiro, nos 20° lat. e 333° 59' de long. (Piz.).

honde seis succursaes e cerca de 12.000 habitantes. É facil perceber que Santa Barbara teve outróra grande importancia; mas esse villarejo está actualmente de tal forma abandonado, que um proprietario que ali possui varias casas garantiu-me que ninguem queria habitá-las, mesmo de graça.

A cerca de meia legua de Santa Barbara chegamos a *S. Quiteria*, habitação pertencente ao coronel *Antonio Thomaz de Figueiredo Neves*, tio do nosso companheiro de viagem, sr. Ildefonso. Como algumas outras fazendas construidas na época da opulencia dos lavristas, a habitação de Santa Quiteria se assemelha muito mais ás nossas villas nobres que ás herdades. Está situada proximo ao ribeirão de *Santa Barbara* entre morros de pequena elevação. Com excepção de um pequeno jardim que depende da propria habitação, não se observa em seus arredores o menor signal de cultura; por todos os lados a terra foi escavada e revolvida pelos catadores. Os commodos da habitação não têm nenhuma pintura; mas os apainelados, os portaes e as proprias portas são pintadas á imitação de mármore; os tectos, feitos de taboas, são igualmente pintados, mas de modo grosseiro, e representam grandes figuras e arabescos. Encontra-se a mesma especie de decoração nas fazendas que eu ha pouco comparava aos nossos castellos, e que, como já o disse, datam da época em que a provincia ainda era rica e florescente.

Vimos, em casa do coronel Antonio Thomaz, vasos de prata admiravelmente trabalhada, e, entre outras peças, gômis de forma muito elegante. Essa prataria attrahiu principalmente nossa attenção, quando soubemos que fôra lavrada, já ha muitos annos, na povoação de *Catas Altas*. Ter-se-á occasião de ver que tive ainda muitas outras oportunidades de admirar a habilidade dos artezãos da provincia de Minas.

O que demonstra como as partes elevadas dessa provincia são favoráveis aos fructos da Europa, é que nos serviram no mesmo tempo, em casa do coronel Antonio Thomaz, figos excellentes, maçãs de sabor agradável e uvas negras. Estas ultimas, como todas as que se recolhem na estação das chuvas, eram optimas, mas muito mais aquozas e menos assucaradas que as nossas (131). Comeinos tambem em Santa Quitéria um pão excellente, feito de trigo colhido a poucas leguas dessa habitação.

No dia seguinte, após nos despedirmos do coronel Antonio Thomaz, que nos acolhera com tanta fidalguia, puzemo-nos novamente a caminho, Seguimos o córrego de Santa Barbara, que perde em pouco tempo o proprio nome para tomar successivamente os do villarço de Barra e da povoação de *Brumado*, proximo aos quaes corre. *Brumado* ou *Sant'Anna do Brumado* é uma das succursaes de Santa Barbara, e como essa povoação, apenas exhibe signaes de abandono e decadencia.

A pequena distancia de Brumado começamos a galgar morros cobertos de *capim gordura* que já pertencem á *Serra do Caraga* (132). A' medida que subiamos o horizonte se alargava; mas em parte alguma descobrimos habitações ou terras cultivadas. Subindo sempre, encontramos pequenos bosques, e as aguas barrentas de alguns córregos provaram-nos que se procurava ouro até nesses lugares desertos. O caminho, que não é mais que uma picada, tinha que parecer rude a quem quer que estivesse acostumado só aos da Europa, e, no entanto, para tornalo praticavel houvera o cuidado de calçal-o em varios lugares. A pequena distancia da capella de Nossa Senhora Mãe dos

(131) Encontrar-se-á albuces informes desenvolvidos sobre a vegetação da vinha na provincia das Minas.

(132) Esse termo é simultaneamente portuguez e guarany. *Caraga* em portuguez significa *mã cara, cara antipathica*. Em guarany *cara* o *agá* ou *caa arapaba*, ou mesmo *caraga*, simplesmente, quer dizer desfiladeiro.

Homens começamos a ver, no tucio de rochedos, bellissimas plantas que ainda não conheciamos: entre outras, orchideas de longas espigas de flôres de um rubro verme-lhão, e uma melastomacea arborecente, cujas folhas glaucas e muito approximadas se dispõem em quatro series; e as flôres, azues, de oito pétalas, e estames indeterminados, são quasi tão grandes como as da malva-rosa.

Tendo caminhado durante duas horas, approximadamente, chegamos, enfim, á especie de planicie em que está situada a ermida de Nossa Senhora Mãe dos Homens. Essa planicie, quasi circular e um pouco desigual, é regada por grande numero de córregos e coberta de pastagens entremeadas de pequenos bosques. Si bem que bastante elevada em relação á bacia em que corre o ribeirão de Brumado, acha-se ella propria rodeada por montanhas elevadas, que só deixam uma canhada do lado por onde se chega, quando se vem de Santa Barbara. Na parte mais baixa essas montanhas exhibem alguns bosques esparços; mas seu ápice só apresenta rochedos nús entremeados de vegetação pouco abundante.

E' justamente á entrada da planicie que acabo de descrever, e do unico lado em que é aberta, que foi edificada a ermida de Nossa Senhora Mãe dos Homens. Fica-se chocado em avistar assim de repente um edificio tão vasto a tal altitude e tão longe de todas as habitações. Lá chegando, encontra-se o viajante em uma plataforma, em cuja frente se plantou uma fileira de palmeiras que confundem suas elegantes folhagens. Nessa plataforma erguem-se as construcções da ermida, separadas em duas partes, que fazem face uma á outra. Uma escada, collocada entre ambas as porções do edificio, conduz a um patamar ao nivel do seu primeiro pavimento, e, além do mais, juntamente com a igreja, construida em plano mais recuado, forma de qualquer modo o corpo principal de um edificio do qual as construcções lateraes representam as alas.

Toda a fachada do edificio, desde a extremidade de uma das alas até a da outra, mede cerca de vinte e trez passos, e cada ala apresenta, no primeiro andar, seis janellas bastante espaçadas. A escadaria conta dezoito degraus: depois dos quatro primeiros chega-se a um patamar de repouso, e os quatorze degraus que vêm em seguida, mais estreitos que os outros, são marginados de ambos os lados por um corrimão de pedra de bastante bom gosto. A' volta do terraço existe um parapeito semelhante ao da escada.

Deante da porta da igreja está uma especie de portico formado por dois pilares que sustêm o côro em que foi collocado o orgão. A igreja é estreita, mas muito ornada, e possui magnifica prataria, constante de grandes candelabros dourados de contorno irregular como os de todos os demais templos. Em volta da igreja ha um corredor em forma de ferradura que não se communica com ella; penetra-se nelle por duas portas exteriores, e em seu interior se encontram capellas collocadas a certa distancia umas das outras. Sobre o altar de cada uma existe uma imagem encarnada de madeira, que representa o Christo em algumas das attitudes de sua paixão. Essas imagens estão longe de ser obras primas; têm, todavia, sufficiente expressão para que facilmente se reconheça a intenção do artista, e não se pode deixar de admiral-as quando se sabe que foram esculpidas por um homem que jamais tivera modelo ao alcance, e vivia na solidão, nos confins da região dos Botoeudos. As duas mais notaveis e ornadas capellas acham-se fóra do corredor que acabo de descrever; estão collocadas em face uma da outra, ao fundo das proprias construcções da ermida, ao nivel da especie de portico, que faz parte da igreja. Sobre o altar da capella que se acha á direita estão varias figuras em madeira representando alguma scena da paixão. Na collocada á es-

querda vê-se um corpo em cêra, ricamente vestido, que encerra reliquias recebidas de Roma.

O rez-do-elhão do edificio da ermida foi utilizado para armazens e alojamentos de negros. O primeiro andar está dividido em cellulas destinadas aos eremitas e aos viajantes que a devoção ou curiosidade attrahem a essas montanhas.

Tal é a ermida de *Nossa Senhora Mãe dos Homens*. Essa fundação não data de mais de quarenta e poucos annos. O fundador ainda vivia por occasião de nossa viagem e contava noventa e dois annos de idade. Esse homem, nascido em Portugal, retirára-se a principio para as montanhas de *Nossa Senhora da Piedade*, perto de Sabará; fez uma viagem á de *Nossa Senhora Mãe dos Homens*, e, entusiasmado pelo aspecto do local, resolveu ali construir uma igreja. Tinha então mais de quarenta annos. Os oito mil cruzados que possuia não bastavam para a execução de seu projecto; mas soube communicar seu enthusiasmo aos habitantes da região, e em breve as esmolas foram sufficientes para permittir a construcção dos edificios cuja descripção acabo de fazer. O estabelecimento adquiriu negros e cabeças de gado; a igreja foi ornada e recebeu um orgão; a ermida foi provida de todo o necessario para alojar os peregrinos, e não se esqueceram os vasos de prata. O fundador LOURENÇO submetten-se á regra dos irmãos terceiros de S. Francisco, e dez irmãos se lhe reuniram. Todavia, o esplendor dessa especie de mosteiro foi de curta duração: o irmão Lourenço não pensára no futuro. Com excepção de dois, todos os eremitas morreram, e ninguem se apresentou para substituil-os. Nenhuma tradição antiga se prendia no eremiterio; a devoção dos habitantes do districto esfriou quando a idade já não permittia a irmão Lourenço reanimala; as peregrinações tornaram-se mais raras; as esportulas cessaram, e casas construcções tão modernas deixam ver por toda a parte

vestígios de vetustez. Tiveram o destino do fundador; foram decahindo á medida que os annos pesavam sobre sua cabeça. Esse ancião erra como uma sombra pelos corredores que seu zelo outróra povoava de eremitas e peregrinos; sua cabeça enfraqueceu, a voz mal se faz ouvir; em breve terá deixado de viver, e não se sabe sequer o que se tornará então o estabelecimento que elle fundou (133). Ha qualquer coisa de mysterioso na vida do irmão Lourenço; um dos governadores da provincia seu contemporaneo tratava-o com grande consideração, e suppõe-se que elle pertenceu a uma familia condemnada, durante o ministerio do marquez de Pombal, por crime de alta traição. Contemplava esse ancião debruçado ao para-peito do terraço de seu mosteiro; uma palmeira cobria-o com sua sombra; a cabeça inclinava-se sobre o peito, mas seus olhos trahiam ainda o fogo que outróra os animou; um bastão de jacarandá, mais negro do que o ébano, servia-lhe de arrimo ao corpo; parecia mergulhado em graves reflexões, e talvez de si para si accusasse menos a rapidez do tempo que a inconstancia dos homens. O nome da personagem extraordinaria que reinava sobre a França chegára até os ouvidos de irmão Lourenço, e sahiu do seu abatimento para nos perguntar o que fôra feito de Napoleão, depois de se entregar nas mãos dos Ingleses. Os benefiteores da humanidade vivem desconhecidos; o medo, porém, não é discreto como a gratidão; a fama dos conquistadores penetra até nos lugares mais ignorados: é o rugido do trovão que se faz ouvir ao longe e por toda a parte espalha o terror.

No dia immediato ao de minha chegada fui ver uma fonte ferruginosa de que se poderia tirar vantajoso parti-

(133) Irmão Lourenço legou-o ao rei, e nelle foram installados missionarios de S. Vicente de Paulo, que se encarregam de educar a mocidade. Parece-me que nenhum local poderia ser melhor escolhido para fundar-se uma casa de educação.

do; passei todo o dia herborizando nos arredores da ermida, e, pela natureza da vegetação, suppuz que a planície em que está situada deva ter a mesma altitude que Villa Rica.

Dois dias depois galgamos uma das altas montanhas que rodeiam essa planície. A medida que subiamos a vegetação tornava-se menos vigorosa e mais variada, e vinha a mudar constantemente, conforme a altura. Encontrei, entre outras, algumas plantas da familia das ericaccas; varias umbelliferas de folhas simples; grande numero de *ertocaulons*; duas ou trez especies de *vellozia*; uma surprehendente variedade de melastomaceas de folhas pequenas; uma soberba *utricularia* de flôres roscaas quasi do tamanho das do *antirrhinum majus* (134); uma apocynacea de corollas quasi tão grandes como as do *nerium oleander*; uma *drosera* de folhas lineares, que cresce em um lugar bastante secco bem no alto da montanha (*drosera graminifolia*, Aug. de Saint-Hil.); devi, finalmente, ao sr. Langsdorff uma *sauvagesia* de caules lenhosos, folhas semelhantes ás das urzes, e cujos ramos delicados se terminam por um pequeno ramalhete de flôres roscaas (*laradia ericoides*, Aug. de Saint-Hil.). Chegados ao alto do pico, que parece elevado de 6.000 pés em relação ao nivel do mar, descortinamos um desses panoramas immensos que impressionam muito mais pela extensão do que agradam pela belleza; dominavamos uma longa sequencia de morros sem habitação e sem cultura, e nosso olhar procurava em vão algum ponto em que repousar. Voltei á ermida com setenta especies de plantas que ainda não possuia, e passei a noite a descrever as partes mais delicadas de grande numero dellas, ao clarão avermelhado de uma lampada fraca. No começo de uma tal viagem o zelo não conhece limites;

(134) *Utricularia reniformis* N. U., *foliis reniformibus; floribus magnis.*

mas chega o momento em que a gente se arrepende de não ter tido a prudencia necessaria para moderar-o.

Voltamos a Itajurú passando novamente por Santa Quitéria e fomos ahí tão bem recebidos como pela primeira vez.

No entanto a licença que o sr. Langsdorff obtivera para viajar approximava-se do fim, e o sr. Udefonso via-se obrigado a retomar o curso de seus estudos. Partindo do Rio de Janeiro com esses excellentes amigos tinha acalentado o projecto de acompanhal-os tambem na volta; a provincia de Minas, porém, offercia-me tantas riquezas vegetaes, que tomei a resolução de percorrel-a quasi toda. Foi mais um momento penoso para mim aquelle em que me separei dos srs. Langsdorff e Udefonso; mas encontrei o maior conforto na amizade do sr. Antonio Gomes. Uma grande conformidade de gostos e sentimentos nos ligára intimamente, e essa affeição reciproca ainda mais se reforçou durante a longa estadia que continuei fazendo em Itajurú.

O pai do sr. Gomes fóra um dos mais ricos mineradores da provincia, e eu proprio vi em Santa Quitéria uma excavação (*cata*) que o tornára possuidor de trez milhões de cruzados. Julgando sua jazida inexgotavel o sr. *** esbanjava o ouro á medida que o extrahia do sólo; si era padrinho de uma creança fazia á comadre um presente de dez mil cruzados; dava festas e não se preocupava com o futuro. Perdeu, entretanto, em pouco tempo quinhentos escravos; sua jazida se exgotou; a brilhante fortuna que possuia evaporou-se, e o sr. Antonio Gomes foi obrigado a entregar-se ao commercio para resgatar a herdade de seu pai. Essa historia é a de grande numero de mine-radores brasileiros; mas muito poucos homens existem de quem se possam contar rasgos semelhantes ao que illustrou a vida do sr. ***.

Fôra encarregado de observar a conducta do administrador de uma habitação. Este, para se desembaraçar de uma vigilancia importuna, denunciou-o como scado o assassino de um homem que effectivamente desapparecera. A força de indagações o sr. *** descobriu que o individuo de cuja morte o accusavam se retirára para os confins da provincia de Goyaz, e fez vil-o com grandes dispendios. Convencido de calunnia o denunciador perdeu o emprego e cabiu em profunda miseria. Mas conhecia o caracter generoso daquelle a quem quizera infelicitar; foi a elle que recorreu e o sr. *** sustentou-o de modo digno até o seu ultimo momento de sua vida.

Si o sr. Antonio Gomes não succedeu a seu pai na fortuna, herdou-lhe as virtudes. E' realmente um dos homens mais dignos que tenho encontrado em minha vida. E' impossivel ser-se melhor pai, honrar mais a paz e a justiça, ter alma mais pura e piedade mais sincera. Estudou no seminario de Marianna; comprehende bem o latim, o italiano e o francez, e sua conversação é interessante e espirituosa. Escutava-me com interesse quando lhe falava da França e da minha familia, e comprazia-se, por sua vez, em ensinar-me sua lingua e informar-me sobre os costumes do paiz.

Diariamente fazia uma pequena excursão e, aos domingos iamos ouvir a missa parochial na povoação de S. Miguel que está situada a cerca de uma legua de Itajurú.

As ceremonias da missa são, no Brasil, exactamente as mesmas que se observam em França; mas, quando o padre desce do altar, os assistentes se saudam reciprocamente.

Na maioria das parochias da provincia das Minas faz-se, antes da missa, uma procissão fóra da igreja para o resgate das almas do purgatorio, de que se occupam nessa região mais talvez que em outros lugares. Não só se reza por ellas, como ainda são invocadas afim de se obterem

graças por seu intermedio. Não existe, certamente, devoção tão tocante como a que, constantemente, nos faz presentes no espirito as pessoas que pranteamos, e estabelece entre ellas e nós uma reciproca communicação de orações e soccorros. Mas na provincia das Minas, e talvez em outras do Brazil, essa devoção frequentemente degenera em abuso. Vê-se, em todas as tabernas, um tronco em que estão pintadas figuras rodadas de chaminas, e que é destinado a receber as esmolas que se querem fazer ás almas do purgatorio: aposta-se em proveito das *almas* (135), e fazem-se-lhes promessas, afim de encontrar os objectos perdidos.

A povoação de S. Miguel de Mato dentro ou da *Percicaba* está situada a doze leguas a S. O. de Marianna e a noventa e duas do Rio de Janciro. Depende (136) da justiça ou *termo* de Caeté, e é a séde de uma parochia que, em extensão de vinte leguas de comprimento e seis de largura, termo medio, comprehende cinco succursaes e perto de onze mil habitantes. Nessa povoação, como provavelmente succede em qualquer parte da provincia, o numero dos nascimentos é sempre superior ao dos obitos.

S. Miguel está edificada no sopé de uma serie de morros sobre as duas margens do Percicaba. Esse rio serpenteia ao longe pelo valle que lhe serve de bacia; uma ponte de madeira que lhe liga as margens, estabelece communicação entre os habitantes de um e outro lado; cinco igrejas dispersam-se entre as casas da povoação, e grupos de bananaeiras, que se vêem por todos os lados, contribuem a tornar a paisagem extremamente pittoresca.

Os quadros da população da parochia de S. Miguel para o anno de 1816 foram feitos por um homem intelli-

(135) Designam-se as almas do purgatorio simplesmente sob o nome d'as *almas*.

(136) Vide *Memorias historicas*, vol. VIII, parte II, pag. 112.

gente e muito meticoloso (137). Delles extrahirei alguns pormenores de estatistica tanto mais interessantes quanto o movimento da população e a proporção dos individuos de cada raça são provavelmente a mesma, com approximação, na maior parte das parochias que comprehendem as regiões florestaes auríferas da provincia.

POPULAÇÃO DA PAROCHIA DE S. MIGUEL (1816)

	<i>S. masculino</i>	<i>S. feminino</i>	<i>De ambos os sexos</i>
Branços	992	950	1942
Indios	7	11	18
Mulatos livres	1536	1474	3010
" escravos ..	166	215	381
Negros livres	531	578	1112
" escravos ..	2589	1897	4486
	<hr/>	<hr/>	<hr/>
	5821	5125	10949

MAXIMO DA POPULAÇÃO

<i>Sexo masculino</i>		<i>Sexo feminino</i>	
Para os brancos de			
30 a 35 annos	114	30 a 35 annos	106
15 a 20 "	100	25 a 30 "	103
		15 a 30 "	102
Mulatos livres de			
20 a 25 annos	186	20 a 25 annos	120
15 a 20 "	169	30 a 35 "	112
30 a 35 "	122	15 a 20 "	106
Mulatos escravos de			
10 a 15 annos	19	20 a 25 annos	26
6 mezes	18	10 a 15 "	21
5 a 10 annos	12	6 mezes	21
25 a 30 "	12		

Negros livres do

25 a 30 annos	58	25 a 30 annos	63
10 a 15 "	56	30 a 35 "	63
15 a 20 "	50	25 a 30 "	58

Negros escravos de

45 a 50 annos	266	30 a 35 annos	228
40 a 45 "	260	25 a 30 "	226
30 a 35 "	236	35 a 40 "	220

NESSA POPULAÇÃO HAVIA:

			Sexo <i>masculino</i>	Sexo <i>feminino</i>
De 70 a 75	{	Branços	6	15
		Mulatos livres	51	56
		Negros livres	1	4
		" escravos	76	20
De 75 a 80	{	Branços	6	10
		Mulatos livres	41	46
		Negros livres	1	4
		" escravos	76	20
De 80 a 85	{	Branços	3	6
		Mulatos livres	21	19
		Negros livres	2	6
		" escravos	28	16
De 85 a 90	{	Branços	0	3
		Mulatos livres	12	20
		" escravos	1	0
		Negros livres	0	2
		" escravos	4	3
De 90 a 95	{	Branços	0	1
		Mulatos livres	3	6
De 95 a 100—	Mulatos livres	0	1	
Acimo do 100—	Mulatos livres	1	0	

MAXIMO TOTAL DA POPULAÇÃO

Do 30 a 35 annos	1043
Do 20 a 25 "	1015
Do 15 a 20 "	928

NASCIMENTOS

	Sexo <i>masculino</i>	Sexo <i>feminino</i>	<i>Ambos os</i> <i>sexos</i>
Branços	32	33	65
Mulatos livres	40	28	68
" escravos	30	29	59
Negros livres	27	26	53
" escravos	40	38	78
	<hr/>	<hr/>	<hr/>
	169	154	323

55 dessas crianças morreram antes de um anno de idade.

FALLECIMENTOS:

	Sexo <i>masculino</i>	Sexo <i>feminino</i>	<i>Ambos os</i> <i>sexos</i>
C/ 6 mezes	Branços	6	8
	Mulatos livres ...	20	23
	" escravos .	0	2
	Negros livres ...	1	3
	" escravos .	12	19
C/ 1 anno	Branços	4	10
	Mulatos livres ...	4	11
	" escravos .	1	1
	Negros livres ...	1	2
	" escravos .	3	7
	<hr/>	<hr/>	<hr/>
	152	34	86
	Sexo <i>masculino</i>	Sexo <i>feminino</i>	<i>Ambos os</i> <i>sexos</i>
Com idade adulta	Branços	21	35
	Mulatos livres ...	45	71
	" escravos .	7	10
	Negros livres ...	17	35
	" escravos .	67	97
	<hr/>	<hr/>	<hr/>
	157	91	248

MAXIMO DA MORTALIDADE:

	<i>Sexo masculino</i>	<i>Sexo feminino</i>
Branços com a idade de	6 mezes	1 anno
Mulatos livres com a idade de....	6 "	1 "
" " " " " "	1 anno	55 a 60 annos
" " " " " "	50 a 55 annos 4.	
Negros livres com a idade de....	1 a 5 " 4.	40 a 45 annos
Negros escravos com a idade de..	6 mezes	6 mezes
" " " " " "	50 a 55 annos	1 anno
" " " " " "	55 a 60 "	
" " " " " "	70 a 75 " 6.	

NATUREZA DAS MOLESTIAS QUE OCCISIONARAM
A MORTE:

Differentes febres	31 individuos
Hydropisia	25 "
Febres intermittentes	22 "
Mortes subitas	22 "
No anno de 1815 morreram 229 individuos.	

Aproveitei a estadia em Itajuru para instruir-me acerca da maneira por que trabalham os mineradores, e colhi tambem informações sobre o cultivo das terras.

Tive já occasião de dar a conhecer o systema adoptado no interior do Brasil, e, em particular, na provincia das Minas. Falando das diversas regiões dessa provincia irei dando pormenores sobre os varios generos de cultura que ali observei successivamente. Antes de terminar o capitulo direi unicamente algumas palavras a respeito do milho, do feijão, da canna de assucar e do arroz: si me contento aqui em tratar dessas plantas é porque estas são as geralmente cultivadas em toda a provincia e principalmente nas vizinhanças da capital.

Todos os agricultores plantam milho, não só porque sua farinha substitue o pão, como ainda porque elle é para os animacs de carga, o que é para nós a avcia, e é empregado tambem para engordar as gallinhas, e sobretudo os porcos.

Si o feijão se cultiva mais universalmente ainda é porque não encontra o que o possa substituir em parte alguma, enquanto que no deserto do Rio S. Francisco (*Sertão*) utiliza-se a farinha de mandioca em vez da do milho.

Compreende-se que se devam ter introduzido algumas modificações na cultura desses vegetaes segundo as zonas, a natureza do sólo e as differenças de clima resultantes das de altitudes. Eis as praticas mais geralmente em uso nas partes da provincia menos afastadas de sua capital.

Todo o talento do lavrador consiste em queimar as mattas e semear na época favoravel (138). Pelo mez de setembro, quer dizer, pelo fim da secca, fazem-se, na terra coberta de cinzas, buracos afastados de trez ou quatro pés, e põe-se em cada um delles alguns grãos de milho. Quando o terreno é de primeira qualidade, e as mattas que o cobriam foram bem queimadas, não brotam nbiervas, e não se tem maior limpeza a fazer que a de cortar os brotos novos que reapparecem. Mais frequentemente, porém, não succede assim, e, um mez após, a semeadura, removem-se as ervas daninhas com uma especie de cavadeira ou cuxada, sem entretanto escavar a terra em mais de duas e meia a trez pollegadas (*capinar*). Pelos fins de janeiro, um pouco depois da fecundação do milho, plantam-se ordinariamente os feijões entre as estipes dessa graminca; limpa-se ainda uma vez a terra entre a plantação do feijão e o tempo da colheita, e, pelo mez de abril, faz-se a colheita do milho e do feijão ao mesmo tempo ou com poucos dias de intervallo (139). O feijão produz frequentemente, em optimas terras, até quarenta por um. O milho, semcado em sólo ingrato, não dá mais que oiten-

(138) Vide Eschwege, *Journ.*, I, pag. 8.

(139) Não pretendendo dar aqui um tratado completo de agricultura brasileira não me estenderei sobre os differentes maneiras de cultivar os feijões.

ta; mas assegura-se que ás vezes já tem produzido até quatrocentos por um em certas terras de primeira qualidade. A porcentagem ordinaria, em um bom terreno, é duzentos por um; mas, si um campo produziu essa quantidade de grãos immediatamente após o incendio da matta que o cobria, já não dá mais que cincoenta por um nas cinzas do capocirão que succedeu ás florestas.

Muitas vezes debulha-se o milho com a mão; mas, nas habitações um pouco consideraveis é descaroçado em uma machina que chamam *batedor*, e é construida como vou dizel-o em poucas palavras. Entre quatro esteios de cerca de seis pés fixam-se, na altura de trez a quatro pés, quatro peças de madeira transversaes e bastante fortes, que formam um quadrado de quatro a cinco pés. Sobre dois desses travessões arrumam-se pavallemente estacas arredoudadas da grossura de um braço, não deixando entre ellas mais que um intervallo de cinco a seis linhas, e, guarnecem-se com uma esteira vertical trez dos lados da machina, que só fica aberta pela parte, dianteira. Quando se quer bater milho, enche-se de espigas até a altura de meio pé a especie de redil formada pelos bastões transversaes do *batedor*, e os negros batem nessas espigas com longas varas. A esteira vertical retem as espigas que se poderiam afastar; os grãos, destacadados do pedunculo, passam entre as barras do redil e caem sobre um couro que está collocado por baixo.

Para fazer servir o milho á alimentação ordinaria dos homens, é elle preparado de duas maneiras differentes.

Sua fariuha simplesmente moida e separada do farelo, com o auxilio, de uma peneira de baubú, toma o nome de *fubá*. E' fazendo cozer o *fubá* na agua, sem acrescentar sal, que se faz essa especie de polenta grosseira que se chama, como já o disse, *angú*, e constitue o principal alimento dos escravos.

A farinha de que se nutrem geralmente os homens livres exige algumas preparações a mais. Separa-se o milho de seus envoltorios com o auxilio da machina que já descrevi (vide pagina 106), e que chamam *manjola*. Para esse fim colloca-se o milho na excavação em que cáe o dente pesado da machina; esse dente despoja o grão sem tritural-o, e um pouco de agua que se teve o cuidado de pôr no cocho, facilitando a separação dos envoltorios, impede tambem os grãos de saltarem e se perderem. Quando o milho está assim limpo, collocam-no em outros alguidares, enja agua continuamente se renova; deixa-seahi durante dois ou trez dias, e mesmo mais, até o momento em que começa a fermentação; levam-no então, bem embebido á *manjola*, e, por meio dessa machina, reduzem-no a uma especie de pasta (140). Passa-se esta ultima por uma peneira sobre uma caldeira pouco profunda, sob a qual se accendeu o fogo; a pasta ou cozido séca; reduz-se a um pó grosso, e é isso o que constitue essa *farinha* com que se pulveriza, como já o disse, os alimentos, e que, sem duvida alguma, é mais saborosa e nutritiva que a de mandioca.

Fazem-se tambem com a farinha de milho bolos, certo genero de biscoitos, e mesmo, pequenos pães de gosto agradável, mas de miolo muito compacto. As vezes mistura-se essa mesma farinha com a de arroz, de centeio ou de trigo, e dahi resulta um pão muito menos massudo.

Na zona florestal e oriental da provincia das Minas cultivam-se duas especies de arroz barbudo, uma branca e outra vermelha, que, ambas, apresentam a immensa vantagem de não carecerem de terrenos inundados. O arroz se planta muitas vezes no mesmo campo que o milho; mas então dá-se adiantadamente certo tratamento á

(140) Quando não se pode encharcar o milho em agua corrente, tem-se o cuidado de lavar-o bem antes de reduzi-lo a farinha.

terra, e das duas especies de grãos é o arroz que se semeia em primeiro lugar.

A canna de assucar, que, dizem, exgota muito a terra, dá mal na encosta dos morros; desenvolve-se melhor nos terrenos planos e um pouco humidos; e observou-se que ella era menos doce quando nascia em *queimada* de matta virgem do que quando era plantada na de *capoeiras*. Antes de fazer uma plantação de canna, cavam-se longas vallas de palmo e meio de profundidade, e deixam-se entre ellas uma distancia de dois ou tres palmos. Nessas vallas collocam-se, a cerca de dois palmos e meio umas das outras, pedagos de canna com dois ou trez nós ou mais, e, em seguida, cobrem-se as estacas com terra. Ao cabo de quinze a dezoito mezes a canna já está em condições de ser colhida; mas é necessario que, durante esse intervallo, a terra tenha sido sachada quatro ou cinco vezes. Nas regiões visinhas de *Villa Rica*, *Villa do Principe*, etc., a canna só se desenvolve geralmente duas vezes, e, em alguns lugares mesmo, não produz mais que uma unica (141). Cortam-na o mais perto possivel do pé; em seguida tiram-lhe as folhas e transportam-na á moenda.

Esses pormenores bastarão, espero, para dar uma idéa da cultura das plantas mais geralmente espalhadas; vou passar agora ao que concerne os trabalhos de mineração.

(141) Nas provincias mais quentes a canna dura varios annos. Eschw., *Journ.*, I.

CAPITULO XI

EXPLORAÇÃO DAS MINAS DE OURO.

Maneira de adquirir terras. *Sesmarias*. *Juiz das sesmarias*. Preço da *sesmaria*. — Concessão de terrenos auríferos. *Data*. *Guarda mór geral*. *Guarda mór substituto*. — Regulamentos sobre as aguas de lavagem. — Exploração das minas. *Lavras*, diversas especies destas. *Mineração*; seus differentes methodos. Da lavagem em geral e seus varios tempos. — Descrição de algumas *lavras*. — Residuo das lavagens. — *Faiscadores*. — Descrição d'uma cascata perto de Villa Rica.

As terras que ainda não têm proprietarios suppon-se pertencentes ao rei: o governo concede-as a todos os que as solicitam; mas, na provincia de Minas Geraes não outorga de cada vez extensão superior a meia-legua de comprimento, que tem o nome de *sesmaria* (142). Quando alguém pretende tornar-se o possuidor de um terreno livre (*terra devoluta*), dirige uma petição ao general da capitania, e este remette o pedido á municipalidade (*camara*) do districto, afim de que se faça um inquerito para saber-se si realmente a área solicitada não tem dono. Si o inquerito for favoravel ao solicitante, o general officia ao magistrado denominando *juiz das sesmarias* para que conceda as terras requeridas (143). Este manda medil-as e demarcal-as e entrega ao concessionario o titulo de posse (*carta de sesmaria*), que este ultimo é obrigado a fazer confirmar pelo rei. As despezas a pagar para obter-se uma *sesmaria*, podem elevar-se a 100,000 réis (625 fr.)

(142) Do *sesmar*, partilhar.

(143) Um escriptor, aliás digno de confiança, confundia o juiz das *sesmarias* com o *guarda mór*, cujas funcções, como logo veremos, são completamente differentes.

(144). Pode-se hem calcular que terras medidas por homens alheios á geometria sejam-no geralmente muito mal; dahi nascem, frequentemente, interminaveis disputas entre vizinhos (145).

Si no prazo de um anno o novo proprietario da *sesmaria* não começou a cultivá-la, ella reverte ao Estado. No entanto, ás vezes se tem conseguido burlar essa lei sãbia estabelecendo no terreno concedido um escravo tornado inutil pela idade, ou enfermidades, e que unicamente por sua presepça attesta a propriedade do senhor.

Não se creia, porém, que a posse de uma *sesmaria* conceda qualquer direito além do de cultivá-la. E' necessario um titulo especial para poder retirar o ouro da terra, e esse titulo é concedido pelo official ao qual se dá o nome de *guarda mór*. Pode-se conseguir o direito de procurar ouro em um terreno cultivado por outro, mas debaixo da obrigação de conceder uma indemnização ao lavrador. E' facil comprehender-se que semelhante costume acarreta os mais graves inconvenientes, e é uma fonte de disputas e odios.

A extensão de terra que o *guarda mór* pode conceder de cada vez tem o nome de *data*. Concede-a mediante uma simples requisição, mas deve ter o cuidado de assegurar-se com antecedencia de que a concessão da área solicitada não fêre direitos anteriormente adquiridos; não é sinão depois de haver demarcado o terreno, que concede o titulo solicitado, e esse documento não carece de ser confirmado pelo governo. O *guarda mór* recebe 3,000 réis (18 fr. 75 c.) por dia de quem o utiliza, e, além disso, tem os emolumentos de seis tostões (um pouco menos de 4 fr.) por cada titulo que emitta.

(144) No decurso dessa obra calculo o franco em 160 réis; mas essa avaliação só convem para uma época em que os valores metallicos circulavam geralmente no Brasil.

(145) Eschw., *Journ.*, I, pag. 6.

Succede muitas vezes que se solicita a permissão de procurar ouro em um terreno sem a intenção de utilizá-lo no momento; é unicamente uma especie de direito que se quer resguardar para o futuro. Limita-se então a diligencia á primeira petição, e não se faz nenhuma das despesas que exigiria a outorga do titulo.

Não succede com as aguas empregadas nas lavagens o mesmo que com os terrenos auríferos. De accordo com antigas disposições, o rei reservava para si a propriedade dellas. Só concedia o uso, e quando um minerador deixava de utilizar um regato, outro mineiro podia solicitar-o ao *guarda mór*. Tomava-se intelligentemente a precaução de prohibir a destruição das mattas em volta dos lugares em que tinham suas nascentes as aguas que serviam á lavagem.

O cargo de *guarda mór geral* é hereditario na familia de um rico cidadão da provincia de São Paulo (146) que mandou abrir á sua custa o caminho de Rio de Janeiro a Villa Rica.

(146) Garcia Rodrigues Paes, filho desse illustre Fernando Dias Paes Leite a quem já me referi em outro lugar, e que descobriu o paiz das Minas. Garcia Rodrigues foi nomeado guarda mór a 4 de dezembro de 1702, e foi depois disso, ao que parece, que abriu a estrada do Rio de Janeiro (V. *Hist. of Braz.*, v. III, pag. 54).

O caminho aberto por Garcia Rodrigues Paes já estava terminada, fosse embora ainda então uma simples picada, em fins de 1699, como se evidencia da provisão de 2 de outubro de 1699, e uma carta do capitão-mór Pedro Taques de Almeida, dirigida ao governador-geral do Estado do Brazil em 20 de março de 1720, publicada pelo Dr. Orville Derby na *Revista do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo*, V. 282-283.

Tendo, porém, esgotado seus recursos, viu-se em 1703 e 1704 Garcia Rodrigues sem meios para melhorar a via que franqueára ao publico, isto é, alargá-la, limpá-la, levantar pontes, e plantar ramos de mantimentos para os viajantes. Foi, todavia, auxiliado pelo cunhado, Domingos Rodrigues da Fonseca, que o auxiliou com 18 escravos, conseguindo terminar a empresa em cinco meses a mais, isto é, alargar o trecho comprehendido entre o Parahyba e as Góreas, pelo que o percurso do Rio de Janeiro até o Parahyba já estava prompto.

Quem acabou de fazer o "caminho novo" da família do Ferrão Dias Paes foi Bernardo Soares da Praença, como se evidencia da sua declaração descoberta pelo Sr. Basilio Magalhães (Vida *Expansão Geographica do Brazil Colonial*, 2.^a edição, pag. 364-365).

O *guarda mór* geral tem o direito privativo de conceder o titulo de mineração (147); como, porém, não habita ordinariamente a provincia das Minas, seu cargo se reduz a um titulo, e os *guardas môres substitutos* preenchem suas funcções. Quando o *guarda mór* geral se encontra na capitania, é elle quem nomeia os substitutos; em sua ausencia esse direito pertence ao general-governador. De poucos annos para cá multiplicáram-se extraordinariamente os *guardas môres substitutos*, que, na linguagem corrente, se designam simplesmente pelo nome de *guardas môres*.

Tendo dito como se entra na posse de terrenos auríferos, vou explicar de que maneira são explorados. Não entrarei em nenhum pormenor scientifico; limitar-me-ei a mencionar os varios processós dos que se entregam á extracção do puro.

Aquillo em que os Mineiros são mais competentes é na technica de conduzir a agua para os lugares em que a lavagem do ouro a torna necessaria. Quanto ao mais a arte de explorar minas não é entre elles mais que uma rotina imperfeita e cega, e não existe em seu paiz escola nenhuma em que possam adquirir os conhecimentos que lhes são tão necessarios. Sem previdencia para o futuro, entulham os valles com a terra das montanhas; cobrem com os residuos de lavagens terreno: que ainda não foram explorados, e que contém tambem grande quantidade de

Quando ao Garcia Rodrigues agraciado com o merecê do officio de *guarda-mór*, não foi o Garcia Rodrigues Paes, filho do descobridor das pseudo-cementadas, e sim, seu tio materno, *Garcia Rodrigues Velho*, confundido com o primeiro pelas historiadores, e que foi nomeado para esse cargo por privilegio de Arthur de Sá e Meneses datado de 13 de janeiro de 1693. Deixou claro esse ponto o sr. Basílio de Magalhães, com cerrada argumentação e fortes provas documentaes (Vide *op. cit.*, pgs. 366-371). Não obstante isso, Garcia Rodrigues Paes tambem foi nomeado *guarda-mór* geral das Minas, pelo rei, mas o 19 de abril de 1702, não sendo, porém, obrigado a deixar a direcção da abertura do caminho novo, visto possuir facultades para nomear substitutos (*op. cit.*, 369-370). N. do T."

(147) Cri poder traduzir a palavra mineração, cujo equivalente falta na lingua franceza.

ouro; obstruem o leito dos rios com areia e pedras, e compromettem frequentemente a existencia dos escravos.

Distinguem-se em geral, no Brasil, dois modos principaes de minerações, palavra que indica a exploração das jazidas de ouro, considerada segundo a maneira por que se apresentam. Esses modos são: a *mineração de morro*, e a *mineração de cascalho*. Qualquer jazida em exploração se designa sob o nome de *lavra*, e podem-se distinguir as *lavras* segundo sua maneira de mineração.

Quando se trata da mineração de montanha, isto é quando o ouro ainda não sahio da rocha matriz (Eschw.), os mineiros, em sua linguagem reconhecem duas especies de formações, a *formação de areia*, e a *formação de pedra*, conforme o metal se encontra encerrado em materias divididas ou compactas, qualquer que seja, quanto ao mais, a natureza dessas materias.

O ouro se encontra, quer á superficie, quer no interior dos morros, ora em pó, ora em grãos, ora em pulhetas, ora em lammas poucas espessas, de maior ou menor tamanho, muito raramente em pedaços de volume consideravel. O ouro apresenta-se, ou disseminado na matriz, ou disposto em veios. A matriz é muito frequentemente de ferro, e o pó fino a que este não raro se acha reduzido tem o nome de *esmeril* (148). Os veios ou filões repousam sobre um leito denominado *piçarra*, que, ás vezes, tambem contem um pó de ouro extremamente fino, facilmente levado pela agua.

Dois methodos se empregam para extrahir das montanhas as substancias auríferas: uma que chamam *mineração de talho aberto* (149), consiste em cortar as elevações perpendicularmente ao sólo, até chegar-se ao ouro que contém em seu seio. Abrir galerias afim de seguir

(148) *Eisenglanz*, Spix e Mart.

(149) E não *talha aberta*, como já se escreveu.

os veios pelo interior das montanhas, constitue o segundo methodo denominado *mineração de mina*. Pode-se ser tentado a censurar aos mineradores brasileiros o trabalho ao ar livre; mas deve-se considerar que, em certas localidades, a falta de madeira não permite a abertura de galerias subterraneas, que se carece, para segurança dos trabalhadores, de sustentar com espeques.

Quando as materias compactas que encerram o ouro foram extrahidas da mina, torna-se necessario triturar-as a fim de executar-se a operação da lavagem. Vi empregar para esse fim dois processos differentes, um dos quaes consiste em esmagar o minerio por escravos armados de malhos de ferro, e outro, em submittel-o a trituradoras analogas ás usadas pelos Europeus.

Na jazida da montanha de *Itabira de Mato dentro* esmagavam-se, com maços de ferro, as materias compactas que encerravam o ouro. Recolhiam-se, em seguida, os fragmentos obtidos, e punham-se em uma grande cuba quadrada, em que se vertia agua. Dois negros sentavam-se no chão e cada um delles mantinha entre as pernas uma parte do recipiente. Neste estavam dois grandes pedaços de ferro immoveis: cada negro empunhava um outro, e entre este ultimo e a peça fixa triturava os fragmentos humedecidos do minerio, até reduzi-los a uma especie de pasta destinada a ser submittida á operação da lavagem.

Os mineiros servem-se de tres utensilios principaes, a *alavanca*, a *cavadeira* e o *almocafre*. A *alavanca* é uma barra de ferro de cerca de tres a quatro pés de comprimento, terminada de um lado por uma cunha, e na outra extremidade por uma ponta de pyramide quadrangular: a extremidade em bisel serve para desaggregar o minerio quando é molle, e a outra quando duro. A *cavadeira* é uma barra chata de ferro, cortante na extremidade, e da largura de tres ou quatro pollegadas: utiliza-se para ca-

var a terra na parte superior das galerias e prepara-a para receber os revestimentos á medida que se avança pela mina. Designa-se, enfim, pelo nome de *almocafre* uma enxada achatada e curva, cuja largura diminue da base á extremidade, que é arredondada: os mineiros empregam-na para ajuntar o minério e depositá-lo nas gamelas (*carumbê*) destinadas a transportá-lo. Não se conhece a pá, com a qual se teria menor trabalho e economia de tempo.

O *carumbê* (150) é uma cuba de cerca de dois pés de diametro que tem a forma de um cone truncado e invertido. Veremos adiante que é empregada para terminar a operação da lavagem uma outra especie de cuba, que se distingue pelo nome de *bateia* (151), e que não differe do *carumbê* senão em que um homem tem difficuldade em abarcal-a com os braços. Ambos os vasos se fazem ordinariamente com a madeira vermelha e perfumada chamada *cedro* (*cedrela*).

Sob o nome de *cascalho* designam os mineiros uma mistura de pedras e areia que encerra particulas de ouro (152). Disposto em camadas, essa mistura repousa, como os veios das montanhas, sobre um leiro de *piçarra*.

O *cascalho* não se encontra nunca no cume das montanhas nem em seu interior, e deve ser considerado como um deposito de alluvião (153). Existe a certa profundidade na base dos morros, nos lugares planos e á margem

(150) Essa palavra, na linguagem dos Indios significa *casco de tartaruga*.

(151) Foi erradamente que subios alleniões constantemente creveram *patea*. Igualmente não se deve dizer nem *carumbê*, nem *almocafes*, nem *mulinete* por *bolinete*.

(152) Esse termo *cascalho*, em portuguez, significa propriamente seixos misturados á areia. Os mineiros applicam-no ainda aos seixos que foram lavados.

(153) Um homem instruido, a quem terei occasião de fazer justos elogios, distingue o *cascalho* de montanha e o *cascalho* de rio.

dos rios; finalmente, é encontrado no proprio leito dos cursos d'agua.

O *cascalho* do leito dos rios, no qual se dá o nome de *cascalho de veio de rio*, na maioria das vezes está coberto por alluviões moveis, que, umas vezes, talvez, foram trazidos por causas naturaes, mas que ordinariamente não são mais que o residuo de lavagens. Assim, em Villa Rica, em que os trabalhos de mineração foram tão multiplicados, o *cascalho* do Rio de Ouro Preto não se encontra a menos de cincoenta palmos de profundidade, e muitas vezes essa preciosa camada foi de tal forma recoberta que não é possível esperar compensação dos gastos necessarios para se chegar até ella.

Chamam *cascalho de taboleiro* ao que se encontra nos terrenos planos e á margem dos rios. Seu nome lembra a pequena espessura da camada, e sua posição horizontal. A profundidade em que jaz varia entre trez e cinco palmos.

A terceira especie de *cascalho*, que, como dissemos, se encontra no pé dos morros, ali forma camadas inclinadas mais largas no ápice que na base. Designa-se esse *cascalho* pelo nome de *gupiára*, por causa da semelhança que offerecem a forma e a posição de sua camada com as verdadeiras *gupiáras*, pequenos tectos triangulares que se prolongam por cima da empena das casas (154).

Das trez diferentes posições que apresenta o *cascalho* devem naturalmente resultar ligeiras modificações no processo de extracção. O simples amontoamento das arcias auríferas constitue a mineração do *cascalho de veio de*

Como elle descreve seu *cascalho* de montanha tal como é realmente o *gorgulho* das *gupiáras* (V. adiante, pag. 252). é bastante claro que não tinha, quando escreveu, esta ideia nítida dos objectos, que veio a adquirir depois.

(154) Vide o que se diz á pagina 252 sobre o *gorgulho* das *gupiáras*.

rio. A de *taboleiro* consiste em retirar a terra que cobre a camada aurífera para em seguida extrahir a areia empedrada de que é formada. Na mineração de *gupiára* contenta-se em pôr a descoberto a superficie dos depositos auríferos dispondo-os de modo a operar *in-loco* uma parte da lavagem (155).

A lavagem constitue o unico processo de que se servem os Brasileiros para separar o ouro das materias com que vem misturado, quaesquer que ellas sejam. Seus methodos, pouco numerosos, fundados sobre o peso especifico do ouro e sua tenuidade habitual, consistem, como o veremos, em fazer acarretar pela agua as substancias que acompanham o precioso metal, todas menos pesadas ou mais volumosas que elle.

Podem-se distinguir tres tempos na operação da lavagem: 1.^o Separam-se as substancias mais grossciras pela acção de uma corrente d'agua, e chega-se a este resultado por diversas nuances de technica, que explicaremos mais pormenorizadamente ao fazer a descripção particular de cada especie de *lavra*. 2.^o Quando o producto dessa primeira operação é em sufficiente quantidade, retiram-se as calhas nas quaes se accumula, depois de tel-o novamente lavado com a mesma agua corrente; é isso o que se chama *apurar as canoas*. 3.^o Colloca-se, finalmente, em uma *bateia* o que resta das operações precedentes, e nella, por uma derradeira lavagem, desembaraça-se o ouro de todas as substancias que lhe são estranhas.

Só os escravos são empregados nas grandes explorações; os homens livres não exercem outra função além da de fiscalizar-lhes o trabalho.

(155) Os primeiros mineradores apenas conheceram o trabalho dos rios e dos terrenos proximos. Faziam escavações quadradas a que davam o nome de *catas*, palavra que significa *procura*, e cavavam até chegar ao *casculho*; retiravam este com a *alavanca* e o *almocafre*, e lavavam-no em *bateias*. (V. South., *Hist. of Braz.*, III, pag. 53; o Piz., *Mem.*, vol. VIII, parte II, pag. 251).

Até aqui expuz de maneira geral tudo o que diz respeito aos trabalhos dos mineiros. Terminarei sua descrição apresentando o aspecto particular das diversas *lavras*.

Quando estava em Itajuruí fui com o sr. Langsdorff visitar as *lavras* do sr. *** que são da especie das denominadas de *veio de rio* e de *taboleiro*. Essas explorações estavam localizadas á margem direita do Perecaba. Por todos os lados a terra, despojada de vegetação, apresentava profundas excavações. Senzalas estreitas, baixas e cobertas de colmo, dispersavam-se pelo meio das jazidas. Mais longe estava um aqueducto de madeira, com a altura de quarenta a cincoenta pés, que, das montanhas da margem esquerda levava á direita a agua necessaria á operação da lavagem. Esse aqueducto, como todos os do mesmo genero que tive occasião de observar nessa região, não era mais que uma calha de madeira, supportada por longos postes, e estes serviam simultaneamente de apoio a uma ponte que transpunha o rio. Nessa localidade, e provavelmente em muitas outras, quando as aguas estão baixas trata-se da extracção do *cascalho*, e se o amontoa para lavá-lo na estação em que as aguas se tornam abundantes. Era nesse ultimo trabalho que se occupavam quando chegamos. Os uegros iam successivamente buscar com o seu *carumbé* a areia destinada á lavagem e levavam-na á cabeça a pequena distancia do curso da agua em que se começava a operação. Executava-se esta aqui por um processo geralmente em uso em todas as *lavras* em que o primeiro tempo do processo não se executa sobre o proprio terreno.

Nessas *lavras* dirige-se uma corrente de agua sobre conductos abertos (*canoas*), cujo comprimento total é de trinta a quarenta pés, e a largura de dois. Não só se dá a esses conductos grande inclinação, como ainda, para augmentar a rapidez da agua, são divididos em trez ou quatro porções (*bolinetes*), formados por trez taboas, das

quaes uma constitue o fundo e as duas outras os lados. Esses *bolinetes*, collocados em trez ou quatro planos diferentes, separados pela altura de dois palmos ou dois palmos e meio uns dos outros, produzem outras tantas pequenas quedas d'agua. Lança-se o *cascalho* no começo das calhas; os negros remexem-no com a mão ou com o *almocafre*, empurrando-o sempre para a parte superior dos *bolinetes*, e ao mesmo tempo tiram os seixos que entupiriam estes ultimos. As aguas arrastam a areia e as partes heterogeneas com que vem o ouro misturado. Este se accumula na origem dos *bolinetes*, ainda de mistura com areia fina; e as parcellas de ouro que escapam são retiradas por couros de boi de dois pés quadrados de superficie, cobertos de seus pellos, e collocados na extremidade do ultimo *bolinete*. Quando os couros estão sufficientemente carregados de ouro, são retirados, e um negro agachado em uma cisterna em que ha agua até á cintura, lava-os um por um na *bateia*. Separa nessa occasião o ouro da areia com que está ainda de mistura, e as parcellas de metal, que se escapam da *bateia*, encontram-se ao fundo da cisterna.

O ouro accumulado na origem dos conductos lava-se primeiramente *in loco*. Essa phase denominada apuração não se faz á medida que o ouro se deposita; não tem lugar sinão em épocas determinadas. Em alguns lugares em que o ouro é muito abundante, a apuração faz-se diariamente; em outros só tem lugar uma vez por semana, e é geralmente o sabbado o dia destinado a tal trabalho. No momento da apuração não se leva mais *cascalho* para as *canoas*; remexe-se o que ainda abi se encontra, até que a agua o tenha reduzido á quantidade que dá para encher dois *corumbés*, e faz-se então a lavagem na *bateia*. Durante o intervallo que separa duas apurações, tem-se o cuidado de guardar os conductos para impedir os roubos.

E' claro que os processos que acabo de descrever minuciosamente são susceptiveis de aperfeiçoamentos facéis. Logo de inicio, em vez de empregar grande numero de negros a transportar á cabeça tão pequena quantidade de terra, poder-se-iam empregar carretas, machina cuja utilização é quasi totalmente desconhecida no paiz (156). Fizemos essa observação ao proprietario da *lavra* que visitávamos perto de Itajurú, e elle nos objectou com o costume. Fizemos-lhe observar que, pela extrema rapidez com que a agua corre sobre o *cascalho*, devia levar muito ouro para fóra dos couros, e propuzemos-lhe verificar o que avançavamos, fazendo lavar um *carumbé* de areia colhida em baixo do conducto. O sr. *** argumentou ainda com a rotina, e recusou-se a fazer a experiencia proposta.

Por muito imperfeito que possa ser o methodo de lavagem empregado actualmente no interior do Brasil, não sei de ninguem que, com excepção do barão d'Eschwege, tenha tentado aperfeiçoal-o. Em sua *lavra* depositavam-se primeiro as terras auríferas em uma especie de redil disposto em posição inclinada e formado de pequenas taboas parallelas que, retendo os seixos e a areia grossa, deixavam sufficiente espaço entre si para que as parcelas de ouro pudessem escapar com a agua que se levava ao eugradado. Essa agua, carregada de terra e particulas de ouro, escorria para uma cuba em que era agitada por espatulas de ferro suspensas a uma roda horizontal que uma corrente d'agua punha em movimento. As partes terrosas se desmanchavam n'agua, e o ouro se depositava no fundo da cuba. Decantava-se essa agua por uma abertura lateral, e se deixava escorrer por um plano inclinado revestido de estofa de lã, no qual se retinha a pequena quantidade de ouro que poderia escapar á operação precedente.

(156) Vias utilizadas unicamente em Itabira,

As differenças que existem entre as *lavras de veio de rio*, de que tratamos acima, e as de *gupiára*, se fazem mais sensíveis por uma descripção dessas ultimas. Estando no *Rancho de S. Marçal*, perto de S. João del Rey, fui com o meu hospedeiro visitar a jazida de *gupiára* que elle estava explorando. Estendia-se em declive pouco accentuado a pequena distancia da habitação. As parcellas de ouro jaziam esparsas quasi á superficie da terra, e o *cascalho* que se encontrava a oito ou dez palmos de profundidade continha, ás vezes, menor quantidade de ouro que as camadas superiores (157).

Para explorar esses terrenos, qualquer que seja, aliás, seu declive ou posição, começa-se por retirar a relva em um espaço determinado, cavando sulcos parallelos de tres ou quatro palmos de largura ou mais, segundo a quantidade de agua de que se pode dispôr. Á medida que se cavam esses sulcos, faz-se ali cair, da parte superior do sólo, uma corrente d'agua que dilue a terra e a leva, enquanto as parcellas de ouro, mais pesadas, ficam no fundo da valla. Quando a mesma corrente d'agua passou assim, successivamente, por todas as vallas, retorna-se á primeira, cava-se mais profundamente, desmonta-se a parte superior dos bordos que a marginam, e torna-se a fazer passar a corrente d'agua. Faz-se a mesma operação para o segundo rego, e assim em seguida para todas as outras. Recomeça-se a cavar terceira e quarta vez todos os sulcos, e quando se julga já haver reunido sufficiente quantidade de ouro faz-se a *apuração*. Para esse effeito dirige-se a corrente d'agua para um dos sulcos que se excavou de modo a formar dois planos differentes, e obtem-se assim uma pequena quêda. Leva-se para baixo d'agua, na *batcia*, a lama que se encontra no fundo dos varios sulcos, e lava-se

(157) Os fragmentos de rocha nuda angulosos, em meio nos quaes se encontra o ouro nas *lavras* chamadas de *gupiára*, têm, em portuguez, o nome de *gurgulho*.

pelo processo commum até reduzil-a a *esmeril*. Esvazia-se então a *bateia* em um pequeno reservatorio, e é lá que se termina a operação da lavagem.

O que precede basta, espero, para dar uma ideia das *lavras de cascalho*. Vou agora entrar em alguns pormenores sobre as de montanha.

O coronel Antonio Thomaz de Figueiredo Neves, em cuja casa me hospedei em Santa Quitéria, possuia uma exploração a céu aberto. Um morro bastante elevado fôra cortado a pique pelo meio de sua espessura, e, por effeito desse trabalho, um intervallo de uma dezena de pés restava entre as duas partes separadas. Negros, por assim dizer suspensos a meia encosta sobre um das duas faces cortados do morro, abatiam a terra que se encontrava immediatamente por cima da porção de vicio que se ia explorar. Na especie de atalho que se comprehendia entre as duas partes separadas, as negras quebravam, com maços de ferro, a terra de quartzito aurifero. O mesmo caminho servia de leito á agua destinada á lavagem; essa agua, porém, que se escapava de um reservatorio situado sobre o morro, podia ser interrompida, quando se parava o trabalho. O leito onde se achava o ouro misturado á terra que lhe servia de rocha matriz, estava disposto em rampa muito obliqua, e, para augmentar a rapidez da corrente, haviam praticado, de distancia em distancia, degraus que forçavam a agua a se precipitar. Esta d'ihua e acarretava as terras auríferas. Na extremidade da corrente estava uma especie da grade estreita, armada sobre um terreno mais baixo, e que era formada por barras de madeira transversaes, arrançadas mais ou menos á maneira de nossas persianas. Os seixos retinham-se nessa grade, ou mesmo, eram arremessados mais longe pela força d'agua; um negro retirava com a mão as pedras que a corrente não precipitava, e a agua passava atravez do redil com o ouro e outras partes bastante tenues para seguir o metal.

Um canal obliquo conduzia a agua para um reservatorio, e, abaixo desse, encontrava-se outro canal de madeira que podia medir dois pés de largura, e estava collocado em plano bastante inclinado. Cobria-se o fundo deste ultimo canal com pedaços de couro de boi quadrados, guarnecidos de pellos, e fúccis de transportar. A agua do reservatorio escorria pelos couros, e o ouro ficava retido nos pellos, juntamente com materias arenosas. Retiravam-se em seguida as pelles, e lavavam-se em uma cisterna fechada a chave (158). Quando se queria retirar o ouro do poço, tomava-se com *carumbés* tudo o que se encontrava no fundo; punha-se em plano ligeiramente inclinado um canal de madeira (*bolinete*), muito mais curto e estreito que os em que se lava o *cascalho*; tomava-se o cuidado de que a agua só chegasse em pequena quantidade, e só se expunha á sua acção pequena quantidade de areia aurifera. Um negro remexia esta trazendo-a continuamente para a parte superior do canal, tal como se pratica nas *lavras de cascalho*, e o ouro, que assim se accumulava na origem do conducto, era em seguida lavado com a *bateia*. Na extremidade do canal prepara-se uma pequena quéda d'agua, em baixo da qual se collocam, sobre um plano muito levemente inclinado, pedaços de tecido de lã grosseira que retêm as particulas tenues de ouro (*ouro palme*) arrastadas pela agua, e, quando as peças de tecido pareciam doucadas se terminava por uma lavagem em *bateia*.

Na exploração de que acabo de apresentar o quadro podia-se aproveitar a corrente de um córrego que, passando pela mina, começava no proprio terreno da operação de lavagem; sente-se, porém, que nem sempre se pode gozar de tal vantagem. Era o que succedia nas minas do *Morro Grande*, perto de Sabará. Nessa exploração o ouro estava disposto em veios que se dirigiam de nordeste a

(158) Não vi a operação até o final; reproduzo aqui as informações que me foram dadas.

sudoeste. O ferro, que servia de matriz a esse precioso metal, se apresentava sob a forma de uma poeira muito fina (*jacutinga*). A agua era levada da distancia de mais de uma legua até o lugar em que se operava a lavagem; os negros enchiam seus *carumbés* de areia aurífera; levavam-nos á cabeça em recipientes (*canous*) semelhantes aos que descrevemos ao fallar das *lavras de cascalho*, e a lavagem se operava como nessas explorações.

Resta-me ainda tratar do trabalho subterraneo (*lavra de mina*). Si esse genero de exploração não foi por toda a parte bem comprehendido, ver-se-á, pelo menos, pela descripção, que farei adiante, da povoação de Itabira, que a maneira por que ali se excavavam as galerias e se escoavam com madeira, differia pouco do methodo seguido pelos Europeus.

Quaesquer que sejam o modo de mineração e as variantes de processos empregados para as lavagens, a areia e outras materias acarretadas pela agua, vão, como já disse, cobrir o *cascalho* dos rios, e têm ainda o grave inconveniente de entupir o seu leito, a ponto de causar ás vezes damnosas inundações. Os residuos das lavagens, conhecidos sob o nome de *lavagens* ou *desmontes*, encerram uma bem grande abundancia de partículas de ouro, e são ainda lavadas e relavadas mil vezes por homens muito pobres para se poderem entregar a maiores trabalhos. Os que se occupam com essa especie de industria são chamados *faiscadores*, provavelmente da palavra *faisca*.

O primeiro explorador de ouro que tive occasião de ver era um *faiscador*. Foi em um passeio que fiz nas proximidades de Villa Rica, com o sr. Langsdorff e o barão d'Eschwege. Tínhamos costado o leito do Rio de Ouro Preto, e varias vezes fomos obrigados a atravessar esse riacho, porque os morros, muitas vezes tollidos a pique, não nos deixavam nenhuma passagem. A cidade ficava á esquerda e, de todos os lados, só víamos eminencias es-

terceis. Depois de amarrar os animais em uma casa que cabia em ruínas, descemos durante alguns minutos, e transportamos uma pequena ponte rustica. Era formada de trez pedaços de fétos arborescentes, cujo cortex escuro, marcado com o vestigio das folhas, se assemelhava um pouco á pelle de uma serpente. Para aléa dessa ponte achamos-nos em uma especie de sala mais ou menos arredondada e rodeada de rochedos. Os que tinhamos deante de nós, tallados a pique, só apresentavam uma vegetação rura, e, ás pedras mais avançadas estavam suspensos ninhos de vespas mais ou menos com o aspecto de ovos de avestruz. De um leito bastante profundo que exeevára no cume desses rochedos precipitava-se uma cascata que podia ter cincoenta a sessenta pés de altura, e, no proprio local em que cahia, construira-se abaixo della uma pequena ponte que produzia na paysagem um effeito pittoresco. Após a quéda a agua, de um amarello avermelhado, fagia com rapidez e formava um regato. Ao pé da cascata um velho mulato, mettido na agua até os joelhos, lavava a arcia para extrahir-lhe o ouro. A occupação a que se entregava, e a miseria de que offerencia a imagem, apresentavam um hizarro contraste. Alguns andrajes, presos ao corpo por cadarços, cobriam-lhe o peito e os hombros; tinha as pernas e as coxas nuas, e, á cintura, prendia-se pequeno sacco de couro bastante grosso. Uma grande tina servia-lhe, primeiramente para afastar as pedras do fundo d'agua; depois disso enchia-a de arcia mais ou menos até a metade, e, com a mão rejeitava os seixos misturados com a arcia. Voltando em seguida no sentido da corrente, inclinava sua cuba para a superficie da agua, e balançava-a com muita habilidade e ligeireza. A cada balanço fazia entrar um pouco d'agua que levava a arcia; o ouro em pó ficava no fundo do vaso, e elle o fazia escorregger para seu pequeno sacco de couro. Dois filhos desse mulato, mais ou menos tão bem vestidos como elle,

lavavam a seus lados a areia aurífera em tinas muito menores (que a sua (159)).

Compreende-se facilmente que os *fiscadores* não seguem sempre os mesmos processos, e que as diferenças de localidade e de circunstâncias os obrigam a admittir modificações em seu trabalho. Dirigindo-me a *Antonio Pereira* tive occasião de ver um jovem mulato que se occupava em procurar ouro em um regato, e cuja maneira de trajar annunciava tão pouca riqueza como o do *fiscador* da cascata. Como o leito do córrego não era pedregoso, o jovem tomava simplesmente a terra na tina, e lavava-a sob um filete d'agua que cahia de cerca de dois pés. Lá derramava pouco a pouco a terra sobre um pedaço de tecido de lã, e a agua acarretava as partes mais leves, enquanto o ouro ficava sobre o panno.

O que até agora se disse a respeito dos *fiscadores* é pouco feito para dar uma ideia favoravel da industria á que se entregam. Apesar do frio da agua de que se queixava o velho mulato da cascata, e as dôres de peito que lhe causava sua posição inclinada, felicitava-se ainda de ganhar cerca de cinco *vintens* de ouro por dia (cerca de 1 fr. 25 c.), e observava que ás vezes não chegava a ganhar nem a metade dessa fraca importancia. Asseguraram-me, é verdade, que os *fiscadores* procuram calar zelosamente uma parte de seus ganhos; mas é duvidoso que esse mistér tenha jamais enriquecido quem quer que seja (159-a).

(159) Esso genero do trabalho denomina-se *mergulhar* (vide *Eschwege, Journ.*, I, pag. 31).

(159a) Quadro reunindo as varias formas de mineração do ouro:

Mineração	{	de morto	{	de talho aberto
				de solna
Fiscação	{	de catolho	{	da vela no rio
				da teholeira
				da gupirera

CAPITULO XII

PARTIDA DE ITAJURÚ. — ITABIRA DO MATTO DENTRO.

Partida de Itajurú. — Composição da minha caravana e maneira do viajar. — Ideia geral da região que se estende de Itajurú a Itabira. — Paysagens. — *Jacindy*; seus habitantes. — Brancos lavadores de ouro. — Efeitos da genda. — *As Bicas*. — Excelente qualidade de suas aguas. — Aspecto curioso devido aos bambús. — Vista de Itabira. — O sr. DA SILVA PIRES. — Descrição geral da serra da Itabira. — Historia das minas dessa região. — Historia da povoação de Itabira; descrição dessa localidade; sua prosperidade; forjas; igrejas; molestias. — Fonte de agua milagrosa. — Montanha e minas da *Conceição*; serra de *Piriquito* e *Itabiraçu*; roubos commettidos pelos escravos. *Capoeiras*. *Strix flammea*, ave cosmopolita. — Montanha e minas de Itabira. — Coriscos extranhos. — Habitantes de Itabira.

Deixei Itajurú a 21 de fevereiro, depois de ali ter passado um mez. Durante esse tempo todo a bondade de meus hospedadores jamais se desmentiu. Não deixava perceber um desejo que não se apressassem em satisfazer. Deixando-me a mais completa liberdade, tinham, no entanto, para commigo mil attensões, e cumulavam-se constantemente de provas de amizade, dessa amizade franca que vem do fundo do coração. Os dois filhos mais velhos do capitão, João e Gomes, jovens de caracter excellente, tinham-me demonstrado a maior complacencia e fizeram jus a partilhar com seu pai de saudades que só podiam ser minoradas pela esperanza de rever, á minha volta, esses excellentes amigos.

Minha pequena caravana se compunha de trez pessoas: o senhor Manoel da Silva, *arrieiro*, que o capitão Gomes me arranjára; um jovem mulato, cuja principal occupação era a

de tocar os burros quando estavamos em marcha (*tocador*); finalmente, Yves Prigent, meu creado francez, rapaz alegre e intelligente, com sentimentos de honra e delicadeza muito superiores á sua condição. Pagava no tocador de animaes a modica somma de 1\$200 réis (7 fr. 50 c.) por mez, e ao arriero chefe a de 4\$000 (25 fr.). Este ultimo era um sujeito vigoroso de cincoenta a sessenta annos; de estatura elevada; sua côr, de um negro ligeiramente amarellado, trahia apenas as poucas gotas de sangue europeu que lhe corriam nas veias; seus olhos eram grandes, o nariz achata-do, e um enorme bocio cahia-lhe sobre o peito, a cabelleira, completamente branca, si fosse exposta, contrastaria fortemente com a tez; tinha, porém, o cuidado de trazela sempre escondida debaixo de um gorro de panno escuro. Quando ria os musculos do nariz franziam-se de um lado de modo notavel, e essa extranha careta augmentava ainda a sua fealdade. Quanto ao mais, seu Silva possuia todas as habilitações inherentes a seu officio; sabia ferrar os animaes, distribuir-lhes a carga com muito grito, e ajustar-lhes as albardas. O jogo de sua physionomia annunciava frequentemente uma finura e intelligencia que não desmentia absolutamente. Era de genio insinuante, e creio que sua maneira de tratar contribuiu mais de uma vez para que tivesse recepção favoravel durante minhas viagens.

Após minha partida de Itajuruí comecci a pôr mais ordem e regularidade em minhas jornadas e trabalhos. Quando viajava os burros carregados seguiam na frente, conduzidos pelo jovem mulato que, sempre a pé, os obrigava a caminhar e os impedia de se afastar do caminho. Manoel da Silva, que tinha a suprema inspecção sobre a pequena tropa, seguia após ella, montado em seu cavallo, e protegido por um enorme chapéo de sol de algodão de côr amarella. Seguia-o eu com meu empregado. Quando avistava algum insecto ou planta, parava; preparava no

proprio local os exemplares que desejava conservar; tornava a cavalgar a minha bestinha, e alcançava a trote os burros carregados. Quando chegavamos ás proximidades do lugar em que devia fazer alto, Manoel da Silva, despachado na frente, ia solicitar hospitalidade a qual ordinariamente me era concedida com a maior franqueza, e meus hospedadores convidavam-me mesmo, frequentemente, a compartillar sua refeição. Quando eramos obrigados a preparar nossos proprios alimentos, o *tocador*, como o mais jovem e menos importante da caravana, ia buscar a agua e o fogo. Algumas chicaras de chá bebidas com liscoito, que eu conservava preciosamente á parte, ajudavam-me a esperar pelo jantar. A farinha de milho e o feijão preto cozido com toucinho constituíam nossa alimentação corrente; a agua era quasi sempre a unica bebida. Uma das malas servia-me ordinariamente de assento; outra fazia o papel de secretaria. Mal me installava punha-me a estudar os vegetaes que recolhiêra; os insectos eram espletados, as plantas mudadas de papel, etiquetadas e postas na prensa. Meu empregado auxiliava-me effizamente na parte manual do trabalho, e extrahia as visceras dos passaros abatidos durante a caminhada. Se ainda me sobrava algum tempo antes do anoitecer, ia fazer nova herborização; conversava com meus hospedadores, e procurava colher delles as informações que me eram necessarias; escrevia meu diario e ás dez horas deitava-me na rede. No dia seguinte levantava-me ao amanhecer; as plantas mais frescas eram mudadas de papel. Terminada a analyse das especies recolhidas na vespera, comiamos o resto do feijão; as malas eram arrumadas e postas no lombo dos cargueiros, e nos punhamos novamente a caminho.

Sahindo de Itajurú segui um atalho transversal que conduzia á então bastante florescente povoação de *Itabira do Mato dentro*, de onde deveria ir até a de *Itumbé*, onde retomaria a grande estrada de Villa Rica a Tijuco.

Pela ideia succinta que dei da provincia das Minas, pode-se bem suppor que estando situada ao oriente da grande cadeia interior, a região que se estende por um espaço de dez a doze leguas, entre Itajurú e Itabira deva ter sido outróra coberta por mattas virgens, e que seja cortada de montes e valles. Em varios lugares as mattas ainda subsistem; em outros cederam o lugar, como succede geralmente, ás *capoeiras* e aos *campos de capim gordura*. Comparado ao nosso paiz esse districto poderia passar por deserto; não podiamos, porém, consideral-o como tal relativamente a tantas outras zonas da provincia das Minas. O algodão é uma das plantas a cujo cultivo se entregam os habitantes dessa zona. Encontram-se ali terrenos auríferos; mas não vi nenhuma exploração de jazidas de certa importancia.

Deixando Itajurú tornei a observar os lamentaveis effeitos das lavagens; mas, depois de passar por um povoado sito em um valle a meia legua da habitação do capitão Gomes, deixei de avistar minas. Para além do local denominado *Talho Aberto*, a estrada não é mais que uma senda geralmente mais baixa que o sólo e quasi sempre marginada por massas compactas de vegetação que, quando dois animaes caminham em sentido contrario, difficilmente se afastam á sua passagem. Si bem que os meus estivessem pouco carregados, gastamos perto de seis horas para perfazer as duas leguas que se contam de Itajurú a *Jacuby* (160), pequena habitação (*sítio*) em que pernoutei. Essa moradia, completamente isolada, está situada em uma garganta estreita em que corre um regato; os morros elevados que a rodeiam são cobertos na base de *capoeiras*, e por cima destas erguem-se mattas virgens entre as quaes se exhibem aqui e alli rochedos nus. Esse lugar selvagem é habitado por um homem pobre, mas intelligente e industrioso, que aproveitára uma queda

(160) Das palavras indigenas *jocu*, *penelope*, e *y'g*, agua.

d'agua para installar uma pequena machina destinada a fiar o algodão que colhia em suas terras. Com o eixo de uma roda hydraulica, exterior e vertical, engrenava-se, no interior da construcção, uma outra roda que punha em movimento fusos, um torno giratorio, e a pequena machina de descarregar algodão que terei occasião de descrever allures. A mulher do proprietario de Jacuhy tecia com o fio que fabricava. Dese modo o algodão que esse homem colhia era separado das sementes, cardado, fiado, tecido, sem sahir de casa. Um moinho a agua por elle imaginado e que era destinado a quebrar o milho, completava essa pequena exploração.

A terra dos arredores de Jacuhy contém um pouco de ouro; mas, como se vê, o proprietario preferia a agricultura á mineração, porque offerece mais garantias; exemplo que deveria ser seguido, talvez, por todos os habitantes da provincia, por aquelles principalmente, que não dispõem de grandes recursos.

Pouco depois de deixar Jacuhy avistei, em um vallão profundo, alguns homens brancos occupados em extrahir ouro. Só a pobreza poderia tel-os feito calcar o preconceito que, principalmente nessa parte da provincia, condemna á ociosidade os homens da nossa raça.

Em breve achei-me a sobranceiro de um valle bastante largo, cujo aspecto me impressionou. Os morros que o limitavam estavam cobertos de *capim gordura*; uma unica planta disputava-lhe o terreno; era esse *saccharum*, chamado *sapé*, cuja côr amarellada, mesclada ao verde mais escuro e acinzentado do *capim gordura*, produzia um matiz geral de uma delicadeza irreproduzível. Em meio a esses immensos relvados havia arvores esparsas, semi-calcinadas, restos das matas virgens que cobriam essas montanhas. Os galhos tinham sido consumidos; mas os troncos resistiram ao esforço das chamas e despojados da casca, contrastavam de maneira singular, por sua côr negra e acin-

zentada, com o verde tenro dos humildes vegetaes que cresciam em redor delles. Os morros cujo aspecto acabo de expôr estavam ainda ha quatro annos revestidos de *capoetas*, e colhiam-se ali grãos excellentes. Uma cauza fóra do commum, a geada, tinha destruido esses bosques, e as gramineas referidas em pouco se apoderaram do terreno (161).

Na extremidade do valle que acabo de descrever, atravessei o córrego de Santa Barbara, cujas aguas sujas e avermelhadas attestavam os trabalhos dos mineradores. No local em que transpuz esse riacho tive o prazer de contemplar uma dessas paysagens que, austeras sem ser sombrias, agrestes sem selvageria, apresentam uma mistura feliz de côres brilhantes e obscuras, e respiram uma especie de calma desconhecida em qualquer outra região. O ribeirão era atravessado por uma ponte rustica supportada por longos postes pardacentos muito mais altos que o pavimento da ponte. Em uma das extremidades desta via-se uma pequena habitação baixa, sombreada por bananeiras, e em redor da qual a terra estava cultivada. Um pouco além dessa morada o córrego fazia uma curva e parecia cortado por uma elevação quasi a pique, coberta de mattas virgens muito serradas, e cujo verdor escuro contrastava com o matiz pardacento do *capim gordura* que crescia nos outros morros. Finalmente, em frente á pequena habitação, e do lado opposto do rio, havia morros

(161) "Nos lugares elevados de 250 a 300 toezas, diz d'Eschwege (*Journ.*, I, pag. 214), caem, todos os annos, geadas brancas durante os mezes de junho a julho... Em 1814 gelou, nessas regiões, de tal forma, durante oito dias, que a agua ficou coberta de uma camada de gelo da espessura de um dedo, que, á sombra, não se fundia mesmo durante o dia. ... Na maioria dos rios, ... os peixes morriam aos milhares." Não tenho necessidade de dizer que a asserção pela qual começa o paragrapho, que acabo de citar, deve soffrer modificações segundo as distancias a que os lugares ficam do equador, e *diversas circumstancias accessorias*,

escarpados revestidos de pastagens, tendo esparsos alguns arbustos, resto de antigas *capociras*.

Foi atravessando morros de vegetação análoga áquella que acabo de descrever, que cheguei ao lugar denominado *As Bicas*, em que passei a noite. Entre *As Bicas* e *Itabira*, que de lá dista 4 leguas, o caminho costeia valles irrigados por arroyos de agua excellente. Nas regiões de matta virgem, em geral, as aguas são ao mesmo tempo abundantes e puras, e o viajante fatigado por um calor horrivel, pode constantemente dessedentar-se em córregos de uma frescura deliciosa.

Avançando para *Itabira* vêem-se, de longe em longe, pelos valles, habitações solitarias, e, proximo a cada uma dellas, um jardim plantado de cafeeiros, laranjeiras, bananeiras, couves e de *artum esculentum*. As regiões de matta virgem forneciam-me, em geral, menor quantidade de plantas que os *campos*; jamais, todavia, encontrei tão poucas especies em floração. As borboletas eram numerosas; os outros insectos, porém, começavam a desaparecer.

Tive occasião nesse dia de ver um desses bellos effeitos que os bambús produzem nas paysagens. Pelo flanco de um morro escarpado, coberto de mattas virgens, as estipes longas e esbeltas desses immensos bambús se inclinavam sobre a copa das arvores, que se achavam immediatamente sob ellas, e vinham cair sobre outras arvores collocadas mais abaixo ainda, de modo que de um morro opposto podia-se descobri-las todas. Os pequenos ramos que, guarnecidos de grandes folhas, nasciam em verticillo em volta dessas estipes, compunham umas como guirlandas que a menor aragem fazia oscillar graciosamente.

Chegando á extremidade de um grande bosque avistei subitamente a elevação árida e conica sobre a qual está edificada a povoação de *Itabira*. Por traz desse morro se eleva uma montanha que douina todas as elevações

visinhas, e cujo cabeço, visto do caminho, parece a continuação do primeiro morro. Essa montanha tem o nome de *Itabira*, que transmittiu á povoação. Descendo ao fundo de um valle, vi-me perto de um regato, que corre ao pé do morro sobre o qual está construída Itabira. As margens do córrego foram revolvidas em todos os sentidos pelos mineradores, e pelo meio desses terrenos convulsionados, vêem-se choças e barracões que servem aos homens empregados na exploração de ouro. Em plano menos proximo avistei deante de mim casas entremeadas de touceiras de bananciras, e toda a parte do morro não construída, só me apresentava uma relva ras'cira de um verde pardacento.

Fui recebido em Itabira (163) pelo capitão *Manoel José da Silva Pires*, para o qual o coronel Antonio Thomaz me dera uma carta de recommendação. O capitão acolheu-me com essa polidez amavel que até então sempre encontrára em todos os Mineiros. Era um homem instruído e espirituoso, que conhecia o latim e o francez; estudára bastante *Delius*, e possuia sobre a metallurgia conhecimentos mais amplos que o commun dos mineradores brasileiros.

A cadeia particular das montanhas de Itabira, que devo necessariamente preuder-se á grande cadeia interior, apresenta declives brandos para o oriente e outros mais rudes pelo lado occidental. Estende-se de norte a sul e a sudoeste, em uma extensão de duas leguas approxímadamente, desde o *Ribeirão de Sant'Anna* até o *Rio do*

(162) Não se devo confundir a *Itabira* de que se trata aqui, e que é uma succursal da parochia de Santa Barbara (Piz.), termo do Certé, conarca de Sabará, com uma outra *Itabira*, sede de parochia, situada no termo do Villa Rica, e a 7 leguas a NE. dessa cidade (Piz.). Devo ser dessa ultima povoação que o sr. d'Eschwege tirou o nome de *Itabirito*. Quanto á localidade de que aqui dou o historico, dever-se-ia sempre, para evitar toda a confusão, chama-la *Itabira do Mato dentro*.

Peixe. Os morros de que se compõe são cruzados por oito valles principaes, que a dividem de leste a oeste em outras tantas zonas alongadas. Dois picos muito elevados, um conico e outro pyramidal, revelam a extremidade da cadeia a dez leguas e até mais. O do norte tem o nome de *Itabira* (163), e pelo de *Itabirussú* (164) designa-se o mais meridional. Os cumes da cadeia e todos os morros isolados apenas apresentam vegetação magra; mas suas encostas são cobertas de boa terra vegetal, em que se desenvolvem madeiras de lei e varias plantas interessantes, taes como a *copaiba* (*copalifera*), as *jaboticabeiras* de fructos negros e amarellos (*myrtaceas*), o *matte* (*ilex paraguariensis*, Aug. de S. Hil.), a *japecanga* (*smilax*), a *butua* (*cocculus*) (165), o *ipêmirim*, a *cinco folhas* (*bignoniaceas*), etc., etc.

Pelos annos de 1720, FRANCISCO DE FARIA YLBERNAZ, e seus irmãos, Paulistas de espirito arrojado, já estabelecidos nas minas de Itambé, ao norte de Itabira, atravessaram dez leguas de florestas sem outra bussola além do cume pyramidal dessa montanha. Costeando a cadeia chegaram, pela garganta de *Piçarrão*, á base do morro sobre o qual está actualmente edificada a povoação de Itabira. Tendo feito approximadamente o circulo do morro, encontraram em uma nascente, que denominaram *Fonte da Prata*, grande quantidade de ouro de coloração argentina, e levantaram nesse local uma casa e uma pequena capella coberta de colmo. Tal foi a origem da povoação de Itabira.

Outros colonos em breve se lhes reuniram, e fizeram novas explorações. Durante esse tempo os primeiros avên-

(163) Das palavras indigenas *ita bera*, pedra que brilha. *Itabira* não quer dizer por consequente, como já se avançou, pedra alta e aguda.

(164) Pedra grande que brilha.

(165) Vide a *Flora Brasiliæ meridionalis*, vol. I, pag. 59, e na *Plantas usuaes*, n.º 42.

turceiros exploraram as jazidas mais rendosas; venderam aos retardatarios as vastas possessões que tinham adquirido pelo direito de primeiro occupante, e retiráram-se para a provincia de Goyaz e São Paulo, sua patria. Entretanto, os novos habitantes de Itabira continuaram as explorações, e as minas do córrego da *Conceição*, do valle de Itabira, do morro da *Conceição*, do córrego de Itabira, da parte occidental de Itabira foram, sendo successivamente descobertas. Formaram-se companhias de mineradores; e, pelos começos do seculo actual, as trez lavras de *Conceição*, Itabira e Sant'Anna estavam em pleno esplendor. Tambem a população da órbita (*aplicação*) da succursal (*capella*) de Itabira, que, no começo desse seculo não ia além de trez mil almas, elevava-se, em 1816, a mais de seis mil.

A de *Conceição* foi explorada por uma companhia que reuniu varias centenas de trabalhadores, e, em poucos mezes, um povoado se ergueu sobre a montanha mais agreste. Por occasião da descoberta na mina encontráram-se, em um córte, um grosso fio de ouro de meia toesa de comprimento, que adheria ao minério de ferro lithico; e, mais recentemente, uma unica *bateia* produziu vinte e oito marcos de ouro. Esse metal apresenta-se aqui em laminas frageis mais ou menos grandes; é encontrado tambem em grãos ou em pó de côr variavel. Até o presente momento reconheceram-se, em *Conceição*, duas espessas camadas mineraes separadas por um leito de uma toesa, e, ao longo das mesmas camadas, varios veios que, como ellas, se estendem na direcção de NE. a SO. Em um lapso de dezesseis annos os proprietarios retiráram da mina mais de vinte mil marcos de ouro, e pode-se calcular a mais uma quarta parte, por conta dos roubos, que são muito communs.

A exploração de Itabira é mais importante ainda que a de *Conceição*. O minério está ali mais proximo da su-

perfície do morro, e, para abrir as galerias obliquas, não se necessita de perfurar bancos de rocha. Nenhuma *bateia* forneceu até aqui mais de quatro onças de ouro (166), mas, em compensação, não se achou canada mais continua nem que fornecesse metal mais puro. Mau grado a vigilância dos interessados, a pilhagem dos trabalhadores é tão consideravel, que trez quartas partes do ouro que circula pelas tabernas da região provêm dessa lavra.

Durante cinco annos, enquanto o minerio estava proximo á superficie do sólo, a mina de Sant'Anna foi mais florescente que todas as outras. O ouro que ella fornecia a principio era de uma bella côr amarella e do titulo 23k,3; o encontrado mais tarde, porém, tinha coloração obscura. Aliás, o que se perdeu na côr ganhou-se em quantidade, e, no espaço de dois mezes, retirou-se dessa mina 343 marcos. Esses magnificos resultados cessáram, porém, assim que o minerio só poudo ser encontrado a certa profundidade; seria necessario, então, o emprego de outros meios para extrahil-o com vantagem; mas não se quiz ou não se soube empregal-os, e a mina, apesar de rica, tornou-se inutil.

A historia das minas de Itabira é tambem a da povoação desse nome. De 1720 a 1740 augmentou lentamente, e apenas se foi sustentando até a exploração das trez minas de que fizemos particular menção. Essa exploração tornou-se para o paiz uma fonte de riquezas: os eslanjamentos dos proprietarios de lavras, e os roulios dos trabalhadores fizeram circular ouro em abundancia; e os proprios *fiscadores* participaram dessa prosperidade mo-

(166) Na época em que as explorações da encosta occidental do Itabira tiveram inicio, um dos minadores, descontente do resultado de seus trabalhos, ia abandonar os trabalhos, quando a quêda de um pouco de terra o fez descobrir um veio de ouro tão abundante que, em seis dias, obteve 64 marcos de ouro com doze trabalhadores. Nada que se pareça com isso succede hoje em dia no interior da montanha.

mentanea, pois recolhiam dos abundantes residuos de lavagens, de uma drachma até duas onças de ouro por dia. Entretanto as levas de vagabundos e bandidos accorriam de toda a parte; tornavam-se um fardo pesado para os proprietarios, e a precaria autoridade do commandante não podia pôr paradeiro aos crimes que se commettiam.

Estavam as coisas nesse pé quando a permissão de explorar as minas de ferro, outorgada pelo governo, produziu, no paiz, uma feliz revolução. *Domingos Barbosa* foi o primeiro que, tendo visto fabricar o ferro perto de Mariana, ensaiou o de Itabira, e seu exemplo foi em pouco seguido pelos homens ricos e os ferreiros da povoação. MANOEL FERNANDES NUNES, homem muito industrial, mandou construir fornos e ercou uma manufactura de espingardas. Suas forjas foram o modelo de doze outras depois estabelceidas na região. Pessoas, que outróra passavam a vida a mendigar, trabalham actualmente nessas fabricas, e ahí encontram um asylo contra a ociosidade, o vicio e a miseria (167).

O morro árido sobre o qual se levantou a povoação de Itabira está em continuidade com os morros vizinhos por uma especie de passadigo natural que se estende do lado de nordeste. Quanto ao mais, está separado de todos os outros por dois valles profundos que se rennem, curvando-se circularmente em torno d'elle, e que foram revolvidos pelos mineradores. Por um corre o ribeirão de *Penha*, e pelo outro, o de *Piçarrão*. As elevações que cercam esses valles são coroadas de florestas; sua base, porém, é geralmente desprovida de vegetação.

(167) Os pormenores que acabamos de dar a respeito da radeia de Itabira, a historia das minas dessa cadeia, e a da povoação do mesmo nome, são extrahidos de uma memoria inédita, escripta em francez pelo sr. Manoel José Pires da Silva, que teve a gentileza de pô-la á minha disposição. Cortei muitas coisas, porém quasi nada acrescentei.

E' do lado oriental e na parte inferior do morro de que acabo de fallar, que está situada quasi toda a povoação de Itabira. Existem esparsas algumas casas pelas encostas do morro; pequeno numero dellas estende-se a leste, sobre as elevações visinhas. A igreja principal ergue-se ácima da povoação, sobre o cume do morro.

Apezar da diminuição que poderia ter soffrido nos productos das minas, esse districto era ainda, por occasião da minha viagem, um dos que mais ouro produziam; assim a povoação de Itabira se achava numa phase de notavel esplendor. Nada ali fazia lembrar esse ar de decadencia que afflige o viajante quando percorre os arredores de Villa Rica, ou mesmo, quando atravessa as povoações de Inficionado, Camargos e Catas Altas. Havia ali muitas casas lindas de sobrado, e construíam-se novas, apezar dos enormes dispendios que era necessario fazer para retirar madeiras dos morros visinhos. Quasi todas eram construidas de *burauina* ou *braúna*, madeira que se conserva tão bem que se considera incorruptivel; as pedras que formavam o arcabouço das construcções repousavam sobre alicerces de pedra; os tectos avançavam, talvez, um pouco menos que os de Villa Rica, e as janellas não se superpunham uma ás outras, como no Rio de Janeiro. Si trez lavras, com trezentos operarios, assim metamorphoseavam um miseravel povoado em uma importante povoação, o que será quando se explorarem os morros do *Rio do Peixe*, do *Piçarrão*, do *Piriquito* e do *Doze Ventos*, que, segundo todos os indicios, são abundantissimos em ouro (168)!

Essas minas, entretanto, actualmente ricas, exgotar-se-ão como as de Villa Rica, Catas Altas, etc.; e si a exploração do ferro, que abunda no districto, não se tornar uma fonte mais duravel de riqueza, nada poderá reter os habitantes sobre um morro árido, cujos arredores, despojados de terra vegetal pelos mineradores, serão pouco proprios para

(168). Essa phrase pertence ao sr. Manoel José Pires da Silva.

a agricultura. Enquanto esperam, os lavristas de Itabira, confiantes em um futuro incerto, gastam seu ouro á medida que o retiram da terra. Mais de uma vez o producto de suas minas foi insufficiente para prover a suas necessidades e caprichos, e, antes do estabelecimento das forjas, varios delles tinham quebrado.

Os coreacs e a carne que se consomem em Itabira vêm das fazendas vizinhas.

Essa povoação depende da jurisdicção de *Villa Nova da Rainha* ou *Cacté*, que está a quatorze leguas de distancia, e dista dezeseite leguas da intendencia da comarca. Essas distancias não são, sem duvida, muito consideraveis para o Brasil; são-no, todavia, o bastante para que a falta de policiamento se faça sentir ahí, do mesmo modo que em tantas outras povoações.

As igrejas de Itabira são muito pequenas para a população. Devo mencionar a do *Rosario*, onde ouvi um orgão que fôra construido na propria localidade.

Ha falta completa de medicos, cirurgiões e pharmaceuticos na povoação. O catarrho, as pleurisias, a peripneumonia são as molestias ahí mais communmente observadas, e atacam principalmente os operarios das minas, frequentemente expostos a alternativas de frio e calor. E' principalmente pela época da passagem do tempo secco para o das chuvas, e destas para o de secca, que essas molestias grassam mais. Durante a estiagem de janeiro (veranico) reinam tambem febres intermitentes e malignas, assim como dysenterias muitas vezes funestissimas (169).

Durante minha estadia em Itabira percorri os arredores dessa povoação, e mencionei successivamente o que encontrei mais digno de nota.

O capitão Pires fallára-me a respeito de uma fonte á qual se dava o nome de *Agua Santa*, devido á proprie-

(169) Essas quatro ultimas alíneas são ainda extractadas da memoria do sr. Manoel José Pires da Silva.

dade que lhe attribua de curar o rheumatismo. Fui visitá-la com meu hospedeiro. Tendo ladado o morro fronteiro á povoação, chegamos a uma grotta que se enfurna obliquamente pela terra. Sua entrada está quasi fechada por cipós; létos e outros cryptogamos crescem á volta. É do fundo dessa grotta que sae a fonte de agua santa que tomba sobre rochedos formando uma pequenina cascata. Proximo a essa cascata ha uma segunda que mistura suas aguas ás da primeira. Não achei o menor sabor em qualquer dellas, e não me pareceram differentes das aguas communs sinão por uma elevação de temperatura, que, aliás, não é a mesma nas duas fontes; a d'agua santa é mais quente que a cascata que a ella se reune.

Em outra excursão fomos visitar as minas da Conceição. Depois de atravessar o valle em que corre o Piçarrão, entramos em um bosque, e, subindo sempre em direcção ao sul, chegamos á montanha do *Piriquito*. Lá achamos entre *Itabira* e *Itabirussú*, e descortinamos muito bem seus cumes. Continuando a caminhar chegamos ao morro da Conceição, que se liga directamente ao de *Itabirussú*, sem a separação por nenhum valle. Da primeira dessas montanhas descobrem-se todos os morros vizinhos cobertos de mattas, mas nenhuma habitação se mostra ao longe.

Conceição tem aspecto muito árido. O sólo é completamente ferruginoso e de um vermelho denegrido. Arbustos enfezados, a *composta* conhecida no paiz pelo nome de *mata pasto*, uma especie de *vellozia*, uma *rubiacea* com folhas de urze, e outras especies pertencentes a terrenos ferruginosos crescem esparsas por essa montanha; e os intervallos, que deixam entre si esses vegetaes, são cobertos por uma pequena graminea de dois estames, que me parece dever pertencer ao mesmo genero do *briza eragrostis*. A secca, de que se queixavam desde muito, dava ás plantas um matiz amarello e negro que augmentava ainda a aridez da montanha. Seu largo cumo é dividido por

uma garganta pouco profunda, por onde passa o caminho. À direita e esquerda jazem esparsas as casas dos negros que trabalham na mina, e as de seus feitores. São pequenas cabanas approximadamente quadradas, e quasi todas em máu estado.

Não havia na montanha mais que duas jazidas em exploração: visitamo-las uma em seguida á outra, começando pela menos elevada. A galeria desta ultima media então mais de seiscentos passos, e estava, em toda a extensão, mais ou menos ao mesmo nivel da entrada. Fôra começada ha cerca de quatro annos, e noventa negros continuavam a perfural-a. Atravessava um minério de ferro quasi sempre pulverulento, e podia ter de seis a sete pés de larga e cerca de seis de altura. Nos lugares em que o ferro é pulverulento, sustentava-se a galeria com espeques. Á medida que proseguia a excavação fincavam-se transversalmente, na parte superior da galeria, pedaços de páo bruto, que se tinha o cuidado de ajustar uns contra os outros. Os lados eram revestidos do mesmo modo, e sustentavam-se esses revestimentos por grandes peças de madeira não esquadriadas. Armava-se uma especie de madeiramento com trez desses pedaços, dos quaes dois obliquos supportavam os lados da galeria, enquanto o ultimo, apoiado sobre os dois outros, supportava o assoalho superior. Esses madeiramentos a principio se collocavam á distancia de poucos pés uns dos outros; mas, á medida que a galeria se tornava mais antiga, acrescentavam-se novas armações de reforço entre as primeiras, e, dessa forma umas e outras acabavam por tocar-se. O madeiramento que sustentava assim as galerias era retirado de morros visinhos; os negros arrastavam as grandes peças em carretas e as pequenas aos hombros. E' principalmente a *braúna* que se emprega nesses trabalhos, e, apesar de sua extrema dureza, não se conserva por mais de seis annos; quanto ás outras essencias, é-se obrigado a substi-

tuilhas todos os annos ou de dois em dois. Retirava-se da galeria, com o auxilio de carretas, os materiaes que as atulhavam, o minerio mais rico lavava-se incontinenti em uma cisterna; quanto ao que o era menos, amontoava-se e, para lavar-o, esperava-se o tempo das chuvas. Era a falta d'agua o que mais contrariava os mineradores de Conceição; pois não existe, nessa montanha mais que um pequeno regato, que mal basta aos trabalhadores. Como já não chovia ha muito tempo, o minerio, por occasião da minha viagem, estava accumulado em montes que augmentavam diariamente. As lavagens faziam-se, debaixo de alpendres, pelos processos que descrevi fallando das *lavras de cascalho*.

A mina mais elevada, que tambem visitamos, fôra aberta ha dezesscis annos. Possuia dois poços de ventilação muito bem dispostos. Suas galerias estendiam-se em varios sentidos e eram de altura desigual. Uma dellas dirigia-se de baixo para cima e era muito difficil de galgar, por causa do ferro em pó que rolava sob os pés; era horivelmente quente.

Parece que os empregados e escravos commettiam, nessas minas, furtos continuos. Para recobrar uma parte do que lhes era furtado, os proprietarios estabeleceram, na propria montanha, *ventas* por elles mantidas, e aonde os negros levavam uma parte do que furtavam. Seguros de poder roubar mais ainda, imitavam a prodigalidade de seus senhores, e dissipavam o fructo dos roubos.

Não devo esquecer de dizer que fui muito bem recebido em Conceição pelo sr. LAGE, director da mina superior, que me offeritou varias amostras de mineracs. Os empregados tiveram tambem commigo toda a especie de attentões. Um dellles trouxe-me varias plantas usuacs, e outras, varias salsaparrilhas (*salsus* dos Brasileiros), e uma especie denominada no paiz *angelica*. Esta ultima é uma *gentianacea* de flôres bastantes grandes e infundibulares,

vermelhas, e cuja raiz, amariíssima, talvez pudesse substituir bem a gentiana amarella.

Ao regressar da mina de Conceição ouvi o canto desse gallinaceo que chamam *caporira* (*tinamus Brasiliensis*, ex New.), e cuja carne é de gosto agradável. Este canto annuncia a secca; imita o coxar de certas rãs, e parece formado pela repetição rapida das syllabas de que se fez o proprio nome do animal.

Presentearam-me, em Conceição, com uma coruja (*stryx flummea*) que acabavam de matar em uma grotta. Fiz ver alhures que, si certas plantas se limitam a localidades restrictas, outras se encontram em climas e paizes absolutamente differentes (170). Pode-se dizer a mesma coisa das aves. As especies que vivem nas mattas virgens não são as que habitam os campos, e, na provincia das Minas o *soufreu* (*oriolus aurantius*) não se afasta do deserto do Rio S. Francisco. Pelo contrario vi o *stryx flummea* em uma região de mattas virgens visinha do Parahyba, vi-o nas montanhas de Itabira assim como nos campos da provincia de Goyaz, e a mesma especie se encontra, sem nenhuma differença, na França e nas Indias Orientaes.

Duas excursões que ainda fiz, acompanhado pelo capitão Pires, fizeram-me conhecer com minucia o morro de Itabira. Chegados a certa altitude achamo-nos em uma especie de planicie que se estende, por um declive brando abaixo do cume da montanha, e que chamam o *Campestre*. Presumo, pela semelhança da vegetação, que essa planicie pode ter a mesma altitude que a cidade de Villa Rica e a ermida de Nossa Senhora Mãe dos Homens, na Serra de Caraça. Constituíam-na, ainda, melastomaceas de pequenas folhas, algumas myrtaceas avelludadas, rubiaceas com folhas de urzes, a *cinchona* de flores ruivas e cheirosas (171); todavia, no meio dessas plantas encontrei

(170) Vide a *Historia das Plantas mais notaveis*.

(171) Vide as *Plantas usuaes dos Brasileiros*, n.º II.

algumas que ainda não recolhera até então. O capitão Pires mostrou-me grande numero de especies que os habitantes da região empregam como medicinaes; fez-me ver as biguoneaceas vulgarmente denominadas *ipé mirim* e *cinco folhas*, que se consideram sudorificas e anti-venereas; um purgativo de cheiro desagradavel que chamam *fedorenta*; enfim, a *ligadeira*, arvore da qual muito me tinham fallado, e á qual se attribueu as mais maravilhosas propriedades na cura de feridas recentes: infelizmente esta ultima planta não estava em flôr.

Voltando dessa excursão, passamos pelo outro lado do morro sobre o qual está edificada Itabira. Vi a bocaina pela qual chegaram os aventureiros Paulistas que, em primeiro lugar, exploraram as minas dessa zona; vi o terreno que elles excavaram, do lado de oeste, depois de rodear o morro, começando pelo lado do sul. Alguns vestigios da primeira casa por elles levantada ainda existiam. Como já o disse, os valles que rodeiam o morro foram rasgados em todos os sentidos, e, em certos lugares, fôra necessario retirar mais de sessenta pés de terra para chegar ao *cascalho*.

No meu segundo passeio á montanha de Itabira entramos, depois de transpor o Campestre, em uma garganta assás profunda que se estende abaixo do vertice do morro. Existiam, nessa garganta, cinco ou seis minas pertencentes a diversos proprietarios. Viam-se á direita e esquerda excavações feitas na época em que o ouro ainda se encontrava á superficie do sólo; e, no meio desses buracos, o terreno, coberto dos fragmentos de minério de ferro, de que se compõe a massa da montanha, só produzia arbustos enfezados, lichens e algumas plantas herbaceas afastadas umas das outras. Encontrei ali varias das especies que já recolhera na Serra de Caraça, entre outras uma umbelífera de folhas inteiras cujo cheiro lembra o do ginsão; mas não vi nenhuma *eriocaulon*. As melastomaceas são as

plantas que mais abundam nesse local, principalmente uma especie da altura de cerca de quatro pés, de flôres alvas e folhas cobertas por baixo por um avelludado igualmente branco, cuja côr contrasta de modo pouco agradável com a do terreno, que é de parda escura, ou quasi negra. Vi tambem, no Itabira, alguns pés de uma especie encantadora de *rhexia* de cerca de cinco pollegadas de altura, coberta de inumeras flôres, cujas petalas, da côr das *chagas*, têm na base uma mancha amarella em forma de coração. A grande especie de *vellozia* (*canella de ema*) é extremamente commum nessa montanha árida, e, como ali não se encontra argila, utilizaram-se, em varias casas de negros, os caules desta mesma *vellozia* para encher os intervallos que deixam entre si os bastões horizontaes e transversaes que formam a carcassa das casas. De permeio aos pés da bella especie de que acabo de fallar, cresce uma outra do mesmo genero que tambem merece ser citada: seu caule, de altura de um pé, direito, grosso, coberto de antigas folhas dessecadas, termina-se por varios tufos de folhas rijas, e, do centro dessas ultimas partem grandes flôres viscosas, brancas para dentro e amarellas por fóra.

Da montanha de Itabira descortina-se uma vista mais extensa ainda que aquella que se goza de Conceição. Distinguem-se perfeitamente o *Morro Agudo*, visinho de S. Miguel, e a Serra da Caraça afastada quatorze leguas.

As galerias das minas de Itabira eram escoradas do mesmo modo que as de Conceição. Não se haviu construido lá ainda poços ventiladores; mas tiuha-se, de certo modo, supprido essa maneira de renovar o ar estabelecendo communicações de uma galeria para outra. Nessa montanha, assim como em Conceição, o ouro se encontra no ferro magnetico pulverulento (172), mas tambem é encontrado nas massas compactas. Varia singularmente de côr; mostraram-me varios lingotes que apresentavam uma

(172) Sr. Pires.

serie de matizes desde a côr do chumbo até o mais bello amarello.

Na montanha de Itabira, como na de Conceição, apenas um filete d'agua existe á disposição dos trabalhadores, e, para poder lavar o ouro, é-se obrigado a esperar a estação das chuvas. Antes dessa época o minereo fica exposto a roubos faccis: vi montes enormes reduzidos a pó e cuja côr era de um pardo acinzentado.

Era já noite quando voltei do morro de Itabira. O trovão rugia ao longe; os coriscos brilhavam na atmosphera, e notei que elles differiam muito dos que se vêem na Europa. Espalhavam no horizonte uma immensa luz de côr prateada; no meio della erguia-se um jacto mais brilhante, mais ou menos semelhante a um foguete, e esse jacto desaparecia com a propria luz.

Durante minha demora em Itabira reccebi a visita da maioria dos habitantes. Vi, entre outros, o capellão, que comprehendia muito bem o francez, e que me surpreendeu pelo conhecimento que tinha de nossa litteratura. Em geral, por todo o districto encontrei muita gente que comprehendia bem nossa lingua, não obstante os escasos meios de que dispunha para aprendel-a; o que contribue para provar a facilidade que os habitantes de Minas têm para o estudo. Poder-se-ia ainda citar, como um exemplo da intelligencia natural dos Mineiros, a creação da fabrica de espingardas que fôra estabelecida no vallão da Penha, perto de Itabira. O fundador dessa fabrica forjava o ferro em pó, e fabricava o canhão por elle empregado; imaginára e mandára construir machinas hydraulicas para insufflar o ar nos fornos e bater o ferro; e elle proprio instruiu os negros e mulatos que fabricavam as differentes peças de suas armas. Devemos dizer, em louvor do governo, que elle procurou ajudar esse homem industrioso, adiantando-lhe algum dinheiro para pô-lo em condições de fabricar as espingardas de caça de que reccebera ençomenda.

CAPITULO XIII

JORNADA DE ITABIRA A VILLA DO PRINCIPE. — MINAS DE FERRO. FORJAS DO MORRO DE GASPAR SOARES.

Partida de Itabira. — Forjas de *Giyao*. Historia da exploração das minas de ferro no Brasil. — *Fazenda de Escadinha*; seus habitantes. — Vegetação aquem de *Itambé*. — Povoação de *Itambé*; seus arredores. — Aspecto da região entre *Itambé* e *Villa do Principe*. — Curiosa vegetação dos terrenos arenosos. — *Venda de Ponte Alta*. — *Rio Preto, Pizão*, rios. — Povoação do *Morro de Gaspar Soares*; descripção; historia; forjas; seu producto. — *Venda do Sumidouro*. — *Cascavel*, especie de serpente de guisos. — Povoação de *Conceição*. — *Venda de Bandeirinha*. — O forneiro, passaro chamado no paiz *João de barro*. — *Rancho de Toperoça*. — Povoação de *Tapanhuacanga*. — Costumes dos habitantes da provincia das Minas. — *Lantana pseudotlica*, chá de pedestre. — *Serra da Candonga*; sua vegetação; pastagens; rebanhos que lá se criam. — *Caçovirão* ou grande capoeira. — *Rio das Pedras*. — *Ribirão dos Porcos*. — *Rio do Peize*. — *Rancho de Ouro Fino*, em que cáio doente. — Minha chegada á casa do cura de *Villa do Principe*. — *Carrapatos*.

Tendo passado oito dias em Itabira, deixei essa rica povoação penetrado da mais viva gratidão pelo acolhimento perfeito que me fizeram seus habitantes. Cada qual se desvelára em proporecionar-me algo de agradável, e sempre sem nenhum constrangimento, sem a menor affectação, com essa amabilidade inspirada pelo desejo de agradar, que sempre commove o homem digno que della é alvo.

Na provincia das Minas as senhoras, como se verá adiante, não costumam mostrar-se aos homens; todavia, no momento da minha partida, o capitão Pires apresen-

tou-me a sua senhora, que me tratou sem o menor embaraço e com muita amabilidade.

Meu excellente hospedeiro fez questão de acompanhar-me até certa distancia, e o capitão *Paulo*, proprietario das forjas de *Girao* (173), em que devíamos parar, se reuniu a nós. Como em todos os outros lugares, fui, ao chegar a *Itabira*, objecto da curiosidade geral, e, quando parti, todos os habitantes se postaram ás portas e janellas para me ver passar.

Tendo caminhado uma legua, atravessando a principio a mina de *Sant'Anna* e em seguida grandes bosques, chegamos ás forjas de *Girao*. Estão situadas em uma baixada, á margem de um córrego, e rodeadas por todos os lados de morros cobertos de immensas florestas. Um dos edificios serve de alojamento aos operarios; em outro, situado mais baixo, estão assentes as forjas, e um ultimo, que se estava então construindo, se destinava a receber os escravos.

O ferro das montanhas de Minas Geraes pode de certo modo se considerar inexgotavel. Não é necessario ir buscá-lo com grandes dispendios ao interior da terra: encontra-se á superficie, e o minero tem rendido até oitenta e cinco por cento, e até mais (174). Todavia, quando o

(173) Como se verá adjunte, dá-se o nome de *girão*, nas Minas, a uma especie de leite rustico.

(174) "*Seni fallar do ouro*, quasi todos os metaes, dizem *Spix* e *Martius*, se encontram na provincia das Minas. Quasi por toda a parte existe minério do ferro que rende 90% e que compõe o substratum de longas cadeias de montanhas. Encontra-se chumbo em *Abaceté*, do outro lado do Rio *S. Francisco*; cobre na *Villa do Fundado*, capital do *Minas Novas*; chromio e manganez em *Paraopeba*; platina em *Gaspar Soares* e em outros lugares; mercúrio, arsenico, bismuto, antimonio, plumbagina nos arredores de *Villa Rica*; diamantes em *Tijuco*, *Abaceté*, etc.; finalmente, em *Minas Novas*, topázios aquarellos, azues e brancos, agulhas-marinhas de um verde nascente o verde-azulado, turmalinas vermelhas e verdes, chrysolitas, granadas e amethystas. (*Reise*, I, pag. 339)."

Brasil ainda gemia sob o regime colonial, era prohibido a seus habitantes fundir a menor parcella de ferro, e os que, ao pisar calcavam esse metal, eram obrigados a receber dos commerciantes de Lisboa os instrumentos de agricultura e as ferramentas com que exploravam o ouro no proprio ferro. Com a chegada do rei D. João VI tudo mudou sob esse aspecto, e foi permittido nos Brasileiros aproveitar-se dos thesouros que lhes prodigalizára a natureza; estabeleceram-se forjas na provincia das Minas, e simples particulares construíram, em suas casas, fornos catalães em que se puzeram a fundir ferro para seu proprio uso.

Vi, em Santa Quitéria, uma pequena forja desse genero, em que se fundiam de cada vez de vinte e cinco a trinta libras de ferro.

As forjas de Girao compunham-se de oito fornos, construidos como o do coronel Antonio Thomaz, e nos quaes se podia fundir de cada vez uma arroba de metal (32 libras). O fogo era entretido nas forjas por folles na maioria movidos a agua. Como o minereo se encontra em Girao em massas muito compactas, começava-se por triturar-o com o auxilio de um pilão, movido por uma roda hydraulica. Outra roda do mesmo genero fazia mover o martello destinando a machucar o ferro. As forjas de Girao davam trabalho a cerca de vinte e cinco operarios, cuja metade se compunha de escravos. Os outros, livres, e quasi todos brancos, recebiam alimentação e cerca de meia pataca de salario. Essa forja, como veremos, possuia todos os elementos de prosperidade; o governo concedera ao proprietario, para a fabricação de carvão, quatro *sesmarias* de mattas; o ferro se encontra, por toda a parte, nos arredores, e a agua, em grande abundancia, fornece os meios de movimentar a machinaria da fundição; finalmente, as terras da vizinhança, vermelhas e argiõsas, parecem ser férteis, e podem fornecer viveres nos opera-

rios. O estabelecimento de Girao é ainda um dos que attestam a industria dos Mineiros. O capitão Paulo, seu proprietario, jamais vira nada de semelhante, e não teve outro guia para suas construcções sinão um pequeno numero de desenhos deixados aos habitantes da região pelo viajante Mawc.

O capitão Pires acompanhou-me ainda durante um quarto de legua além das forjas. Não podia agradecer-lhe demasiadamente a recepção que me fez e suas innumeradas gentilezas. Servira-me de guia em todas as excursões, transmittira-me explicações interessantes, e devo-lhe valiosos informes sobre as minas de sua terra. Estávamos ambos commovidos a ponto de chorar quando nos separamos; prometeu-me ir, á minha volta, visitar-me em Itajurú, e, como veremos, deu-me nova prova de amizade mostrando-se fiel a sua promessa.

Entre Girao e *Escadinha*, pequena *fazenda* em que pernoitei, observei vegetação semelhante á dos arredores de Itajurú.

A *fazenda* de *Escadinha* está situada em um vallão á margem de um regato, e tem um terreiro rodeado de pallissadas. Pertencia a um homem pobre que contava vinte e cinco netos havidos de suas filhas. Segundo o costume bastante geral no paiz, a casa do proprietario é construida sobre estacas, e consta de um unico andar. Sóbe-se á moradia por uma pequena escada exterior. No centro da habitação ha uma grande peça immediatamente sob o tecto e completamente aberta para o lado do terreiro, assim como para o opposto: á direita e esquerda ha pequenos quartos. Uma mesa e alguns bancos constituíam todo o mobiliario dessa especie de sala, ao centro da qual se erguia uma lareira quadrada e de pedra. Era noite quando cheguei, e, como o frio era muito sensivel, toda a familia estava reunida á volta do fogo. Notei que as creanças tinham a pelle muito branca, e eram quasi todas loucas;

a maior parte dellas estava coberta de andrajos, mas esses trapos eram limpos. Meu hospedeiro acabava de perder uma de suas filhas; falava dessa infelicidade com resignação, mas com profundo sentimento; todo seu consolo residia na piedade da filha e na submissão que mostrára no meio de soffrimentos e privações. Esse pobre homem queixava-se amargamente dos arrendatarios dos dizimos (*dizimeiros*), que deixam perdê-los nas fazendas, e, reclamando-os ao cabo de dois ou trez annos, tributam assim dobradamente o agricultor. Era outro lugar extender-me-ci mais sobre a materia dessas reclamações, quasi geraes na provincia das Minas.

No dia seguinte meu hospedeiro acompanhou-me até uma legua de distancia de sua casa, e nada quiz aceitar pela despeza que lá fiz. Poderia citar continuamente provas identicas de hospitalidade.

Um pouco antes de *Itambé*, a terra, que até lá fôra argilosa, vermelha e compacta, passa subitamente a apresentar uma mistura de arcia branca e preta, entremeada de rochedos; e a vegetação muda bruscamente como a natureza do sólo. Na terra argilosa crescem grandes bosques; na arenosa, apenas uma vegetação rara e enfezada, mas, ao mesmo tempo muito variada; e, o que é muito notavel, toda essa vegetação é quasi a mesma da parte mediana da montanha elevada em que herborizei na Serra da Caraça, montanha cujo sólo é igualmente formado de arcia branca e negra. Proximo de *Itambé*, assim como na Serra da Caraça, observei *vellozias*, *melastomaceas* de pequenas folhas, *eriocaulons* ramificados, genero cujas especies quasi não se desenvolvem em terrenos puramente ferruginosos, a *umbellifera* de caule erecto e folhas simples, etc.; e, quando o trecho arenoso passou, encontrei novamente matias. Finalmente, logo antes de *Itambé* o terreno torna-se novamente arenoso, e a vegetação muda de aspecto pela quarta vez, mas sempre com alguma differença nas

minúcias. Tudo isso tende a provar que em certos casos, pelo menos, o estado particular do sólo influe tanto sobre a vegetação como uma differença consideravel na altitude do terreno. Encontrei uma prova nova duraute minha viagem ao Rio Doce; pois, em terrenos formados de areia branca como os que acabo de descrever, observei, a muito pequena distancia do mar, uma flora bastante semelliante á que se me apresentou bem longe do Oceano, nos districtos elevados da provincia de Minas.

A povoação de *Itambé* (175), succursal da parochia de *Conceição* (176), está situada em local encantador, á margem de um regato que tem o mesmo nome que ella, e corre em um largo vallão. Alguns morros estendem-se, por um declive branco, acima do casario, e são em parte cobertos de mattas e em parte revestidos de relva entremeada de rochedos. Para além desses morros erguem-se montanhas em que a principio não percebi mais que uma herba amarellada, no meio da qual se mostravam rochedos esparsos. Essas montanhas, situadas a uma legua de *Itambé*, para a parte de oeste, têm o nome de *Itacolumi* ou *Sete Peccados Mortaes*, por causa de seus sete cumes: achavam-se, ha poucos annos, cobertos de mattas; mas, em consequência de uma secca prolongada, ficaram estas reduzidas a cinza por um incendio que durou um mez.

As margens e o leito do rio de *Itambé* foram antigamente explorados por mineradores, e ao ouro que ali en-

(175) Das palavras indigenas *yta aymba*, pedra de afiar (Vide *Tesoro de la lengua*, etc., pag. 179).

(176) Por decreto de 13 do abril de 1818, *Itambé* ou *Nossa Senhora da Oliveira de Itambé* tornou-se uma succursal da nova parochia de *Nossa Senhora do Pilar do Morro do Gaspar Soares* (Vide *Mem. hist.*, vol. VIII, p. II, pag. 240). O *Itambé*, de que se trata aqui, não deve ser confundido com *S. Antonio de Itambé*, situado a 4 leguas na Villa do Principe (Piz.). Para evitar qualquer confusão, dever-se-ia denominar esta ultima localidade *Itambé da Serra*, e a outra *Itambé de Mato dentro*.

contraram deve-se provavelmente a origem da provação. A insignificancia dos resultados, porém, fez abandonar essa especie de trabalho. A agricultura não podia tomar-lhe o lugar, pelo menos, nos arredores; pois são de extrema esterilidade, e, exceptuando pequeno numero de bananeiras e laranjeiras, plantadas proximo ás casas, não se vê, em torno a Itambé, nenhum vestigio de cultura. A povoação está numa situação de decadencia de que nenhuma outra apresenta igual imagem, e não se compõe sinão de uma igreja e cerca de cem casas que, todas, cáem em ruínas; por isso é com razão que se repete, no paiz, esse proverbio já citado por um viajante: *A miseriis Itambé, libera nos, Domine*; proverbio que se reproduz da maneira seguinte nos arredores de Cacté:

Itabira, Itambé,
 Samambaia e Sapé (177),
 Meirinhos de Cacté (178),
 Libera nos, Domine.

Não se deve admirar que eu me extenda tanto a respeito de simples povoações. Sente-se que devem ter importancia em uma região em que se pode viajar durante dias sem se encontrar uma unica, e mezes sem avistar a menor cidade.

Para ir de *Itambé* a *Villa do Principe*, segui a estrada real que vai de *Villa Rica* a *Tijaco*; mas, apesar do nome pomposo que tem, essa estrada, muito menos frequentada que a de *Rio de Janeiro* a *Villa Rica* não é, em certos lugares, mais que uma picada tão estreita, que ás vezes se tem difficuldade de seguir-lhe o traçado.

(177) A grande felicidade o o *saccharum* que se apoderam dos terrenos outrora cultivados.

(178) Officinas do Justica de Cacté.

Situada a oeste da grande cadeia, e a pequena distancia della, toda a região que se estende até *Villa do Príncipe* é ainda montanhosa, e as florestas, que a cobriam outrora, deram lugar, em muitos pontos, a immensas pastagens de *capim gordura*. Não se vislumbra, por assim dizer, o menor signal de cultura; por toda a parte tem-se sob os olhos o aspecto do deserto, e muitas vezes, o do abandono.

Entre Itabira e Itambé sahi da comarca de Sabará ou do Rio das Velhas, para entrar na do Serro do Frio. Salvo curtissimos intervallos, viajei nove mezes por essa immensa comarca, actualmente a maior de todas, e não a deixei, para nunca mais pizar o seu sólo, sinão pelos fins do mez de novembro.

Apenas deixei Itambé, comeccei a subir por entre rochedos. Os espaços que estes deixam entre si são ainda preenchidos por uma arcia branca misturada a terra vegetal negra. Em seguida vêm as mattas; depois attingi um vasto planalto arenoso e descolerto que termina um morro elevado. Lá jamais existiram mattas: pequenos arbustos crescem no meio de relvados, e a vista se expande ao longe sobre morros áridos entremeados de bosques. Já se viu como os terrenos em que a arcia domina me forneciam plantas; o planalto de que acabo de falar é sobretudo de uma riqueza excepcional. Encontrei ahí uma multidão de *melastomaceas* de dois pés a dois pés e meio de altura, duas *sauvagesias*, uma *scrophulariaceae* de caules de dois a trez pé e corollas cõr de carne, uma elegante *cassia* cujos ramos pouco numerosos se curvam á maneira dos do chorão (*cassia demissa*, N.), uma infinidade de *eriocaulons*, etc. Essa jornada forneceu-me mais de trinta especies que ainda não possuia, e no entanto já visitára muitos lugares mais ou menos análogos.

Em alguns lugares em que os rochedos eram muito multiplicados, encontrei uma pequena especie de palmei-

ra enfezada que cresce igualmente na Serra da Caraca. A meia legua de *Ponte Alta*, tornei a ver, tambem, a elegante palmeira *andaiá* que pela primeira vez avistei na estrada do Parahyba a Barbacena, e que depois não tornei a ver sinão em Santa Barbara.

Entre a venda de *Ponte Alta*, em que parei, e a povoação de *Morro de Gaspar Soares*, não se avistam sinão immensas campinas de *capim gordura* com algumas ilhotas de bosque. Por essas pastagens vêem-se, de um lado, alguns *andaiás*, cujas folhas largas se agitam á menor aragem. Esse districto não apresenta o menor vestigio de lavagens, e, pelo que me disseram, foi outrora cultivado; a apparição, porém, do *capim gordura* decidiu os proprietários a procurar alhures mattas ainda por destruir. Em uma região em que ha tanta terra devoluta e inculta, o homem pode entregar-se completamente á sua natural inconstancia, e perseguir esse ideal do melhor que sem cessar lhe atormenta a imaginação.

Seria facil tirar proveito das vastas pastagens de que acaho de falar para ahí eriar numerosas cabeças de gado; porém, mal se avista uma vacca de longe em longe.

A alguma distancia de *Gaspar Soares* transpuz o *Rio Preto*, que deve o nome á cõr que suas aguas, absolutamente limpidas, tomam do leito em que correm. Um pouco mais longe, transpuz varias vezes o *Picão*, que, como o *Rio Preto*, se lança no *Rio S. Antonio*, cujas aguas se vão reunir ás do *Rio Doce*.

A povoação do *Morro de Gaspar Soares*, situada a cerca de cinco leguas de Itambé, não é mais que uma succursal da parochia da *Conceição* (179), e deve o nome ao

(179) Por decreto de 13 de abril de 1818 essa povoação se tornou, depois da minha viagem, a sede de uma parochia que comprehende quatro succursaes, a saber, *N. S. de Oliveira de Itambé*, do que fallei acima, *S. Antonio do Rio Abaixo*, *N. S. do Rosario*, *Sant'Anna dos Ferros* e *Joanninha*. Essa nova parochia comprehen-

gerente de uma das mais antigas jazidas que foram exploradas no paiz. Quiz-se fazel-o denominar *Morro de Nossa Senhora do Pilar*, por que sua igreja foi edificada sob a invocação dessa Santa; o nome mais antigo, todavia, sempre prevaleceu.

A povoação deve a origem, provavelmente, a importantes lavagens outróra existentes, actualmente abandonadas. Si bem que se encontre ainda actualmente ouro ao leito do Rio Preto e na crosta dos morros, esse metal não é objecto de uma exploração regular e constante. Sómente quando os proprietários de escravos não têm occupação a dar-lhes, é que os enviam á cata de ouro. Cada escravo é obrigado a trazer a seu senhor uma certa quantidade, e é castigado quando não entrega o que d'elle se exige.

Entre morros que limitam um espaço approximadamente circular ha uma collina alongada, muito menos elevada que elles, e que se assemelha a uma especie de passadiço. E' na crista dessa collina que está construida a povoação do *Morro de Gaspar Soares*. As montanhas que a contornam pelo lado direito quando se vai a Villa do Principe, têm os flancos cobertos de relva e os cumes cobertos de mattas virgens. Sobre a da esquerda está edificada uma casa muito grande e de boa construcção pertencente ao *capitão môr*, e um pouco mais longe, porém em plano inferior, elevam-se em amphitheatro os edificios das forjas reaes, nos quaes vão dar caminhos bastante largos e bem traçados, que circulam pela encosta da montanha.

A povoação de Gaspar Soares compõe-se de pequeno numero de casas que, como as de tantos outros povoados, só annunciam decadencia. Quasi nenhuma tem calçada,

de 6,420 a 7,000 almas. Gaspar Soares está afastada 27 leguas de Marianan, e 107 do Rio de Janeiro (Vide *Memorias historicas*, vol. VIII, parte II, pag. 140).

e a terra vermelha, que serviu para construí-las, mostra-se por toda a parte.

Atravessesi essa miseravel povoação para dirigir-me ás forjas regias, e fui entregar ao mestre fundador Schoenwolff, *uma carta de recommendação que trouxera para elle. Esse bom allemão ficou encantado por ter occasião de falar sua lingua, da qual já estava bastante esquecido, e mostrou-me todo o estabelecimento com extrema complacencia.*

Após a emancipação do Brasil, o intendente dos diamantes sr. MANOEL FERREIRA DA CAMARA BETHANCOURT E SÁ escolheu o Morro de Gaspar Soares para ali estabelecer fornos (180) em que se fundisse o ferro necessario á exploração dos diamantes. Pode-se lastimar, sem duvida, que Gaspar Soares não esteja mais approximado de Tijuco, cabeça do Districto Diamantífero, em que o intendente residia; pode-se deplorar ainda que a agua seja tão pouco abundante nesse local; *mas, pelo menos, deve-se reconhecer, o ferro existe ali em prodigiosa quantidade, e o minerio é tão rico que rende oitenta e cinco por cento (181).*

“Para dar maior desenvolvimento á fundição, dizem os sts. Spix e Martius (*Reise in Bras.*, I, 426), Da Camara, amigo de grandes empreendimentos, concebeu o projecto de reunir o Rio S. Antonio ao Rio Doce, afim de poder expedir por agua o ferro de Gaspar Soares, e receber em troca, pela mesma via, sal e mercadorias ex-

(180) O estabelecimento das forjas de Gaspar Soares data, segundo Spix e Martius, do anno de 1812.

(181) “Algunas vezes se ergueram contra a escolha deste lugar, julgando, como graves inconvenientes, sua posição elevada e a excessiva quantidade de agua lá existente; o intendente dos Diamantes, porém, soube fazer calar essas censuras offerecendo ao governo tomar a seu encargo todo o estabelecimento, o pagar os gastos (Spix e Mart., *Reise in Bras.*, I, pag. 426).

tranciras (182). Foi esse projecto que contribuiu principalmente para decidir o intendente dos Diamantes a estabelecer a fundição régia em Gaspar Soares”.

Construiu-se inicialmente um alto forno no plano dos da Allemanha, que são os melhor comprehendidos, e se mandou vir um fundidor allemão para dirigir as operações. Esse forno tem vinte e oito pés de profundidade; sua abertura superior mede trez de diametro, e nelle se podiam fundir trinta quintaes de minerio de cada vez. Como não existe na vizinhança da fundição nenhuma queda d'agua natural, excavou-se, a um quarto de legua do estabelecimento, um grande reservatorio donde se escapa a agua destinada a pôr em movimento os martellos e os folles. Esse reservatorio, disposto como nossos tanques, é de forma alongada, e sua calçada, construida na largura, mede 360 pés. A agua súa por dois orificios que se abrem e fecham á vontade. Abaixo desse reservatorio ha um outro menor, para o qual passa a agua do primeiro, e que só tem uma abertura.

O edificio em que está o alto forno não tem mais de vinte e oito passos (cerca de 84 pés) de comprimento; a sua escassa extensão accresce uma altura bastante mediocre, e o ar não penetra ali sinão por duas portas e algumas aberturas circulares abertas nas paredes. E' facil sentir como, sob os trópicos, o calor devia ser insupportavel aos operarios em local tão acanhado. Utu inconve-

(182) Nas nove provincias que percorri não creio que existam outros canaes além do de que fallarei daqui a pouco, e mereço antes o nome de fosso, e um segundo, de muito pequena extensão, aberto pelos jesuitas na provincia do Espírito-Santo. Os que conhecerem o Brasil devem saber, aliás, que ainda não chegou o tempo em que se poderá, como na Europa, abrir canaes e tornar navegaveis os rios. Não é menos verdade, porém, que o plano de que se trata acima foi concebido com intelligencia e seria muito provavelmente de construcção pouco difficil. Devo fazer observar, todavia, que não se trata nelle, certamente, de reunir o Rio S. Antonio ao Rio Doce, pois que este já recebe naturalmente as aguas do S. Antonio.

niente mais grave, ainda, porém, não tardou a se fazer sentir. Não se forjára mais de dois mil quintaes de ferro (182-a) e logo foi-se obrigado a interromper o trabalho, não só porque a agua era insufficiente, como tambem, porque se reconheceu que as pedras do paiz não podiam resistir á altissima temperatura da forja. Desse modo esse alto forno, de tão dispendiosa construcção, tornou-se inutil.

No entanto não se desanimou. O intendente pediu ao governo permissão para mandar vir da Inglaterra pedras capazes de resistir ao fogo; e, enquanto esperava, ordenou que, em uma plataforma que se estende por baixo das antigas forjas, se construisssem outras. Estavam construindo quando passei pela primeira vez pelo Morro de Gaspar Soares; mas, na volta, que teve lugar ao fim de um anno, achei-as terminadas. Compoem-se de trez fornos catalães; mas, desde que esses fornos foram inaugurados, a falta d'agua impedira de trabalhar mais de duas ou trez vezes por semana. Tinham, portanto, razão os que se queixavam, no districto, de que as forjas se tivessem installado em um lugar em que a agua era insufficiente; todavia, é preciso tambem que se diga que choveu muito pouco no correr do anno, e os tanques não se puderam encher.

Aliás o intendente, sempre activo, luctando constantemente contra todos os obstaculos, quiz triumphar tambem do que antepunha a pequena quantidade d'agua. Mais baixo que as segundas forjas de que já falei, construia-se, por suas ordens, por occasião da minha volta, um edificio destinado ainda a novos fornos que não deviam ser postos em actividade pela agua dos reservatorios. Em plano inferior ao da povoação corre o regato chamado Picão, do

(182-a) Dessa passagem verifica-se que, ao contrario do que affirmou Varnhogen, não foi esse paiz, o thenente-general Frederico Luiz Gu. J. de Varnhogen, official assignado a serviço de Portugal, e director da fabrica de ferro de Ipanema, o primeiro a fundir este metal no Brazil em larga escala, e empregando a potencia dos altos fornos. Já Joaquim Felício dos Santos, nos *Memoirs do Districto Diamantino*, dá a prioridade das fundições em grande ao thenente Camara, e recentemente, o sr. Marcos de Mendonça, em extensiva e documentado trabalho intitulado *O Intendente Camara*, confirma as conclusões do historiado mineiro.

qual já disse uma palavra, e que tem suas nascentes nas montanhas visinhas. O intendente teve a ideia extremamente feliz de fazer um canal que, largo de dez palmos (cerca de 7 pés e 6 pollegadas), devia medir meia legua de comprimento, e que, recebendo as aguas do repato em sua nascente, poderia em todas as estações pôr as forjas em movimento. Na parte mais visinha dessas ultimas, foi necessario que esse canal, já começado por occasião de minha viagem, atravessasse o morro em uma extensão de trezentos palmos (225 pés, approx.), e a abobada para esse fim construida foi interiormente revestida de peças de madeira. Em quasi todos os pontos em que o canal fôra excavado, atravessava a mina de ferro; o minerio fôra quebrado, e devia ser fundido nas forjas depois de trazido pelo proprio canal em pequenas canoas. Finalmente, como este devia passar por grandes mattas antes de chegar ao Morro, tencionava-se fazer carvão em suas margens e embareal-o como o minerio.

Para completar a descripção do estabelecimento do Morro, direi que, muito abaixo das novas forjas se construiu, mais ou menos segundo o modelo duma das estampas da architectura hydraulica de Bolidor, um moinho que é posto em movimento pelas mesmas aguas que serviram ás forjas.

Dois avaliações completamente differentes computavam os dispendios feitos para o estabelecimento do Morro de Gaspar Soares, uma em cento e trinta mil cruzados (325,000 fr.), e a outra em duzentos e quarenta mil (600,000 fr.). Não examinaremos qual dessas duas avaliações é verdadeira, ou si ambas carecem de exactidão. Diremos unicamente, segundo o testemunho de um homem que poudo ver as coisas de muito perto, que o que muito contribuiu para augmentar os gastos do estabelecimento fôra o grande numero de construcções e madeiramentos que se construiam e destruiam seguidamente. Jamais se

entregou uma planta aos mestres de obra; fez-se sempre tudo sem plano predeterminado, e quando uma construção era julgada muito alta, abaixavam-na, e, si se achava muito pequena, demolia-se para construir outra maior. Tacs apalpadelas seriam imperdoaveis na Europa; mas eram-no muito menos em uma região onde não havia ainda modelos a imitar, e onde recordações e livros, frequentes vezes inexactos e incompletos, constituíam os únicos guias.

Até começos de 1818, o ferro fundido no Morro de Gaspar Soares era enviado a Tijuco, exceptuando certas quantidades pouco consideraveis, cedidas aos homens empregados nas forjas e cujo valor era descontado dos salarios. Tentára-se fazer o transporte sobre carretas tiradas a juntas de bois; em seguida, porém, só se empregaram bestas de carga. O ferro chegava em barras ao Districto Diamantifero; confeccionavam-se nos diversos *serviços* (183) as quantidades necessarias e vendia-se o resto.

Subordinado ao intendente, um administrador é encarregado de dirigir as forjas de Gaspar Soares e recebe quatrocentos mil réis (2,500 fr.) de ordenado. Cento e poucos operarios trabalham no estabelecimento, e se pagam a jornal, em razão do que são capazes de fazer: a importancia media é de cerca de seis *vintens* de ouro (1 fr. 40 c.). Os escravos alugados a particulares são pagos na base de trez *vintens* (70 c.), e nutridos como os do Districto dos Diamantes.

Quando o intendente está no Morro anima os trabalhadores com sua actividade; mal, porém, se retira, tudo esmorece. Em uma região em que o calor convida á preguiça, em que o homem tem poucas necessidades, onde o trabalho, de certo modo é considerado uma vergonha, nada é tão difficil como radicar operarios livres; por isso

(183) Como se verá pela continuação, cada exploração de diamantes tem o nome de *serviço*.

o administrador calculava que mensalmente havia, em geral, um milheiro de jornais de falta.

Cada mestre de officio, fundidor, carpinteiro, serralleiro, etc., tem a lista dos seus homens, e deve annotar os que não se apresentam; o rei, porém, pagou muitas vezes jornais de homens que estavam bem longe dos fornos, ou de que os empregados se serviam para coisa muito diversa do serviço do estabelecimento.

Si existe um paiz em que o governo não deva por sua conta explorar manufacturas, é o Brasil. A preguiça, e talvez uma indulgencia natural levada ao excesso, devem tornar pouco zelosa uma vigilancia que não tem por objecto um interesse pessoal immediato. De mais a mais, deve-se confessal-o, o relaxamento dos laços sociaes determinado pelo systema colonial, pela admissão da escravidão, pela especie de degradação em que cahira a metropole, finalmente, pelos máus exemplos dos Europeus, devem ter tornado a prohibidade mais rara ainda entre os Brasileiros, que entre muitos outros povos, e, por consequente, o governo é um dos que cotrem maiores probabilidades de ser enganados.

Pernoitei em Gaspar Soares em um albergue que fôra antigamente muito commodo para os viajantes, mas que o proprietario tinha relaxado completamente. Não era mais que uma pocilga cahindo em ruina por todos os lados, que jamais se limpava; os porcos entravam em completa liberdade, e servia de abrigo nos morecos.

A região que se estende além de Gaspar Soares tem boas terras. Foi cultivada noutro tempo; não obstante, porém, os recursos que ainda podia offerceer, os habitantes abandonaram-na para retirar-se para as proximidades dos *Botocudos*, no districto denominado *Os Ferros*.

O botanico tem poucas plantas a esperar entre Gaspar Soares e a *venda de Sumidouro*, em que passei a noite. As mattas pareceram-me apresentar no conjuncto vegetação mais ou menos semelhante á das florestas do Rio do

Janeiro; as arvores, todavia, têm, em geral, menor vigor, e não se vêem entre ellas nenhuma dessas immensas lianas que deslumbram pelos effeitos bizarros que produzem.

Perto de *Sumidouro* tive o prazer de acrescentar a minhas collecções um individuo da especie de serpente de guisos do paiz (*cascavel*), especie tão perigosa, que sua mordedura pode matar em vinte e quatro horas. O animal estava atravessado no caminho quando meus burros passaram; retirou-se tranquillamente para a orla de arvoredo que ladeava a estrada, e o meu tropeiro ponde liquidal-o com a pistola quasi á queima-roupa, o que prova quanto essa especie de reptil tem pouca vivacidade.

A *venda* de *Sumidouro* está situada em uma depressão á margem do Rio S. Antonio, do qual já falei, e que, além das aguas do *Picão* e do *Rio Preto*, recebe ainda as do *Rio de Itambé*, e, finalmente do *Mata Cavallos*, que se transpõe a alguma distancia de *Gaspar Soares*. Encontra-se ouro nas proximidades de *Sumidouro*; esse metal, porém, não é ali bastante abundante para merecer que se constituam, afim de exploral-o, estabelecimentos de certo vulto (184). Garantiram-me tambem que a *ipecacuanha* (*cephaelis ipecacuanha*) (185) era nativa no districto: os negros que vão colhel-a vendem-na a seiscentos réis (3 fr. 75 c.) a libra.

Entre *Sumidouro* e *Conceição*, no cume de um morro bastante elevado de onde se descortina toda a região em volta, e até as montanhas de *Itabira*, encontrei algumas lindas melastomaceas no meio do *capim gordura*. Essa excepção é bastante notavel, indubitavelmente; mas parece que se reproduz frequentemente nos lugares elevados, e, si o *capim gordura* ali se consegue introduzir, não se apodera, todavia, completamente do terreno; é, pelo me-

(184) E' a pequena distancia do *Sumidouro* que se encontra a platina, já assignalada ha muito tempo pelo sr. Mawe (*Travels in the interior of Brazil*, pag. 209).

(185) Vido as *Plantas usuaes dos Brasileiros*, n.º VI.

nos, o que observei ainda por occasião do regresso, na grande cadeia occidental de *Congonhas*, e o que tambem observei na localidade chamada *Mato Grosso*, além de *Conceição*. Antes de chegar a essa povoação, é um *saccharum* de estipe erecta, folhas rijas e horizontaes, que se vê dominando os pastos. Essa especie é commum em varias partes da provincia das Minas.

A povoação de *Conceição* (*Nossa Senhora da Conceição de Mato dentro*) é a sêde de uma parochia cuja extensão é de quarenta leguas, mas em que se comprehendem florestas deshabitadas que se estendem a leste (186). Essa povoação está situada em um valle, á margem de um regato que tem o mesmo nome. Por todos os lados é rodeada por collinas áridas e despidas, absolutamente impróprias para cultura. Sobre algumas, entretanto, ainda cresce o *capim gordura*; em outras encontra-se em companhia de malvaceas o *saccharum* de que falei ha pouco; aquellas, finalmente, que se descem para chegar á povoação, apresentava em abundancia uma especie curiosa de composta de caule arborescente e denegrido e folhas brancas, que é conhecida no paiz pelo nome de *candeia* (*lychnophora* Mart.), e que parece nativa nos terrenos ferruginosos. *Conceição* pode ter cerca de duzentas casas que se alinham em duas ruas parallelas. A excepção de *Itambé*, de todas as povoações até então vistas, nenhuma apresentava como essa tantos symptomas de decadencia e miseria. Essa povoação jamais esteve, certamente, na altura de *Infiicionado* e *Catas Altas*; no entanto, o typo

(186) Essa extensão não pode ser a mesma actualmente, pois que, como atraz se viu em uma nota, a parochia de N. S. da *Conceição de Mato dentro* foi dividida por decreto de 13 de abril de 1811. Comprehen- de ainda por succursae: N. S. da *Apparecida dos Corregos*, S. *Antonia da Tepera*, S. *Antia das Congonhas*, S. *Francisco da Parana*, S. *Domingos do Rio do Peixe*, finalmente, N. S. do *Porto de Guanhaes*. N. S. da *Conceição* está situada nos 19^o de lat. e 339^o 18' do long. (Vide *Mem. hist.*, vol. VIII, parte II, pag. 139).

das casas prova que seus primeiros occupantes gozavam de abundância. Nessa época o ouro retirava-se sem difficuldade dos terrenos proximos á povoação; as minas, porém, se empobreceram, e os actuaes proprietarios não possuem recursos para fazel-as explorar. Afastam-se successivamente de uma zona que não mais produz ouro e é impropria á agricultura; o matto que cresce nas ruas de Conceição esconde quasi completamente as pedras do calcamento; grande numero de casas já foi abandonado, e as outras caem em ruinas.

Fui acampar a um quarto de legua de Conceição, em um miseravel hospedaria chamada *Bandeirinha*. Em frente á casa estava uma cruz sobre a qual varios individuos de uma especie de *furnarius*, (*Vicill.*) tinham construido os ninhos. Mandei retirar um delles e examini-o com cuidado. Era construido de terra argilosa, misturada a fibras e gravetos, e de grande dureza. A forma era a de um forno, e podia medir nove pollegadas de diametro, incluindo a crosta que tinha a espessura de pollegada ou pollegada e meia. A entrada era oval, um pouco obliqua, e tinha approximadamente trez pollegadas de altura. O interior correspondencia ao aspecto externo, e era igualmente arredondado como um forno (187). Para cada postura o passaro constroe um novo ninho; o antigo, porém, dura varios annos, e ás vezes serve de base ao que lhe succede. Esse curioso ninho valeu ao passaro que o constroe o nome de *joão de barro*, pelo qual é conhecido no paiz. O *joão de barro* nada tem, aliás, na plumagem, que attraia a attenção; mas pertence ao numero dessas especies que parecem amigas do homem, e se comprazem na visinhança das habitações.

(187) Já tinha observado ninhos semelhantes sobre galhos de arvores proximo de Queluz; esses ultimos, porém, eram divididos por um septo, como os que foram descriptos pelos autores. Trata-se aqui de duas especies, ou foi destruido o septo nos ninhos observados em *Bandeirinha*?

Antes de deixar *Bandeirinha* meu arrieiro tendo sido ferido em varios lugares da perna por um dos meus burros, applicou algodão sobre as feridas e ateou-lhe fogo. Assegurou-me que era o processo curativo empregado geralmente em semelhantes circumstancias; será difficil, porém, vislumbraer nesse remedio outra coisa que não um augmento do mal.

Sabindo de *Bandeirinha* segui um caminho mais curto que a estrada anteriormente traçada, e que vai entroncar-se nella a cerca de uma legua de *Tocoropa*: esse caminho tem o nome de *Caminho Novo*. Encontrei a principio collinas áridas semelhantes ás que envolvem o povoado de *Conceição*; mas em breve os morros são mais elevados, a terra torna-se melhor, e cobre-se de uma camada espessa de *capim gordura*. Pouco antes de chegar á localidade, contei, em um espaço de cinco a seis geiras, varias centenas de cabeças de gado bovino: era a reunião mais consideravel de gado que tinha observado desde que entrei na provincia de Minas, na qual se poderia criar em larga escala.

Após perder de vista o valle árido em que está construida *Conceição*, costeei durante algum tempo o rio de *S. Antonio*, cujas aguas, turvas e amareladas, attestavam trabalhos de mineração. A região é, em geral, muito bem irrigada, como toda a parte da provincia de Minas até então por mim percorrida. Nas depressões, ás margens dos córregos, via, de longe em longe, choças semi-arruinadas, habitadas por gente de côr, e algumas dessas miseraveis moradias me eram annunciadas antecipadamente pelo ruido monotonico da *manjola*. A cerca de uma legua de *Bandeirinha* comencei a descobrir uma montanha elevada que domina todas as demais, e a mesma vista se me apresentou todas as vezes que me encontrei em altitudes grandes; cheguei, finalmente, ao sopé da montanha, que termina por dois cumes eguaes á maneira de uma mitra episcopal, e

em breve attingi o miseravel rancho de *Toporoca* (188), onde pernoitei.

As terras dos arredores de *Toporoca* são boas, mas faltam braços para cultival-as. Nesse districto encontra-se ouro de côr avermelhada, mas unicamente em pequena quantidade.

Logo depois de deixar *Toporoca* galguei uma montanha onde, por todos os lados, os rochedos se mostram a descoberto em meio a um terreno arenoso. Essa natureza de sólo que já observára, como se viu, na Serra da Caraga e perto de Itambé, só produz, é verdade, uma vegetação anã; essa flora, porém, é tão variada como interessante. Sobre a montanha de que acabo de falar encontrei, entre outras, uma *vellozia* que ainda não recolhera, um subarbusto pertencente á familia das laurincas (*lauraceas?*), uma encantadora melastomacea de flôres amarellas, duas geuceianaceas, plantas duma familia que, na parte oriental da provincia das Minas, só se encontra em logares elevados, etc.

A povoação de *Tapanhucanga* (189), em que fui passar a noite, está situada em um valle, a cerca de oito ou dez leguas de Conceição, e pode contar uma centena de casas que marginam ambos os lados da estrada. E' ro-

(188) Esse nome talvez se derive das palavras indigenas que significam *olhos afflictos*.

(189) *Tapanhucanga* ou *S. José de Tapanhucanga*, succursal de Villa do Principe, está situada a 4 leguas dessa villa, e não a 7, como diz Pizarro. A palavra *tapanhucanga* vem evidentemente de duas raizes da lingua geral, *tapanhuna*, negra, e *acanga*, cabeça. Esses duas palavras encerram a ideia completa, e escrever *Itapanhucanga*, como o autor das *Memorias*, é afastar-se da pronuncia usada no paiz. Não tenho necessidade de lembrar que não se diz *Tapinhucanga*, como o escrevea certo viajante. Casal indica como imaginario o lugar que o mesmo viajante denomina *Corvos*, e que este situa entre Conceição e *Tapanhucanga*. Supponho que se terá feito *Corvos* de *N. S. da Aparecida dos Corregos*, localidade que, segundo o autor das *Memorias*, está situada a 3 leguas de Conceição.

deada de montanhas que se elevam sobre planos desiguaes; muito mais próxima, porém, das que se descobrem para o poente, domina ella propria um vallão em que corre um pequeno regato. As elevações que, como acabo de dizer, rodeiam a povoação, apresentam graude variedade, não só na altura como no aspecto. As mais próximas estão cobertas de pastagens, em meio ás quaes se vêem algumas arvores e numerosas cidades de termitas; mais longe, outras montanhas apresentam sombrias mattas virgens; outras, finalmente deixam perceber grandes rochedos nús em meio a uma herva cuja côr verde-amarellada faz parecer ainda mais escuros os matizes das florestas visinhas. A igreja de Tapanhuacanga está construida sobre uma pequena plataforma, a meio comprimento da rua, e domina as casas da povoação. Estas são pequenas e baixas; constam, em geral, apenas do rez-do-chão, mas são todas cobertas de telhas, e vê-se que foram caídas noutro tempo; finalmente, por traz de cada uma existem plantados, segundo o costume, alguns pés esparsos de laranjeira, café, e bananeiras. O conjunto que acabo de descrever produz um effeito agradabilissimo, e não se pode deixar de deplorar o estado de abandono em que está actualmente esse villarejo, que deveu a minas de ouro sua fundação e ephomera prosperidade. Hoje em dia quasi todas as casas cáem em ruina, e mais da metade dellas está sem habitantes. Mais ou menos a meio do casario ha uma bastante bella; fôra construida com capricho; os tectos são pintados e em abobada, e vêem-se nas janellas geolozias muito bem acabadas; no entanto está deserta como tantas outras.

Existe sempre ouro no leito do córrego do *Arraial de baixo*, que corre abaixo da povoação; mas não ha nem escravos nem dinheiro para exploral-o, e está entregue a alguns *faiscadores* aos quaes fornece a subsistencia quotidiana.

A historia das povoações que tiveram origem na presença de ouro é sempre a mesma. Florescem emquanto as minas são ricas ou faccis de explorar; quando se esgotam, os habitantes retiram-se para outra parte. Os ruineiros só deveriam constituir população nomade; mas deixaram-se cegar a respeito da natureza de seus bens, e precipitaram sua ruina formando estabelecimentos fixos que deviam em pouco tempo abandonar. O ouro que retiram da terra só serve á prosperidade de extranhos, e seus descendentes ficam pobres (190).

Tendo já descripto a situação e o estado actual de um grande numero de povoações, creio dever dizer algo a respeito de seus habitantes. Nos districtos auríferos, assim como nas regiões exclusivamente agricolas, os lavradores só vêm á povoação para assistir á missa do domingo e das festas, e suas casas ficam fechadas durante os dias de trabalho. A população permanente das povoações é, em geral, composta quasi toda de homens de cor, tendeiros e artezãos. Esses homens, naturalmente sobrios e extranhos a essa multidão de necessidades que nos impõem nossos climas frios, podem, sem nenhum inconveniente, entregar-se a essa indolencia tão natural nas regiões situadas entre os trópicos. Quando têm farinha para o dia, alguns grãos de feijão e um pedaço de abobora, será em vão offercer-lhes diuheiro em troca de trabalho; e, durante miuhas viagens, tive quasi sempre necessidade de protectores para obter dos artezãos os objectos que me eram necessarios.

(190) Os primeiros estabelecimentos dos mineradores não eram realmente sinão especies de campos em que levantavam barracas semelhantes ás dos Ciganos. (Vide South, *Hist. of Braz.*, vol. III, pag. 55). O nome de *arruaal*, que ainda hoje têm as povoações das Minas, não significam sinão acampamento. Os mineradores, porém, eram creaturas soffregas de gazar, e os *arruaes* em breve se metamorphosaram em povoados o em villas. Assim, Mariana que, em 1700, época em que se descobriu seu territorio, começou por um lugar do acampamento, já se tinha tornado villa em 1711.

A alegria que anima nossos camponozes é extranha aos habitantes das povoações da provincia de Minas. Com excepção dos torneos (*cavalladas*) que ás vezes se celebram pela época de Pentecostes, não conhecem outra especie de divertimento além de uma dança que a decencia mal permite mencionar, e que, no entanto, se tornou quasi nacional (o *batuque*). Sua felicidade é não fazer nada; seus prazeres são os sensuaes. Triste fructo da escravidão, muitas prostitutas encontram-se em todas as povoações (191), e devem necessariamente entreter ali essa depravação de costumes á qual já bastante excitam o calor do clima, o tedio e a ociosidade.

Não deixei Tapanhuacanga sem ir herborizar nas montanhas, denominadas *Serra da Candonga*, que dominam a povoação pelo lado de oeste. Após atravessar o vallão em que corre o riacho do Arraial de Baixo, transpuz uma *capoeira* muito cerrada, depois penetrei em uma matta virgem, e cheguei a montanhas onde grandes rochedos quartzozos se mostram a descoberto. Encontrei ali melastomaccas e varias utricularias sem folhas; a planta, porém, que mais merecia minha attenção era uma *lantana* (*lantana pseudo-thea*, N.) (192), que se conhece no paiz pelo nome de *capitão do muto* ou *chá de pedestre*. Essa especie, muito aromatica, tem folhas viscosas; seccam-se estas, e seu decocto fornece uma bebida extremamente agradável que eu preferia ao chá, e que, com um sabor muito mais pronunciado, não tinha, sem duvida, os mesmos inconvenientes. Aliás, a Serra da Candonga não me forneceu tantas plantas como esperava, porque os picos mais elevados, quando não têm rochedos, são quasi inteiramente cobertos de uma gramínea de folhas enroladas e miudas que pouco espaço deixa aos outros vegetaes.

(191) Si existem excepções, creio que são bem raras.

(192) Devo advertir que a denominação *lantana* sem lhe ter visto os fructos. Essa especie se encontra no Districto dos Diamantes.

Chegado a um dos cumes mais elevados, descobri immensa extensão de montanhas, quasi todas ricas de mattas e de altitudes differentes, ás quaes a povoação de Tapanhuacanga, que se divisava numa depressão, dava um pouco de variedade.

Vi, na Serra da Candonga algumas cabeças de gado bovino; erram noite e dia por essas vastas solidões; perdem ali o habito de ouvir a voz do homem, e, quando se as deseja levar para a povoação, quer para vender, ou abater algumas, quer para dar-lhes sal, o que raramente se faz, caçam-se com cães. Todavia, os proprietarios desses animaes soffrem perdas frequentes: alguns são devorados por animaes selvagens, e outros mortos pelos negros fugitivos, que fazem seccar a carne nos lugares menos accessiveis.

Deixando Tapanhuacanga passei por uma dessas grandes mattas que não são virgens e que chamam *capoeirão* (grande *capoeira*). Quando se passa muito tempo sem cortar as *capoeiras*, e o gado nellas não penetra, arvores grandes acabam por tomar o lugar das *buccharis* e outros arbustos que constituem as *capoeiras*. Esses bosques não são communs, porque as circumstancias que lhes dão origem raramente se encontram; á primeira vista poder-se-ia tomal-as por mattas virgens; podem-se, entretanto, distinguir destas por que não têm tão grande vigor, a verdura é ali menos sombria, e as arvores e arbustos são geralmente menos comprimidos uns contra os outros.

A alguma distancia de Tapanhuacanga o caminho atravessa um córrego chamado *Rio das Pedras*. Uma ponte de madeira foi construida sobre esse curso d'agua; mas estava em tão mau estado que os burros não podiam passal-a sem risco, e no entanto, dois ou trez dias de trabalho bastariam para reparal-a. Teria já podido citar, desde o começo de minha viagem, uma multidão de exemplos de negligencia analoga.

Após transpor o *Ribeirão dos Porcos*, e, em seguida, o *Rio do Peixe*, cheguei ao rancho de *Ouro Fino*, que era mantido por negros, e, como era já tarde, decidi-me a ali passar a noite, embora não estivéssemos a mais de uma legua de Villa do Príncipe.

Antes de deixar Tapanhuacanga já me sentira muito fatigado; tive a esperança, porém, de que essa indisposição passasse, e me puz a caminho. Todavia, soffri muito durante a jornada, e, sempre que descia do burro para recolher qualquer planta, experimentava tonteiças e tinha dificuldade em recavalgar. Chegando a *Ouro Fino*, a febre se declarou. Faltava tudo no miseravel rancho em que acampeei; o que, porém, achei ali mais desagradavel era o ruido que se fazia ouvir continuamente á tarde. O momento da oração era cruel para mim. As pessoas da casa juntava-se Manoel da Silva, e os negros de uma caravana que estava havia varios dias em *Ouro Fino*. Essa boa gente cantava com voz muito afinada, mas tão alto que fazia uivar todos os cães da vizinhança. Após a oração era-se obrigado a ouvir uma guitarra, na qual o mais teimoso dos musicos repetia durante horas a fio trez ou quatro notas, sempre as mesmas. Durante a noite os negros dansavam batendo as mãos e soccando a terra com os pés; finalmente, quando toda a barulhada cessou, e cada qual procurava dormir, um boi esfaimado de sal vinha lambex sem cesar o postigo de meu quarto, produzindo um ruido monotouissimo. Tinha uma carta de recommendação do sr. João Rodrigues Pereira de Almeida para seu parente o cura de Villa do Príncipe. Decidi-me a enviar essa carta; o vigario, excellentemente homem, teve a gentileza de pedir emprestada para mim uma liteira, e, depois de passar alguns dias doente em *Ouro Fino*, fui transportado a Villa do Príncipe. Foi o proprio parcho quem me hospedou, e encontrei em sua casa todos os cuidados do lar paterno.

Quando comecei a subir, fui passear pelos morros que defrontam a villa. Durante toda a noite senti comichões terriveis que me impediram de dormir, e começava a crer que estava sendo atacado por alguma molestia cutanea, quando a luz do dia me mostrou que estava coberto de uma multidão de insectos, cujas partes só se podiam distinguir com a lente, e que tinham mettido a cabeça pela minha pelle. Gastei muito tempo em me desembaraçar desses odiosos animaes; formáram-se papulas nos lugares em que me tinham mordido, e, durante todo o dia senti ardencias crucis. Os insectos que assim me maltrataram têm no paiz o nome de *carrapatos miudos*, e pertencem ao genero *ricinus*. Só nos incommodam durante os trez ou quatro primeiros mezes de idade, pouco a pouco vão crecendo; chegam a attingir, no corpo dos burros, o tamanho de uma avelã, e então chamam-se *carrapatos grandes*. Pela época em que começam a crescer sua picada não é mais tão irritante, e são menos numerosos. Seja como fôr, enquanto os *carrapatos* conservam a pequenez é difficil evitar de receber uma carga desses insectos, quando se penetra em sargas vizinhas a habitações e em pastos frequentados por animaes de carga. Os *carrapatos miudos* deixam-se, ao que parece, cahir sobre as vestes em pequenos pelotões, e se disseminam num instante. Para delles me desembaraçar empreguei posteriormente um processo que aconsello aos viajantes. Quando passava tinha sempre na mão uma varinha guarnecida de folhas; espanava com ellas minha roupa sempre que via *carrapatos*, e esses logo desapareciam. Quando esses insectos conseguem attingir a pelle, pode-se, para retirá-os, empregar com exito uma bolinha de cera á qual adherem.

CAPITULO XIV

ESTADIA EM VILLA DO PRINCIPE. — CAÇADA. — FUNDIÇÃO E CIRCULAÇÃO DO OURO. — FESTEJOS DA COROAÇÃO.

Villa do Principe. Sua fundação. Minas. Posição. Ruas; casas; igrejas; praça; lojas; preço dos generos. As mulheres de Villa do Principe. — Caça aos veados. Cães *veadeiros*. Cinco especies de cervos; a especie denominada *catinguero*. Imposto do quinto, devido ao governo, sobre o ouro em pó. — Historia da magistratura encarregada de tudo o que concerne ao ouro. — Circulação do ouro em pó ora permittida ora prohibida. Casas de permuta; bilhetes de permuta. — Maneira de contar o dinheiro. — *Casa da fundição*; modo de fundir o ouro em lingotes. Salario dos empregados da *casa da fundição*. — Lucro que o governo retira do ouro. Vantagens que têm os contrabandistas. — *Procição das armas*. Procição dos penitentes de São Francisco. — Quinta e sexta-feiras santas. — Festejos de coroação. Trajo dos magistrados. — Retrato do cura de Villa do Principe.

Villa do Principe é a capital da comarca de *Serro do Frio* (193), que se divide em dois termos, o do *Serro do*

(193) O *Serro do Frio* foi descoberto por ANTONIO SOARES o por seu companheiro ANTONIO RODRIGUES ARZÃO, descendente desse aventureiro do mesmo nome que foi o primeiro a encontrar ouro na provincia de Minas Geraes (South., *Hist. of Braz.*, III). Pretendeu-se que as palavras *Serro do Frio* ou *Serro Frio* eram uma simples traducção do nome de *Yviturui*, dado pelos Indios á região em que está situada Villa do Principe; parece-me, porém, muito mais natural fazer derivar *yviturui* de *yvitã*, vento, e *tuy*, frio. — Os auctores creveram *Serro do Frio* o *Serro Frio*; preferi o primeiro desses nomes porque é o adoptado no proprio districto, e aliás, como já vimos, *Yviturui* tanto pode significar *Serro Frio* como *Serro do Frio*. Quanto á palavra *serra*, é indicada como tendo approximadamente a synonymia de *serra* (Mor., *Dic.*, II, 672-3); no Brasil, entretanto, o termo *serra* significa não só uma cadeia de montanhas

Frio propriamente dito, e o de *Minas Novas*. Basta dizer que o principal magistrado da *comarca* (*ouvidor*), e os empregados do governo residem nessa villa. E' ainda a sede de uma parochia que tem trinta leguas de comprimento, e comprehende onze succursaes e uma população de cerca de trinta mil almas. Certamente que se achará essa população enorme para o interior do Brasil; mas é necessario reflectir que a de Tijuco está ali incluída, e essa villa é a mais importante da provincia depois de Villa Rica (194).

O quadro estatístico seguinte dará ao leitor uma ideia exacta da população dessa zona:

POPULAÇÃO DA PAROCHIA DE VILLA DO PRINCIPE EM 1816

	Sexo masculino	Sexo feminino	Ambos os sexos
Branços	1559	1669	3228
Indios	11	3	14
Mulatos livres	2878	4156	7034
" escravos	770	829	1599
Negros livres	2911	2285	5196
" escravos	7184	4374	11558
Total	15343	13316	28659

ou uma porção de cadeia, como ainda uma montanha isolada, e creio que o termo *serro* não designa jamais sinão uma reunião de montanhas ou de collinas (Equivoco de S. H. *Serro* é em portuguez sempre um monte isolado; *serra* é que pode ser simples ou multipla. *N. do T.*). Esse termo é, aliás, pouco usado, e, em toda a parte do imperio brasileiro em que vinjei, não o vi applicar sinão ao *Serro do Frio* e ao *Serro de S. Miguel*, proximo de *Santa Theresa*, na extremidade sul da provincia de Rio Grande. — Seja como fôr, a *comarca* do *Serro do Frio* é limitada ao norte pela provincia da Bahia, a leste pela de Porto Seguro (*Cas., Cor., I, 392*); ao sul pela *comarca* de Villa Rica, e a oeste pelo Rio S. Francisco, que a separa da *comarca* do Paracatu.

(194) Por um decreto do rei D. João VI, datado de 6 de setembro de 1819 (*Piz.*), Tijuco foi separado da parochia de Villa do Principe, e tornou-se a sede de uma nova parochia.

Nessa população havia:

		Sexo masculino	Sexo feminino	Ambos os sexos	
De 75 a 80 anos	Branco	16	24	40	467
	Mulatos livres .	63	71	134	
	" escravos	5	7	12	
	Negros livres ..	10	13	23	
	" escravos	142	116	258	
De 80 a 85 anos	Branco	9	15	24	322
	Mulatos livres .	27	34	61	
	" escravos	2	9	11	
	Negros livres ..	12	17	29	
	" escravos	104	93	197	
De 85 a 90 anos	Branco	1	7	8	106
	Mulatos livres .	10	13	23	
	" escravos	—	—	—	
	Negros livres ..	8	5	13	
	" escravos	49	13	62	
De 90 a 95 anos	Branco	2	4	6	44
	Mulatos livres .	5	7	12	
	" escravos	—	—	—	
	Negros livres ..	4	2	6	
	" escravos	11	9	20	
De 95 a 100 anos	Branco	4	1	5	8
	Mulatos livres .	3	—	3	
	" escravos	—	—	—	
	Negros livres ..	—	—	—	
	" escravos	—	—	—	
Acima de 100 anos	Branco	2	—	2	5
	Mulatos livres .	—	2	2	
	" escravos	—	—	—	
	Negros livres ..	1	—	1	
	" escravos	—	—	—	

MAXIMO DESSA POPULAÇÃO:

	Sexo masculino	Sexo feminino	
Branco de	5 a 10 annos	De 25 a 30 annos	191
Mulatos livres de ..	5 a 10 "	De 15 a 20 "	504
" escravos do	5 a 10 "	De 5 a 10 "	141
Negros livres de	20 a 25 "	De 40 a 45 "	309
" escravos de .	30 a 35 "	De 10 a 15 "	443

Depois desse primeiro maximo, o maior numero de habitantes se encontrava:

	Sexo masculino		Sexo feminino	
Branços de	20 a 25 annos	192	De 35 a 40 annos	162
Mulatos livres de ..	10 a 15 "	414	De 10 a 15 "	491
" escravos de	1 a 5 "	78	" " " "	"
Negros livres de	1 a 5 "	214	De 15 a 20 "	281
"	15 a 20 "	214		
" escravos de .	15 a 20 "	618	De 30 a 35 "	422
"	25 a 30 "	618		
Maximo total da população, de	15 a 20 annos			2721
Maior numero após o maximo, de ...	10 a 15 "			2496

CREANÇAS

	Sexo masculino	Sexo feminino	Ambos os sexos
De 1 a 5 annos {			
Branços	82	56	178
Mulatos livres ...	274	321	595
" escravos .	78	76	154
Negros livres ...	214	192	406
" escravos .	249	184	433

NASCIMENTOS EM 1816

	Sexo masculino	Sexo feminino	Ambos os sexos
Individuos livres	265	369	634
" escravos	249	282	531
Total	514	651	1165
Creanças mortas com mecos de um anno de idade			115

MORTES EM 1816

	Sexo masculino	Sexo feminino	Ambos os sexos
Branços	49	57	87
Mulatos livres	237	168	405
" escravos	26	32	58
Negros livres	185	136	321
" escravos	183	102	285
Total	671	485	1156

MAXIMO DA MORTALIDADE

	S. masculino		S. feminino	
Para os brancos de	{ 30 a 35 annos	10	{ 1 anno	7
Maior numero após o	{ 1 anno	4	{ 6 mezes	5
maximo	{ 55 a 60 annos	4	{ 45 a 50 annos	5
Mulatos livres de ...	{ 6 mezes	44	{ 1 a 5 annos	22
Maior numero após a	{ 1 a 5 annos	27	{ 6 mezes	16
maximo	{ 1 a 5 annos	15	{ 1 a 5 annos	15
Mulatos escravos	{ 6 mezes	7	{ 55 a 60 annos	9
" "	{ 5 a 10 annos	6	{ 55 a 60 annos	6
Negros livres	{ 6 mezes	19	{ 5 a 10 annos	21
" "	{ 5 a 10 annos	18	{ 1 a 5 "	16
Negros escravos	{ 45 a 50 annos	19	{ 15 a 20 "	16
" "	{ 30 a 35 "	16	{ 30 a 35 annos	18
" "	{ 30 a 35 "	16	{ 45 a 50 "	15

A hydropisia arrelhatou o maior numero de pessoas. Causou a morte de:

	Sexo masculino	Sexo feminino	Ambos os sexos
Branços	3	1	4
Mulatos livres	89	61	150
" escravos	4	5	9
Negros livres	41	54	95
" escravos	78	27	105
Total	215	148	363

Os outros brancos morreram de diversas especies de febres.

A fundação de Villa do Principe data de cerca de cem annos. O ouro que encerravam os morros que a rodeiam, e o que se encontrava no córrego dos *Quatro Vintens*, que passa abaixo da villa, attraheam os primeiros habitantes

(195). Todos estão de accordo no districto que esse regato recebeu o nome da circumstancia de que a primeira *bateia* de arcia que se tirou do seu leito forneceu effectivamente quatro *vintens* de ouro (cerca de 20 *sous*). Foi, ao que parece, uma negra a primeira pessoa a estabelecer-se onde actualmente está a Villa do Principe; teve a sorte de enriquecer, e foi em breve imitada por outros (196).

Hoje em dia as lavagens não rendem tanto como antigamente; todavia, quando os mineiros estão de sorte, podem ainda obter compensação do seu trabalho. Mostraram-me uma pepita de ouro que fôra encontrada perto de Villa do Principe, e que pesava noventa *oitavas* (324 grammas); outras já se extrahiram que pesavam, disseram-me, até duzentas (720 grammas), e não é muito raro encontrar laminas de ouro com o peso de 10, 12 e 14 *oitavas*, mas essas magnificas descobertas quasi nunca têm seguimento; é uma isca que seduz os mineradores e os incita a fazer dispendios frequentemente mal recompen-

(195) Um viajante inglez, já justamente criticado por d'Eschwege e Casal, chamou esse correjo *Corvinha de Quatro Ventos*, escrevendo provavelmente *corvinha* por *corregos*, como noutro lugar escreveu *corvos* em vez da mesma palavra *corregos*. Se fosse necessario corrigir todos os erros desse escriptor, o trabalho seria tão longo como fastidioso. Procuraria fazel-o si com isso julgasse realizar algo de util; a obra, porém, do viajante de que se trata aqui é hoje em dia assás aquilutada pelo seu justo valor para que alguém seja tentado a ir nella buscar informções geographicas.

(196) Villa do Principe foi erigida em villa a 14 de janeiro de 1714, no governo de D. BRAZ BALTHASAR. Está situada aos 14^o 17' do lat. e aos 333^o 45' do long. a N.E. de Villa Rica (Vide *Mem. hist.*, vol. VIII, p. II), e está a 3.200 pés de altitude em relação ao nivel do mar (Spix o Mart.). Segundo Casal (*Corog.*, I, 396), seguido por Spix o Martius, não ha mais de 106 leguas de Villa do Principe ao Rio de Janeiro; mas, a seguirmos Pizarro, existem 124, e este ultimo calculo concorda mais com o meu; pois, admitindo as distancias indicadas por Pizarro de Rio a Villa Rica e de Villa Rica a Casas Altas, suppondo, em seguida, que seja necessario contar 3 leguas de Casas Altas a Coacae, estabelego o itinerario da maneira seguinte:

sados. Aliás, como os habitantes de Villa do Principe não têm, em geral, escravos sufficientes para estabelecer lavagens de certo vulto, só os mais ricos se entregam á extracção do ouro; os demais dedicam-se á agricultura, e têm fazendas pelos arredores da villa.

O ouro dos arredores de Villa do Principe é de linda côr. As vezes se o encontra disposto em veios; porém, na maioria das vezes, está disperso na terra argilosa de que se compoem os morros circumjacentes e aquelle em que está edificada a cidade.

Essa terra é de um vermelho carregado. A poeira, a que dá lugar, suja muito facilmente o interior das casas, as vestimentas e a roupa branca, e para conservar-se algum accio, são necessarios cuidados permanentes.

			<i>leguas</i>
De Rio do Janeiro a	Villa Rica		80
" — — —	" Cuzas Altas		8
" — — —	" Cocaes		3
" — — —	" Ponte do Machado		2
" — — —	" Duas Pontes		3 ½
" — — —	" Itumbê		4
" — — —	" Ponte Alta		3
" — — —	" Gaspar Soares		2 ½
" — — —	" Sumidouro		2 ½
" — — —	" Conceição		4
" — — —	" Toporoca		4
" — — —	" Tapanhucanga		2
" — — —	" Villa do Principe		4
Total			122 ½

Sente-se, aliás, que todas essas indicações não possuem de avaliações approximadas, e é provavel que por muito tempo ainda não se as possa perfectamente exactas. Seja como fór, si é mais ou menos certo que existe, como disse Pizarro, 42 leguas de Marianna a Villa do Principe, é bem claro que esse escriptor se equivocou quando indicou Tijuco como situado a 58 leguas de Marianna; pois que a capital do Districto Diamantifero está mais afastada 10 leguas que Villa do Principe.

Villa do Príncipe comprehende cerca de 700 casas e um população de 2.500 a 3.000 individuos (197). Essa villa está edificada sobre a encosta de um morro alongado; e suas casas dispostas em amphitheatro, os jardins que entre ellas se vêem, suas igrejas disseminadas formam um conjunto de aspecto muito agradável, visto das elevações proximas.

A parte oriental da villa é muito melhor construida que a occidental, e é lá que se vêem as principaes igrejas, a *camara* e a *intendencia*.

As ruas são pouco numerosas, e, na maioria, calçadas. As principaes estendem-se de leste a oeste, parallelamente á base do morro; e cada uma dellas acham-se assim traçada, em todo o comprimento, quasi no mesmo plano. Só as ruas transversaes seguem o declive do morro; têm, porém, pequena extensão.

A maioria das casas é esuada, e os portaes e caixilhos das janellas são, geralmente, pintados em cinzento imitando mármore. Algumas não têm mais que o rez-do-chão, outras possuem mais um andar. Na frente essas casas estão no mesmo nível que a rua; como, porém, estão construidas em terreno inclinado, foi necessario procurar algum meio de conservar-lhes o nível, e nada se encontrou de mais pratico do que apoiá-las pela parte trazeira sobre columnas muito elevadas. Do mesmo modo que em todo o resto da provincia, as telhas são de canal, e os telhados avançam menos sobre a rua que os de Villa Rica. As janellas não são tão approximadas como no Rio de Janeiro: algumas possuem caixilhos de vidro; outras, em maior numero, são simplesmente fechadas por postigos ou gelosias. As casas de sobrado têm pequenos balcões de

(197) Si é verdade como o diz o sr. Mawe (*Travels*, p. 214), que em 1809 a população de Villa do Príncipe subia a 5.000 almas, isso provaria como, nesses ultimos tempos, as minas do paiz se esgotaram.

madeira; em parte alguma, porém, encontrei verdadeiras *viraçadas* ou galerias. Cada casa possui um pequeno jardim em que se plantam, sem ordem, bananeiras, mamoeiros, laranjeiras, pés de café, e se cultivam, a mais, couves e algumas especies de cucurbitaceas. Das janellas que se abrem para o campo goza-se de agradável panorama: avistam-se as casas proximas entremeadas de massas espessas de verdura formada pelo arvoredo dos jardins; mais além descortina-se o valle estreito que se estende ao pé da cidade e em cujo fundo corre o Quatro Vintens; do outro lado do valle o olhar repousa em alturas quasi que completamente cobertas da mais linda relva; finalmente, nos planos mais distantes, algumas moitas de arvoredo se avistam entre os morros.

Obrigado a retribuir as numerosas visitas que recebi, tive oportunidade de ver os interiores das principaes casas e achei-os longe de offerecerem aspecto opulento. As vezes os rodapés e tabeiras são pintados á imitação do marmore; no mais as paredes, simplesmente caiadas, não apresentam mais ornamentos que pequenos espelhos e algumas gravuras mal emolduradas. O mobiliario das peças em que se recebem as visitas consiste unicamente em cadeiras antigas de jacarandá, de espaldar muito alto e assento de madeira coberto de couro. Quanto ao mais não se vêem, por parte alguma, nem secretarias, nem armarios, e a casa de meu hospedeiro podia, a esse respeito, ser citada como a unica excepção.

A intendencia é um edificio insignificante, situado fóra da villa, ao pé de um dos morros que defrontam esta ultima. A casa da camara é de aspecto mais modesto que muitas casas particulares.

Não existe em Villa do Principe nenhum estabelecimento de caridade; em compensação, porém, não foi esquecida a construcção de templos; pois que, além da matriz, contam-se quatro outras que devem sua fundação

ao zelo dos fieis. A primeira é certamente uma das mais bellas e grandes vistas por mim, até então, na provincia das Minas. Sua estrutura é apenas de madeira; os intervallos, porém, que entre si deixam os barrotes são preenchidos por esses grandes tijolos em forma de parallelepipedos que já observára em Barbacena (*adobes*). Não se encontram nessa igreja ornamentos de decidido máu gosto; todavia, é preciso exceptuar duas especies de anjos de madeira que servem de candelabros á entrada do santuario, e que estão vestidos como guerreiros. Por cima da porta da igreja ha uma tribuna, e sobre o altar-mór ergue-se, segundo o costume, uma longa serie de degraus destinados a receber castiças e ramilhetes de flôres. A sacristia é muito limpa, bem illuminada e espaçosa; o que é tanto mais necessario nesse paiz, porquanto os homens mais relacionados se reuneem nas sacristias esperando que o sacerdote comece a missa.

Além da igreja parochial pode-se citar ainda as de *S. Francisco* e *N. S. do Carmo*, que são lindas e bem arejadas. A ultima está edificada em uma pequena praça, e para lá se sobe por uma escadaria bastante alta. O interior é bastante claro e ornado de dourados e pinturas; estas estão bem longe de se poderem considerar obras-primas; mas devemos convir que grande numero de templos nossos não possuem melhores.

A pequena praça de que acabo de fallar, e na qual está construida a igreja do Carmo, só é pavimentada em parte; no entanto é de aspecto alegre e regular; as casas dispostas em seu perimetro são limpas e bem construidas; e finalmente, é embelezada pela vegetação dos morros que a dominam por todos os lados.

Não existe em Villa do Principe um unico chafariz, e os habitantes são obrigados a ir buccar no valle a agua de que necessitam,

Ha nessa cidade, duas *estalagens*, e umas doze ou quinze lojas, umas de comestiveis, outras de quinquilharias, louça, tecidos quasi todos de procedencia ingleza, etc. Muitas vezes, como succede igualmente em muitos outros lugares, o mesmo mercador vende simultaneamente belhidas e tecidos; nesse caso, porém, a loja é dividida por um biombo em que existe uma porta de communicação, e, por esse motivo, as mercadorias seccas não se acham misturadas ás liquidas.

A maioria dos comestiveis se vendem por baixo preço na capital do Serro do Frio. No varejo, o alqueire de farinha custa 375 réis (cerca de 2 fr. 70 c.), o de feijão 680 réis, de milho 300 réis; a carne 18 réis (cerca de 12 c.) a libra. Um forte par de sapatos não custa mais de 750 réis (cerca de 4 fr. 70 c.), e o aluguel de uma boa casa não vai além de 2\$000 réis por mez (12 fr. 50 c.). Não obstante, os empregados, que, como se verá adiante, recebem salarios elevados, não vivem folgados. Não podem deixar de andar bem trajados e suas mulheres, dizem todos, exgotam-lhes os recursos com o amor que têm pelo luxo.

As mulheres mostram-se mais em Villa do Principe que nos outros lugares em que estivera até então. Em quasi todas as casas em que entrei de visita, apresentaram-me as senhoras, e foi-me permitido conversar com ellas; não posso, porém, gabar tanto sua belleza como a amabilidade.

Não existe na capital do Serro do Frio nenhum desses estabelecimentos em que os habitantes das cidades europeas vão procurar distrações honestas. Não se encontram aqui nem cafés, nem passeios publicos, nem bibliothecas.

A caçada de veados é, ao que parece, uma das principaes distrações dos habitantes de Villa do Principe, e, em geral, dos de toda a provincia das Minas. Faz-se sem-

pre a cavallo (198). Utilizam-se, nessa caça, cães chamados *veadeiros*, cuja raça parece mestiçada como a de todos os cães do Brasil, e participar da do lebreu e da do grande cão de corso. Seu pelo é geralmente arruivado; têm o corpo fino e alongado, focinho comprido, orelhas curtas e um pouco caídas, cauda longa e pontuda. Não são fechados em canis como nos da Europa; é-lhes permitido andarem pelas casas, geralmente *ajoujados* dois a dois com uma corrente de ferro, e são alimentados com angú e cangica. Chegando ao bosque em que se deseja caçar, separam-se os cães; estes se dispersam, e começam a *ensaiar* logo que frejam um veado. Os caçadores conservam-se fóra da matta, formando um semi-círculo; o animal perseguido procura alcançar o campo, e cae nas mãos dos seus perseguidores. Quando os caçadores reconhecem, pela voz dos cães, que o veado vai sair do bosque pelo lado opposto áquelle em que se enfileiraram, procuram a galope attingir a órla da matta pela qual se suppõe que o animal vai passar, e alcançá-o, assim, com a rapidez da corrida.

Afirmáram-me excellentes caçadores existir, nos arredores de Villa do Principe, cinco especies de cervos que, todas ellas, perdem annualmente a armação. Uma dellas, chamada *catigueiro* (da palavra *catinga*, máu cheiro); deve seu nome ao cheiro desagradavel que exhala, e a faz reconhecer pelos cães. Este odor é devido a uma substancia de côr verde escura que enche uma cavidade profunda que se encontra entre os dois cascos dos pés trazeiros. Os *catigueiros* constituem uma pequena especie com a altura maxima, disseram-me, de trez pés. Quando jovens são mosqueados de branco, e, envelhecendo, tornam-se completamente fulvos. Seus chifres, que medem, têm duas e meia pollegadas e trez de comprimento; não

(198) Pelo menos assim succedeu com a que vou descrever. Fallarei alures de outra especie de caça.

se ramificam; são quasi rectos, e vão diminuindo de grossura desde a base até o ápice, que termina em ponta; sua côr é de um branco sujo ou acinzentado com algumas linhas pardas (199).

Era-me facil obter, na capital do Serro do Frio, informações seguras sobre tudo que concerne á caça; pois que meu hospedeiro a tinha como seu principal divertimento (200). Passei quasi um mez em sua casa, e durante esse tempo não cessou de me prodigalizar as mais captivantes provas de boa vontade e amizade. Era impossivel ser alguém melhor que o fallecido vigario sr. FRANCISCO RODRIGUES RIBEIRO DE AVELLAR. Assim se chamava meu hospedador. Sua casa estava aberta a quem quer que fosse; o pobre estava certo de ali encontrar auxilio, e jamais qualquer parochiano desse digno pastor foi atormentado para pagamento de taxas ecclesiasticas. O sr. Francisco Rodrigues não era homem instruido, não era, tampouco, muito espirituoso; todavia, experimentava-se prazer em sua companhia, porque sua bella alma expandiu-se em tudo o que dizia, era de genio affavel e alegre, e humor constante.

Aproveitei-me da minha estadia em Villa do Principe para ir visitar a casa em que se funde o ouro em pó (*casa da fundição*); antes, porém, de entrar nas minucias dos processos para esse fim usados, acho que devo dizer algo a respeito da circulação desse metal na provincia das Minas.

Já se viu que os particulares podiam, mediante certas condições, extrahir o ouro da terra; mas, ao mesmo tempo, eram obrigados a pagar ao governo a quinta parte do resultado de seus trabalhos.

(199) O catingueiro é o *cervus simplicicornis*, III.

(200) Já se viu que os ecclesiasticos brasileiros não se privam do prazer da caça.

Estabelecimentos destinados á fundição do ouro foram creados em quatro ou cinco sédes de *comarcas*, a saber, Villa Rica, S. João del Rey, Sabará, Villa do Principe (201), e em cada *comarca* existem funcionarios encarregados de tudo o que se relaciona com essa parte da administração. Essa função era originariamente reunida á do primeiro magistrado da *comarca* que, como se verá pela continuação, tem o nome de *ouvidor*; e, por essa mesma época não havia, abaixo do *ouvidor*, para distribuir justiça em primeira instancia, sinão *juizes ordinarios*, eleitos pelos cidadãos. Posteriormente crearam-se para as trez *comarcas* de Villa Rica, S. João del Rey e Sabará funcionarios que, com o titulo particular de *intendente do ouro*, foram encarregados de dirigir as casas em que se funde o ouro em pó, e de tomar conhecimento dos delictos relativos ao contrabando desse metal. Só na *comarca* de Villa do Principe, cuja produção do ouro era menor que a das outras (202), os *ouvidores* continuaram exercendo cumuli-

(201) Pizarro diz, em uma passagem de sua obra, que a ordem de estabelecer repartições para a fundição do ouro foi dada em 1709, e, em outro lugar, diz que foi em 1719. Southey irridira a data de 1720. Uma destas duas ultimas datas é a mais verosimil.

"Existe uma ordem régia de 22 de novembro de 1720, ordenando que a casa da moeda do Rio de Janeiro forneça ajuda de custas nos overanos que iam fundir idêntica repartição em Minas. Logo, sómente em 1721 é que poderiam, dando o espaço de tempo gasta no derreta no viagem incógnita, chegar a seu destino os fundadores da nova casa de cunhagem e realmente, foi nesse anno que ordenou o Conselho Ultramarino que na casa da moeda reconhecesse se lavrassem peças de 15 e 7,5 oitavas de ouro com o título de 22 quilates (V. *Apreciação do Medolheira da Casa da Moeda apresentada na exposição de 1861*, pelo Dr. Cândido de Azeiteo Coutinho, Rio de Janeiro, 1862, pag. 15). N. do T."

(202) Em 1812 e 1813 a *comarca* de Villa Rica produziu, termo medio, cerca de cinco vezes mais ouro que a do Serro do Frio (vide *Eschiv., Journ. von Bras.*, II); esta ultima, segundo Pizarro, não rende ao thezouro mais que 4 ou 5 arrobas nos annos communs, e é do meu conhecimento que a intendencia de Sabará, infinitamente menos productiva que antigamente, dá, no entanto, 2 arrobas por trimestre (1818). Isto, aliás, não deve espantar; pois que, nos annos de 1812 a 1813, se contavam, segundo d'Eschwege, 193 lavagens em orbita da intendencia de Villa Rica; 104 na da intendencia de Sabará,

tivamente as funções de intendentes do ouro. Entretanto, depois da chegada do rei ao Brasil houve ainda uma modificação: *juizes de fóra*, nomeados pelo governo, tomaram o lugar dos *juizes ordinarios*, nas diversas *comarcas*, e foi-lhes confiada a intendencia do ouro (203). Emfim, mais recentemente substituiu-se a designação de intendencia pela de *inspector do ouro*, e, nessa qualidade, os *juizes de fóra* percebem 400\$000 de vencimentos. Acho que não necessito dizer que a *comarca* de Paracatu, creada em 1815, não experimentou as mudanças de que acabo de falar. Lá apenas se instituíram *juizes ordinarios*, e ao principal magistrado é que foram confiadas as funções de intendente do ouro.

Existia antigamente em Villa Rica uma casa da moeda em que se cunhavam peças de ouro. Moedeiros falsos estabeleceram-se em algumas partes da provincia, principalmente na zona de Catas Altas. As moedas que fabricavam tinham o valor intrinseco igual ao das legitimas; evitavam, porém, pagar o quinto ao rei, e lucravam a esmoriagem régia na cunhagem de moedas. Para obviar a esse inconveniente prohibiu-se completamente o uso de

167 na *comarca* de S. João del Rey, e unicamente 97 na de Villa do Príncipe. A parte oriental do Serro do Frio é exclusivamente agrícola; os habitantes da parte occidental se dedicam exclusivamente á criação do gado; finalmente, nas Minas Novas propriamente ditas, onde já não havia, de 1812 a 1813, mais de 11 lavagens (Eschw.), substituiu-se a mineração pela cultura do milho, de assucar, etc., e principalmente, do algodoeiro, o a pequena quantidade de ouro que ainda ahí se extrae do solo, passando quasi que completamente á Bahia pelo contrabando, não vai ter á casa de fundição de Villa do Príncipe.

(203) O cargo do intendentes do ouro propriamente dito foi supprimido, segundo Pizarro, por decreto de 6 de dezembro do 1811; todavia parece, pelo que diz o mesmo autor, que houve excepção para a intendencia de Villa do Príncipe, e que, nessa villa, os *ouvidores* continuaram intendentes até 20 de julho do 1815. (*Mem. hist.*, vol. VIII, p. II, pag. 90 e 136).

moedas de ouro na provincia das Minas (204), e não foi mais permittida sinão a circulação de ouro em pó. Quando se comprava alguma coisa pesava-se a quantidade de ouro necessaria para pagar o valor, e o viajante via-se obrigado a trazer sempre consigo balanças portateis.

Além disso a circulação do ouro em pó apresentava gravissimos inconvenientes. Afim de augmentar o peso do metal misturava-se terra ou areia, e se utilizava, principalmente, nessa falsificação, uma especie de areia brilhante denominada *ogó* que se encontra para os lados de Sabará.

Com a chegada do principe a circulação do ouro em pó foi completamente prohibida, e só os taberneiros conservavam a permissão de poder receber o em pagamento até a importancia de 4 *oitavas* (30 fr.). Estabeleceram-se casas de conversão (*casas de permuta*), onde os que possuíam pequenas quantidades de ouro em pó as levavam para receber, em troca, bilhetes, chamados de *permuta*, de um *vintem* de ouro a meia *oitava*. Esses bilhetes circulam como dinheiro em toda a provincia, e, quando se possui em mãos certa quantidade delles, pode-se levá-los ás intencencias do ouro e permutá-los por barras; todavia, por occasião da minha viagem, já se começava a proceder com menor esculpulo nas trocas, e já se havia respondido a portadores de bilhetes que não havia dinheiro. Seja como fôr os que mantêm casas de permuta não recebem por isso nenhuma retribuição; gozam, porém, em recompensa de seus trabalhos, de certos privilegios. O governo, tendo soffrido perdas consideraveis com a má qualidade do ouro fornecido pelas casas de permuta, ordenou que além do quinto que lhe era devido, seriam retidos, em virtude da depreciação, uns tantos por cento, variaveis segundo o lugar em que o ouro foi recolhido, e, para esse

(204) A casa da moeda de Villa Rica foi supprimada no mez de julho de 1735. (V. *Mem. hist.*, vol. VIII, p. II).

verificação não haveria grande difficuldade, pois que a practica basta para fazer reconhecer de que localidade é originario o metal (205).

Reccebe-se o ouro em pó nas casas de permuta até o valor de quatro *oitavas*: ácima dessa quantidade é-se obrigado a levá-lo ás intendencias. Os empregados da administração cobram o quinto que lhe é devido; fundem o resto para entregá-lo ao proprietario, e cada barra é fundida com o proprio ouro fornecido.

Quando um homem quer levar ouro em pó a uma intendencia, vai munir-se na casa de permuta do lugar em que habita, de uma especie de passaporte (*guia* ou *carta de guia*) que indica a quantidade de ouro que leva, e esse passaporte é para o portador uma salvaguarda que o impede de ser inquietado pelos soldados encarregados de dar busca aos contrabandistas.

Do antigo costume de fazer circular o ouro em pó na provincia das Minas e de pesá-lo constantemente, resultou o de ainda se contar em *vintens* de ouro e *oitavas*, que não são mais que os representantes em valor dos pesos do mesmo nome. O *vintem* de ouro vale 37,5 réis, enquanto que o vintem de Portugal, Rio de Janeiro e provincias não auríferas, apenas contem 20 réis. Quanto á *oitava*, considerada como moeda de curso, equivale a 1200 réis, e é igualmente por essa somma que se recche, nas casas

(205) O ouro de Villa do Principe é, como já o disse araz, de bella côr; o de Minas Novas, e, em particular, o de *Arassuahy*, é de um amarello soberbo; enfim, encontra-se em Itabira do Mato dentro ouro de todos os matizes, desde o amarello vivo até a côr do chumbo. O ouro de *Cocoes* e de *Inficiunado*, dizem Spix e Martius, é de uma pareza notavel, mas, sua côr não é amarella viva; muitas vezes, mesmo, é pallida e se approxima da do cobre. O titulo do ouro varia, igualmente, segundo as localidades; o ouro de Minas Novas é geralmente, de 24 quilates; o dos arredores de Sabará é de 22 a 23 quilates, ternio medio; de *Congoulas*, de *Sabará* em particular, de 18 a 19 k. (Spix e Mart.); de Villa Rica, de 20 a 23 (Spix e Mart.); de Sant'Anna, perto de Itabira, 23 k., 3, etc.

de cambio, o peso de uma *oitava*; mas não é menos verdade que seu valor intrinseco é frequentemente muito mais alto.

Como já disse, fui ver, estando em Villa do Principe, o estabelecimento em que se funde o ouro em pó; fui muito bem recebido pelos empregados, e responderam com extrema complacencia a minhas perguntas.

A menor quantidade de ouro que se pode levar ás intendencias, para reáuzir a lingotes, é a de oito *oitavas*. A primeira operação feita é a de pesar o metal destinado a ser fundido. E' o thesourceiro o encarregado dessa operação. Inscreve, em uma folha solta, o nome do individuo que leva o ouro e o peso encontrado; calcula o quinto devido ao rei; indica no mesmo papel esse quinto e faz a subtracção. O ouro que resta para o proprietario é, depois disso, entregue ao fundidor, e um dos escripturarios da intendencia deve assistir á operação. Colloca-se o ouro em pó em um cadinho, misturando-lhe um pouco de limalha de ferro. O cadinho posto sobre o fogo, é rodado e coberto de carvão; no cabo de alguns minutos afasta-se o carvão que cobre o cadinho, e, com uma pinça, deita-se um pouco de sublimado corrosivo. Retira-se, em seguida, o cadinho do forno, e derrama-se o ouro fundido em um molde aberto, em que se passou azeite. Quando a barra se formou é retirada do molde, e mergulhada na agua. Toda essa operação dura cerca de dez minutos. A barra fundida é entregue ao *ajudante ensaiador*, que grava numa das extremidades as armas de Portugal e na outra uma esphera armillar. O mesmo funcionario indica em seguida, no lingote, em que anno esse se fundiu; grava o numero de ordem, e entrega-o ao *ensaiador chefe*. Este ultimo pesquisa o titulo, operação que pode exigir cerca de meia hora. Quando se encontrou o titulo, o *ajudante ensaiador* indica-o sobre a barra mediante um punção;

põe a marca do ensaiador, e, em um dos lados da barra em que se retirou um pequeno pedaço para reconhecer o titulo, grava a letra R. A barra é levada em seguida ao thesoureiro que a pesa e insereve seu titulo e peso na folha solta de que já fallei. O peso da barra é inscripto na mesma pelo ajudante ensaiador. Finalmente, o primeiro escriptão lavra um certificado chamado *guia*, que, assignado por elle e o intendente ou inspector, deve acompanhar a barra na circulação. Esse certificado indica o peso do ouro em pó levado á intendencia, o valor do quinto cobrado pelo governo, o peso da barra, seu titulo e seu valor numerario. Quanto ás folhas soltas que servem, por assim dizer, de matrizes ás *guias*, são reunidas em maços e guardadas na intendencia. As *guias* são impressas, e o escriptão não tem mais que preenchê-las com as indicações variaveis. Quando o que levou o ouro em pó recebe a barra, assigna, em um registo, um reconhecimento que tem as mesmas indicações que a *guia*. Esses recibos são impressos do mesmo modo que as proprias *guias*, e tambem não ha mais nada a fazer que escrever nos lugares em branco. Os principaes funcionarios da *casa da fundição*, taes como o thesoureiro, o fundidor chefe, o ensaiador chefe, recebem cada um delles 800.000 réis de vencimentos (5.000 fr.); os outros empregados têm ordenados menores.

Não é unicamente 20% que o governo ganha no ouro. Tem um lucro de 18% na operação da cumbagem de moedas, e os particulares perdem ainda 2% pelo modo irregular por que se faz o *ensaio*. Vê-se, portanto, que ha grande vantagem em fazer-se o contrabando do ouro em pó; por isso, todos os annos, apesar da vigilancia da administração, subtraem-se aos direitos valores consideraveis. Como muitos Mineiros pagam com o ouro em pó as mercadorias que adquirem no Rio de Janeiro, não é para admirar que, já tendo garantido assim um lucro de 40%, revendam em

sua terra, essas mesmas mercadorias por preços que pouco differem dos da capital, embóra venham sobrecarregadas por taxas aduaneiras e gastos de transporte. E' assim que em *Cuyabá*, região tão longinqua, o contrabando dos diamantes fornece aos habitantes a regalia de adquirirem os objectos de que têm necessidade por preços tão baixos como nos portos.

Estive em Villa do Príncipe durante a quaresma. Trez vezes por semana ouvia passar pela rua uma dessas procissões que chamam *procissão das almas*, e que têm por objectivo obter do céu a libertação das almas do purgatorio. São ordinariamente precedidas por uma matracuca; nenhum sacerdote as acompanha, e são unicamente constituídas pelos habitantes do lugar possuidores de voz mais agradável (206).

No domingo de Ramos, após o pôr do sol, houve tambem uma procissão de penitentes da immundade de São Francisco. Estavam vestidos com uma especie de alva branca que lhes cobria a nuca, e caminhavam lentamente em duas filas, cantando com voz pouco elevada. Cada um delles levava na extremidade de um bastão uma véla envolvida por uma especie de lanterna de papel em forma de cônc invertido, aberto por cima. Em seguida ás duas filas de penitentes, que, na maioria, eram mulatos e negros livres, vinha um andor sustentado por quatro pessoas, no qual estava uma imagem de tamanho natural representando Jesus-Christo carregando a cruz. Em seguida a esse andor caminhava um sacerdote que levava o Santissimo, e grande multidão de povo caminhando sem ordem fechava o prestito.

A quinta-feira santa é considerada nesse lugar como das maiores festas do anno: nesse dia não se trabalha, e se celebrou, na igreja matriz de Villa do Príncipe, uma

(206) Vi procissões taes como as acabei do descrever tanto em Iabira como em Villa do Príncipe.

missa com musica, á qual assistiram em traje de gala as pessoas de maior consideração do local. Os musicos, todos habitantes do districto, estavam reunidos em uma tribuna, e o publico não tomou parte nos cantos. A musica era apropriada á santidade do lugar assim como á solemnidade da festa, e foi perfeitamente executada. Varios dos cantores tinham optima voz, e duvido que em qualquer cidade do norte da França de população equivalente, se executasse uma missa musicada tão bem quanto essa o foi. Os parochos, não sendo obrigados a officiar em missas sollemnes, recebem uma retribuição todas as vezes que celebram uma. Foram os irmãos do Santissimo Sacramento que custearam, em Villa do Principe, a da quinta-feira santa; o vigario recebeu 4.000 réis (25 fr.), e os adjunctos, que serviram de diacono e sub-diacono, foram pagos na mesma proporção. Como a irmandade não era então rica, não se celebrou nenhuma dessas ceremonias praticadas nessa época em nossas igrejas, porque teria sido necessario pagal-as ao vigario. O Santissimo Sacramento ficou simplesmente exposto no altar-mór, e não se ergueram dessas capellas que entre nós se chamam paraísos, altares portateis ou monumentos.

Na sexta-feira santa os officiaes de officio trabalharam tão pouco como na vespera; a indigencia, porém, das irmandades, não permittiu realisar-se um unico officio.

Já se tinha annunciado, desde muito, por toda a provincia, que a coroação do rei de Portugal e do Brasil teria lugar no Rio de Janeiro a 6 de Abril (1817), que era o dia de Paschoa. Quiz-se tambem celebrar, em Villa do Principe, esse notavel acontecimento; em consequencia, na vespera soltaram-se foguetes e bombas durante o dia todo; á tarde do mesmo dia todas as casas foram illuminadas; os principaes habitantes passearam pelas ruas acompanhados de bandas de musica, e, quando o grupo chegou ao canto da praça em que residia o cura, um dos empre-

gados da thesouraria leu um pequeno poema em honra do soberano; finalmente, os negros dansaram durante toda a noite.

No dia seguinte, dia da festa, pelas dez horas, os membros da camara municipal, (*camaristas*), com o *ouvidor* á frente, dirigiram-se á igreja em traje de gala.

O *ouvidor* levava um manto de seda negra, com preguedo miudo nas costas, e largas pregas aos hombros; trazia á cabeça um capello redondo muito baixo, e na mão a longa vara branca, symbolo da sua dignidade. Os *camaristas* calçavam sapatos com fivelas, meias de seda branca, casaca e calções negros e uma vestia de setim branco; tinham uma longa gravata de filó ou renda que descia do alto do pescoço até o estomago; e, por cima das suas vestes fluctuava uma capa de seda negra com gola de setim branco, e debruada com uma larga fita do mesmo estoffo. Cobria-lhes a cabeça um chapéu a Henrique IV, orlado de pellos brancos e com pluma da mesma côr; o botão desses chapéus era bastante rico, e geralmente ornado de grande numero de chrysolithas. Como o *ouvidor*, os funcionarios traziam na mão um bastão de cerca de seis pés; mas, em vez de branco, era dourado, e, na extremidade superior, viam-se as armas de Portugal.

Os *camaristas* e o *ouvidor* ouviram a missa alinhados em duas filas no meio da nave, logo abaixo da entrada do côro. Como a missa não era paga, foi dita em voz baixa. Quando terminou, os *camaristas*, o *ouvidor* e os principaes cidadãos entraram na *casa da camara*. Lá se leu uma formula de juramento que cada um assignou por sua vez, enquanto um destacamento da milicia, reunido á entrada da igreja matriz, dava tiros de fuzil. O *ouvidor*, durante a assignatura do juramento, me fez sentar ao seu lado; mas, na minha qualidade de Francez, contentei-me em ser simples expectador. Após o juramento voltou-se á igreja, e cantou-se um *Te Deum* com musica, que foi

admiravelmente bem executado. Dessa vez a *camara* e o *ouvidor* foram para o côro; cada *camarista*, assim como os principaes moradores receberam um cirio, e me quizeram prestar a mesina honraria. Pelo fim do *Te Deum*, um sacerdote, que fazia as funcções de sub-diacono, apresentou o incenso ao *ouvidor* e aos membros da *camara*.

Quando o *Te Deum* terminou os dois *almotaceis* (especie de inspectores de policia), e o *juiz do povo* montaram a cavallo. Eram seguidos pelos principaes cidadãos, após os quaes vinham os *camaristas* e o *ouvidor*. O *juiz do povo* levava um estandarte com as armas de Portugal e marchava entre dois *almotaceis*. Em todas as esquinas e encruzilhadas os trez cavalleiros paravam, e o *juiz do povo* gritava: *Viva o rei dos reinos unidos de Portugal, Brasil e Algarves!* O povo descobria-se, e respondia *viva!* Quando o cortejo acabou de percorrer a cidade, voltou á porta da *casa da camara*, e abi se deu a dispersão.

Á tardinha mascarados, quasi todos armados de sabres, se espalharam pela villa. Não foi, porém, em honra da coroação que teve lugar esse carnaval: todos os annos, garantiram-me, elle se repete no dia de Paschoa, nas diversas partes da provincia. As mascaras que passavam pela casa do cura saudavam-no, e elle respondia á saudação. Um magote delles, entre os quaes havia muitos homens disfarçados em mulher, parou na praça em que eu estava morando, e se poz a dansar o *batuque*; grande numero de senhoras se achavam ás janellas, e observei que nenhuma dellas se retirou durante essa dansa obscena.

Quando anoiteceu fizeram-se luminarias como na vespera. Os negros, creoulos e africanos, puzeram-se a passear pelas ruas; estes, fazendo ouvir sua musica monotona e cansativa, e os primeiros cantando, em tom menos uniforme, coplas em honra ao soberano. Enquanto isso, uma parte dos principaes habitantes percorria a villa a cavallo e fantasiados. Á medida que marchavam soltavam-se á

sua retaguarda bombas e foguetes; paravam às esquinas das ruas principaes e dois dentre elles recitavam repetidamente versos em que se fazia o panegyrico do principe. Quando o cortejo chegou defronte á casa do vigario, fez-se-lhe uma pequena saudação. A festa terminou por danças de negros que se prolongaram bastante pela noite a dentro: fôra celebrada do modo mais brilhante possível com tão escassa população.

CAPITULO XV

DA ORDEM JUDICIARIA E ADMINISTRATI- VA NO BRASIL, EM GERAL, E, EM PAR- TICULAR, NA PROVINCIA DE MINAS GE- RAES. — DAS MILICIAS E DO REGIMENTO DAS MINAS.

Divisões do Brasil. — As da provincia das Minas. — Capitães generaes. Seu despotismo. Exemplos de tyrannia. Ideias de um capitão-general sobre o povo que governava. Mudança operada pela chegada do rei D. João VI ao Brasil. Facto historico. D. MANOEL DE CASTRO E PORTUGAL. Obstaculos que encontravam os capitães-generaes melhor intencionados: ideias do sr. J. C. A. DE OYENHAUSEN. — Da administração da justiça. Das diversas instancias. *Ouvidor*. *Juiz ordinario* e *juiz de fóra*; differença que existe entre esses magistrados. Nomenção dos *juizes ordinarios*. Assessores. *Escrivães dos ouvidores*. *Tabelliães*; *distribuidor*. Officios vendidos e dados. — Justiça feita a portas fechadas. Legislação portugueza. — Lentidão da justiça; meio empregado por um capitão general para fazer com que os devedores pagassem. — Da justiça criminal. *Juiz da camera*. — *Junta do crime*. Numero de assassinatos commettidos annualmente na provincia das Minas. Prisões, presidinarios. — Empregos accumulados pelos *ouvidores*. Seus vencimentos. Reflexões sobre a accumulção. — Diversos lugares occupados pelos *juizes de fóra*; seus vencimentos. — Das *camaras*; membros que as compoem; *propinas*. Atribuicção das *camaras*. Sua principal despeza é a criação das creanças abandonadas. Suas rendas. — *Almotaçois*. — *Juiz do povo*. — *Commandantes*. — Registros do estado civil. — Das milicias. Sua boa apresentação e subordinaçõe. Seus coroneis; estes nomeciam os officiaes do seu regimento. — Lei dos trinta escravos. — Dos testamentos. Tribunal dos ausentes. — Do regimento das Minas. Sua composição. Residencia. Funções dos soldados. Seu soldo. Officiaes aggregados. — Resumo (207).

(207) Não necessario dizer que, neste capitulo, apenas quiz descrever o que existia pela época de minha viagem, quer dizer, até 1822, pouco mais ou menos.

Quando deixei Villa do Principe havia já quatro mezes que estava em Minas; convivia com homens illustrados, e obtivera informações áccrecas da administração do paiz. Obrigado continuamente a indicar, no decurso desta narrativa, o nome das differentes magistraturas, creio não dever protelar mais a tarefa de dar a conhecer a organização judicaria e administrativa da provincia de Minas Geraes.

Varias dependencias dessa administração são as mesmas para todo o Brasil; como, todavia, sob o systema colonial, cada capitania formava, de certa forma, um estado distincto, difficil seria não existirem differencas mais ou menos sensiveis na administração das diversas provincias: darei a conhecer no decurso desta taes differencas, na medida do que me fôr possivel.

Antes da revolução que mudou de aspecto o imperio do Brasil, essa região era dividida em vastas porções de territorio de que a maioria tinha o nome de *capitanias*, e algumas o de *provincias*.

A capitania de Minas Geraes, que nos occupa nesse momento, comprehendia, como já o disse, cinco *comarcas*, as do Rio das Mortes, de Villa Rica, do Serro do Frio, de Sabará e de Paracatú.

Cada *comarca* se subdividia por sua vez em *termos*, e as sedes de *termos*, como as de *comarcas*, tinham o nome de *villas* (208).

As capitánias tinham á frente do seu governo *capitães generaes*, cuja auctoridade, quasi illimitada, era ao mesmo tempo civil e militar. Escolhiam-se sempre grandes senhores que se queria favorecer, ou ás vezes, talvez, afastar do paiz. Livres de qualquer vigilancia, saudosos dos prazeres de uma grande capital, cheios de desprezo pela

(208) Talvez provincias existam em que esta palavra *termo*, e mesmo a de *comarca* sejam desconhecidas.

região que governavam, devorados de tédio, não tendo mais eguaes com quem tratar, rodeados de adulares e de escravos, esses capitães generaes entregavam-se bastante frequentemente a todos os caprichos do despotismo; e a voz do povo opprimido não podia chegar até os ouvidos do soberano que residia além dos mares. Si alguém, sensível ás injustiças, fazia, para queixar-se, uma viagem a Lisboa, encontrava o throno cercado de amigos e parentes de seu perseguidor, e após despender sommas consideraveis, voltava á patria acabrunhado de desgostos.

Alguns factos que se passaram em Villa Rica darão uma idea dos actos de tyrannia a que se entregavam, ás vezes, os capitães generaes.

Um governador exigira que se usassem os cabellos cortados. Das janellas do seu palacio avistou um mulato que os trazia longos; mandou buscá-lo por soldados, e, embôrn se tratasse de um homem livre, mandou amarrá-lo ao pelourinho.

Um capitão e um de seus soldados pretendiam ambos adquirir uma casa que se devia levar á praça. O soldado, tendo inutilmente supplicado a seu chefe que não lhe fizesse concorrência, foi rogar ao capitão general que se interessasse em seu favor. Este mandou convidar o capitão a renunciar á casa; este ultimo, porém, retorquiu que o negocio não era em absoluto da alçada do general, que a casa lhe convinha, e que a arremataria. Por essa resposta o general mandou prender o official, e o conservou recluso por varios mezes.

Estava-se para executar um criminoso que fôra condemnado á morte. O general mette-se em cabeça de salvá-lo. Envia ao juiz um sargento e alguns soldados com ordem de reclamar o culpado, e de passar a fio de espada todos os servidores da justiça, no caso que se recusassem a attender á requisição feita. O juiz a principio não queria deixar ir o criminoso; tornou-se mais tratavel,

porém, quando o sargento lhe deu a conhecer a ordem completa do general.

Eu proprio tive, por assim dizer, sob os olhos tristes exemplos da maneira tyrannica com que certos capitães generaes procediam em relação a seus inferiores. Viajei, durante algum tempo, sobre as pégadas de um homem que, tendo sido nomeado capitão general, acabava de se dirigir a seu posto. Antes da partida do Rio de Janeiro tinha arranjado uma comitiva de vis aventureiros, e essa tropa, avançando como que em terra conquistada, se tinha entregue aos mais monstruosos excessos, e espalhára por toda a parte o terror.

O despotismo parecia tão natural aos administradores que um capitão general, aliás notavel por sua brandura e moderação, sustentava perante mim que, para serem respeitados, os capitães generaes deviam manter-se a grande distancia de seus administradores, e não ter com elles outras relações além das exigidas pelas necessidades administrativas. Eis mais ou menos como elle se exprimia: "Os primeiros habitantes do Brasil foram, na maioria, homens de baixa condição, acostumados a extrema sujeição; communicaram a seus descendentes esse espirito de servilismo, que é ainda reforçado pelos que constantemente chegam de Portugal, e não pertencem a classe superior á de seus antecessores. Em um superior que desce até elles, julgam ver um homem que se considera de seu proprio nivel, e tratam-no com pouca consideração". Ha, sem duvida algo de verdadeiro nessas observações. Um povo degradado por longa escravidão não pode, sem inconvenientes, ser de uma hora para outra tratado com se tivesse a nobre tradição de um governo livre. Mas está no proprio interesse dos governantes preparar paulatinamente os povos para uma heu comprehendida liberdade. Si D. João VI, ao chegar ao Rio de Janeiro, tivesse dado a seus subditos americanos instituições que estivessem em harmonia com a nova ordem de

coisas, se tivesse procurado melhor cicatrizar a ferida aberta pelo systema colonial, o imperio do Brasil talvez não tivesse passado pelas terriveis vicissitudes que por pouco não provocaram sua perda.

Para fallar com justiça, é necessario, todavia, couvir que o estabelecimento da côrte de Portugal no Brasil trouxe algumas modificações felizes ao deploravel estado de coisas que acabo de dar a conhecer. Era mais facil ser-se informado no Rio de Janeiro do que em Lisboa, do que se passava na Bahia, em Minas ou São Paulo. O rei era accessivel; podia-se-lhe dirigir supplicas com facilidade, e os capitães generaes sentiram, finalmente, que existia um poder superior a sua auctoridade. O exemplo seguinte provará mesmo que chegou a haver funcionarios culpados que, usando, sem duvida, dos recursos do favor e da intriga, conseguiram triumphar do seu capitão general. D. MANOEL DE CASTRO E PORTUGAL, homem integro, que governava a provincia das Minas quando lá passei, denunciou certas malversações exercidas por funcionarios influentes. Os culpados foram, no entanto, conservados em suas funcções, e o capitão general passou pelo dissabor de ser obrigado a viver entre pessoas que desde então não podia deixar de ter como inimigos, confortado, aliás, pelo reconhecimento do povo, cujos interesses defendera.

O facto que acabo de relatar prova, aliás, que si certos capitães generaes frequentemente abusaram de sua auctoridade, outros houve que se conduziram de forma a merecerem elogios. Pela época em que percorri o Brasil estavam em exercicio capitães generaes muito dignos, e, além do de Minas Geraes que acabo de nomear, posso ainda citar os de Goyaz, São-Paulo e Rio Grande. Entretanto, os melhor intencionados dos capitães generaes nem sempre executavam seus beneficos desígnios, porque,

na propria natureza das coisas, encontravam invenciveis obstaculos.

O sr. JOÃO CARLOS AUGUSTO D'OYENHAUSEN (208-a), que, depois de governar durante varios annos a provincia de *Mato-Grosso*, fôra enviado a São-Paulo, dizia que havia trez phases na vida administrativa de um capitão general, a febre com delirio, a febre sem delirio e a prostração. Um general partia para seu governo sem conhecê-lo; sabendo, porém, que lhe fôra confiada a administração de uma região em que tudo era novo, tudo estava ainda por fazer. Imaginava poder arrancar uma região immensa á barbarie, e illustrar-se realizando grandes coisas. Chegava com a cabeça cheia de planos de todas as especies; todavia, depois de tomar conhecimento das localidades, capacitava-se que suas ideias, concebidas na Europa ou no Rio de Janeiro, não eram applicaveis ao interior do Brasil. Em breve deixava de delirar; modificava seus projectos; adaptava-os melhor á região, e preparava-se para executá-los; não contara, porém, com os obstaculos. Os homens e as coisas oppunham-lhe uma força de inercia mais difficil de vencer que a mais tenaz das resistencias. Desgostava-se e cahia elle proprio nessa apathia em que estavam immersos todos os que o rodeavam.

As funcções judicarias, pelo menos no que concerne ao civil, não entram nas attribuições dos capitães generaes. A justiça é distribuida por todo o Brasil, em primeira instancia, pelos *juizes ordinarios* e os *juizes de fôra*, e em segunda pelos *ouvidores*.

(208-a) Posteriormente Visconde com grandeza, o Marquez de Aracaty. Foi um dos que compuzeram o celebre ministerio das Marcezes, nomeada a 6 de abril de 1831, e que, por ser constituída de titulares suspeitos de nullismo, provocou a revolução popular insuflada pela maçonaria judaica, além de forçar e aldrifação ao primeiro imperador, que não queria ser seu instrumento. D'Oyenhausem renunciou nos lugares que tinha no Senado e no Conselho de Estado, assim como á nacionalidade brasileira, retornando a portuguez. Foi ainda nomeado governador de Moçambique em 1836, posto em que falleceu.

Dos *ouvidores* appella-se para o tribunal da *supplicação*, installado no Rio de Janeiro e composto de magistrados denominados *desembargadores*, e, si se julga conveniente, appella-se directamente para esse tribunal dos *juizes de fóra* (209). Antes da chegada do príncipe, podia-se ir desse mesmo tribunal, que então se chamava *da relação*, á casa da *supplicação*, com séde em Lisboa; actualmente, porém, os desembargadores do Rio de Janeiro julgam em ultima instancia; e, certamente, é ainda uma viagem bastante longa a dos confins da provincia de Goyaz, ou dos de Minas até a capital (210).

Ha tantos *ouvidores* quantas as *comarcas*; nomeados pelo rei, são pagos por elle, e residem nas cabeças de *comarcas*.

Cada *termo* tem, á vontade do soberano, um *juiz de fóra* ou dois *juizes ordinarios*. Esses magistrados exercem absolutamente as mesmas funcções, e são os ultimos na hierarchia judiciaria. O *juiz de fóra*, nomeado pelo rei, não pertence ao districto, donde lhe vem esse nome de *juiz de fóra*; deve possuir estudos especializados das leis; fica durante trez annos em cada lugar, e é pago pelo governo: os *juizes ordinarios*, ao contrario, escolhidos pelo povo entre os cidadãos de maior consideração, não percebem, por assim dizer, nenhuns emolumentos, e renovam-se annualmente.

Para a nomeação dos *juizes ordinarios*, o ouvidor transporta-se a cada *termo* da sua *comarca*. O povo não

(209) Antigamente os Mineiros eram obrigados a appellar para o tribunal da *relação*, com assento na Bahia; como, porém, representaram que a extrema distancia desso fóro lhes causava grandes prejuizos, estabeleceram-se no Rio de Janeiro, em 15 de julho de 1751, um tribunal da *relação*, semellante ao da Bahia, e deu-se-lhe por orbita a immensa extensão do paiz comprehendida entre a extremidade da provincia do Espirito-Santo e a colonia do Sacramento, e, pelo interior, todo o territorio que se estende até Mato-Grosso (Piz., *Mem. hist.*, vol. VII, pg. 179).

(210) Vide adiante, pg. 365.

elege directamente os juizes ordinarios; escolhe seis *electores*, que, esses, elegem os juizes. Cada cidadão apto a votar dá seu voto de viva voz ao *ouvidor* que insereve os nomes, e faz a apuração. Os electores victoriosos se separam em trez secções (*pantas*) de dois electores, e cada secção emitte seu voto por escripto. O *ouvidor* recolhe pela segunda vez os suffragios e proclama á sua escolha as pessoas indicadas em uma das trez listas. Affirmam, aliás, que quasi sempre se sabe antecipadamente quaes os que serão nomeados.

O modo de eleição que acabo de descrever se denomina *eleição de pellouros* (211). Existe outro que chamam *eleição de barrete*; e eis em que casos é usado. Quando um homem foi eleito pelo primeiro processo, e apresenta razões legítimas para não occupar o cargo, a *camara* ou conselho municipal se reúne sem que o *ouvidor* seja obrigado a transportar-se ao local. Recbe os votos dos cidadãos, e o lugar se adjudica ao que reunir maior numero de suffragios.

Como vimos acima, em cada *termo* apenas existe um *juiz de fóra* ou dois *juizes ordinarios*. A razão dessa differença é faeil de comprehender. Os *juizes de fóra*, percebendo vencimentos, são compensados dos sacrificios que delles exigem os deveres de seu cargo. Os *juizes ordinarios*, pelo contrario, só recebem 100 réis por sentença, e se nomeiam dois de cada vez para que possam, durante o mez, exercer alternativamente suas funcções de juiz, e tratar de seus interesses particulares.

Como os juizes ordinarios, geralmente sahidos da classe dos proprietarios, são extranhos á jurisprudencia, recorreu a um *assessor* que estudou direito, e que pagam

(211) O termo *pellouro* significa simplesmente uma bala. Encontrava-se em uma bala de cera a cedula em que se inscrevia o nome do juiz ordinario ou membro da *camara*, e dahi provem o nome de *eleição de pellouros*. Não sei si esse costume ainda está em vigor em alguma parte.

do seu bolso. Quando o juiz ordinario profere uma sentença em seu proprio nome, pode, quando transcorrido o tempo de suas funcções, ser accusado de injustiça por quem elle condemnou; quando, porém, a sentença foi dada em nome do assessor, o juiz está no abrigo de qualquer ataque.

Os *ouvidores* têm um notario privativo ao qual se dá o nome de *escrivão da ouvidoria*. Quanto aos *juizes de fóra* e *juizes ordinarios*, são os tabelliães que lhes servem de escrivães. Cada villa tem dois tabelliães, e os habitantes são livres de escolher um ou outro para os testamentos e outros actos; não succede o mesmo, porém, quando os tabelliães exercem as funcções de escrivão. As causas são então partilhadas entre elles por um magistrado, denominado *distribuidor*, que deve fazer essa partilha de modo que os serventuarios retirem de seu officio renda igual. Quando o juiz dá audiencias, os dois tabelliães devem estar presentes, e não só exercem junto ao magistrado as funcções de escrivão, como são tambem empregados como *meirinhos*, quando o juiz quer mandar citar alguém que merece consideração pela cathegoria occupada na sociedade.

Os officios de escrivão dos *ouvidores*, de tabelliães e varios outros, se arrematam em praça de trez em trez annos. Essa especie de leilão tem lugar em Villa Rica sob os auspicios da *junta da fazenda real*. E' essa uma das rendas da provincia; diminuiu, porém, de alguns annos para cá, por que o soberano, para recompensar servidores ou favoritos, agraciou-os com varios *officios*. Os que receberam essas investiduras, em prejuizo dos interesses da provincia, ficam no Rio de Janeiro; cedem uma parte dos emolumentos a prepostos que se encarregam do trabalho, e embolsam o resto.

Vimos que podia haver, á vontade do rei, dois *juizes ordinarios* ou um *juiz de fóra* em cada *termo*. Os pleiteantes têm a temer a ignorancia dos *juizes ordinarios* e

a venalidade dos *juizes de fóra*; garantiram-me, todavia, que estes ultimos eram ainda assim preferidos nos primeiros, pelo motivo, talvez, de que se é levado a estimar mais o que se conhece menos (212).

Si os capitães generaes usavam muitas vezes de poder despotico, os *juizes de fóra* e os *ouvidores* não exerciam na sua esphera auctoridade menos absoluta. O facto que vou relatar fornecerá um exemplo. Um juiz de fóra encarregára a um de seus meirinhos de me servir de guia. Este cedeu á tentação de ir assistir a uma festa, e deixou-me. De volta a sua casa foi condemnado a ficar preso até a minha volta. Estive ausente mais de um mez, e, á minha chegada encontrei o pobre meirinho occupado no calçamento de uma rua em companhia de criminosos.

Póde-se, como já o disse, appellar das sentenças do *juiz de fóra* para o *ouvidor* da *comarca*, e, deste, para a côrte suprema do Rio de Janeiro; mas, quanta gente existe que, na esperança incerta de fazer reformar na capital uma sentença iniqua, se decide a viajar durante dois ou trez mezes por um paiz deserto, e augmentar, com novas despesas e longa ausencia, os prejuizos já soffridos! As próprias sêdes de *termo* são muitas vezes distantes varios dias de viagem das capitães de *comarca*. O pobre fica no lugar e soffre a injustiça. A tal ponto chega o immenso inconveniente da dispersão de uma povo tão pouco numeroso, por extensões tão grandes de terras (213). Embora o poder real seja absoluto, as auctoridades subalternas se sentem de tal forma fortalecidas pela distancia, que podem oppôr mil entraves á execução das ordens do soberano, quando estas contrariam algum dos seus interesses. Desse modo, até o individuo que se foi

(212) Não poderia dizer, aliás, até que ponto essa preferencia é geral.

(213) Isto aqui confirma o que foi dito no capitulo IX sobre o absurdo de um decreto que tende a encorajar essa dispersão.

lançar aos pés do príncipe e d'elle obteve uma decisão favoravel a seus direitos, está longe de ter triumphado de todos os obstaculos. Antes de obter justiça ainda que é necessario lutar por muito tempo contra as auctoridades subalternas que lhe são hostis.

A justiça se distribue a portas fechadas, e, tanto em primeira como em segunda instancia, um juiz singular se pronuncia, como vimos, sobre os interesses dos cidadãos. Assim, em um paiz no qual uma longa escravidão fez, por assim dizer, da corrupção uma especie de habito, os magistrados, libertos de qualquer especie de vigilancia (213-a) podem impunemente ceder ás tentações.

Todos que estudaram a legislação portugueza convêm que ella apresenta um agglomerado de leis que se contrariam. O juiz singular encontra sempre qualquer disposição legal em que estribar suas sentenças; o juiz integro faz de certo modo abstracção das leis, e consulta apenas as luzes de sua consciencia.

Talvez em paiz algum a justiça seja tão lenta como no Brasil. Por isso os capitães generaes bem intencionados por mais de uma vez usaram de sua auctoridade para cortar as difficuldades, e poupar aos litigantes as demoras da chicana, e os gastos que ellas acarretam. Em uma das capitánias que percorri, os credores que não podiam

(213-a) Era costume no tempo em que escrevi Saint-Hilaire, e ainda depois, deliberação contra o *terrore despotismo* dos tenentes coloniazes. Não nego que nessa época houve-se injustiças e abusos; estas eram, porém, consequencia das inevitáveis imperfeições humanas, e muito mais ainda, das difficuldades inherentes á grande distancia, que forçavam muitas vezes os que se foram a desistir de suas acções, e das imperfeições da technica judicial, das quaes ainda hoje não estamos livres, de que propriamente da ignorancia ou corruptibilidade da magistratura colonial, geralmente escolhida a rigor, procurando o governo sempre mantela livre de quaisquer "gações que pudessem tolher-lhes a acção ou perturbalhes a serenidade e independencia" nos julgamentos. Os juizes não podiam contrahir matrimonio nas sedes de suas jurisdicções além do não ficarem presos pelos laços do parentesco a nenhuma das famílias sujeitas a sua jurisdicção: e todo magistrado, ao puzar o cargo no substituto ficava sujeito á residencia, isto é, decesso ou *inquerito* sobre seus actos, feita pelo successor. Não faltaram casos, durante o período colonial, de juizes e governantes condemnados por abusos e prescrições, o que basta para provar que havia fiscalização bastante rigorosa de seus actos, e que, si um ou outro abusava, não era por que pudesse contar com a impunidad.

fazer-se reembolsar por seus devedores, em vez de seguir o caminho pedregoso da justiça, recorriam frequentemente ao general. Este mandava vir o devedor, e perguntava-lhe em quanto tempo podia saldar sua dívida. O devedor indicava uma época qualquer; o general ordenava-lhe que escrevesse uma promessa de pagamento para essa época, e guardava o documento. Não é permittida a prisão por dividas; si, porém, no dia do vencimento, a obrigação não era cumprida, o general mandava encarcerar o devedor por lhe ter faltado a elle proprio, e o credor não tardava em ser satisfeito.

Em materia criminal são os *juizes de fóra* que instruem o processo; recebem os testemunhos, e declaram si o individuo é culpado; não proferem, porém, sentença.

Em cada povoação se encontra um official de justiça subordinado ao *juiz de fóra*, e que denominam *juiz da vintena* (214). Esse magistrado, que é assistido por um *escrivão*, preside nos inqueritos das causas crime commetidas na zona de sua jurisdicção, e envia os autos a seu superior.

Quanto aos julgamentos, são feitos pela *junta do crime*, com assento em Villa Rica. Essa junta se compõe do capitão general, que é o presidente, do *ouvidor* e do *juiz de fóra* de Villa Rica, do *ouvidor* de S. João del Rey e do de Subará. Reune-se quando o general julga conveniente, e julga em ultima instancia.

Asseguram-me que, todos os annos, havia cerca de sessenta pessoas condemnadas por homicidio, na provincia de Minas. O que é certo é que, quando passei por Minas Novas, havia, só nas cadeias desse termo, onze escravos accusados de ter assassinado seus senhores. Em geral os morticínios, embora menos frequentes em Minas

(214) A palavra *vintena* significa um conjuncto de vinte lares (Mor., Dic., I, p. 251); desse modo, *juiz do vintena* quer dizer, a rigor, um *juiz encarregado do velar por vinte casas*.

Geracs, talvez, que em outras provincias, são ainda assim bastante numerosos entre os Mineiros, e garantiram-me que o numero dos condemnados não constituia nem a decima parte dos culpados. Compreende-se que em uma região em que a população é tão escassa, e onde as montanhas offerecem tantos asylos garantidos, deve ser muito facil escapar á justiça, exercida, quiçá, com excessiva negligencia. Um criminoso foge para algumas leguas de distancia do local em que commetteu o crime, e está ao abrigo de qualquer inquietação. Mais de uma vez, no decurso de minhas viagens, encontrei desses criminosos foragidos, e não pude deixar de ficar surprehendido pela indifferença com que me confessavam a causa de sua mudança de domicilio: pronunciavam essas palavras, *sou criminoso*, mais ou menos no mesmo tom com que me diriam, *sou negociante* ou *lavrador*. Não se julgue, porém, que seja para roubar que assassinam; praticam-se essas crimes por ciúmes, odio ou vingança.

Existe uma prisão em cada *villa* ou *séde de termo*. O andar terreo das *casas da camara* é, em todas as localidades, reservado para os presos, e são vistos ás grades, solicitando a piedade dos passantes ou conversando com elles. E' necessario, aliás, que os encarcerados estejam, tanto quanto possível, em contacto com os cidadãos, pois estes ultimos é que os alimentam com suas esmolas. Não se pode regatear elogios á humanidade dos Mineiros; é, porém, facil esquecer aos que se não vê, e asseguraram-me que presos houve que morreram de fome.

Os *ouvidores* não são unicamente juizes; exercem tambem auctoridade administrativa, e accumulam varias especies de magistraturas. Em todas as partes de uma *comarca* em que não existe juiz de fóra, o *ouvidor* preside ao tribunal dos ausentes, encarregado da administração de seus bens; superintende igualmente a dos bens das irmandades; é tambem *corregedor*, e, nessa ultima qualidade, dirige o policiamento e tem de exercer vi-

gilancia sobre os tabelliães, escrivães e officinas de justiça. Finalmente, o *ouvidor* de Villa Rica preside ao *tribunal da coroa* (215), peculiar á provincia das Minas, ou que, pelo menos, não foi estabelecido em todas as provincias. Composto do *ouvidor*, do inspector do ouro e de um juriconsulto, esse tribunal é encarregado de julgar as questões que se levantam, motivadas por direitos ecclesiasticos, entre o bispo e seu cléro, entre os varios membros dessa corporação, e entre os clérigos e leigos.

Os *ouvidores* não percebem, nessa qualidade, sinão a importancia de 500,000 réis (3125 fr.) (216); mas recebem ainda os vencimentos dos varios cargos que occupam. Varios direitos de que, em particular, goza o *ouvidor* de Sabará podem clevar-se a trez mil cruzados (7500 fr.), e o de Villa Rica aufére cerca de dez mil cruzados (25,000) de todos os seus cargos.

Não se pode deixar de considerar como um enorme mal para os Brasileiros a accumulção de tantas funcções por uma só cabeça. Separando-as multiplicar-se-iam as esperanças; maior numero de jovens se applicaria aos estudos; a emulação que falta completamente á juventude do Brasil começaria a renascer; haveria menor numero de capacidades perdidas e de homens dignos condemnados á ociosidade; quando o soberano tivesse que preencher um cargo não se acharia tão estreitamente limitado na sua escolha, e poderia ser mais exigente; os funcionarios, sendo mais numerosos, temeriam maior vigilancia e procederiam mais correctamente; finalmente, como os venci-

(215) Casal e Pizarro dizem, do modo mais cathorico, que a jurisdicção do *ouvidor* de Villa Rica, como *juiz de coroa*, abarca toda a provincia. Devo, entretanto, fazer notar que, após ter expresso essa assignação (*Cor.*, I, pg. 368), Casal diz um pouco além (pg. 378) que o *ouvidor* de S. João del Rey é tambem *juiz da coroa*.

(216) E' pelo menos assim para os *ouvidores* de Villa Rica, Sabará, Villa do Principe, S. João del Rey.

mentos seriam menores, os funcionarios não mais poderiam dar o exemplo de um luxo que se procura sempre imitar, e que arrasta frequentemente as familias á ruína.

Os *juizes de fóra* accumulam diversos empregos como os *ouvidores*. Na qualidade de juizes, propriamente ditos, não ganham mais que 400,000 réis; mas, como já vimos, recebem quantia equivalente para exercer as funcções de inspector do ouro; finalmente, recebeu ainda emolumentos como juizes dos ausentes, de orphãos, etc. O de Villa Rica, em particular, recebe 400,000 réis (2500 fr.) por um cargo que exerce com a designação de *ouvidor da guerra* nos conselhos de guerra reunidos nessa villa; a totalidade de seus vencimentos eleva-se, pelo menos, a oito mil cruzados (25.000 fr.), e os rendimentos do *juiz de fóra* de Sabará são avaliados em dez mil cruzados.

São os *juizes de fóra* ou os *juizes ordinarios* que presidem a especie de senado ou conselho municipal estabelecido em cada *séde de termo* com o nome de *camara*, e que é encarregado de tudo o que respeita aos interesses locais.

Os membros da *camara* (*camaristas*) são eleitos pelos cidadãos pelo mesmo processo que os *juizes ordinarios*. Trez dentre elles têm o titulo de *vereadores* (217), e o quarto, que é o thesoureiro, é denominado *procurador*. A *camara* deve reunir-se duas vezes por semana; delibera, resolve; o poder executivo, porém, pertence ao presidente, quer dizer, ao *juiz de fóra* ou ao *juiz ordinario*.

Os *camaristas* são obrigados a exercer suas funcções gratuitamente; mas, sob o nome de *propinas*, concede-se-lhes uma gratificação que é paga pelos rendimentos da *camara*, e que varia conforme os *termos*. Assim, por exemplo, os *camaristas* de Villa do Principe recebem 40,000 réis (250 fr.); os de Caeté cerca de 60,000 réis (375 fr.), etc. Cada *camara* tem um *escrivão*, que recebe vencimen-

(217) Da palavra *verear*, governar.

tos e não tem voz no conselho. Esse officio é um dos que, de trez em trez annos, vão á praça em Villa Rica.

As *camaras* são obrigadas a zelar pela conservação das estradas, de mandar construir e reparar as pontes sobre as *estradas reaes*, de conservar os edificios em que realizam suas sessões, calçar as ruas das villas, etc.

Um dos seus mais onerosos encargos é o da criação das creanças enjeitadas. Nada é tão commum, nesse paiz, como a bastardia. Tem-se o costume de expôr os filhos naturaes á porta das pessoas que se julgam bastante caridosas para adoptal-os; quando, porém, alguém não se quer encarregar de uma creança assim exposta, vai entregal-a á *camara*. Esta procura uma pessoa que consinta em educar a creança mediante um salario de 24 oitavas (180 fr.) que se pagam annualmente durante sete annos. Cessa, então, a retribuição; o educador é obrigado a continuar sustentando a creança, a vestil-a, envia-la ao collegio, e esta, quando attingir certa idade, tem o direito de exigir o pagamento dos serviços que começou a prestar desde que attingiu os oito annos de idade (218).

Para pôr as *camaras* em condições de fazer face ás despesas de que estão encarregadas, o governo concede-lhes o producto de varios impostos, que, em geral, variam conforme as localidades, e recaem ordinariamente sobre os generos que a região produz em maior abundancia. Existe, todavia, um certo numero de direitos que fazem parte da renda de todas as *camaras*, taes como os que se chamam *direito de affiliação* e *direito de fôro*. O primeiro consiste em uma somma de 6,000 réis (37 fr. 50 c.) que paga todo o commerciante que se estabelece. Quanto ao direito de *fôro*, eis aqui em que consiste. Quando uma povoação é erigida em *villa*, adjudica-se-lhe um territorio

(218) Tudo o que relato aqui assim se passava em Villa Rica; é, porém, possível que em outros lugares houvesse arranjos um pouco differentes,

de meia legua quadrada que se chama *sesmaria da villa*, e todas as casas que se constróem nesse territorio, desde a erecção da *villa*, pagam ás *camaras* uma certa somma que varia segundo os districtos. As *camaras* possuem ainda uma fonte de receita importante, a constituida pelas taxas cobradas sobre as lojas e tabernas, para verificação dos pesos e medidas. Essa verificação se faz duas vezes por anno: da primeira vez pagam-se 4,700 réis, e da segunda 2350 réis.

Em cada *termo*, dois magistrados denominados *almotaceis* exercem, sem receber vencimentos, funções análogas ás dos nossos commissarios de policia. São escolhidos de dois em dois mezes pelas *camaras*, e podem ser reconduzidos ao cargo varias vezes successivamente. Um delles é encarregado do policiamento da séde do *termo*, e o outro deve exercer auctoridade semelhante nas povoações que fazem parte da mesma jurisdicção; como, porém, a área dependente de cada *villa* é extremamente extensa, o ultimo *almotacel* mal pode velar por algumas das parochias menos afastadas.

Os *juizes do povo* são homens escolhidos na classe dos artezãos. Foram originariamente instituidos para representar o povo junto ao soberano e tinham o privilegio de ser admittidos em suas audiencias, afim de representarem sobre as necessidades das classes inferiores: Não posso dizer até que ponto essa honrosa magistratura conservou na capital suas primitivas attribuições; o que é certo, porém, é que nas provincias longinquas está reduzida a um simples titulo. Todavia, o *juiz do povo* conserva ainda ahi um lugar nas cerimoniaes publicas, e é elle o encarregado de fazer as publicações e proclamações costumeiras (219).

(219) Vide a relação que fiz da festa da coroação em Villa do Príncipe.

Falci dos varios magistrados que residem nas villas. Quanto ás povoações, têm á frente de sua administração *commandantes* cujas funcções têm algo de parecido com as dos nossos *maires*. Esses *commandantes* são nomeados pelos *capitães môres*, homens importantes, a cuja dignidade se presta grande consideração, mas que pouco têm que fazer.

Não são nem os *commandantes* nem outros magistrados os encarregados de manter os registros do estado civil. Esses registros estão em todo o Brasil nas mãos dos vigários, que mais de uma vez dão lugar a queixas por negligencia (220).

Não se deve suppôr que a auctoridade dos *commandantes* se estenda sobre toda a população de seus districtos. Limita-se aos que não fazem parte das guardas nacionaes ou *milicias*.

Em todo o Brasil as guardas nacionaes foram organizadas com uma regularidade que se poderia citar como modelo. São divididas por districtos, e comprehendem os cidadãos que têm mais interesse na manutenção da ordem publica. Não se poderá louvar demasiadamente a boa apresentação, e, principalmente, a admiravel disciplina dessas *milicias*; pela época de minha viagem as das Minas estavam raramente occupadas (221), mas em outras provincias vi os *milicianos* deixar sem hesitação suas familias e occupações, para ir executar a distancia algum trabalho penoso. No entanto, é necessario confessal-o, essa obediencia, tão rara em outros lugares entre os homens estabelecidos, era, talvez, menos o resultado de amor ao paiz, que o de um longo habito de servidão.

(220) Muito recentemente os registos civis foram confiados aos magistrados.

(221) Ver-se-á, entretanto, nesse primeiro relato, dois exemplos da cega obediencia de que fallo. Na minha terceira relação, encontrar-se-á grande numero delles relativo ás provincias de São-Paulo e Santa-Catharina,

Os coronéis de milícia gozavam da maior influencia. São elles que nomeiam os officiaes dos seus regimentos; mas as *patentes* desses ultimos, dadas pelo general, carecem de confirmação régia; e como é necessario que tudo se pague, o official de milicias é obrigado a dispender, com essa confirmação, a quarta parte do soldo que recebe na tropa de linha o official de graduação equivalente.

Si os *milicianos* estão expostos a muitas vexações, gozam tambem de privilegios que tendem a nada menos que subtrahil-os á auctoridade de seus juizes naturaes e a embarçar a marcha da justiça. Para que um individuo pertencente a um regimento de milicias assigne qualquer documento, é necessario obter a permissão do coronel, si o individuo fôr um simples miliciano ou sub-official; e si official, a permissão do general se torna indispensavel. Por occasião da minha viagem, fôra ha pouco tempo, promulgada uma ordem pela qual os officiaes de milícia, desde o posto de sargento, inclusivé, deviam ser julgados por conselhos de guerra, compostos de outros milicianos; e desses conselhos o culpado podia appellar para o conselho supremo com séde no Rio de Janeiro.

Vê-se bem que se eu entrasse em minudencias sobre a legislação portugueza, sahiria completamente do assumpto dessa narrativa. Citarci, todavia, uma lei absurda que não diz respeito sinão aos mineiros, e direi algumas palavras ácerca dos testamentos, o que me dará occasião de mostrar o que é o *tribunal dos ausentes*, de que já tive occasião de tratar.

Uma lei dispõe que o *minerador que possuir trinta escravos não poderá ser penhorado sinão na terça parte do rendimento de suas minas* (222). Essa lei foi promul-

(222) Parece mesmo que, pelo *alvará* de 17 de novembro de 1813, o privilegio se estendeu a todos os mineradores sem excepção! (V. Piz., *Mem. hist.*, vol. VIII, parte II, pg. 258).

gada para favorecer a *mineração*; mas é evidente que ella só tende a destruir toda a especie de credito. O credor, aliás, pode ser um minerador como o homem que lhe deve, e não é impossivel que elle se arruine pelo não reembolso de que emprestou, como poderia sê-lo o devedor, si fosse permittido penhoral-o; e si se tiver de optar entre a ruina do credor e a do devedor, não é claro que ao primeiro é que a lei deve principalmente proteger? De mais a mais, essa lei absurda frequentemente deu lugar a incertozas em sua applicação. Alguns juizes interpretaram a excepção como só se referindo ás minas propriamente ditas, e que as demais propriedades dos mineradores eram susceptiveis de penhora. Outros juizes, pelo contrario, consideraram os restantes bens dos mineradores, taes como sua casa, terras cultivadas, como necessariamente dependentes das minas, porque é indispensavel uma habitação ao minerador e terras cultivadas para seu sustento e dos seus escravos (223).

Passo agora ao que concerne os testamentos. Quando um homem quer testar, dá a conhecer suas ultimas vontades ao tabellião, que as redige, e dá em seguida conhecimento do acto ao testador. Si este approvar o testa-

(223) Já por um *alvará* de 8 de agosto do 1618 se concedera aos mineradores da antiga capitania de São-Vicente o privilegio de não serem penhorados. Foi por um decreto de 19 de fevereiro de 1752, confirmado a 22 de junho do 1758, que esse privilegio se estendeu nos mineiros proprietarios de 30 escravos. Para dissipar as duvidas que se levantaram sobre a extensão que se podia dar a essa lei, um *alvará* de 17 de novembro de 1813 designou especialmente os objectos que deviam estar ao abrigo de penhora. Todavia uma expressão do novo decreto que não era bastante precisa fez nascer novos embarços. Procurou-se renovel-os por explicações dadas em uma lei de 8 de julho de 1819, e, finalmente, um novo *alvará* de 28 de setembro de 1820 determinou em que circumstancias os mineradores deveriam gozar do privilegio concedido. (V. Piz., *Mem. hist.*, vol. VIII. parte II, pg. 258). Si, como o disse um orador americano, a legislação brasileira é superior á da Inglaterra e da França, tudo isso, pelo menos, não poderá servir de prova.

mento, o tabellião subscreve-o e faz com que testemunhas também assignem. O tabellião lacra-o, em seguida, e entrega-o em mãos do testador. Pela morte deste ultimo, o testamento é aberto pelo *ouvidor*, si o instrumento, se achar no lugar de sua residencia; é aberto pelo vigario na ausencia do *ouvidor*, ou nos lugares fóra da residencia desse magistrado; si, finalmente, o testador morre em lugar onde não exista nem *ouvidor* nem vigario, é o capellão da localidade quem abre o documento. O funcionario que rompe o sello do testamento toma conhecimento do seu conteúdo e attesta de que não encerra nenhuma irregularidade. A lei não arbitra cousa alguma aos *ouvidores* pela abertura dos testamentos; é, porém, de praxe pagar-se-lhe 2,400 réis (15 fr.), mesmo quando esse acto é realizado por outro. Si é o cura que fez a abertura, pagam-se-lhe 600 réis (cerca de 3 fr. 70 c.). Após a leitura de um testamento, é sempre communicado ao vigario, ou ao encomendado nos lugares onde não ha parochia, afim de que um ou outro zêle pelo cumprimento das disposições do defunto relativamente á sua sepultura. O cura copia o instrumento nos registros da parochia, e, em épocas certas, communica ao *juiz de fóra* a relação dos testamentos que lhe foram entregues. Qualquer um pode escrever suas disposições com o proprio punho; é, porém, sempre necessario que esse acto seja approvado e rubricado pelo tabellião.

Em cada cabeça de *termo* existe, em todo o Brasil, uma especie de côrte denominada *tribunal dos ausentes*, composto do *juiz de fóra*, que é o presidente com o titulo de *juiz dos ausentes*, de um *escrivão*, o *escrivão dos ausentes* e um thezourreiro. Em todos lugares em que não ha *juiz de fóra* é o *ouvidor* que preside no tribunal, o que succede, portanto, nas villas em que ha *juizes ordinarios*. Quando um homem morre sem deixar descendentes, e sem ter feito testamento pelo qual designe um executor testamentario, o tribunal apodera-se de seus bens e manda á

praça os moveis e immoveis, quer os herdeiros residam no local, quer alhures. A importancia que resultar da arrematação é depositada na caixa dos *ausentes*; ali fica enquanto os herdeiros não justificam plenamente seus direitos, e até lá o tribunal embolsa de trez em trez annos tanto por cento da somma. Quando um pai não faz testamento, seus filhos, si estiverem presentes, entram em posse dos bens immediatamente após sua morte; si, porém, ausentes, o tribunal ordena igualmente a venda delles: assim um fillo que, tendo ido viajar, tem a desgraça de perder seu pai durante esse tempo, pode, na volta, nada encontrar que lhe lembre os dias de sua infancia. Emfim, mesmo que um individuo tenha feito testamento, o tribunal manda seus bens á praça si os herdeiros estiverem em Portugal. Abster-me-ei de qualquer critica á instituição que acabo de dar a conhecer. Si, talvez, em sua origem, ella foi benéfica, si teve por objecto impedir o esphacelamento da fortuna dos herdeiros ausentes, não existe quem não sinta o quanto é odiosa actualmente, e não comprehenda que ella apenas era compativel com o mais absoluto despotismo e a mais cahal obediencia passiva.

Após ter dado sobre a ordem administrativa, as milicias e a ordem judiciaria informações que, na maior parte, não só são applicaveis á provincia das Minas como a todo o Brasil, julgo dever dizer algo a respeito da força militar de Minas Geraes.

Sob o systema colonial o Brasil não apresentava um conjuncto homogeneo. Cada provincia, como já o fiz observar, formava de qualquer forma um estado separado que tinha o seu pequeno exercito, seu thezouro particular, e, após a chegada de D. João VI ao Rio de Janeiro não se tratou com maior interesse de organizar um exercito brasileiro.

A provincia das Minas possui, pois, um regimento de cavallaria, que é pago pelo seu thezouro, e cujo serviço é especialmente consagrado a essa provincia, mas que, porém, pode, em caso de necessidade, ser chamado a actuar alhures no serviço do soberano.

Esse regimento se compõe de seiscentos homens, comprehendendo os officiaes. Deveria ser completamente constituido de brancos; mas, por favor, são admittidos os mulatos. É dividido em oito companhias, para cada uma das quaes ha trez officiaes, a saber, um *alferes*, ou sub-tenente, um tenente e um capitão, o que importa em 24 officiaes, aos quaes se acrescenta um major, um tenente-coronel e o coronel.

Os soldados do regimento das Minas são altos, bem constituidos, e tem boa apresentação; esse é, porém, o menor elogio que se lhes pode fazer. Em paiz algum vi corpo de simples militares tão perfeitamente constituido. Bastante differentes dos homens tão pouco dignos de apreço que constituem os regimentos do Rio de Janeiro, os soldados de Minas pertencem, geralmente, a familias dignas; sabem todos ler e escrever, e são notaveis por sua polidez, intelligencia, excellente conducta e probidade.

Não fazem unicamente serviço militar. São elles que se postam nas fronteiras da provincia para impedir o contrabando do ouro e dos diamantes. São encarregados especialmente de se opporem ao commercio e extração illicita dessa preciosa pedra no districto que a fornece. Todos os annos alguns delles levam ao Rio de Janeiro os diamantes que são extrahidos da terra por conta do rei. Transportam para as intendencias o ouro em pó que vão buscar nas casas de permuta. Finalmente, si succede não se apresentar ninguem para arrematar o contracto dos dizimos de alguma povoação afastada, é a um soldado do regimento que se envia para receber o imposto directamente por conta do rei. Vê-se quantas commissões de responsabilidade e importancia são

confiadas a esses militares, e nunca ouvi dizer que um unico tivesse abusado dos depositos a elle confiados.

O regimento das Minas custa annualmente oitenta a noventa *contos* de réis a essa provincia (cerca de 500 fl.) (223-a). Fornece-se aos soldados, quando assentam praça, um uniforme e equipamento completos. Durante o primeiro anno não recebem mais de 150 réis (cerca de 93 c.), de soldo por dia, em seguida, porém, passam a receber 225 réis (cerca de 1 fr. 40 c.), e são obrigados a conservar seu uniforme, o equipamento do cavallo e as armas. Os cavallos pertencem ao estado, mas este não fornece farragem sinão aos que estão em Villa Rica. Os soldados destacados nas intendencias, ou encarregados de ir buscar o ouro nas casas de permuta, recebem ao todo 11 *vintens* de soldo (cerca de 2 fr. 60 c.), com os quaes são obrigados a nutrir seus cavallos. Quanto aos homens em transitio, como podem deixar seus animacs nos pastos, não recebem, além do soldo ordinario de 225 réis, sinão um *vintem* e meio destinado ao milho. Os que estão destacados em Tijuco recebem, além do soldo ordinario e do *vintem* e meio destinado ao milho, uma indemnização de 4 oitavas por trimestre (30 fr.). Em todos os destacamentos, com excepção das intendencias e Tijuco, existem trez cavallos nutridos pelo governo, afim de que, não ficando soltos pelos pastos, achem-se sempre promptos para qualquer eventualidade; na maior parte do tempo, porém, o commandante, dizem, recebe o dinheiro, e os trez cavallos são alimentados como os outros.

Além dos officiaes de que já fallei, ha um numero frequentemente egual de outros que se denominam *aggre-*

(223-a) Possuimos a folha militar relativa ao anno de 1778, annexada ao livro já citado de José Joaquim Rocha, pgs. 66-67. Neste mappa de alguizmas, em que se incluem os vencimentos do capitão general da capitania, que tambem exercea funções de a civilidade civil, e era ajudante de ordens, o total ascende a 81-635,521 réis, sendo 57.745,75 réis de soldos, e 36.909,716 de forrimentos. He crucial este perfeitamente de accordo com os 500 a 750 000 francos (80 a 60 contos de réis, na taxa de 160 réis o franco), da informação do Sabot-Hilaire.

gados. São homens a quem o rei quer favorecer, e que, na maioria das vezes, não pertencem ao regimento, e nem jamais serviram (224). Os aggregados vencem o mesmo soldo que os officiaes effectivos; dão guarda como elles, substituem-nos em caso de ausencia, e tornam-se officiaes effectivos pela morte ou demissão dos verdadeiros officiaes da mesma patente. Esse excesso de officiaes é um acrescimo de despeza que dá lugar a justas queixas e condemna os soldados a não terem promoção. Podem alimentar tanto menores esperanças quanto ha tambem aggregados para as graduações de sub-officiaes.

Tencionando fallar, em outro volume, dos impostos que se arrecadam na provincia das Minas e da manceira por que as finanças são ali administradas, terminarei aqui este capitulo, que demonstrou quanto confusão reinava, por occasião da minha viagem, entre os diversos poderes. Abster-me-ei de qualquer reflexão a esse respeito: um curto resumo será amplamente sufficiente. A auctoridade dos capitães generaes, embóra bastante lata, não tinha, contudo, limites bem determinados; e, á vontade da côrte, podiam ser reprehendidos por terem feito de mais ou não terem agido o bastante. Os *ouvidores* e *juizes de fóra* estavam investidos, a um tempo de poderes judicarios e administrativos. Os sacerdotes exerciam jurisdicção civil, e leigos julgavam questões do clero relativas a direitos ecclesiasticos. Os notarios eram ao mesmo tempo escrivães e meirinhos, e os militares exerciam funcções advanciras e de perceptores de impostos.

(224) Por occasião da minha passagem pela provincia citava-se um individuo que fóra nomeado alferes por ter presentando com uma cãa a um dos dois jovens principes.

CAPITULO XVI

VIAGEM DE VILLA DO PRINCIPE A PASSANHA. — CULTURA DO TRIGO E DO ALGODÃO

Ideia geral da região situada entre Villa do Principe e Passanha. — Partida de Villa do Principe. — Fazenda de *Guanhães*. Retrato do *guarda mór ANTONIO FELICIANO*. Maneira de conservar a *cachaça*. — Cultura do trigo. Modo de semente-o, segal-o e batei-o. Fazenda de *Temerão*. Seu engenho de assucar. Habilidade dos operarios mineiros. — *Morro Pellaço*; influencia do sólo sobre a vegetação. — *Turvo Pequeno*. Leitões rusticos denominados *giraos*. Prova da escassez de numerario. — Aves. — *Macacos berradores*. — *Lianas*. — Rio de *Sussuhy*. — *Fazenda do Canna Brava*. — *Fazenda da Aldeia de S. Nicolau*; sua historia; situação. Duas especies de araceas comestiveis. — Cultura dos algodoeiros; seus productos. Processo de separar o algodão das sementes. Maneira de eardar. Serpentes. — *Fazenda de Luiz da Mota*; seus proprietarios, Melado. — *Aráras*.

Quando estava em Itambé despertaram-me a curiosidade fallando-me de *Passanha*, povoação proximo á qual foram reunidos alguns remanescentes de varias tribus indigenas, e que está situada na extremidade oriental da provincia, no limite das florestas habitadas pelos *Botocudos*. *Passanha* não dista mais de vinte e cinco leguas portuguezas de Villa do Principe, e foi para lá que eu me resolvi dirigir deixando a capital do Serro do Frio (225).

A região que se atravessa entre Villa do Principe e Passanha é montanhosa e bem irrigada. Situada a leste

(225) Itinerario approximativo de Villa do Principe a Passanha:

	Leguas
De Villa do Principe a <i>Guanhães</i>	4 ½
" — — — " <i>Temerão</i>	3 ½
" — — — " <i>Turvo Pequeno</i>	3 ½

da grande cadeia, como a que percorrera precedentemente, foi antigamente também coberta de mattas densas. Nas partes mais proximas de Villa do Principe as pastagens tomaram o lugar das mattas; encontra-se em seguida, á margem da estrada, uma alternativa de *capociras* e de bosques; e as primeiras tornam-se tanto menos numerosas quanto mais nos approximamos de Passanha. Esse districto, embóra fertil, não possui, todavia, ainda, sinão uma população pouco numerosa e geralmente pobre. As payagens têm esse aspecto grave e austero que lhe dá sempre a visinhança de florestas. O caminho, muito pouco frequentado, é estreito, e, nas partes arborizadas, o viajante caminha sob a sombra dos immensos vegetaes que o rodeiam. Essa excursão que, sob varios aspectos, foi para mim muito interessante, contribuiu escassamente para o augmento do herbario; encontrei poucas plantas em floração, como me succedia quasi sempre nas mattas, e não fui mais feliz com os insectos, cuja estação já passára.

Já entre Itambé e a capital do Serro do Frio viro muito melhor quantidade de *ranchos* do que no caminho do Rio de Janeiro a Villa Rica. Desde que deixei Villa do Principe até minha chegada a Tijuco, em um intervallo de cinco mezes, não viajei, por assim dizer, sinão através de desertos, e comprehende-se que, em caminhos apenas frequentados de longe em longe por alguns viajantes, os *ranchos* seriam inuteis: era, pois obrigado a pedir hosi-

	Transporte	11 ½
Do Villa do Principe a	Turvo	3 ½
" — — — "	Caixa Bravo	3 ½
" — — — "	Aldeia de S. Nicoláu	2 ½
" — — — "	Fazenda de Luiz do Mota ...	2 ½
" — — — "	Quartel do Canto da Serra perto do Passanha (po- voação), cerca de	3
	Total	26 ½

talidade aos proprios colonos; quasi por toda a parte, porém, fui por elles recebido da maneira mais amavel.

Antes da minha partida de Villa do Principe o *ouvidor*, sr. JOÃO EVANGELISTA FARIA LOBATO (225-a) acrescentou ao meu passaporte, que já concedia os mais amplos privilegios, uma injunção expressa pela qual todas as auctoridades civis e militares da *comarca* deviam, em caso de necessidade, prestar-me soccorro e assistencia, fornecer-me guias, etc. Esse magistrado entregou-me tambem varias cartas de recommendação para *Minas Novas*, e não quiz que me puzesse a caminho sem que me arranjasse um guia.

Deixei Villa do Principe a 9 de abril de 1817, cheio de reconhecimento pelas attenções que me prodigalizára meu hospedeiro, e pelas de que fui alvo por parte dos habitantes da Villa. Quinze ou dezesscis dos principaes delles, o proprio *ouvidor*, e o excellente vigario acompanharam-me durante meia legua, e confesso que não pude, sem commoção, separar-me desses homens generosos e hospitaleiros.

Por um espaço de cerca de uma legua atravessamos vastas pastagens cuja vegetação é pouco variada, dominando o *saccharum*, de que tratei noutro lugar, e onde vestigios de lavagens se percebem, de tempos, ás margens dos córregos. Não é unicamente no caminho de Passauha, que, deixando-se Villa do Principe, se encontram pastagens; essa villa está por ellas rodeada por todos os lados, e, como numa multidão de outras localidades, são as successoras de immensas florestas que provavelmente foram destruidas, afim de desnudar o sólo e poder-se extrahir delle o ouro com maior facilidade.

Após sahir da zona dos pastos, entrei na de *capoeiras* pouco fechadas, entremeadas de vastos espaços em que

(225-a) Faz. no Imperio, senador. Teve, como filhas, dois titulaes illustres: o visconde de Sabará, João Evangelista de Negreiros Snyão Lobato, casado a 16 de Agosto de 1817, pela época da viagem de S. Hilaire, e o visconde de Nicobary, Francisco de Paula do Negreiros Snyão Lobato.

crecem samambaias. Habitações bastante numerosas se espalham aqui e alli pelos valles; em geral, porém, não passam de choupanas.

Fiz alto na fazenda do sr. guarda mór ANTONIO FELICIANO, que me acolheu com a mais amavel hospitalidade. Essa habitação, que bastante differre das que vira anteriormente, está situada numa baixa do terreno, entre morros cobertos de mattas; e, abaixo della, corre o ribeirão de Guanhões, (226) que lhe dá o nome. A casa do proprietario é bonita e bem tratada, e em torno erguem-se, em planos differentes, os edificios de exploração, taes como um moinho para o grão, uma distillação, uma moenda de canna, etc.

O guarda mór Antonio Feliciano podia ter uns cincoenta annos de idade. Sua physionomia annunciava a jovialidade; parecia contente com a sua sorte, e dividia seu tempo entre exercicios de piedade e occupações ruracs. Rogava a Deus, dava suas ordens, inspeccionava os negros, que parecia tratar com muita brandura, e, á tarde, distrahia-se conversando com os viajantes que se abrigavam sob o seu tecto. Sua vida se passava assim, longe das dissensões politicas, sem que tivesse inquietações pelo futuro, e fallava dos contractadores dos dizimos, que fazem a desolação dos agricultores, com uma resignação que ainda não vira em nenhum delles.

Meu hospedeiro mostrou-me sua distillaria, onde adoptára meios excellentes para diminuir a mão de obra, in-

(226) Essa palavra se pronuncia como se estivesse escripta em francez *gouagnance*. Tinha escripto em minhas notas *guanhaus*; substituo por *guanhões* (S. III, grapha *guanhaens*), porque encontro, em Pizarro, a capella ou succursal de Nossa Senhora do Porto de Guanhões, indicada como dependente da parochia de Nossa Senhora da Conceição do Mato dentro. A palavra de que trata derivar-se-á das raizes indigeras *caí áúá*, matta densa? Existiu em Mato Grosso, na Serra de Chayne, uma tribo com o nome de *Guanas*. (Cas. Cor., I, 295); esse plural *Guanhaus* ou *Guanhões* não parece tambem indicar uma nação?

troduzindo, com muita intelligencia, conductos destinados ao escoamento dos líquidos.

Em geral os que, nessa zona, cultivam a canna de assucar, acham menos lucro em fazer melão do que aguardente (*cachaça*), por causa do grande consumo que fazem desse licôr os numerosos negros empregados no districto Diamantifero, visinho desse. Os proprietarios, que distillam a aguardente, costumam conserval-a em enormes troncos escavados, que lhes fornecem as mattas virgens, e que se cobrem com uma taboa que se retira e torna-se a pôr, á vontade. E' essa, como se vê, a infancia de uma das artes mais faceis.

O proprietario de Guanhões cultivava ao mesmo tempo o milho, o feijão, o assucar, o café, o algodão, a mamona e o trigo. As terras dessa fazenda são de boa qualidade; o milho ali rende de cento e cincoenta a duzentos por um, e o trigo de dezesseis a dezeseite.

Não tendo ainda tratado do cultivo desta ultima planta, vou dizer a seu respeito algumas palavras. Como, indubitavelmente, ella não se daria bem com o excessivo calor e as chuvas tão abundantes dos mezes de dezembro, janeiro e fevereiro, semeiam-na em abril, para fazer a colheita em setembro e outubro. E' claro, além disso, que nem todos os terrenos lhe podem convir, e que, durante a estação secca, não se desenvolve bem nas regiões descobertas e naturalmente seccas. Devem, portanto, ser as boas terras dos districtos um tanto elevados, e onde sombrias mattas virgens entretêm a frescura, as mais favoraveis a seu cultivo. Em geral, a cultura do trigo está longe de ser vulgar na provincia das Minas, e os proprietarios, cujos terrenos seriam propicios a essa lavoura, desgostam-se della porque muito frequentemente a ferrugem (226-a) ataca as mezas.

(226-a) Moléstia produzida por um cogumelo parasito, o *Puccinia graminis*, da familia dos Uredineae. As manchas produzidas nas folhas das gramineas atacadas pelos mycelios intimamente entrelaçados desse fungo, lembram perfeitamente, pela cor a ferrugem, de onde o nome.

Seja como fôr, a região visinha de Passanha é uma das que parecem melhor convir ao frumento. Antes de semear esse grão, prepara-se o sólo do mesmo modo que para as outras plantas. Quando o matto que cobria a terra está cortado e queimado, fazem-se, no campo, buracos bastante approximados (227) e muito menores do que para o milho; deixam-se cahir nesses furos quatro ou cinco grãos de trigo, e, desde o momento da semeadura até o da sêga, limpa-se a terra uma ou duas vezes. Quando se faz a colheita toma-se com a mão esquerda um punhado de espigas, e separam-se da palha com uma grande faca empunhada pela mão direita. A palha acaba-se assim cortada immediatamente ou quasi abaixo de espiga, e não é aproveitada para nada. Para bater o trigo emprega-se um *batedor*, mais ou menos semelhante ao empregado para o milho (228); as barras, porém, são mais afastadas, e tem-se o cuidado de cobri-las com uma esteira.

Si se colhe o trigo entre Villa do Principe e Passanha, cultiva-se tambem bastante nos arredores da *Serra da Piedade*, perto de Sabará; rende ali communmente vinte e quatro a vinte e seis por um, ás vezes trinta ou muito mais ainda; e os proprietarios vendem sua colheita em Sabará, Villa Rica e Marianna. No districto de Piedade a batedura se faz de modo muito mais grossoiro e defeituoso ainda do que nos arredores de Villa do Principe. Amontoam-se as espigas no meio dos terreiros das *fazendas*; surram-se com longas varas; o trigo salta necessariamente por todos

(227) Os cultivadores não deixam para todos igual distancia entre os buracos em que semeiam o trigo. Em certos lugares fazem-nos muito proximos uns dos outros; enquanto que noutros deixam entre elles cerca de dois palmos. Nos arredores de *Rio Vermelho* sobre o limite do Minas Novas parece que só se separam os buracos por um intervallo de um palmo, pouco mais ou menos.

(228) Vide acima, pg. 206.

os lados, e é-se obrigado a ajuntal-o com balaios (229). Desse modo vem misturado com terra e areia; e, como sempre se applicam aos objectos as ideias fornecidas pelo que se tem geralmente sob os olhos, os agricultores applicaram á limpeza do trigo os processos usados pelos mineiradores para a lavagem do ouro. Após terem joeirado seu grão, collocam-no em alguidares conicos semelhantes aos empregados para o ouro em pó. Lava-se nelles o trigo; a terra se desmancha na agua; balança-se a bacia mais ou menos á maneira dos mineiradores; deixa-se sahir o grão, e a areia, mais pesada, fica no fundo do vaso.

Tendo deixado Guanhães não encontrei, até *Temerão*, por um espaço de trez leguas e meia, sinão *capoeiras*, o que prova que essa região começou ha bastante tempo a ser cultivada. Era queimado pelo sol, e não encontrava sombra sinão em um *capoeirão* de muito pequena extensão, em que as estipes extremamente numerosas da especie denominada de *taquara poca* (230), formavam as mais elegantes e fechadas arcarias. A existencia dessa bella especie em um *capoeirão* prova que os bambús não são, como me tinham dito, pcculiares ás mattas virgens.

Entre Guanhães e *Temerão* as casas não são raras no fundo dos vallões; mas todas as que vi pareceram-me bastante miseraveis. Parci defronte de una dellas que só annunciava pobreza; pedi um copo d'agua, mas o proprietario mandou buscar logo, para me offerecer, raizes de mandioca doce (*aypim*) (231), assadas debaixo da cinza.

(229) Como se verá alvures, são tambem varetas que se empregam no Rio Vermelho. Ver-se-á tambem que eu tinha o cuidado de aconselhar aos agricultores o uso do mangual e a operação do banho de cal.

(230) *Taquara poca* significa muito provavelmente, na lingua guarany, bambú de grossura de um dedo.

(231) Como esse termo pertence á lingua guarany, creio dever seguir a orthographia dessa lingua (V. *Tes. de la leng. guar.*, 24 bis).

Provas taes de hospitalidade não são, aliás, para admirar da parte de Mineiros.

A habitação de Temerão, em que fiz alto, pareceu-me muito importante. Está situada numa depressão, como succede com todas as fazendas; grandes mattas a rodeiam, e os edificios de exploração se alinham em torno de um grande terreiro de forma approximadamente quadrada. O engenho de assucar funciona movido a agua; não pude deixar de admirar as engrenagens que, embóra enormes, são ao mesmo tempo de uma extrema leveza, e foram feitas primorosamente. Não foi essa, aliás, a unica vez que tive as provas da habilidade dos operarios mineiros; si são lentos na execução de seu trabalho, pelo menos capricham muito, e creio mesmo que dão melhor acabamento que os artezãos europeus.

Foi depois de deixar Temerão que comencei a atravessar, de espaço a espaço, grandes florestas virgens. Seu aspecto pouco differo do das mattas dos arredores do Rio de Janeiro; e, si as lianas não produzem aqui tão bellos effeitos como nas proximidades da capital, em compensação, os bambu's não deixam de excitar a admiração. Os ramos de algumas especies, e suas folhas comprimidas umas contra as outras, apresentam, dos dois lados do caminho, muralhas impenetraveis de verdura; enquanto que allures as estipes de outra especie, após se alçarem a enormes alturas, se inclinam e formam espessas abohadas de que pendem guirlandas que se cruzam em todos os sentidos. É preciso, convir todavia, que essas immensas graminças apresentam os maiores inconvenientes para o viajante. Suas estipes e ramos embaraçam o caminho, ali

c, por consequente, não escrevo como *Moracæ aypi* (Dic., I), e ainda menos *aipini* ou *impini*. O *aypi* é a *manihot aipi* de Pohl. O nome originario de *man. aipi* sendo indigena, parece-me que a America é a verdadeira patria dessa planta.

entretêm a humidade pela sombra que produzem, e difficultam a marcha dos animaes de carga.

A pequena distancia de Temerão observei um novo exemplo da influencia da constituição do sólo sobre a vegetação. Paesei por um morro denominado *Morro Pelado*, cujo cume é muito arenoso. Bruscamente a vegetação de grande porte desapareceu de minhas vistas, e a terra não me offerceeu mais que arbustos, taes como *cassias* e *melastomaceas*. Entretanto, depois de caminhar com passos, vi a natureza do terreno mudar bruscamente, e, sem a menor transição, as grandes mattas se mostraram com nova pompa.

As habitações que se encontram para além de *Temerão* são ainda mais pobres que as vistas por mim anteriormente. Apcei-me, para pernoitar, na de *Turvo Pequeno*, assim chamada pelo nome de um córrego que passa pela vizinhança. Essa habitação, occupada por mulatas, se compunha de um pequeno alpendre em que se cozinhava, dura casebre que não passava ainda de um alpendre coberto de esteiras, e, finalmente, de uma pequena chloça em que a luz penetrava por todos os lados pelos buracos que a terra, cahindo, deixára nas paredes. Era nessa ultima cabana que estavam alojadas minhas hospedoras. Seu interior era dividido em quartos por um septo formado unicamente de estacas juxtapostas. Uma nicca, um tamborete e varios *girãos* (232) ou leitos ruficos applicados contra as paredes, formavam todo o mobiliario dessa mesquinha morada.

Não se pode imaginal-as mais miseraveis, e, no entanto, se encontra, no interior do Brasil, uma multidão de chloças nessas condições. Esses *girãos*, por exemplo, de que acabo de fallar, e que claramente attestam extrema indigencia, substituem geralmente os leitos nas casas dos po-

(232) Será melhor escrever *geraos* ou *gyraos*?

bres. Eis como se constroem esses pobres catres: fincam-se na terra, perto das paredes, quatro estacas que se dispoem á maueira das quatro columnas de um leito, e, a cada par de esteios mais approximados, fixa-se, com uma corte flexivel e resistente, um pedaço de madeira transversal. Sobre esses dois travessões que se defrontam, estendem-se varaes que se cobrem com uma esteira ou couro crú e é nessas armações que se dorme, encostado á parede, e envolto em uma coberta ou sobretudo.

Afim de manterem algumas terras cultivadas minhas hospedoras de Turvo Pequeno alugavam um negro livre, que para ellas trabalhava pela modica somma de 8,000 réis (50 fr.) por anno. Cito esse facto, porque tende a provar quanto o dinheiro é pouco commum nesse paiz.

O districto que se percorre para além de Temerão tem o nome de *Turvo*, tomado de um regato que o rega e tem sua nascente no Morro Pellado. Mil passaros faziam ouvir seu canto nas mattas sombrias que cobrem essa região. A voz forte e desagradavel das aráras dominava as demais; varias especies de papagaios, e sobretudo bandos numerosos dessa especie denominada no paiz *tiriba* (*psittacus cruentatus*, Neuw.), faziam vibrar o ar com seus gritos ruidosos, e o *curucú urrucuai* (*capitão do matto* dos Brasileiros, *trogon viridis*, L.), triste e solitario, porém mais bello que todas as outras especies repetia, por intervallos seu assovio grave e interrompido. Fatigado pela barulhada dos psittacidos, fiquei mais ainda pelo canto tagarela de uma especie de pardal avermelhado (233). Observei uma quantidade prodigiosa desses passaros nas mattas visinhas de *Canna Brava* e da *Aldeia de S. Nicoláu*, e, sem duvida para lá foram attrahidos pelas sementes amadurecidas dos bambús.

(233) Será elle identico ao nosso pardal francez?

Em um local onde o caminho passa a meia encosta sobre um valle meus ouvidos foram despertados por um ruido que tomei pelo das aguas. Julguei que uma corrente passasse pelo valle, cujo arvoredo me escondia o fundo; mas, approximando-me mais, reconheci os urros da especie de grandes macacos barbados que aqui chamam *guaribas*. Repentinamente esses urros cessaram e succedeu-lhes um ruido mais ou menos semelhante ao que faz o lenhador quando fere as arvores com seu machado. Era esse ainda o ruido que faziam os simios quando cheguei a suas proximidades; a maioria, então fugiu; tive, no entanto, ainda o prazer de ver alguns a dar cambalhotas sobre a copa das arvores mais elevadas. Essas florestas não são, aliás, as unicas habitadas pelos *guaribas*; elles são, por exemplo, communs nas grandes mattas que marginam o Parahyba, e foi lá que os ouvi pela primeira vez. Seus urros reunidos pareceram-me, então, semelhantes ao mugido dos touros; achei-os, no entanto, menos vibrantes, mais surdos e prolongados. Na provincia do Rio de Janeiro dá-se aos *guaribas* o nome de *macacos barbados* (234), por causa de sua basta barba, e em São Paulo denominam-se *bugios*.

Pelas alturas de Canna Brava as arvores são em geral pouco approximadas; seu tronco não é muito grosso, mas elevam-se perfeitamente erectos a grandes alturas. Lá são os bambús que formam a massa da vegetação. Tive, nessas florestas, o prazer de tornar a encontrar lindas lianas; observei uma, entre outras, que se enrolava no tronco de uma arvore como o serpentino de um alambique, mas que, por uma singularidade notavel, deixava, por todos os lados, grande distancia entre ella e o supporte. Precedentemente observára uma dessas grandes araccas parasitas

(234) Talvez, em algumas partes da provincia das Minas se dê a outra especie o nome de *guaribas*. Seja como fôr, essa de que aqui se trata só pode ser o *mycetes ursinus*.

cujas longas raizes produzem tão variados effeitos nas florestas de Ubá. Essa planta cresce, a grandes alturas, sobre o tronco das arvores mais altas; sua cepa abarca-lhe a circumferencia, e fórma, em volta dos troncos, como que uma especie de corón de que se elevam caules numerosos dispostos circularmente (235). Esses, cuja altura avalio em cerca de trez pés e que têm a grossura de um braço, são tortos. O vestigio das folhas que os cobriam antes fal-os assemelharem-se a outras tantas serpentes, e são coroados por folhas novas, grandes, agitadas e de um verde escuro; finalmente, da parte inferior da planta pendem immensas fibras radiculares mais rectas que um fio a prumo. No individuo que observei perto de Turvo essas raizes não cahiam senão de um lado; eram extremamente approximadas umas das outras, e, por assim dizer, formavam um feixe; perfeitamente distinctas na maior parte de seu comprimento, soldavam-se, entretanto, a cerca de quinze pés do sólo; anastomosavam-se e se separavam em seguida para voltar a fundir-se novamente.

Entre Turvo e *Canna Brava*, a cerca de doze ou quinze leguas portuguezas de Villa do Principe, encontrei um rio de grandeza mediocre, e marginei-o durante algum

(235) Seria, provavelmente, mais rigorosamente exacto denominar essa cepa um *caule* e os caules de *rantos*; effectivamente, seu levado a crer que, na juventude da planta, o que aqui denomino caule não existe ainda, e a *cepa* dá inserção ás folhas. De qualquer forma a arceca parasita que descrevo só poderia ser um *cipó imbê*; não é impossivel, porém, que com esse nome existam varias especies botanicas. Os *cipós imbês* pertencem ao numero dessas plantas curiosas que os naturalistas sedentarios devem seguir com toda a attenção durante todo o seu desenvolvimento. Como se verá em minha segunda *Relação*, fazem-se chopeus com as raizes do *cipó imbê*, e os Indios se servem do cortex lizo, pardo e brilhante dessas raizes para amarrar as pennas de suas flechas. — A palavra *yimbê*, que só encontro em palavras compostas, significa, o que parece, coisa reunida, coisa em cacho, nome que convem aos fructos das arcecas (*Tes. leng. guar.*).

tempo. Esse rio, que tem sua nascente na *Serra de Itambé* (236), tem, a principio, o nome de *Rio Vermelho*, que em seguida perde para tomar o de *Sussuhy* (237), e vai se lançar no Rio Doce. Como veremos mais adiante, poderá um dia se tornar navegavel, e leva suas aguas até o mar. As do *Sussuhy*, no trecho de seu curso em que o costeei, são turvas e de côr feia; as mattas virgens avançam até suas margens; velhos troncos derribados se mostram de espaço a espaço em seu leito, e os ramos elegantes dos bambús, cahindo da cópa das arvores mais altas, vêm balançar-se á superficie.

A *fazenda de Canna Brava*, em que me apeei, dois dias após ter deixado *Turvo Pequeno*, deve o nome a um regato que se lança, proximo a ella, no *Sussuhy*. Esse córrego corta pantanos ácima de *Canna Brava*, e tiuha vehiculado docuças perigosas para essa habitação alguns annos antes da minha viagem.

A *fazenda* em que pernoitei lo dia em que sahi de *Canna Brava* tem o nome de *Aldeia de S. Nicolau*, porque effectivamente, ainda ha poucos annos, havia nesse local um aldeamento de Indios. Cerca de duzentos individuos já civilizados da nação dos *Monoxós* tinham vindo de *Coyaté* estabelecer-se nesses bosques; construíram ahí um rancho que cobriram com cascas de arvores; começaram a cultivar a terra, e vi, na floresta, bananeiras por elles plan-

(236) Essa *serra*, elevada de 5,500 pés francezes (Spix e Mart.) acima do nivel do mar, é provavelmente a mais alta das que foram medidas na provincia das Minas; é, affirmam, muito difficil de escalar, e dá seu nome a uma povoação situada a meia legua do *Villa do Principe*. Essa povoação não deve ser confundida com a que descrevi no XIII capitulo desse volume.

(237) Casal escreveu *Sassuhy* e *Sunssuhy*, Spix e Martins *Sussuhy*. Prefiro esta ultima orthographia, porque adic-o conforme com a pronuncia usada no paiz. Aliás, *Sussuhy* me parece provir dos termos indigenas *cuchu*, pequeno papagaio, e *i*, agua (na lingua geral, *y'g*), rio dos pequenos papagaios (rio dos periquitos).

tadas e que actualmente parecem selvagens. Entretanto, no cabo de quatro annos esses Monoxós queimaram seu rancho, e retiraram-se para Passanha, onde foram reunidos aos Indios *Malalis*, afim de serem uns e outros empregados na guerra contra os Botocudos. O proprietario da fazenda, que tomou o lugar do rancho dos Monoxós, comprou do seu capitão, pela módica somma de 200,000 (1250 fr.), o terreno que possui actualmente, e que abarca mais de meia legua; construiu uma choupana para elle e sua familia, e accrescentou algumas construcções de exploração.

Essa fazenda está localizada numa depressão, á margem de um regato que se lança no Sussuhy. Ordinariamente os morros pouco espaço deixam entre elles e as habitações que circundam. Aqui, pelo contrario, um vasto terreno plano se estende em frente á casa do proprietario, entre ella e os morros que a defrontam; o fazendeiro lavrou esse terreno, e, por assim dizer, sem sair de casa, pode inspecionar seus escravos.

Tanto quando ia para Passanha, como ao voltar dessa povoação, fui recebido, na Aldeia de S. Nicoláu, com a mais acolhedora hospitalidade. A esposa do proprietario, o *alferes Machado*, não fugiu ao me avistar, e, no entanto, era branca. Nessa casa todos estavam em actividade, espectáculo de que raramente goza o viajante que percorre o Brasil. A senhora Machado cosia; algumas de suas filhas fiavam o algodão, e outras faziam renda.

Coma em S. Nicoláu tuberculos produzidos por uma uracea denominada *mangarito branco*. É uma especie cujas folhas, espigadas e de um verde agradável, nascem em pequenos tufos, mas de que infelizmente não vi as flôres. O tuberculo principal é amarello e do volume approximado de uma maçã; em volta d'elle nascem outros, e são estes ultimos os comestiveis, quando attingem approximadamente as dimensões de uma noz. São bastante fa-

rinaccos, de gosto agradável, mas não têm o adoeicado da batata doce (*convolvulus batatas*). O sr. Machado mostrou-me também no seu jardim uma outra aracea comestível conhecida pelo nome de *mangarito roxo*. Não comi desses tuberculos; disseram-me, porém, que por fóra são violetas, e interiormente apresentam a mesma côr com tonalidade amarellada. Aliás nascem como os do *mangarito branco*. As folhas da especie violeta são reniformes, alongadas, muito obtusas, muito glaucas na face inferior e sustentadas por peciolo avermelhados.

Com algum cuidado poder-se-á cultivar no Rio Grande, São Paulo, e mesmo nas zonas elevadas da provincia das Minas todos os legumes das hortas européas; é, porém, incontestavel que elles pouco se poderão desenvolver nas regiões muito quentes, onde a rapidez da vegetação se oppõe a este estado de emmagrecimento, que, por assim dizer, constitue toda a delicadeza de nossas plantas hortícolas. Si, porém, uma parte dos Brasileiros não pode esperar poder cultivar nossos legumes, esse povo encontra substitutos em suas numerosas raizes comestíveis, as batatas, os *aypis* (*manihot aypi*, P.) os *carás* e as *caracatingas* (*dioscorea*), os *inhames* (*arum esculentum*), os dois *mangaritos*, etc. Farei notar, de passagem, que não existe no Brasil uma só raiz comestível nessas familias de vegetaes que, entre nós, produzem raizes alimenticias; e, enquanto na Europa não existe uma especie de raiz comestível pertencente á classe das monocotyledoncas (238), é, pelo contrario a esse grupo que pertence a maioria das raizes alimenticias dos Brasileiros.

O bom alfêres Machado mostrou-me sua plantação de algodoceiros, que era inmensa. Não tinha mais de um anno, e já os jovens arbustos attingiam a altura de um homem, e estavam cobertos de capsulas.

(238) É bem claro que aqui não fallo dos bulbos.

O algodoeiro é, em geral, uma das plantas que se cultivam com maior exito nos arredores de Passanha. Nada é tão pouco dispendioso nesse paiz como o cultivo do algodoeiro, e nada produz tanto. Como para o milho, cavam-se na terra buracos em que se depeem as sementes. Deixa-se uma distancia de dez palmos entre os diversos pés; quanto ao mais observa-se nas plantações tão pouca regularidade como nas de milho e café. Ao cabo de seis mezes limpa-se a terra, e repete-se esse trabalho com o mesmo intervallo de tempo; é, porém, feito com pouca caxeira, pois em lugar de revolver a superficie do sólo, como se faz nos campos de milho e de trigo, contentam-se em cortar as hervas daninhas rente ao sólo. É a esse ligeiro trabalho que se limita todo o cultivo do algodão, e um negro encarregado de cuidar do espaço de terreno plantado de algodoeiros, que se semearia com um alqueire de milho (239), pode ao mesmo tempo cultivar uma egual extensão de terra em milho e feijão. Uma plantação de algodoeiros dura communmente cinco ou seis annos, e, em alguns lugares, até nove annos. A área de terreno que se poderia semear com um *alqueire* de milho rende em S. Nicoláu e nos arredores, cem arrobas por colheita, e mesmo em Passanha área igual rende até cento e cincoenta arrobas. Nos terrenos pouco favoraveis a esse genero de cultura os algodoeiros não produzem sinão ao cabo de dois annos; nos arredores de Passanha, porém, assim como em Minas Novas, o districto da provincia mais propicio ao algodão (240), esses arbustos rendem a partir do primeiro anno; a segunda colheita, entretanto, é mais abundante que a precedente. O algodão de Passanha é, disseram-me, de qualidade excellenté; e, despojado das sementes rende até oito libras e

(239) O *alqueire* não é o mesmo em toda a parte: o sr. Freycinet avalia o do Rio de Janeiro em 40 litros.

(240) Encontrar-se-ão, no segunda volume desta obra, extensas pormenores sobre o cultivo dos algodoeiros em Minas Novas.

meia por cada arroba de trinta e duas libras em bruto. Mercadores de Villa do Principe e outras localidades vão buscar o algodão ás *fazendas* dos agricultores, e pagam-no em dinheiro á vista. Vende-se, geralmente, com as sementes, a 900 réis a arroba (5 fr. 62 c.); ás vezes, porém, attinge a 1,000 ou 1,200 réis, e ainda não se viu cahir abaixo de 600 réis.

Para separar o algodão das sementes emprega-se uma pequena machina portatil que se compõe de duas columnas nas quaes se apoiam outros tantos cylindros do comprimento de cerca de um pé, da grossura de um dedo e muito approximados um do outro. Apresenta-se os flocos de algodão a um lado dos cylindros e faz-se girar estes em sentido contrario com o auxilio de manivellas collocadas do lado de fóra dos espeques. Os cylindros pegam o algodão, puxam-no com a sua rotaçào, fazem-no passar para o outro lado da machina, e as sementes ficam do lado em que foram apresentados os flocos. Esse processo é, como se vê, extremamente demorado, e está a exigir aperfeiçoamentos (241). Já meu hospedeiro de Jacuhy (242) e o alferes Machado tinham ganho alguma coisa pelo lado da mão de obra, pois que era com o auxilio da agua que movimentavam os cylindros.

Para cardar o algodão existe um pequeno arco cuja corda pode ter o comprimento de pé e meio. Insinua-se essa corda em um fardo de algodão; pinça-se esta com leveza; repete-se sem cessar esse movimento, e, á medida que se o reitera com uma mão, com a outra, a qual sustem o arco, passa-se este bastante docemente afastando-o de si. A corda empurra o algodão, e, pelo movimento de sacudidelas que se dá á primeira, afasta as fibras. Esse methodo de cardar talvez seja mais expedito que o dos pen-

(241) Uma machina semelhante está ainda em uso no Levante.

(242) Vide o capitulo XII deste volume.

tes; é, porém, facil de perceber que não poderá ter a mesma perfeição, e que os fios não podem sr tão bem separados como quando entre elles passaram dentes de ferro eguaes e bastante finos.

Si as mattas que encontrei depois da Aldeia de S. Nicoláu não têm a majestade das dos arredores do Rio de Janeiro, offerecem, no entanto, tambem, grandes bellezas. No flanco de algumas montanhas que entre ellas deixam uma dessas gargantas estreitas em cujo fundo corre um regato, e onde reinam sem interrupção a humidade e o frescor, vi *palmitos* (243) de estipe delgada elevar sua folhagem a cerca de cincoenta pés de altura (244). A seu pé uma especie de fêto arborescente de folhas recurvadas parecia querer imitar suas formas. Todas as demais arvores tinham cedido o lugar ás duas monocotyledoneas, e só os bambu's contrastavam com esses vegetaes perfeitamente erectos, pela curva elegante de suas hastes e por seus ramos que, cruzando-se em differentes sentidos, se estendiam em guirlanda das palmeiras aos fêtos.

Numerosas especies de serpentes se encontram nos bosques que eu então percorria. Conhecem-nas pelos nomes de *surucucu'* (*bothrops surucucu'*, Spix e Mart.) *Jurarácu*, *jararacussu'* (*bothrops Neuwiedii*, Spix e Mart.), *surucucu'tinga*, *coral* (*coluber fulvitus*, Lin. ex Neuw.), *cipó* (*coluber bicarinatus?*), *cainana de papo amarello*, *cainana de papo branco*, *cobra de duas cabeças*, e *cobra fria*. Conta-se, no paiz, que essa ultima especie se nutre de outras serpentes, até das mais venenosas, taes como o *surucucu'*, o *jararacussu'*, etc. Quando encontra alguma, anda á volta della, dizem, e solta, arrastando-se, uma baba viscosa. A outra serpente, como que encantada nessa especie de

(243) Palmeira denominada *euterpe oleracea* pelo sr. Martius (*Palme.*, pg. 29, t. 26, 29, 30). Seu gomo tenro é comestivel o rivalisa mesmo com os mais delicados legumes da Europa.

(244) Medida muito approximativa,

circulo, e não ousando transpor a barreira envenenada que acaba de levantar sua adversaria, fica immovel e se deixa devorar. Esses factos parecem confirmados por algum observador competente; sabe-se, porém, que fascinações desse genero não são sem exemplo.

No dia em que deixei S. Nicoláu parci na *fazenda de Luiz da Mota*, onde a casa do proprietario é, como tantas outras, uma simples choça feita de barro, paus e bambús. Quer quando me dirigia a Passanha, quer quando de regresso dessa povoação, fui perfeitamente acolhido nessa habitação.

Meus hospedeiros eram dois homens pobres que não possuíam escravos, e se tinham associado para explorar a *fazenda de Luiz da Mota*, cujas terras são excellentes. Um delles correrá mundo; nasceu no Porto; tinha estado em Angola, e, provavelmente, terminou seus dias nessas matas. Uma coisa bastante curiosa é que, guardada as proporções, encontrei entre Villa do Principe e Passanha muito maior quantidade de Europeus do que até então vira. Ha um momento em que aquelle que errou pelo mundo, como continuo juguete de suas esperanças, acaba por sentir a necessidade do repouso e da solidão; fallante dessas florestas, em que poderá possuir vastas terras, e viverá tranquillo ao abrigo da miseria; renuncia a seus ambiciosos projectos, e o perigoso aventureiro, fixando-se ao sólo, torna-se um cidadão util.

Meus hospedeiros, que cultivavam a canna de assucar, tinham um pequeno engenho movido por bois. Serviram-me o caldo de canna, reduzido pela evaporação á consistencia do melão commum. Essa especie de xarope, que ainda tive occasião de saborear em outro lugar, é le um vernelho dourado um pouco transparente (melado). Cada conviva mistura-o no seu prato com farinha de milho ou de mandioca, e forma assim uma pasta de sabor bastante agradável.

Nos arredores de Luiz da Mota vi em uma grande arvore um bando numeroso de araras. Aquellas dentre suas pennas que são verdes ou azues confundiam-se com a côr das folhas; não se distinguiam siuão as outras, e, de longe, a arvore parecia coberta de pedaços de velludo da mais bella côr vermelha. As araras approximaram-se depois mais, e tive o prazer de contemplar essas aves com suas graças naturaes e as ricas côres de que são ornadas.

CAPITULO XVII

OS INDIOS DE PASSANHA.

Chegada a Passanha. Situação desse povoado. — Historia da colonia de Passanha. Os *Malalis*, *Monoxós*, *Copoxós*, *Panhames* juntam-se aos Portuguezes. Epidemia terrivel. — Culturas proprias nos arredores de Passanha. Canella. *Jatobá*. Pobreza dos habitantes desse districto; seu gosto pela aguardente. Meio de transportar até o mar os productos de Passanha. — *Quartel do Canto da Serra de S. João*. — O commandante *Januario Vieira Braga*. Sua casa. — Divisões militares. — Curiosidades. — *Aldcia de S. Antonio*; caminho que para lá conduz; recepção que ali no. fizeram; casas que a compoem. — Os *Malalis*. Seus traços, e em geral os da raça indigena; excepção. Cór e posição dos olhos entre os Indios. Cór de sua pelle. Pronuncia das linguas indigenas. Vocabulario dos idiomas malali e monoxó. — Tradições historicas dos Indios de S. Antonio. — Estado da religião entre esses Indios. O capitão dos *Malalis*. — Casa do conselho. Vestimentas dos Indios de S. Antonio; suas occupações; seu character. — Bicho da taquara. — *Quartel de S. Antonio*. Um *Panhame*. — Botocudos prisioneiros. Maneira de fazer a guerra a esses selvagens. Absurdo dessa guerra. Idcia que se faz em Passanha dos costumes dos Botocudos. Sua anthropophagia.

Puzéra-me a caminho para ir de Luiz da Mota a Passanha, quando, a mais de legua e meia do posto militar em que me deveria apear, encontrei dois homens a cavallo que, logo que me avistaram, descavalgaram, e participaram-me que vinham ao meu encontro da parte do commandante do posto, afim de apresentar-me suas saudações e receber minhas ordens. Um dos dois homens era o ajudante do commandante, Sr. FRANCISCO DA SILVA DE OLIVEIRA, e o outro um dos militares do posto. Agradei muito a esses cavalheiros, e, duraute toda a caminhada, a conversação versou sobre a região e os Botocudos.

Immediatamente antes de chegar á povoação de Passanha, não encontramos mais que *capoeiras*, o que é o resultado natural dos estabelecimentos formados pelos homens de nossa raça. Depois de galgar por declive brando, durante cerca de um quarto de hora, um morro bastante alto, chegamos a uma plataforma de onde se descortina grande extensão de montanhas e de valles todos cobertos de mattas, e além dos quaes o horizonte é limitado por montes bastante elevados que fazem parte, sem duvida, da grande cadeia occidental. E' á entrada da plataforma, e principalmente um pouco abaixo della, que está edificada a povoação de Passanha. As casas que a compoem são pouco numerosas, esparsas, cobertas umas de telhas, outras de sapé; uenhuma é caiada, e têm aspecto miseravel. Não ha mais que algumas poucas casas á entrada da plataforma: é descoberta no resto de sua extensão; mas, na parte mais recuada, elevam-se solitarias a igreja parochial e a casa do pastor, muito mais bonita que todas as da povoação. Por traz desses dois edificios estende-se em semi-circulo um morro quasi a pique, coberto de mattas virgens, que circumda a plataforma. Todo esse conjunto apresenta um aspecto selvagem no qual ha ao mesmo tempo qualquer coisa de grave e solenne.

A povoação de Passanha (245) não conta mais de cincoenta a sessenta annos desde a data de sua fundação

(245) Escreveu-se *Pessanha*, *Paçaiuha* e *Passanha*; preferi esta ultima orthographia por que é conforme á pronuncia geralmente usada na propria região. O principe de Neuwied escreveu muito correctamente *Passanha*; mas induziram-no em erro, como so vai ver, quando lho disseram que os Malalis viviam ao longo do alto *Rio Doce* sob a protecção do *quartei* de Passanha. — Passanha provirá das palavras guaranis *payé*, feiticeiro, e *câná*, coisa que se move?

"Passanha, Pessanha, ou Paçanha, são variantes do nome do genroa Emmanuel Pessagno, contractado pelo rei D. Din e para organisador da armada portugueza. Pertenceu o filho de abstrante, hereditario em sua descendencia masculina. A familia fixou-se em Portugal, e descendentes della vieram para o Brasil, onde um dos rebentos dessa estirpe, natural do Campo de Goytanes, chegou a presidente da Republica; provavelmente o povoado indigeus deveu o nome a qualquer colono com esse appellido. N. da T."

(1817). Os primeiros habitantes apenas tratavam de procurar ouro, e foram bastante felizes em suas descobertas; os Botocudos, porém, inquietaram-nos de tal forma que quasi todos se retiraram. Todavia, no mez de fevereiro de 1807, o governo enviou á região um destacamento de oitenta homens que foram alojados a principio em posição bastante salubre, sobre a crista de um morro elevado, a uma legua do povoado, e em seguida se transportaram para oito leguas mais longe, ás margens do rio de Sussuly. Um homem resolute, chamado *Januario Vieira Braga*, commandava essa tropa, e era estimulado, no cumprimento de seus deveres, pela enganadora esperanza de capturar algum selvagem que lhe indicasse minas ricas e até então desconhecidas dos Portuguezes. Os botocudos foram perseguidos em suas florestas e mortos varios delles. Quando se capturavam alguns homens dessa nação tratava-se de conduzi-los ao posto (*quartel*); como, porém, resistiam escrupie, eram mortos: quanto ás mulheres e crianças levavam-nos e distribuían-nos pelos habitantes, em cujas casas se acostumavam á vida civilizada. Em breve os ataques dos Botocudos tornaram-se menos frequentes; as victorias do destacamento inspiravam confiança, e novos habitantes vieram estabelecer-se em Passanha; não sendo, porém, bastante ricos para fazer excavações na terra á procura de ouro, não se occuparam sinão de agricultura.

Na época em que os primeiros Portuguezes chegaram á região, era ella habitada por uma tribo indigena denominada *Malalis*, muito mais mansa que os Botocudos. Parece que já negros fugitivos tinham vindo estabelecer-se entre esses povos, e vi em mappas manuscritas Passanha indicada como uma região recentemente descoberta onde os Indios eram governados por uma negra. Seja como fôr, com a aproximação dos Portuguezes, os Malalis a principio debandaram; mas, tendo sido perseguidos pelos Botocudos, seus inimigos, vieram procurar asylo junto aos po-

vos habitantes, com os quaes pouco a pouco se familiarizaram. Deixáram-nos lavrar a terra; alguns delles empregaram-se para trabalhar em habitações de Portuguezes, e alguns, admittidos no destacamento, tornáram-se utilissimos pelos conhecimentos que tinham dos costumes de seus inimigos; finalmente, foram baptizados, e se civilisaram pelo menos tanto quanto o permittiam sua indole e as circumstancias em que se achavam. Aos Malalis juntaram-se quatro outras tribus ou restos de tribus que tambem fugiam das perseguições dos Botocudos, ou que apenas procuravam melhorar sua sorte, os *Panhames*, os *Copoxós*, alguns *Macunis*, e os *Monoxós* (246), de que fallei allures. Essas tribus, reunidas ao posto portuguez, formaram, ás margens do Sussuly uma unica povoação á qual se deu o nome de *Porto de Santa Cruz*, e essa pequena colonia tornava-se dia a dia mais florescente, quando, em 1814, uma doença epidemica ceifou grande parte de sua população.

Essa doença parece dever-se attribuir aos miasmas pestilenciaes que, em seguida a uma secca, se exhaláram dos vastos pantanos que atravessa o Sussuly antes de chegar ao lugar em que a povoação estava situada. Uma febre esaldante, tremores violentos, dôr affectando a parte superior da cabeça, e delirio, taes os symptomas que se manifestavam (246-a). A maior parte dos doentes morria logo; outros soffriam durante alguns mezes; outros houve, enfim, que só pereceram depois de dois annos de

(246) Creio que foi erradamente que se escreveu *Malalizes*, *Manchós*, *Copoches*, talvez mesmo, *Copochos*. Deve-se tambem dizer *Botocudos* e não *Botecudos*, *Botocoudys* ou *Botocudies*. Imprimiu-se *Panhames* e *Panhamis*, e os habitantes de Passanha pareceram-mo pronunciar *Panhamis*; todavia, após muitas hesitações, achei que devia, de accordo com Casal adoptar a forma *Panhames*.

(246-a) Devo tratar-se, pela que seprehendo da descripção, de uma epidemia de febre palustre, de forma pernicioza, isto é, de typo *typhi maligno*, e produzida pelo *plasmodium falciparum*.

vida em depauperamento. Grande numero de Indios fugiu; a fadiga, porém, fazia com que a doença se agravasse; cahiam exgotados, e morriam miseravelmente nas mattas, isolados e longe de qualquer consolo. O alferes Machado e sua senhora visitaram o Porto de Santa Cruz por occasião da epidemia. Então, só dois Indios ainda não tinham sido atingidos pela doença; todos os demais estavam atacados, e succumbiam successivamente sem soccorro. Um unico remedio foi empregado com vantagem: a applicação de vesicatorios. Os Portuguezes foram mais poupados que os indigenas; estes ultimos estão hoje em dia reduzidos approximadamente a uma centena, e não resta mais que cinco Pauhames e um Copoxó. Si se conservaram mais os Malalis é que seu chefe, tendo já perdido muita gente, declarou ao commandante portuguez Januario, que queria retirar-se; e, com effeito, ainda em tempo foi procurar outro asylo. Quanto a Januario, preso á disciplina por um respeito idólatra, achou que devia ficar no porto que o soberano lhe designára, e foi unicamente na ultima extremidade que deixou a localidade cujo ar empestado tantos males causára. Na noite mesma em que o antigo posto foi abandonado, os Botocudos vieram incendial-o e plantaram uma flecha no meio do local por elle occupado. O quartel foi transportado para o alto do morro em que fôra fundado primitivamente, e onde ainda se encontra: dá-se-lhe o nome de *Quartel do Canto da Serra de S. João*.

Quanto á povoação de Passanha, situada sobre uma elevação em que uma atmosphera pura circula livremente, não soffreu com a cruel epidemia que liquidára com tantos Indios.

A parochia (247) de que essa povoação é séde, limitada pela de Villa do Principe, pela do Rio Vermelho, e

(247) Pizarro não dá a essa parochia sião o titulo de *cureta*; accrescenta, porém, que o pastor recebe congrua do governo.

o paiz dos Botocudos, comprehende uma enorme extensão de terras; sua população não excede, porém, 1200 individuos. As terras dessa parochia são de excellente qualidade. No districto o milho rende duzentos por um; o trigo, que ali se cultiva bastante, rende mais de trinta e oito por um; o feijão quarenta, e mais até. E' para Villa do Principe e Tijuco que se cultiva o trigo; vende-se, conforme as circumstancias, por 1200 a 3000 réis o *alqueire*, e é de tão boa qualidade que algumas pessoas abastadas de Villa Rica que querem ter boa farinha, mandam vir o grão de Passanha. Os habitantes dessa povoação nao se contentam em cultivar suas terras, criam tambem muitos porcos que tambem se vendem para o consumo de Villa do Principe e Tijuco. A manteiga de Passanha é de excellente qualidade; não custa, porém, menos de uma pataca (2 fr.), preço que pouco difere do por que se vende o mesmo artigo nas vendas do Rio de Janeiro (248).

Encontra-se nos arredores de Passanha uma esca avermelhada cujo sabor é muito mais fraco que o da canella da India, e que, no entanto, poderia substituil-a. A analogia me leva a crer que essa esca é a de alguma lauracea. Presentearam-me, tambem, na localidade, com um grande pedaço de resina amarellada, transparente, que não se funde na boeca, e que se queima sem grande difficuldade, espalhando um cheiro fraco, mas bastante agradável. Essa substancia é produzida pelas raizes de uma grande arvore que chamam *jatobá* (*hymenocœ courbaril*, L. ex Mart.) (249). Os habitantes desse districto dão muito valor á resina do jatobá para as molestias do peito, nas quaes a administram reduzida a pó.

(248) A manteiga que se consome na capital do Brasil vem da Europa.

(249) Encontra-se *jatuba* em um auctor erudito; deve ser, provavelmente, um erro de impressão.

Apezar da extrema fertilidade dessa região, seus habitantes são pobres. Bastaria sua igreja para trahir-lhes a indigencia; pois que em vez de cobri-la com tecto de taboas, contentáram-se com uma cobertura de esteiras. Não é gente rica a que se dispõe a penetrar no amago de densas florestas, habitadas por homens que se consideram como anthropophagos. Os colonos de Passanha estabeleceram-se sem cabedões; não possuem escravos, e, si conseguem manter-se, é sem abastança.

O gosto pela aguardente é quasi geral em todo esse districto; as mulheres não estão mais isentas que os homens, e os brancos a ella se entregam quasi tanto como a gente de côr. F^z de crer que o tedio e a ociosidade sejam as causas que fizeram tão commum uma tão ignobil paixão.

Seja como fôr, a posição de Passanha poderá tornar-se, com o tempo, extremamente favoravel á exportação de productos do sólo, principalmente do algodão. Desse local até o mar não se contam mais de nove jornadas de distancia. Abriu-se, através de mattas virgens, uma estrada de quinze leguas de percurso, ligando Passanha ao local denominado *Porto Alegre*, situado ás margens do Sussuhy. Uma legua além, o Sussuhy lança-se no *Rio Doce*; e de lá até o oceano não se contam mais de quatro a cinco dias de navegação. Já se tinha começado a utilizar esse caminho quando a guarnição foi reduzida a trinta homens; era então, impossivel patulhar a estrada até *Porto Alegre*, e o temor dos Botocudos fez abandonar o caminho que conduzia ao Sussuhy. Na verdade ha entre *Porto Alegre* e o mar trez lugares em que a navegação é prejudicada; primeiro uma *cachoeira* (250) no Sussuhy, um pouco an-

(250) Os brasileiros entendem, pela palavra *cachoeira*, óra uma cascata, óra um desses trechos em que o curso dos rios está simplesmente embaraçado por rochedos que se erguem no meio do seu leito. Não tendo estado no local ignoro de que natureza de *cachoeira* é que se trata, e é por isso que conservo essa palavra.

tes de sua foz; em seguida, no Rio Doce, uma corredeira muito rápida que chamam *Uemi*; e finalmente, no mesmo rio, outra *cachoeira* denominada *Escadinhas*. Parece que será necessário descarregar as mercadorias na *cachoeira* do Sussuhy; mas, com um pouco de habilidade, evitam-se facilmente os perigos da correnteza de *Uemi*, e pequena quantidade de pólvora seria sufficiente para tornar navegavel a *cachoeira* de *Escadinhas*. Todos os habitantes de Passanha têm o maior desejo de ver reaberta a estrada de Porto Alegre; como, porém, se verá no correr dessa obra, a navegação do Rio Doce é ainda dificultada por muito grandes obstáculos, apesar das consideráveis despezas que o governo fez para diminuil-os (251).

Não me detive em Passanha; fui ao Quar'el do Canto da Serra de S. João pedir hospitalidade ao commandante Januario Vieira Braga. Desde a idade de quatorze annos esse ancião sempre vivera nas mattas, occupado, ora em explorar ouro e pedrarias, ora em combater os Botocudos. Tal genero de guerra era extremamente fatigante; pois que necessario se tornava percorrer continuamente subribrias florestas, dilacerado pelos espinhos, exposto á fome e aos riscos continuos de ser victimado por uma flecha atirada por mão invisivel. Tantas canseiras nem por isso alteraram a saúde de Januario; contava, por occasião de minha viagem, mais de setenta annos de idade, e era inda bastante forte para abater elle proprio as arvores da floresta. Seu genio era sempre alegre, e sua physionomia respirava a calma e a bondade. Esse ancião acolheu-me com amabilidade extrema, e não cessou de se empenhar por me tornar agradável a estadia que fiz em sua casa. Todavia, no meio des esforços que o bom commandante fazia para me servir condignamente, sentia eu uma especie

(251) Na minha segunda Relação tornei a tratar com minucias da navegação do Rio Doce e dos affluentes desse rio.

de constrangimento, vendo que elle apenas possuia o que em nossas cidades se considera o estrictamente necessario. Sua casa não merecia outro nome que o de choupana; nem mesmo se tivéra o cuidado de calar as paredes, e por todo mobiliario lá não se via mais que um girão, uma mesa e alguns bancos.

Foi sobre a crista de um morro, entre dois valles profundos, que foi installado o posto de Canto da Serra de S. João. De lá descortinam-se de todos os lados elevações cobertas de florestas; todavia as menos afastadas apresentam algumas massas de rochedos dispostos por camadas horizontaes. O quartel consiste simplesmente em pequeno numero de casas, todas em máu estado, e que, como a do commandante, não passam de simples casebres.

O posto de Passanha e as diversas guarnições militares aquarteladas pela fronteira da região dos Botocudos, ou mesmo da de outros Indios, têm o nome de *divisão*, e de cada divisão depende uma certa extensão de territorio. Na órbita de sua divisão os commandantes gozam de immensa auctoridade. São ahí juizes de *sesmarias*; podem obrigar os habitantes a trabalhar nas estradas, e têm, em caso de necessidade, o direito de requisital-os para o serviço régio. Disse já (cap. IX) que toda pessoa que, na circumscripção de uma divisão militar se estabelece, com as formalidades prescriptas, em um terreno devoluto, estava isenta de impostos durante o prazo de dez annos; fiz sentir os graves inconvenientes de semelhante lei, e, por consequente, achou desnecessario voltar a tratar da materia. Contentar-me-ei em referir um facto que mostrará quão pouca ordem havia nas finanças da provincia das Minas. Quando estava em Passanha o soldo dos militares das divisões estava atrazado de dois annos, e, no entanto, é com esse soldo que elles têm que se nutrir e vestir. Bem poucos paizes existem em que soldados assim desprezados ainda queiram ficar no seu posto. Os militares

das divisões cultivam a terra, e unicamente dessa maneira se poem ao abrigo da fome e da nudez (252).

Estava alojado, no Quartel do Canto da Serra de S. João em um pequeno quarto, que faz parte de um edificio em que dormiam tambem soldados, e parecia um celeiro. Por quasi toda a parte com minhas occupações attrahira em torno da minha pessoa grande numero de espectadores; no Canto da Serra, porém, os curiosos eram realmente insupportaveis. Era-me impossivel ficar sozinho um unico momento, e apenas raiava o dia enchia-se o meu cubiculo de Portuguezes, de mulatos e de Indios, que passavam uma parte do dia a me olhar enquanto escrevia e a ver meu empregado Prégent preparar passaros. Não é para admirar que, em uma região em que nunca penetrára um estrangeiro, excitassemos a curiosidade; mas, ao mesmo tempo, é necessario confessar que a perseverança com que nos observavam prova uma falta de occupação de que, felizmente, ha poucos exemplos entre nós.

Do Quartel do Canto da Serra de S. João fui visitar a *Aldeia de S. Antonio*, que delle dista uma legua e meia, e onde estão reunidos os Indios. Após ter seguido, em mattas virgens impenetraveis aos raios do sol, uma picada estreita, embaraçada por troncos cauidos e ramos de bambús, encontrei-me numa depressão rodeada por todos os lados por morros elevados. E' lá que está situada a aldeia. Um pouco antes de chegar fui obrigado a descavalgar; não havia mais picada, e caminhava sobre galhos cauidos e troncos de arvores. Os Indios certamente tomaram a precaução de não prolongar o caminho até suas moradas, para poder garantilas de um ataque subito dos Botocudos. O ajudante do commandante me acompanhava; era um homem excellente; os Indios pareciam consideral-o seu

(252) A divisão de Poesanha era a quinta. Os soldados das divisões não fazem parte do regimento de cavallaria da provincia, e são, sob muitos aspectos, bastante inferiores aos desta corporação.

pai, e era o padrinho de quasi todos os seus filhos. Essa boa gente o viu chegar com o maior prazer e receberam-no da melhor maneira possível. A nossa chegada uma velha mulher nos trouxe *aypis* assados debaixo da cinza, e outros Indios tentaram fazer-nos aceitar cereas e pennas.

A aldeia de S. Antonio não contava, em 1817, mais de trez annos de existencia: foi quando a epidemia de 1814 cessou seus estragos, que os restos da colonia indigena escolheram esse local para ali se estabelecerem e cultivar a terra. Os habitantes da aldeia senearam milho por todas as encostas dos morros que rodeiam o povoado; e, nos lugares mais proximos das habitações, plantaram *aypis*, feijão, *jacatupés*, plantas papillionaceas, cuja raiz tuberosa se come cozida na agua ou assada sob a cinza, e pôde fornecer excellente amylo. As casas dos Indios são construidas sem ordem, no estreito intervallo que entre si deixam os morros, e que é regado por um córrego de agua pura. Essas casas, por occasião de minha viagem, não eram em numero excedente a dez, entre as quaes se construam trez ou quatro a mais. Cada uma dellas é construida com estacas de madeira fincadas na terra, afastadas umas das outras, e revestidas de esteiras de bambús; os tectos são cobertos por uma especie de graminea de folhas amarellas, largas e bastante longas, ou com pedaços de casca de arvores arrumadas exactamente á maneira de nossas telhas de canal. O interior dessas mesquinhas moradias é bastante limpo: pode-se mesmo dizer que as esteiras que as tapetam são mais agradaveis á vista que a côr carregada da terra com a qual são construidas nesse districto as casas dos Portuguezes. As divisões internas são feitas com as proprias paredes. Quanto ao mobiliario, os Indios de S. Antonio não possuem nada além de feitos semelhantes ao de Turvo Pequeno (*giraos*, vide o

capitulo precedente), e vasos vermelhos de tamanhos diversos, feitos pelas mulheres com uma terra negra bastante fina.

Os Indios que vi na aldeia eram Malalís, e nelles reconheci exactamente os mesmos traços que observára nos Coroados de Ubá, quer dizer, todos os que me pareciam caracterizar com maior generalidade a raça americana (253). A estatura dos Malalís é pequena; seu peito e suas espaduas são largas, as coxas e pernas miudas; têm o pescoço pouco alongado, a cabeça grande e redonda, os cabellos negros, lisos e bastos, os olhos grandes, o osso das faces saliente, o nariz achatado, a bocca grande, as mandíbulas proeminentes.

Observei, todavia, em alguns desses Indios differenças individuaes que me impressionaram. Um dentre elles, que vi no Quartel do Canto da Serra de S. João tinha a parte baixa do rosto sensivelmente mais estreita que a superior, a face muito mais alongada que a dos Coroados, a cabeça menor e o nariz menos achatado; finalmente, parecia muito com dois *Coyapós* ou *Cayapós* da provincia de Goyaz, que eu tive occasião de ver em Ubá. Com o Malalí de que acabo de fallar estavam dois jovens de quatorze a quinze annos, que, por sua figura, não differiam menos do que elle dos outros habitantes de S. Antonio. Esses dois jovens, que eram filhos do capitão dos Malalís, não me pareceram ter nada em sua physionomia pertencente á raça americana; achei-os antes com qualquer coisa dos traços e côr dos mulatos. Essa semelhança, aliás, se explica muito bem pelas relações que tiveram outróra os Malalís

(253) Não conheço outros Americanos indigenas além dos do Brasil; e rio, porém, que entre elles e os aborigenes dos Estados-Unidos, Perú, Alto-Paraguay só existem as differenças que se encontram entre as varias nações da mesma raça.

com negros fugidos; devo acrescentar, tambem, que a avó do capitão dos Malalís era uma negra, e talvez aquella que antigamente, dizem, governou a tribu.

Uma caracteristica que creio absolutamente sem excepção entre os Indios do Brasil meridional e das Missões do Uruguay é a côr dos olhos, que constantemente achei negra. A posição dos órgãos da vista fornece ainda outro caracter. Entre os Indios, em geral, os olhos são um tanto bridados; são obliquos, e seu angulo exterior é mais elevado que o interior. Todavia esses caracteres de posição e forma admittem excepções.

Quanto á côr dos Indios compartilho da opinião do barão d'Eschwege, que crê que o matiz cobreado que se lhes attribuiu, e se encontra realmente em varios delles, não é natural (254). Entre os Indios que vi em Passanha não observei a côr cobreada sinão em dois individuos que estavam sem camisa. Os outros, que se apresentavam vestidos, tinham a pelle simplesmente baça, e mesmo de um amarello muito menos escuro que o dos mulatos. As margens do Jequitinhonha existem Botocudos quasi brancos, e vi em Passanha um jovem dessa nação, que não só não tinha a tez cobreada, como apresentava faces lindamente coradas. Os Botocudos que os soldados de Passanha capturam nos bosques perdem pouco a pouco a côr de cobre quando se lhes dá roupa, e não conservam sinão um matiz amarellado mais pallido que o dos mulatos e pouco mais escuro que o dos brancos atacados de ictericia, matiz que é mesmo apenas sensivel em certos individuos mais brancos que alguns de nossos camponezes francezes. A côr cobreada dos Indios que andam nós não é pois, verdadeiramente, sinão o resultado de sua imundície, e o do ardor do sol e de todas as intemperies a que estão continuamente expostos. Eis ainda um facto que tende a confirmar o

(254) Vide *Journ. von Brasilien*, I, pg. 24.

que aqui deixo escripto: Quando estava em Minas Novas vi um jovem mulato que, nos cabellos crespos dos negros, reunia uma physionomia bastante agradável e todos os traços dos Europeus. No momento em que cheguei a sua modesta morada não vestia mais que uns calções de algodão, e parece que essa era sua vestimenta ordinaria. Sua pelle, que ficava exposta ao ardor do sol e a uma poeira muito abundante, era de coloração tão escura como a dos Indios de cor mais carregada; e certamente esse jovem não pertencia de forma alguma á raça americana.

Si existem traços physionomicos mais ou menos communs a todas as tribus indigenas, ha tambem na pronuncia de todas, apesar da variedade de suas linguas, certos caracteres que me parecem pertencer á raça. Enquanto que os Hespanhoes, Portuguezes, Italianos, Francezes, Allemães, Hollandezes, Dinamarquezes, e, provavelmente, todas as nações de origem caucasica fallam com a bocca, os Indios, pelo contrario, tiram da garganta os sons que fazem ouvir, serram ordinariamente os dentes, afastam muito pouco os labios, e mal movem a lingua. E' entretanto facil de sentir que no meio de caracteres geraes, deve haver, na pronuncia dos differentes idiomas, nuances particulares. Assim os Malalis têm bastante sons que vêm do nariz, o que eu não observei na lingua dos Coroados. A lingua dos Monoxós tem uma pronuncia ainda mais surda que a dos Malalis; e existe, no primeiro desses dois idiomas, palavras que mal se podem representar com nossas letras, tão enfraquecidas são as consoantes, as gutturaes e as vogaes. Por exemplo, não foi sinão á força de fazer repetir a palavra monoxó que equivale a nossa palavra *mel*, que me foi possivel sentir que essa mesma palavra podia ser representada pelas letras seguintes, *paug*, sobre as quaes é necessario escorregar, quasi sem mexer a lingua e os labios, soltando o ar da garganta. Aliás, si é verdade, como o pretendem os Malalis, que elles e os Monoxós tem origem

commun, é bem extraordinario que suas linguas divirjam tanto entre si. Poder-se-á fazer uma ideia pelo vocabulario seguinte (255):

Deus: MALALI, *Tupán*; MONOXÓ, *id.* — Igreja: MAL., *Tupanhué*; MON., *id.* — Fogo: MAL., *coiá*; MON., a pronuncia franceza do termo *feu*. — Agua: MAL., *chêché*; MON., a pronuncia franceza da palavra *tiaine*. — Camisa: MAL., *cámisan*; MON., *topitchaiti*. — Machado: MAL., *pí*; MON., *pihim* (H aspirado). Pai: MAL., *maiamaú*; MON., *tatán*. — Mãe: MAL., *itá*; MON., *totjô*. — Homem MAL., *niopsa*; MON., *etpim*. — Mulher: MAL., *nioptánpitcénán*; MON., *atichum*. — Vamos comer, vamos beber, vamos dormir: MAL., *ia nasit, ia mococcioe, ia nihocno* (nesta ultima palavra o *h* é aspirado, e a syllaba *hoc* se pronuncia com o nariz); MON., *nham archin, nham atcham* (pronunciai como se pronunciaria em francez uma palavra assim graphada: *atchame*), *nham monón*. — Bicho de pé: MAL., *omhai* (*h* aspirado); MON., *toctao*. — Serpente: MAL., *hâhim*; MON., *ghan*. — Mel: MAL., *tón*; MON., *paug* (essa palavra se pronuncia com a garganta, quasi sem abrir a bocca). — Cabeça: MAL., *cai*; MON., *toi*. — Olho: MAL., *achetô*; MON., *inguá*. — Nariz: MAL., *cegi*; MON., *nitchicoi*. — Bocca: MAL., *iataco*; MON., *nicoi*. — Dente: MAL., *ajo*; MON., *tchooi*. — Lingua: MAL., *nhocno*; MON., *tchâpetan*. — Garganta: MAL., *aon*; MON., *ictacai*. — Braço: MON., *nhîmnoi* (nessa palavra o *o* deve ser fortemente pronunciado com o nariz). — Dedo: MAL., *anhemeó*; MON., *nhîmatón*. — Coxas: MON., *enhé*. — Pernas, *ennhiotá*. — Pés: MON., *impata*. — Unhas, *nhmîatchai*.

Disee ha pouco que os Malalis acreditavam ter com os Monoxós origem commun. Os Indios de S. Antonio

(255) Sigo aqui a orthographia portuguez; que se approxima mais quo a nossa da maneira de pronunciar, e pode reproduzir sons nuaella tos mais ou menos semelhantes nos das linguas indigenas. O *i* é longo.

conservaram, com effeito, algumas tradições historicas. Pretendem que os Panhames, os Malalis, os Pendis ou Pindia, os Mouxós, os Coroados, etc., descendem de pai commum; que antigamente formavam uma só nação; mas que, tendo-se a discordia introuettido entre elles, se separaram e formaram varias tribus differentes. Entretanto esses Indios de certo modo se consideram como filhos de uma só familia, e é, sem duvida, por essa razão que elles facilmente se fundiram quando se approximaram dos Portuguezes. Segundo elles, os Monoxós, originariamente denominados *Munuchús*, começaram a guerra que desde então nunca cessou entre os Botocudos e as diversas nações de origem commum. As mulheres dos Monoxós não davam á luz sinão creanças do sexo masculino. Para impedir a extincção de sua tribu, esses selvagens raptaram as mulheres dos Botocudos, e essa é a origem do ódio que desde então sempre existiu entre esses ultimos e os Monoxós, Malalis, etc.

Todos os Indios de S. Antonio foram baptizados; quasi todos foram casados pelo vigario de Passanha; rezam, confessam-se; todavia, creio que alimentam ideias muito pouco exactas da religião christã; e como poderiam tel-as perfectas, vivendo tão longe da parochia, e não recebendo instrucção de quem quer que seja? Perguntamos a um d'elles como se dizia Deus em sua lingua; respondeu *Tupán*. Perguntamos-lhe em seguida como chamavam a S. Antonio, o padroeiro de sua povoação, respondeu tambem *Tupán*. Esses Indios, além disso, acreditam em maleficios, e quando caem doentes imaginam frequentemente que foram enfeitçados.

Um dos Malalis usa o titulo de capitão; como, porém, a tribu está actualmente inteiramente submettida aos Portuguezes, o capitão não desfruta de outra auctoridade além da que lhe dá sobre seus compatriotas a superioridade natural de sua intelligencia. É muito estinado o

considerado pelos Portuguezes, e é por seu intermedio que ou outros Malalis solicitam as graças que querem obter.

Entre as casas da aldeia urua existe que não é habitada por ninguem: é a *casa do conselho*, que pertence á comunidade. Os homens mais velhos e considerados ahí se reuñem, e deliberam sobre o que se deve fazer em circumstancias extraordinarias, sobre as caçadas que se devem emprender, etc. Essa especie de conselho é um remanescente de uma antiga instituição que tinham esses Indios antes de renuenciar á vida vagabunda das florestas. Então os mais valentes formavam uma reunião que se designava pelo nome de *conselho dos bravos*, e era esse conselho que decidia de todos os empreendimentos.

Entre elles os Malalis só fallam a sua lingua; quasi todos, porém, sabem o portuguez, e se exprimem nesse idioma de modo assás intelligivel.

Usam todos um calção de algodão branco, e a maior parte tambem uma camisa cujas fraldas, em vez de se esconderem por baixo das calças, fluctuam por fóra. Esse vestimenta é a mesma que trazem, aliás muitos portuguezes pobres que assim se servem de suas camisas á maneira de blusa, afim de garantir as coxas dos espinhos. Quanto ás mulheres Malalis, têm uma saia de algodão e uma simples camisa que lhes cobre os seios.

As occupações dos Indios de S. Antonio são a agricultura e a caça. Apenas dispoem, para abater os animaes, de arcs e flechas.

Essa boa gente é tímida, de extrema mansidão, e para obter-se della o que se deseja, basta acaricial-a como a crianças. Esse gosto pelas caricias não é, aliás, peculiar a essa tribu, e deve ser considerado, pelos que o sentem, como uma confissão tacita de sua inferioridade. Seja como fôr, os Portuguezes brancos ou mulatos parecra-me tratar os Indios com muita brandura, e com elles viver na melhor intelligencia.

Os Indios de Passanha se entregam muito á lascivia. Succede mesmo, muito frequentemente, que exgotados pela voluptuosidade, renunciam á vida, e se enforcam em qualquer arvore da floresta.

Um dos petiscos favoritos desses Indios é um grande verme branco que se encontra no interior dos bambús quando estes florescem, e que tem o comprimento de meio dedo indicador (*bicho da taquara*). Os Indios cozinhavam essas larvas, e dellas extraem uma especie de gordura muito fina e delicada com a qual preparam os alimentos. O ajudante Francisco da Silva de Oliveira, de que atraz fallei, confirmou-me esses pormenores, que já conhecia, e me informou de outros aos quaes sua respeitabilidade permite dar credito. A larva de que se trata não é alimento sadio, e quando ella apparece, o que não succede todos os annos, porque é preciso para isso que os bambús floresçam, os Indios ficam sempre doentes. Esses homens costumam pôr para secçar alguns bichos de taquára; conservam-nos cuidadosamente; applicam-nos, reduzidos a pó, sobre as feridas, e essas saram rapidamente. O sr. de Oliveira disse-me ter feito com exito experiencia desse remedio nelle proprio e noutras pessoas. Não é tudo: os Indios dão ainda ao *bicho de taquara* uma applicação bastante diversa. Quando os excessos amorosos lhes causam insomnias engolem um desses animaes secços sem a retirada previa do tubo intestinal, e então caem numa especie de somno extratico que dura varios dias. Quem comen uma larva de bambú secça conta, ao despertar, sonhos maravilhosos; viu florestas brilhantes, comen fructos deliciosos. Antes, porém, de comer o *bicho da taquara* tem-se muito cuidado em retirar-lhe a cabeça, que se considera como perigoso veneno. Os Indios, aliás, não são os unicos que fazem uso como alimento da lagarta que acabo de mencionar. Varios Portuguezes consideram-no igualmente como um prato delicioso. Quando essas larvas appareciam, o commandante Januario mandava derreter uma grande

quantidade dellas, e guardava sua gordura para empregal-a á guisa de manteiga. Desejando não deixar incompleto o que diz respeito ao *bicho da taquara*, citarei aqui o que já escrevi acerca dessa larva na introdução ás *Plantas mais notaveis do Brasil e do Paraguay*:

“Não vira entre os Malalis sinão os *bichos da taquara* seccos e separados de suas cabeças; numa herborização, porém, que fiz na ilha S. Francisco, com meu Botocudo, esse rapaz encontrou grande numero desses animaes em haubús em floração, e se poz a comel-os na minha presença. Partia o animal, tirava-lhe com cuidado a cabeça e o tubo intestinal, e chupava a substancia molle e esbranquiçada que ficava por baixo da pelle. Apesar de minha repugnancia, segui o exemplo do jovem selvagem, e achei nesse manjar extranho um sabor extremamente agradável que lembrava o do creme mais delicado. Si, pois, como não posso duvidar, o que contam os Malalis é verdade, a propriedade narcotica do *bicho de taquara* reside unicamente no tubo intestinal, pois que a gordura que o envolve não produz o menor accidente. De qualquer forma submetti ao sr. Latreille a descripção que fiz do animal a que me refiro, e esse profundo entomologista reconheceu-o por uma lagarta provavelmente pertencente ao genero *coscus* ou *hepiale*”.

Nem todos os Indios civilizados de Passanha habitam a Aldeia de S. Antonio. Dos que são empregados como soldados, uns ficam no Quartel do Canto da Serra de S. João, os outros em um segundo posto mais proximo da aldeia, e que chamam *Quartel de S. Antonio*. Deixando o povoado passamos por este ultimo. Está localizado em uma depressão, entre morros bastante elevados e completamente cobertos de mattas. As barracas que servem de habitação ao destacamento são simplesmente construidas com longas estacas bastante grossas e muito approximadas, e têm tecto coberto de cascas de arvores. Com excepção de cinco, todos os militares do posto são Indios que man-

têm consigo suas mulheres e filhos. Vi um Copoxó e um Panhame, e não notei nelles nenhum dos traços da raça indigena. O Panhame parecia muito com alguns de nossos camponios francezes que conservaram esse ar de simplicidade que se deseja sempre encontrar nos campos. Como esse Panhame foi o unico que encontrei, é-me impossivel affirmar si seus traços eram puramente individuaes, ou pertenciam realmente a uma horda inteira, o que constituiria uma excepção extremamente notavel.

Vi, perto de Passanha, varios Botocudos de todas as idades, que tinham sido capturados na primeira infancia, e viviam nas casas dos Portuguezes trabalhando para elles. Esses aborigenes me impressionaram mais que os outros pela obliquidade de seus olhos e pela largura das espaldas e do peito. Têm vigor, mostram-se bastante laboriosos, e os Portuguezes gabam bastante seus serviços.

Quando a divisão militar de Passanha ainda era bastante forte para fazer aos Botocudos guerra offensiva, os soldados possuíam para o ataque vestes da espessura de cerca de uma pollegada, feitas de varios paños de algodão cosidos conjunctamente, á maneira de nossos coberturas pespontadas, (*gibão*). Essas vestes garantiam das flechas o corpo e os braços; mas deixavam a descoberto a cabeça, as coxas e as pernas; eram tão rijas que se podiam manter erectas por si sós, e seu peso retardava a marcha do soldado abatido pelo calor. Era ordinariamente durante a noite que se punham em marcha. Dava-se uma vela a cada soldado, e penetravam pela espessura das mattas, precedidos de alguns Indios civilizados que conheciam as localidades. A algazarra das creanças e os cantos barbaros com que esses homens acompanham as dansas a que se entregam ordinariamente ao fim do dia, davam a conhecer o local em que um grupo de Botocudos ia pernoitar. Era sempre em um valle, á margem de um regato. Cercava-se por todos os lados o acampamento dos selvagens; deixavam-nos passar a noite em completa segurança; e ao raiar

do dia, viam-se cercados. Então começava o combate; os Portuguezes disparavam tiros de espingarda, e os Botocudos lançavam flechas. Pouco a pouco diminuia-se o circulo que se formára em torno destes ultimos, e quando certo numero já succumbira, os restantes investiam sobre os inimigos afim de abrir passagem e fugir. Finalmente, quando não restavam mais no meio dos Portuguezes que mulheres e creanças, capturavam-nas e levavam-nas á força. As mulheres a principio soltavam grandes gritos; mas apenas cambiavam um pouco, pareciam conformadas, e apegavam-se a seus conductores. Quanto aos homens, si acontecia prenderem-se alguns, fechavam os olhos, negavam-se a responder ás perguntas que se lhes dirigia em sua propria lingua, e deixavam-se matar. Os Botocudos, temendo bastante as armas de fogo, não atacam os Portuguezes de frente; escondem-se por traz das arvores, e lançam flechas aos que passam ao alcance.

De qualquer forma a guerra contra os Botocudos é um absurdo digno dos tempos mais barbaros, e o sr. ajudante Francisco da Silva de Oliveira foi o primeiro a me fallar nesse sentido. As tropas que se enviam contra os Botocudos não são sufficientes para extermal-os, e, por conseguinte, limitam-se a matar de tempos em tempos alguns, morrendo tambem alguns soldados. Não seria melhor procurar attrahir esses selvagens, e aproveitar, por esse meio, as terras de que são senhores? Seria muito facil, dizia-me o sr. Oliveira. Os Botocudos da setima divisão já se approximaram dos Portuguezes: poderiam ser empregados para fazer a paz com os outros, e alguns presentes de machados e facas, acompanhados de palavras amigas bastariam, provavelmente, para pôr termo a toda a hostilidade (256). Esse resultado seria sem duvida

(256) Ver-se á na minha segunda viagem que os Botocudos do Rio Doce deixaram de guerrear os Portuguezes. Os dos arredores de Passanha sem duvida seguiram o exemplo. Provavelmente mesmo, as tribus de Passanha e as do Rio Doce são as mesmas.

muito para desejar pelos Portuguezes, aos quaes daria vasta extensão de terras férteis. Quanto aos Botocudos seria necessario, ao menos, que, tirando proveito de suas mattas, se utilisassem meios differentes dos empregados na setima divisão, em que ninguem procura inculcar nos homens dessa nação os verdadeiros principios da religião christã, onde recebem os piores exemplos, e onde as crianças, arrebatadas a seus pais, são frequentemente condemnadas a uma especie de escravidão (257).

O que me contaram em Passanha dos costumes dos Botocudos dessa zona prova que esses Indios pouco dif-

(257) Depois da minha viagem ao Jiquitinhonha um francez, o respeitavel sr. Mallière, director dos Indios, tomou, na medição do possível, providencias adequadas a remediar o mal.

"Das Aparentamentos sobre a vida do Indio Guido Pokrane e sobre o francez Guido Mallière, offerecidos por seu autor, o conselheiro Luiz Polidoro do Couto Ferraz ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro, que os publicou em sua Revista, tomo XVIII, pag. 419-427, extracto os dados que se seguem:

Guido Thomaz Mallière, francez naturalizado brasileiro, a tenente-coronel de linha, foi feito, em 1821, director geral dos Indios. Já era conhecido pelo governo como offi- cial de defesa dos selvagens, pelo que, na qualidade de major encarregado da inspecção das divisões militares, por varias vezes officiou de autoridades superiores examinando suas fletas favoraveis á catechese dos selvagens por meios pacificos. Dizia elle, no extracto em suas funções, que resolveu sempre as indias empregando meios de muito da preferencia de lo chumbo. Em então, a navegação do Rio Doce extremamente difficil, em consequencia das hostilidades dos Botocudos, As embarcacoes concedidas esse ralião não encontravam quem se animasse a atravessal pelo domínio dos barbaras para demora-las. Mallière dá inicio á sua campanha pacifica: manda constar uma canoa, enche-a de vivres e ferramentas, dá-lhe uma pequena guarnição de soldados divisionarios e um interprete. Desce o Rio Doce, e, tendo-se encontrado com um bando de Botocudos, consegue estabelecer relações amigaveis com elles, mediante presentes. Entre os Indios heza bordo, um rapaz de 24 a 25 annos, de nome Pokrane, atrahe-o, por sua physionomia bral e intelligente, as sympathias de Mallière, que o tomou sob sua particular protecção. Hezo baptisado, dando-lhe seu nome, e delle se serviu, dehi em diante, como interprete da collocação, a braga direita na empresa da catechese os Botocudos á civilização. Conseguiu por seu intermédio trazer livre de perigos a navegação do Rio Doce, e reconciliar muitas tribos de Botocudos bracos, que se deagradavam pelos selvagens. Com taes fundamentos, o sr. Guido Mallière fez um relatório em que peticionava um título nobiliarchico, que não se sabe que fim levou. NÉO é provavel que o título hezo feito, pois, neste caso, não deixaria de ser agraciado, visto que a primeira impetração e considerava instante. Só se manifestou esse desejo durante o período regencial, em que o phobia pelos títulos de nobreza attingiu o auge.

Guido Pokrane, que foi feito soldado dos Indios, apezar de civilisado, nunca perdeu o costume indigena de polygamia; tratava bem, no entanto, suas mulheres e filhos, e as quees sustentava do melhor maneira, e ellas permitiam suas poses. A vida do convivia das pessoas do mesmo sexo e compraz-se em tanto de gasta da categoria elevada. N. do T."

ferem: dos da mesma nação que habitam as margens do Jiquitinhonha, e que vi mais tarde: talvez uesmo as differenças que me indicaram não existam realmente. Disseram-me que os Botoeudos de Passanha andavam absolutamente nus; não tinham cul'o; não tinham moradia fixa; construiam choças ás pressas e sem acanhamento, enfiando estacas na terra e cobrindo-as de folhas; que abandonavam hoje as choças construidas na vespera para levantar novas em outra parte; que aecendiam fogo para espantar os moequitos, muito abundantes nas mattas; enfim, que toda a sua industria se limitava a fazer arcos e flechas para ir á caça e matar seus inimigos. Disseram-me mais que esses selvagens comiam a carne dos animaes assada ao fogo e imperfeitamente cozida; que introduziam nas orelhas e no labio inferior pedaços de pau de tamanho enorme, da forma de um batoque; que corriam com grande celeridade, e que, para acostumar os jovens a correr bastante, amarravam as pernas acima dos joelhos para que, desembaraçados posteriormente desse entrave, tivessem muito maior agilidade. Si os Botoeudos de Passanha não entre-têm, como é provavel, relações com os do Jiquitinhonha, pelo menos o conjuncto dos pormenores que precedem prova, como se verá pela continuação, que esses selvagens pertencem todos á mesma nação. Todavia, como os Botoeudos do Jiquitinhonha não têm nenhuma ideia de Divindade (258), os de Passanha differiam delles em um ponto essencial, si é verdade, como me contaram no paiz, que elles reconhecem um Ser supremo, e julgam-no irritado quando ouvem o ruído do trovão. O que, aliás, tende a provar que essa crença lhes foi communicada pelos Malalis e outros Indios da mesma linhagem, é que dão a Deus o nome de *Tupán*, que pertence á linguagem desses povos. Seria certamente muito curioso pesquisar a verda-

(258) Verse-á pelo menos que, si della têm uma ideia, é bastante vaga, o se confunde em seu espirito com a do sol.

deita origem desse nome; pois que se o encontra em idiomas muito differentes entre si.

Affirma-se, geralmente, na provincia das Minas, que os Botocudos são anthropophagos, e as informações que colli em Passanha tendem a confirmar essa opinião. Quando esses Indios matam algum inimigo saboreiam, disseram-me, sua carne como se fosse um manjar delicado, e não fazem o mesmo caso de todas as partes do corpo. Muitas vezes, asseguraram-me, foi encontrado só o tronco dos mortos por elles, e foram vistos os ossos dos outros membros em volta de fogueiras apagadas. Devo aqui dizer que Firmiano, o Botocudo que me seguiu durante varios annos, repellia a acensação de anthropophagia como uma mentira inventada pelos Portuguezes affim de terem um pretexto para fazer mal a sua nação; mas, ao mesmo tempo accrescentava, que poderia ter dado ensejo a essa calumnia o habito que tinham seus compatriotas de cortar em pedaços o corpo dos inimigos mortos.

CAPITULO XVIII

VIAGEM DE PASSANHA AO TERMO DE MINAS NOVAS. POVOAÇÃO DO RIO VER- MELHO. CULTURA DO TABACO

Partida de Passanha. — *S. Roberto*. O autor tomado por medico. — Attenção do proprietario de Canna Brava. Bello caminho através de uma matta virgem. — Ponte dos Paulistas. — Rio Vermelho. Maneira de apanhar os peixes. — Povoação de *Rio Vermelho*; sua origem; situação; casas; população; pureza do ar que ahí se respira; exemplos de longevidade; hydrophisia. Produções da região. — Cultura do tabaco. — Satyra feita por um Mineiro á indolencia de seus compatriotas. — Mudança no aspecto da região. — *Fazenda de Mundo Novo*. — Observações sobre *Rio Pardo e Conquista*. — Anileiras.

Deixei a 21 de abril o Quartel do Canto da Serra, para ir visitar o *termo* tão interessante (259) de *Minas Novas*; e despedi-me do bom commandante de Passanha com profundo pezar e grande commoção. Ha nessas palavras: *não nos veremos mais* algo que parece com a eternidade, e que em mim produzia uma impressão que não posso definir.

(259) Itinerário approximado de Passanha a Minas Novas:

	<i>leguas</i>
Do Passanha a Luiz da Mota, cerca de	3
" — " Aldeia de S. Nicoláu	2 ½
" — " Canna Brava	2 ½
" — " Jeronymo Luiz	4
" — " Rio Vermelho (povoação)	3
" — " Mundo Novo	2 ½
" — " N. S. da Penha (povoação do termo de Minas Novas)	4 ½
Total	22 l. p.

Pernoitei pela segunda vez na *fazenda* de Luiz da Mota, na Aldeia de S. Nicoláu, em Canna Brava, e foi um pouco adiante desse ultimo pouso, no lugar chamado *Ponte dos Paulistas*, que deixei a estrada de Villa do Principe para seguir a da povoação de *Rio Vermelho* e de Minas Novas, dirigindo-me para o norte.

Entre S. Nicoláu e Canna Brava foi-me necessario parar alguns instantes na pequena *fazenda* de S. Roberto. O titulo de doutor que me quizeram dar, de Villa do Principe até Passanha, attrahira varios doctes a S. Roberto; por mais que repetiasse que não era medico, foi-me necessario de qualquer forma, indicar medicamentos; estou, porém, hem certo que minhas inoffensivas receitas não causaram a morte de ninguém.

Durante o espaço de mais de uma legua antes de chegar a Canna Brava encontrei o caminho completamente limpo, e no melhor estado. Era uma attenção que tivera para commigo meu hospedeiro de Canna Brava, e devo-lhe o prazer de haver feito, atravez de mattas virgens, um passeio delicioso. Á direita e á esquerda da vereda que anteriormente constituir o caminho, as arvores e os arbustos tinham sido cortados em um espaço de trez a quatro pés, e deixavam ver a mais bella relva. Os galhos seccos, as lianas pendentes e os ramos entrecruzados das *taquaras* que, por occasião de minha passagem anterior, forçavam-me constantemente a tomar precauções e deitar-me sobre o pescoco de minha cavalgadura, tudo isso tinha desapparecido, e podia contemplar á vontade as majestosas bellezas das mattas virgens: esses bambús, dos quaes uns cobriam com suas pequenas folhas espaços consideraveis occupados por arbustos e sarças, e outros formavam sobre minha cabeça arcos de triumpho; essas lianas que cahiam de cima das arvores mais altas; os fétos arborescentes e os *palmitos* (*euterpe oleracea*, Mart.) que misturavam suas folhagens; finalmente, esses fétos mais humildes, cujas especies tão variadas mostravam suas folhas úcima dos

relvados, ou deixavam-nas cair do tronco das mais velhas arvores. O que tinha a lamentar, entre tanta magnificencia, era a falta de flôres; pois que apenas algumas *lantanas* e duas ou tres especies de *acanthaceas* elevavam de longe em longe sua corolla de um encarnado vermelhão do meio da massa de verdura que as rodeavam.

As mattas que se atravessa desde o começo da estrada de Minas Novas até a localidade denominada *Jeronymo Luiz*, por espaço de una a duas leguas, têm um aspecto ainda mais sombrio e selvagem do que as do caminho de Passanha.

E' a cerca de cem passos do entroncamento das duas estradas que se encontra a ponte dos *Paulistas*, cujo nome se communicou a toda a vizinhança. Lá o Rio Vermelho que, mais acima, pode ter largura comparavel á do Loiret, acha-se repentinamente comprimido entre rochedos que não lhe deixam sinão uma passagem de duas ou tres tocas; precipita-se, espuma, e em breve entra em um leito mais largo onde se espraia com tranquillidade. A ponte foi construida no trecho em que o rio se precipita; é de madeira, mas desde Marianna ainda não vira nenhuma tão bem construida. Seu nome prova que é devida a alguns desses ousados aventureiros que, partindo da cidade de S. Paulo, levaram a cabo, antigamente, tantas descobertas no interior das terras, e cuja lembrança não se apagou da memoria dos Brasileiros (260).

Apos a ponte dos Paulistas o caminho, que não é mais que uma vereda estreita, segue quasi sempre o Rio Vermelho. As vezes o margina, e vêem-se as aguas escuras do rio deslizar leatamente entre as grandes arvores da floresta, as lianas e os bambús. Maior numero de vezes a picada eleva-se a altura bastante consideravel acima do leito do rio; então os galhos furtam este á vista do viajante; o ruido, porém, que elle faz ouvir, passando entre

(260) Pretendem-se que entre esses aventureiros havia Francezes, e o nome de varios Paulistas contemporaneos noesos parece prova-o.

os rochedos que de tempos em tempos embaraçam seu curso, trahê bastante sua proximidade. A cerca de legua e meia da povoação do mesmo nome o Rio Vermelho não mede mais que duas ou tres toezas. O *Cocoes* (261), o *Barreiro* (262), o *Turvo* vêm lançar-se no seu leito, e é no rio resultante da reunião de todas essas aguas que se dá o nome de *Sussuhy* (263).

Observei no Rio Vermelho um dos methodos que empregam os habitantes dessa zona para apanhar o peixe. Enterrando no leito do rio grandes estacas muito approximadas, formam um quadrilatero alongado de que uma das margens é um lado; e, do opposto, deixam uma porta, que se abre puxando para cima, á maneira das de certas ratoeiras. Jogam no interior do cercado nymphas de vespa de que os peixes são muito gulosos; levantam a porta, prendem-na com um cipó a alguma arvore visinha, e quando acham que o cercado está cheio de peixes, deixam cahir a porta.

Para além de Jeronymo Luiz, *fazenda* em que fiz uma parada, as florestas são menos densas, as *capoeiras* e *capoeirões* tornam-se menos numerosos; vêem-se algumas habitações, e, após caminhar-se trez leguas, chega-se á povoação de *Rio Vermelho*.

Esse povoado, que dista quatorze leguas portuguezas de Tijucas, e cerca de quinze de Passanha, é a séde de uma parochia que mede doze leguas de comprimento, e não comprehende senão uma população de 4.000 indivi-

(261) Segundo Moraes (*Dic.*, I, p. 423), *cocão* significa uma especie da madeira do Brasil empregada em carpintaria. *Cocoes* derivará dessa palavra *cocão*?

"*Cocoes* ou *Coquines*, matas de coqueiros, têm a mesma significação. Admita que esse título não tivesse occorrido a Saint-H'aire, que, no entanto, conhecia bem o portuguez. *N. do T.*"

(262) Os Brasileiros chamam *barreiro* um lugar em que existe argila sultrada.

(263) Vide o que foi dito a respeito desse rio no capitulo XVI desso volume.

duos, dos quaes dois mil e duzentos acima da idade de sete annos (264). Rio Vermelho não conta mais de quarenta a cincoenta annos de fundação, e parece que seus habitantes foram attrahidos, não pelo intuito de procurar ouro, porém, pela fertilidade do terreno e pela vizinhança de Tijuco, onde os viveres se vendem por preços mais altos que noutros lugares.

Como a povoação de que se trata foi chamada *Rio Vermelho*, poder-se-ia crer que é regada pelo rio do mesmo nome; este ultimo, porém, passa a uma distancia de legua e meia do local, e é o ribeirão de *Barreiro* que passa próximo ao povoado.

Rio Vermelho foi edificada sobre uma pequena planície cercada de todos os lados por montanhas. Tem maior comprimento que largura, e compõe-se de umas cincoenta casinhas que, na maior parte, são de construcção recente, mas das quaes apenas duas ou tres foram caiadas, e apenas constam, todas ellas, do rez-do-chão. Parte dessas casas forma uma rua que se estende approximadamente do oriente ao poente; as demais casas estão agrupadas aqui e alli; todas são acompanhadas de uma touceira de bananeiras, cujas longas folhas se expandem sobre os tectos cobertos de telhas. A igreja está situada sobre uma elevação, na extremidade da villa; não é caiada; suas paredes de barro caem em ruinas, e o interior não tem ornamentação. A povoação é cercada por um gramado, no meio do qual cresce em abundancia uma composta cujas folhas são estreitas, e as flores de côr purpurina pallida; chamam-na *herva do vigario*. Mattas virgens muito densas cobrem os morros bastante ingremes que, da parte do

(264) O autor das *Memorias historicas* dá a Rio Vermelho o nome de *N. S. da Penha do Rio Vermelho*, e acrescenta que essa povoação está situada aos 18° 18' de lat. e 333° 18' de long., a 9 leguas E.N.E. de Villa do Príncipe, 52 de Marianna, e 130 do Rio de Janeiro. O mesmo autor indica população differente da que eu dou; acho, porém, que devo preferir as informações collhidas *in-loco*.

norte, limitam a especie de pequena planicie em que está situada a povoação; do lado do sul (265), pelo contrario, a montanha eleva-se por um declive brando, formando um semi-circulo perfeito, e não apresenta, acima de sua base, sinão gramados, depois pequenas arvores isoladas e moitas de arbustos, vestigios de antigas culturas. O conjuncto cujo quadro acabo de esboçar, apresenta um aspecto bastante agradavel.

Do que precede vê-se que ha grande differença entre o Rio Vermelho e as povoações proximas de Villa Rica; estas, porém, foram edificadas por ricos mineradores, e Rio Vermelho, assim como Passanha, deve a fundação a lavradores provavelmente pobres na sua totalidade. Aliás, essas diversas povoações hão de ter, sem duvida, a mesma sorte, si os Mineiros não renunciarem a seu defeituoso systema de agricultura.

O ar que se respira em Rio Vermelho é muito sadio, e os octogenarios, centenarios, mesmo, não são ali raros. Pouco tempo antes da minha chegada a essa povoação, tinham morrido dois esposos, dos quaes um contava cento e vinte oito annos, e o outro cento e trinta e dois; e uma mulher morrera, ha alguns mezes, de accidente, com a idade de cento e trinta e dois annos, deixando uma filha de noventa, que ainda trabalhava e cortava arvores a machado. Em geral os exemplos de longevidade se encontram com frequencia no interior da provincia das Minas, e attestam a salubridade dessa bella região.

A doença mais commun em Rio Vermelho como em S. Miguel do Matto dentro, Villa do Principe, Passanha e, provavelmente, toda a provincia, é a hydropsia. Attribue-se aqui essa molestia ás couves que constituem a principal alimentação dos habitantes; é, porém, muito mais provavel que seja devida, tanto em Rio Vermelho como

(265) Devo prevenir que não pude determinar a posição dos lugares com rigorosa exactidão. Não mais repetirei esta observação.

nos outros lugares, ao pernicioso abuso da aguardente de canna.

Do mesmo modo que em muitas outras povoações, os brancos são bastantes raros em Rio Vermelho, e quasi toda a população da parochia se compõe de mulatos. Esses homens, pobres e ignorantes, não podem deixar de ser supersticiosos; por is-o, nesse districto, acredita-se muito em sortilegios.

A agricultura constitue a occupação de todos os habitantes da zona; têm, porém, seus campos a certa distancia da povoação, e, em torno della não se vêem terras semeadas. O tabaco, a canna de assucar, o milho, o feijão, são as plantas que principalmente se cultivam nos arredores de Rio Vermelho. Os cafeeiros ahí se desenvolvem muito bem; todavia, pouco se occupam com esse genero de cultura, não se vendendo o café por mais de 1\$200 a arroba, preço que mal indemniza o agricultor de seus trabalhos. Cultiva-se tambem pouco o algodão nos arredores de Rio Vermelho; mas é porque esses arbustos não produzem ahí tanto como entre Passanha e Villa do Principe. A terra é, entretanto, tão fertil que se viu, disseram-me, um unico grão de trigo produzir até sessenta espigas. Assim como nos arredores de Sabará, empregam-se aquí varinhas para bater o trigo; como, porém, por esse processo perde-se grande quantidade de grãos, procurei ensinar-lhes o uso do nosso mangual. Achei que devia tambem explicar a operação do banho de cal, não só aos proprietarios dessa região, como ainda aos do caminho de Passanha, que todos se queixavam da *ferrugem*.

Pela primeira vez meuciono a cultura do tabaco; creio dever dar a conhecer resumidamente em que ella consiste nesse districto. Depois de cortar e queimar as *capociras*, aduba-se a terra, e em seguida semeia-se o tabaco. Quando as sementes brotam, protegem-se as plantas novas cobrindo-as com folhas de palmeira; quando, porém, a planta attinge approximadamente a altura de quatro

dedos, retira-se-lhe a protecção. A semeadura é feita muito condensadamente; quando, porém, a planta attinge cerca de um pé, tem-se o cuidado de transplantal-a. Alguns colonos não adubam o terreno para onde se transportam os tenros pés de tabaco; esses, porém, se desenvolvem muito melhor quando se utiliza o esterco. Replanta-se o tabaco em fileiras, entre as quaes deixa-se espaço sufficiente para que um homem possa circular facilmente, e na mesma fileira, deixa-se cerca de trez palmos de distancia entre dois pés consecutivos. Limpa-se a terra tantas vezes quantas forem necessarias, e, diariamente, até o momento da colheita, arrancam-se os brotos que nascem na axilla das folhas, afim de que estas adquiram maior vigor. Pode-se semear o tabaco em todas as estações: o que vem depois das chuvas produz folhas mais desenvoltas; o do tempo secco, porém, que se é obrigado a regar, tem mais pujança e perfume. Para arranjar esterco guardam-se nas cavallariças tantos cavalloos quantos forem necessarios, e alimentam-se na mangedoura com herva fresca. Nos arredores de Bahia os proprietarios, disseram-me, cercam os terrenos em que devem plantar tabaco no anno seguinte; e, todas as tardes, alli mandam recolher o gado, para adubar a terra. Do que fica dito vê-se que esta lavoura exige infinitamente mais cuidados que a do milho e do feijão; por isso ha muitos proprietarios que não querem saber della.

Fui recebido em Rio Vermelho pelo sr. MARTINHO TEIXEIRA, cunhado do ajudante do commandante de Passanha. Esse digno senhor era extremamente alegre, e divertia-se muito em ouvir fallar uma lingua que não era a de Rio Vermelho. Minhas plantas não o interessavam menos, e suas numerosas perguntas assás lhe demonstravam a curiosidade.

O sr. Teixeira me fez, com muito espirito e originalidade, a satyra da vida preguiçosa de seus compatriotas. Pretendia entre outras coisas, que elles não gastavam suas

camisas senão atrás e nos lados por estarem sempre deitados; ou nos cotovellos, porque não podiam conversar sem se apoiarem. Descansa-se na segunda-feira, acerescentava elle, da fadiga de ouvir no domingo uma missa de quarto de hora; na terça-feira deixam-se os negros a trabalhar em seu lugar; na quarta e quinta é necessario ir á caça para obter um pouco de carne; é necessario pescar na sexta e no sabbado porque são dias magros; finalmente, nos domingos descansa-se das canseiras de toda a semana. Cae uma arvore em um caminho, faz-se uma picada passando pelo matto, e vai-se encontrar o caminho do outro lado; gastar-se-ia menos em cortar a arvore; mas seria necessario empregar o machado, e, fazendo a vereda poupam-se as grandes arvores; hasta cortar arbustos, e para isso é sufficiente o facão. Precisa um homem de farinha, monta no seu burro, leva um pequeno sacco, e faz seis viagens: botando um alforge no animal poderia levar toda a carga de uma só vez; seria, porém, obrigado a andar a pé.

Fui visitar o vigario de Rio Vermelho, que se queixou de que eu não me tivesse hospedado em sua casa. Traduzia perfeitamente o francez para o portuguez, e serviu-se, para provar-mo, de uma biblia de Sacy. Esse exemplo e muitos outros demonstram assás que o cléro da provincia de Minas não é tão ignorante como se poderia erer.

Pelo espaço de uma legua, approximadamente, além de Rio Vermelho, a região tem ainda o mesmo aspecto. Numa volta, porém, que faz a estrada, avisteci um *andaiá*: esse coqueiro não se dá bem nas grandes mattas; não gosta de sombra, e devia assignalar alguma modificação da pay-sagem. Desde então, effectivamente, deixei de ver florestas obscuras, taes como as que atravessára constantemente desde Villa do Principe e achei-me a cavalleiro de um largo valle, enquanto que os dos dias precedentes eram, em geral, estreitos e profuundos; os montes cobertos de *capoeiras* tornaram-se meuos elevados, e finalmente o campo perdeu

esse aspecto sombrio e selvagem que durante tanto tempo manteve.

A duas leguas e meia de Rio Vermelho fiz alto na fazenda bastante importante de *Mundo Novo*, assim chamada por causa de um regato do mesmo nome, em cuja margem foi construida. O proprietario, sr. MARTINHO JOSE DE SANT'ANNA me fez a mais cordial das recepções. Morava até pouco tempo antes na povoação de *Rio Pardo*, no termo de Minas Novas (266), e comprára a fazenda que occupa actualmente para se approximar mais das villas e poder vender com maior facilidade os productos de suas terras. De Rio Pardo, disse-me elle, pode-se, em vinte e cinco jornadas, chegar á Bahia, viajando com os burros carregados. A dez jornadas dessa mesma povoação se encontra, no caminho da Bahia, um districto chamado *Conquista*, porque, effectivamente, foi conquistado á força d'armas aos indigenas. Quem realizou essa conquista é um homem aventureiro e cheio de coragem que, passou toda a vida a percorrer florestas, e, com a idade de cem annos (em 1817), ainda as percorre. Não cessou de fazer guerra aos Botocudos, e, como o comandante de Passanha, utilizou-se bastante de outras nações indigenas, que o tenor do inimigo commum approximou dos Portuguezes, e que pouco a pouco se civilisaram (267).

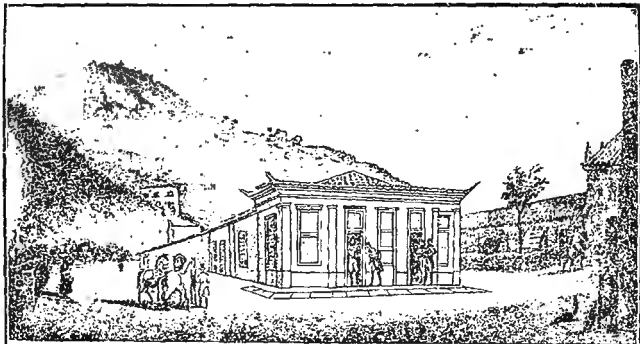
(266) Rio Pardo está situada nos 15° 1' de lat. e 335° 36' de long., no *Sertão* ou *Deserto*, a pequena distancia da confluencia do rio do mesmo nome e do *Rio Preto* (Piz.).

(267) É claro que a essa expedição ó que se refere Southey, como tendo tido lugar em 1805 ás ordens dos capitães JOÃO GONÇALVES DA COSTA E RAYMUNDO GONÇALVES DA COSTA (*Hist. of Brazil*, III, pag. 692). Não procurarei conciliar o que aqui fica dito com o que escreveu o principe de Neuwied do *arraial da Conquista*. O que é certo é que não existe *arraial* que seja, como o affirma o sr. de Neuwied, séde de *comarca*, e *Conquista* não está incluída entre as cinco sédes de *comarca* que se contam na provincia do Bahia, a saber: as de *Bahia* (S. Salvador), de *Jacobina*, de *Sergipe del Rey*, de *Ilheus* e de *Porto Seguro* (V. Pizarro).

A anileira (268) se desenvolve mais ou menos em todas as *capaciras*; as que se encontram, porém, antes de chegar á fazenda de Mundo Novo são completamente compostas dessa planta. Não se tira della nenhum partido para o commercio; mas os proprietarios utilizam-na, ás vezes, para tingir os tecidos de que se vestem. O sr. Martinho José de Sant'Anna me mostrou umas calças que tingira com o anil de suas terras, e que era de um azul bellissimo. Dever-se-ia recommendar o cultivo da anileira aos habitantes das provincias muito afastadas do litoral, porque, em pequeno volume, o anil representa valores avultados.

(268) Não tendo, infelizmente, minhas amostras ao alcance, não posso dizer com certeza si as botanicas devem considerar essa especie como absolutamente identica á das Antilhas.

*Este livro foi composto e impresso nas
officinas da Empresa Graphica da "Re-
vista dos Tribunaes", á Rua Xavier do
Tealado, 72, em São Paulo, para a
Companhia Editora Nacional em Junho
de 1938.*

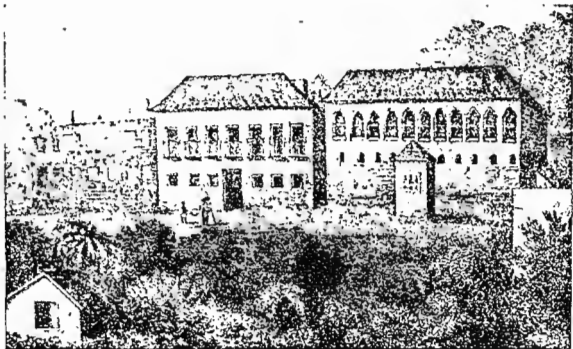


Vue de la Maison qu'habitait M. Le Duc de Luxembourg,
Ambassadeur extraordinaire de France au Brésil.

— 1816 —



BATUQUE, DANSA DE NEGROS. Estampa original de atlas que acompanha a obra intitulada *Reise in Brasilien* de Spix e Martius. A reprodução é feita segundo a gravura levemente modificada incluída na obra de Ferdinand Denis: *Le Brésil*, Paris, 1817. (pg. 50).



PAÇO DE S. CHRISTÓVAM NO TEMPO DE D. JOÃO VI. Estampa original do livro de J. Henderson:
A History of the Brazil, London, 1621. (pg. 59)



MOINHO DE FIBRA

MONJOLÓ, Estampa original da obra de J. Massé: *Tecido em Brazil*, 2ª edição, London, 1971, (pp. 106).



FAMÍLIA DRASILEIRA A CAMINHO DA MERSA. Original de J. B. Debret, incluída no monumental *L'ayage pittoresque au Brésil*. Reproduzida da gravura incluída na obra de F. Denis. (pg. 118).



MINEIRO EM VIAGEM. Original do livro de Heulemans. (pg. 125).

VII



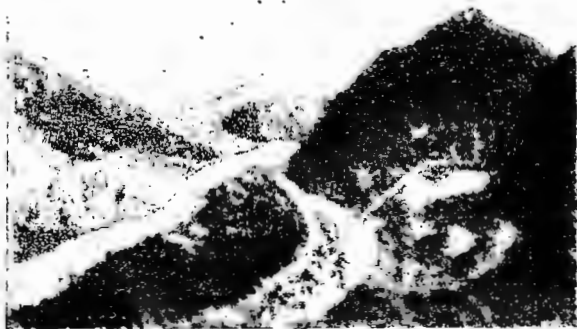
GALEIAS DE MINERAÇÃO. Estampa original do livro de J. Mauz. (pp. 127).



VILA RICA. Paisagem original de Rugendas (*Malerische Reise in Brasilien*). Reproduzida do livro de F. Denis, onde a estampa apresenta ligeiras modificações do original. (p. 179).



BARÃO D'ESCHWEGE. Retrato reproduzido da phot-zincographia que ilustra a 2.^a edição integral da *História Geral do Brasil* pelo Visconde de Porto Seguro (tomo V). (pg. 142).



AQUEDUCTO RUSTICO DESTINADO AS LAVAGENS DE OUZO E DE DIAMANTES. Estampa original do livro de Mawa. (pg. 147).



LAVRA DE OURO PROXIMA AO ITACOLUMI. Original de Rorendor. Reproduzida pela estampa do livro de F. Denis. (pg. 222).



APURACÃO DAS CANOAS. Foto da original do livro de Mayer. (pg. 219).



OFFICIAL E SOLDADO DO REGIMENTO DE CAVALLARIA DAS MINAS (1730). Aquarela original da Washi Rodrigues. Reproduzida a estampa da obra de Gustavo Barros: Uniformes do Exército Brasileiro (1730-1922). (pg. 321)



OFFICIAL DE CAVALLARIA DE MINAS GERAES E RELIGIOSO (Época de D. João VI). Estampa original da litra de Henderson. (pg. 323).



INDIOS CIVILIZADOS COMBATENDO OS BUFUCUBOS. Original de Debret. Reprodução da estampa
que ilustra o livro de F. Denis, (pg. 346).